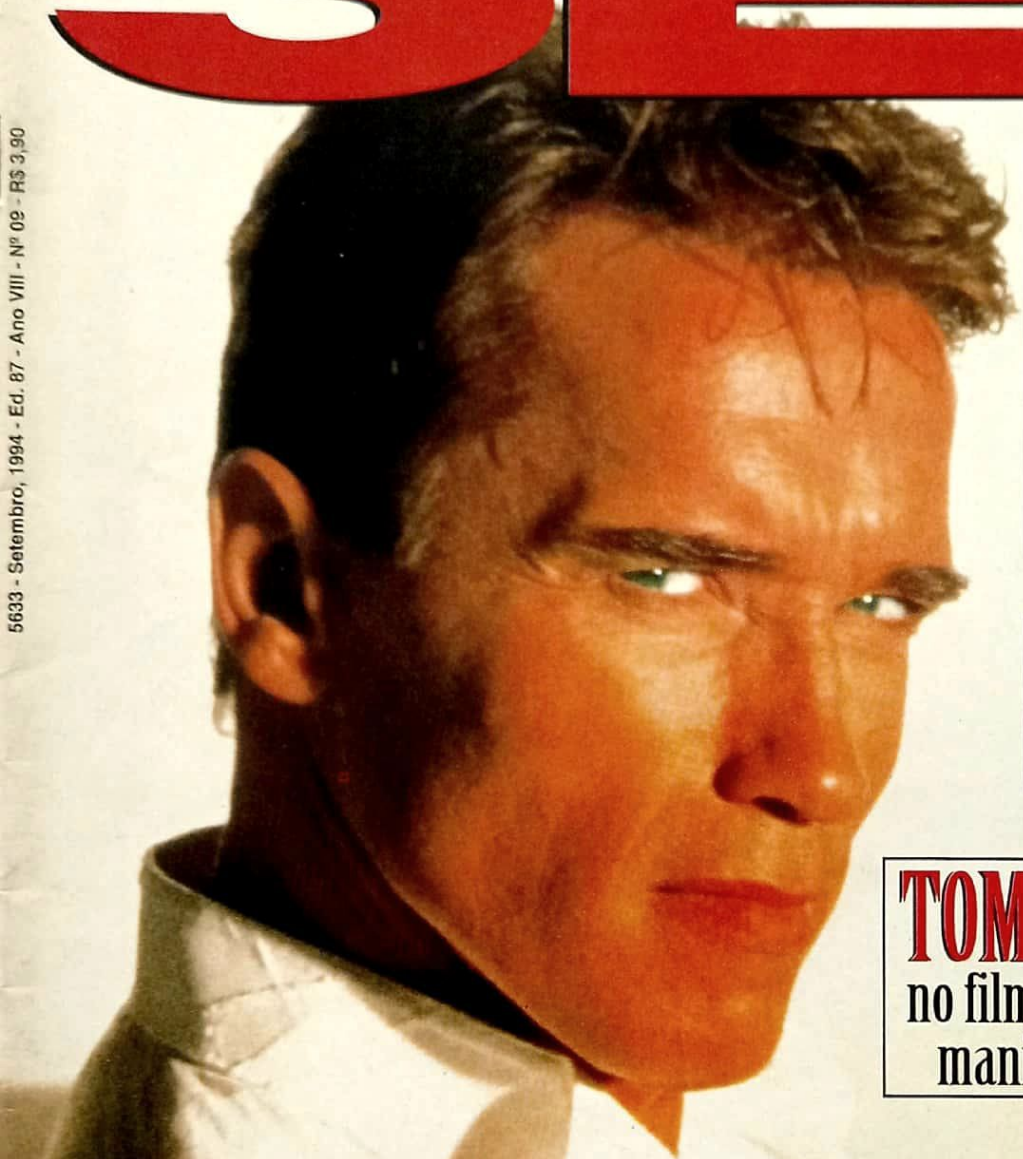
CINEMA & VÍDEO

SET

EDITORA AZUL

5633 - Setembro, 1994 - Ed. 87 - Ano VIII - Nº 09 - R$ 3,90



AS CENAS TÓRRIDAS DE KIM BASINGER E ALEC BALDWIN EM **A FUGA**

KEVIN COSTNER
no Oeste Selvagem

TOM HANKS
no filme que virou mania nos EUA

Schwarzenegger

Espionagem e ação em **TRUE LIES**

ISSN 0104-1592

CADERNO DE VÍDEO - Jurassic Park e mais 55 lançamentos

F.Nazca S&S

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
Care
24 HORAS, TODOS OS DIAS
LIGAÇÃO GRATUITA: 0800-159111

Novo videocassete duas ou quatro cabeças Philco. Cores perfeitas. Imagem real. Com menu de operação na tela em três idiomas: português, inglês e espanhol. Só falta falar. Com backup de 30 minutos, o que quer dizer que o seu relógio e a sua programação de timer funcionam até meia hora depois de uma queda de energia. Tem o inovador Index, que localiza automaticamente pontos pré-programados na fita (PVC-8400). Tem o mecanismo Midmount, ou seja, o compartimento da fita é centralizado. Não porque é mais bonitinho. Mas porque dá equilíbrio e evita vibrações. E é mais bonitinho. 181 canais em VHF, UHF e Cabo. Entradas de áudio

ESQUEÇA PARA SEMPRE AS EMOÇÕES

DAQUELE PASSEIO COM O SEU FILHO VERDE, A SUA FILHA ESTICADA

E A SUA MULHER COM AQUELA LINHA HORIZONTAL NO PÉ.

e vídeo frontais. Você não precisa ficar virando e desvirando o aparelho na estante, cada vez que quer conectar um fio.
Para completar, tem procura automática em duas velocidades: rápida e rapidíssima.
E slow-motion com velocidade variável.

Do devagar ao quase parando. Se o seu vídeo não tem nada disso, não seria a hora de trocar por um Philco? Não seria a hora de trocar por um Philco?
Não seria a hora de trocar por um Philco?
Ah, sim, também tem a função repeat.

PHILCO

Tem coisas que só a Philco faz pra você.

Numa fase em que o cinema se torna cada vez mais megalomaníaco e mais caro, mas que freqüentemente deixa na platéia a sensação de que ficou faltando algo, um filme desponta como um fenômeno neste verão americano. Com uma trama simples e totalmente apoiado num personagem com um Q.I. de dois dígitos, *Forrest Gump* se converteu em febre desde o fim de semana em que foi lançado nos EUA. As frases favoritas do simplório Gump (interpretado por Tom Hanks) são repetidas nas ruas, no metrô, em casa. Sintoma inequívoco dessa identificação do público é que *Forrest Gump* se converteu no sexto filme da história a alcançar mais rapidamente os US$ 100 milhões de bilheteria. Mesmo o ambicioso *True Lies*, que tem como iscas Schwarzenegger, efeitos especiais de tirar o fôlego e um orçamento de US$ 120 milhões, demorou mais para chegar a essa marca. Enfim uma boa notícia para quem achava que com menos de uma centena de milhões de dólares não se faz um filme.

UIP

16

Paramount

34

Warner

30

OLHO NO LINCE

A linha de relógios Lince tem inúmeras opções masculinas, femininas, sociais e esportivas com um design incrível.
Lince tem tecnologia quartz, certificado de garantia e assistência técnica em todo o país.
Você tem toda a moda nas mãos com um Lince no pulso.
Olho no Lince. Sempre um modelo certo a preço justo.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS CONHEÇA O AMAZONAS

Warner

6 TAKES
O segredo das pirâmides do Egito é o tema da megaprodução de ficção científica *Stargate*

16 TRUE LIES
Schwarzenegger enfrenta crises domésticas e internacionais no novo filme de James Cameron

24 A FUGA
Kim Basinger e Alec Baldwin protagonizam cenas tórridas e deixam todo mundo em dúvida: era representação ou não?

30 WYATT EARP
Kevin Costner encarna o famoso homem da lei

34 FORREST GUMP
Tom Hanks no filme que virou febre nos EUA

40 NOVOS FILMES
Susan Sarandon e Tommy Lee Jones em *O Cliente*; a comédia *Os Cabeças-de-Vento*; *Em Busca do Ouro Perdido*, com Billy Crystal

46 FREE SHOP

48 MITO
Jean Renoir, o mais francês dos cineastas

50 FILMOGRAFIAS

52 HOLLYWOODBOULEVARD
Dulce Damasceno de Brito conta como é difícil ter um sobrenome famoso

53 CADERNO DE VÍDEO
***Jurassic Park* e mais 55 lançamentos**

78 CARDÁPIO
Adaptações de fatos históricos que deram certo

84 CARTAS

86 NOSTALGIA

NA CAPA: Arnold Schwarzenegger em *True Lies* (Herb Ritts/UIP) e Alec Baldwin e Kim Basinger em *A Fuga* (Paris Filmes)

Paris

TOP MODELS

DAS PASSARELAS PARA AS TELAS

Nos Estados Unidos, hoje em dia, beleza é fundamental. A prova disso é a nova mania que invade as telas e telinhas americanas: as modelos. Aliás, desde os tempos de *Cinderela em Paris* (de Stanley Donen, 1956) e *Darling* (de John Schlesinger, 1965) a indústria não homenageia essas profissionais.

•

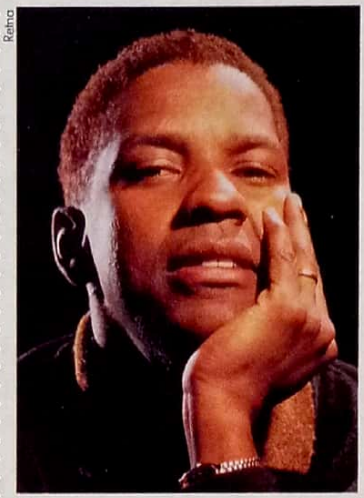
Além de **Robert Altman** e de seu *Prêt-à-Porter*, que promete não deixar pedra sobre pedra, **Eric Bogosian** dedica todo seu tempo ao roteiro de *Thing's of Beauty* (coisas da beleza) para a Paramount. Diz-se que Bogosian está escrevendo um argumento bem ácido, baseado na história real da ex-modelo **Gia Maria Carangi**, que era lésbica e *junkie*, o que pode não agradar ao *métier*.

•

A Columbia também quer entrar na onda e tenta convencer o diretor **Michael Lehmann** e o roteirista **Daniel Waters** a arregaçar as mangas e tocar o projeto *The Model Daughter*. O estúdio, porém, não quer saber de melodramas – quer investir mesmo é na comédia.

•

Em compensação, **Aaron Spelling**, o mago de séries como *Barrados no Baile* e *Melrose*, investiu no glamour do universo da moda na nova telessérie *Models Inc.*, com altos índices de audiência. A série tem **Linda Gray** como a "mãezona" da agência e **Heather Locklear**, a bonitinha de *Melrose*, como uma das manequins.



Reina

REMAKES

VERSÕES BLACK

A primeira vez que o mundo se emocionou com a história de amor trágica de *Nasce uma Estrela* foi em 1937, por culpa de **William Wellman**. A platéia ficou aos prantos com o melodrama vivido por **Fredric March** e **Janet Gaynor**. Dezessete anos depois, **Judy Garland** e **James Mason** arrancaram mais lágrimas do público na versão de **George Cukor**. Em 1976, os mesmo papéis foram vividos por **Barbra Streisand** e **Kris Kristofferson** – mas sem tanto impacto e com muito menos charme – na terceira refilmagem, pelas mãos de **Frank Pierson**.

•

Entram em cena agora, na mais recente versão de *Nasce uma Estrela*, **Whitney Houston** e **Denzel Washington**, pelo menos se depender de **Quincy Jones** e dos estúdios **Warner Bros**.

•

Parece que Hollywood entrou na onda das versões black para todos os gêneros. O casal Houston/Washington também está na mira da Disney para o remake da comédia *The Bishop's Wife*, de 1947. No longa de Henry Koster, **Cary Grant** é um anjo enviado à Terra para ajudar o bispo **David Niven** na reconstrução de sua paróquia. O elenco contava ainda com **Loretta Young**. Os estúdios Disney querem Denzel Washington e **Laurence Fishburne** nos papéis que foram de Grant e Niven. Houston ficaria com o papel de Young.

Reina

Gamma

FICÇÃO CIENTÍFICA

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?

Está em pós-produção uma aguardada aventura de ficção científica que leva a marca do produtor e *hitmaker* **Mario Kassar** (*O Exterminador do Futuro 2*). Trata-se de ***Stargate***, o novo filme do diretor alemão **Roland Emmerich** (*Soldado Universal*), uma fantasia milionária sobre o eterno segredo por trás das pirâmides egípcias.

•

Quem as construiu? Para quê? Estiveram os alienígenas em solo terrestre? É o que tentarão descobrir um oficial militar (**Kurt Russell**) e um arqueólogo (**James Spader**), que encontram uma espécie de portal entre dimensões e vão parar num planeta distante. Lá conhecerão a resposta para vários enigmas, além de se verem frente a frente com criaturas exóticas e com o próprio deus Ra, interpretado por **Jaye Davidson** (*Traídos pelo Desejo*).

•

O diretor (e co-roteirista) Emmerich criou uma obra de grande impacto visual. O desenho de produção é de **Holger Gross** (*Possessão*), os efeitos visuais são de **Kit West** (premiado por *Os Caçadores da Arca Perdida* e *O Retorno de Jedi*) e as criaturas foram concebidas por **Patrick Tatopoulos** (*Drácula de Bram Stoker*). Com uma equipe dessas, é só esperar ansiosamente pelo lançamento nacional em novembro.

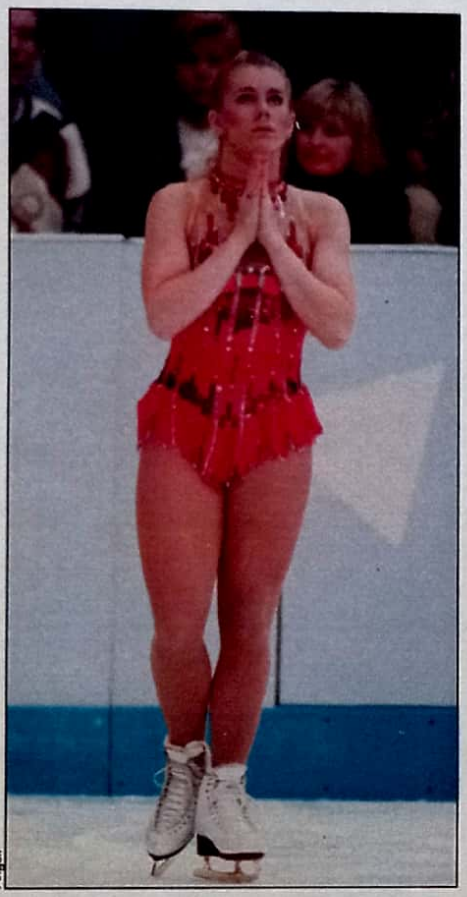
Foto: Look Filmes

BLOCKBUSTER

REDE AMERICANA DE LOCADORAS CHEGA AO BRASIL

O **Unibanco**, da família **Moreira Salles**, firmou um acordo de *franchise* com a **Blockbuster Entertainment Corp.**, a maior rede de videoclubes dos Estados Unidos. Com um investimento de US$ 45 milhões para as primeiras 56 lojas, o grupo tem cerca de 3.600 lojas espalhadas em onze países. A previsão para o Brasil é de que haja 250 filiais até o ano 2000. Este é o terceiro país da América do Sul a sediar a rede, logo após o Chile e a Venezuela.

A Blockbuster, que existe há sete anos, caracteriza-se por ter lojas próprias, *joint-ventures* ou franquias, todas em prédios de cerca de 500 metros quadrados, nas quais são vendidas e locadas boa parte das fitas de vídeo em circulação no mercado – com exceção, apenas, de filmes pornográficos.


Angeli

TONYA HARDING

DE PATINADORA A ATRIZ

Tonya Harding pode ter caído em desgraça nos meios atléticos por ter escondido o muito que sabia a respeito do atentado contra a colega patinadora **Nancy Kerrigan**, mas o futuro da moça em Hollywood parece promissor.

•

Depois de participações constrangedoras em programas de TV de baixo nível como *American Gladiators* e em lutas de telecatch – "interpretando" a "empresária" de um brutamontes daqueles –, Tonya estréia agora como atriz no filme de ação ***Breakaway***. Ela faz Gina, uma garçonete que foge para o Taiti com US$ 1 milhão... que pertence à Máfia.

•

Tonya também mostra seus dotes físicos em outro tipo de ação – agora sob os lençóis. É que a garota acabou de lançar no mercado americano uma fita com toda a sua lua-de-mel. Isso mesmo, todinha! Trata-se da mesma fita que foi mostrada no processo judicial de que se livrou pelo atentado contra sua arquiinimiga, Nancy.

BRAD RENFRO

GAROTO ESPERTO

Warner

A estréia de *O Cliente*, de **Joel Schumacher**, revelou o talento de **Brad Renfro**, de apenas doze anos, que mostra ter todas as qualidades para vir a ser um grande ator no futuro.

•

Descoberto por um policial que o vira em uma peça, Brad poderia ter sido uma escolha arriscada para interpretar Mark, o cliente do título do filme, que testemunha um suicídio e tem informações importantes sobre a Máfia. Mas, ao contrário, o papel lhe caiu como uma luva. Assim como Mark, Brad cresceu num lar desfeito (foi criado pela avó "porque ninguém queria ficar comigo") e revela grande sensibilidade.

•

Trabalhar em *O Cliente* foi bom para Brad por um outro motivo: ele e Schumacher se tornaram grandes amigos. Segundo o diretor, são "almas gêmeas". Schumacher, inclusive, o matriculou numa escola que utiliza o método educacional Montessori para que tenha uma boa formação. Quanto ao futuro, Brad planeja ser adotado por Joel quando estiver com quatorze anos; depois fará o curso de cinema na Universidade da Califórnia e será um diretor famoso; nessa época, Joel "estará tão velho e grisalho que não poderá segurar seu próprio copo de água", imagina Brad.

PESQUISA

I'M TOO SEXY

A empresa britânica **Marketing Direction**, especializada em pesquisas de opinião, entrevistou mais de mil pessoas para saber quais eram os astros e estrelas mais sexy do cinema. O universo pesquisado mostra alguns dados interessantes: para as mulheres acima de 35 anos, **Sean Connery**, **Harrison Ford** e **Richard Gere** ocupam o primeiro lugar; e, para os homens entre 35 e 54 anos, **Meg Ryan** é muito mais sensual do que **Sharon Stone**. **Keanu Reeves** e **Tom Cruise** lideram as preferências das adolescentes. Veja o resultado da pesquisa:

Warner

HOMENS	MULHERES
1. Kevin Costner	1. Sharon Stone
2. Tom Cruise	2. Demi Moore
3. Keanu Reeves	3. Meg Ryan
4. Sean Connery	4. Michelle Pfeiffer
5. Mel Gibson	5. Julia Roberts
6. Daniel Day-Lewis	6. Andie MacDowell
7. Richard Gere	7. Kim Basinger
8. Hugh Grant	8. Bridget Fonda
9. Harrison Ford	9. Geena Davis
10. Patrick Swayze	10. Madonna

Stills

ASTERIX

O HERÓI COMPLETA 35 ANOS

Uni-vos, fãs de **Asterix**: o gaulês está completando 35 anos de idade. A data será comemorada com uma série de novos trabalhos – sem contar a reexibição no mercado americano dos seis longas anteriores, todos dublados em inglês.

•

Do outro lado do mundo, a Alemanha homenageará Asterix com o lançamento no dia 29 deste mês de ***A Grande Travessia***. A história que narra a ida de Asterix e Obelix aos Estados Unidos, enquanto os romanos implodem a aldeia natal, é o desenho mais caro já realizado em terras germânicas.

•

Além disso, **Albert Uderzo**, 67 anos, um dos criadores dos personagens, pensa em realizar um filme com atores de carne e osso. Uderzo gostaria de convidar **Gérard Depardieu** para personificar o troncudo **Obelix** – aliás, os produtores da série gostariam muito que **Arnold Schwarzenegger** dublasse o personagem para as cópias americanas.

•

Por fim, cogita-se a publicação de uma história inédita e a realização do longa ***Asterix nos Jogos Olímpicos***, para lançamento durante as Olimpíadas de Atlanta (EUA), em 1996.

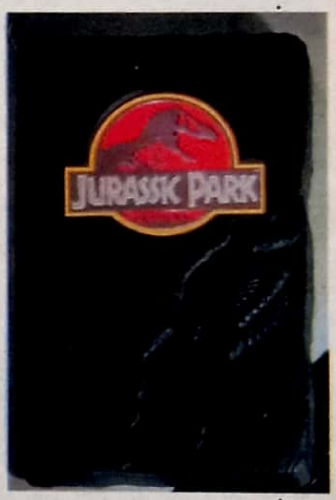
VÍDEO

LANÇAMENTO MASTODÔNTICO

Para alegria do videomaníaco brasileiro, a partir de 27 de setembro já estará disponível nas locadoras o maior campeão de bilheteria de todos os tempos, ***Jurassic Park***. Isso mesmo, nada de "parque dos dinossauros": a fita virá com o nome original porque a **CIC**, responsável pelo lançamento do megasucesso, descobriu através de pesquisas que o título em inglês tem mais apelo.

•

E tem mais. Prevendo atingir a marca recorde de 50 mil cópias, o lançamento contará com uma das maiores campanhas já realizadas pelo mercado de vídeo no Brasil – o custo previsto pela CIC é de US$ 430 mil. Apesar de o investimento ter retorno garantido, a fita manterá o habitual custo salgado de US$ 60.



•

Se você acha que o lançamento no Brasil é compatível com o tamanho dos animais do filme, não viu nada. Nos EUA, haverá campanhas associadas até à rede de *fast food* McDonald's, onde a compra de sanduíches renderá cupons de desconto sobre o preço da fita. Ao contrário do que acontece em território norte-americano, a distribuidora brasileira não pretende, por enquanto, lançar *Jurassic Park* no sistema *sell through*, o qual reduz quase pela metade o preço de uma fita.

•

Para alcançar a venda de 50 mil fitas, o lançamento será divulgado em todas as mídias especializadas. As videolocadoras receberão materiais promocionais para atrair o locador, como uma réplica de dinossauro com movimentos mecânicos e luzes e pesos de papel simulando âmbar (e contendo um mosquito). Além disso, o estojo da fita foi desenhado em forma de fóssil; digno do filme de Spielberg.

Paris

EMMANUELLE SEIGNER

VIVE UM TRIÂNGULO AMOROSO

Quem gostou das performances da sra. Roman Polanski em *Busca Frenética* e em *Lua de Fel* pode ficar tranqüilo: ela já está se preparando para voltar aos sets de filmagens.

•

Emmanuelle Seigner (foto) não estará sob os cuidado de Polanski, mas nem por isso deixará de colocar seus atributos físicos à disposição de um triângulo amoroso. *L'Appartement*, estréia de **Gilles Mimouni** na direção, contará a história de amor de um homem por duas mulheres, Emmanuelle e **Romane Bohringer**.

KENNETH/EMMA

JUNTOS DE NOVO

Assim que terminarem as filmagens de *Frankenstein de Mary Shelley*, **Kenneth Branagh** pode finalmente voltar a dirigir sua esposa, **Emma Thompson**. A Columbia está negociando com o casal inglês para que encabecem os créditos de *Sense and Sensibility*, adaptado do romance homônimo de Jane Austen pela própria Emma.

Retna

•

Atualmente, Emma está se dedicando ao personagem-título de *Carrington*, cinebiografia da pintora inglesa **Dora Carrington** e *début* do roteirista oscarizado por *Ligações Perigosas* (a versão de Stephen Frears), **Christopher Hampton**. Ao lado de Emma está **Jonathan Pryce**, interpretando seu amante Lytton Strachey, o escritor bissexual que tinha muita semelhança com Oscar Wilde. A história de *Carrington* vai se centrar no triângulo amoroso formado por Strachey, Carrington e o marido traído Ralph Partridge.

EROTISMO

BEBENDO NA FONTE DE ANAÏS NIN

Fotos: Columbia Tri Star

Primeiro foi **Philip Kauffman** quem buscou inspiração na vida da escritora **Anaïs Nin**, quando filmou o envolvimento dela com o também escritor Henry Miller em *Henry e June*.

•

Agora é a vez de **Zalman King** – o mesmo que trouxe ao mundo *9 1/2 Semanas de Amor* – ir beber na mesma fonte. King está trabalhando na versão cinematográfica de *Delta de Vênus*, de Nin. O risco quem corre é a belíssima obra, já que o produtor tem o péssimo hábito de transformar o sexo nas telas em marketing barato – vide o recente *Mais Forte que o Desejo*.

•

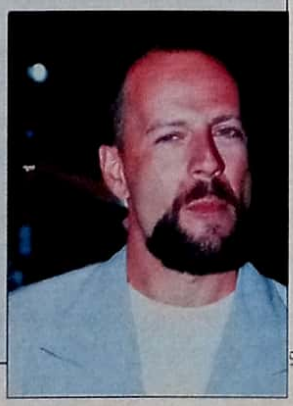
Por falar em *9 1/2 Semanas de Amor*, **Michael Karbelnikoff** ainda pensa em realizar a seqüência do hit de 1986 também com **Mickey Rourke**, apesar da tentativa de suicídio do ator em julho passado.

SEAGAL & WILLIS

MAIS PANCADARIA

Steven Seagal e **Bruce Willis** estão numa luta violenta para descobrir quem é o mais amado pelo público que gosta de uma boa dose de socos, pontapés e tiros. Ambas as estrelas estão agora trabalhando nas seqüências de seus megasucessos *Força em Alerta* e *Duro de Matar*.

Seagal se empenha em *Força em Alerta 2*, que a imprensa americana está chamando de "*Duro de Matar* num trem" – o que não deve agradar ao ego do ex-agente.


Fox

Já Willis vai enfrentar um demoníaco especialista em bombas na cidade de Nova York. Na direção, o mesmo responsável pelo ótimo filme de 1988, **John McTiernan.**

PROJETOS ADIADOS

SINAL VERMELHO

A prova de que ser sinônimo de gorda bilheteria não basta para ter Hollywood a seus pés é *Crusade*, o projeto que reúne **Paul Verhoeven** e **Arnold Schwarzenegger**. A Carolco suspendeu a produção quando, na ponta do lápis, o custo previsto ultrapassou a casa dos US$ 100 milhões, apesar de ser financiado pela Pioneer, a empresa italiana RCS, o canal francês Canal Plus e pelo canal americano TCI.

•

Verhoeven tenta contornar ainda outro problema: trabalhar na pré-produção de ***Showgirls*** (sobre dançarinas rivais em Las Vegas), que deve ser rodado na seqüência de *Crusade*. O diretor holandês só consegue botar a mão na massa nos intervalos das discussões sobre o destino do épico medieval. Além disso, Verhoeven ainda não definiu o elenco feminino de *Showgirls*.

Fotos: Columbia TriStar

•

A conjuntura astral, aliás, não anda boa para muitas pessoas do meio cinematográfico. Quando o caso não é financeiro, é alguém que abandona um projeto. Por isso, alguns filmes estão na geladeira por tempo indeterminado.

•

Primeiro foi **Ridley Scott** quem viu **Jodie Foster** pular fora do thriller *Crisis in the Hot Zone* – Jodie devolveu o script pois o achou muito incompleto. Depois foi a vez de **Michael Keaton** dizer adeus ao personagem Batman. Quem ficou com a vaga foi **Val Kilmer**. **Michael Douglas** recusou um cachê de US$ 14 milhões e deixa o épico sobre piratas *Cutthroat Island*, de **Renny Harlin**, ainda sem ator principal.

•

Mas quem enfrenta os maiores problemas é **Oliver Stone**. Além de estar dando um tempo na cinebio *Noriega*, ele foi impedido de filmar em território argentino o musical *Evita*. Por isso, o custo do filme pulou de US$ 50 milhões para US$ 60 milhões – só para recriar a capital argentina no México. Ou seja, até segunda ordem o negócio é dar adeus a *Evita*.

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

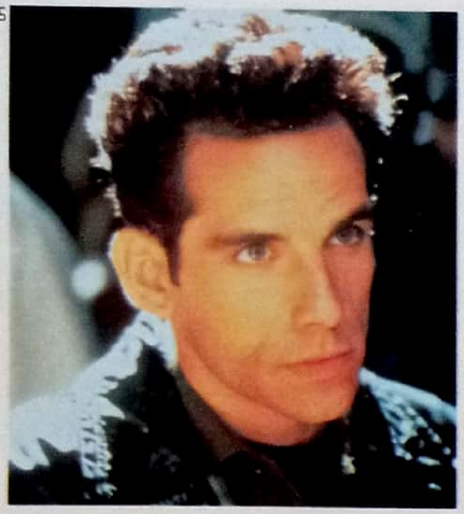
A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

PÁTIO

ALPHA FM

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE



BEN STILLER

CACIFE EM ALTA

As coisas começaram a correr muito bem para **Ben Stiller** depois que *Reality Bites* fez sucesso entre a *X Generation*. Stiller está atualmente envolvido em dois projetos: o primeiro é um filme-concerto sobre a maior banda de rock de todos os tempos, os "dinossauros" Rolling Stones – que voltaram aos palcos em agosto numa turnê mundial e devem passar pelo Brasil em janeiro de 1995. A história do grupo será intercalada por outra, ficcional, em que Stiller e **Brad Pitt** serão dois fãs da banda que fazem de tudo para chegar aos camarins e viver um *rendez-vous* com os ídolos.

•

No outro projeto, o ator-diretor Ben Stiller pretende trabalhar sobre o best seller *A Simple Plan*, de Scott Smith, sobre três amigos que tentam esconder alguns milhares de dólares roubados. Não se sabe quem será responsável pela direção, se Stiller ou **Mike Nichols**; e o elenco também não está fechado.

DATAS

FALECEU: ANTONIO CARLOS BERNARDES GOMES, o Mussum do grupo Os Trapalhões, com o qual participou de cerca de 20 filmes. Aos 53 anos, dia 29 de julho.

ACONTECEM: Do dia 31 de agosto a 11 de setembro o Festival do Filme de Veneza. Do dia 1º a 17 de setembro o Festival do Filme de Nova York. Do dia 8 a 17 de setembro o Festival dos Festivais de Toronto, Canadá.

HARRISON FORD

DE NOVO COMO INDIANA JONES

Ele disse que não queria nem ouvir falar de Indiana Jones, muito menos reencarná-lo. Mas **Harrison Ford** voltou atrás e estuda um script para a quarta seqüência da aventura que lhe deu o status de estrela.

•

Ford também é o nome cotado para a refilmagem de ***Sabrina***. Realizada em 1954, essa comédia romântica de **Billy Wilder** é até hoje considerada um clássico no gênero. Além da direção e roteiro perfeitos, e uma produção luxuosíssima, tinha **Audrey Hepburn**, mais linda do que nunca. Resta saber quem ficará com o papel de Audrey neste *remake*.

DAVID CRONENBERG

ANUNCIA SEU NOVO FILME

Prod. DB

Há dois anos **David Cronenberg** não nos brinda com uma de suas viagens alucinantes. Desde *Naked Lunch* ele sumiu dos noticiários e das telas de cinema.

•

Para alegria de seus fãs, o diretor canadense anunciou sua volta com a adaptação do livro ***American Psycho***, de **Brett Easton Ellis**. Mas o cineasta não tem nada de mais concreto a dizer: até o momento, não tem elenco e nem data para começar a rodar. É preciso ter um pouco de paciência!

STANLEY KUBRICK

ASSINATURA DE GÊNIO

Stanley Kubrick sempre foi dono de uma personalidade controvertida, mas a revista *Premiere* americana se propôs a lançar alguma luz sobre o cineasta de *Laranja Mecânica* de forma pouco ortodoxa: através da análise numerológica e grafológica de sua assinatura. Eis as conclusões a que se chegou:

•

A caligrafia do diretor revela um intelecto privilegiado e um forte componente perfeccionista. Combinada a seu "número do destino" (8), a assinatura sugere que esse perfeccionismo não resulta de um ego superinflado, mas sim de medos e inseguranças. O *t* forte e livre **(A)**, no entanto, mostra que o diretor é determinado a domar essas ansiedades.

•

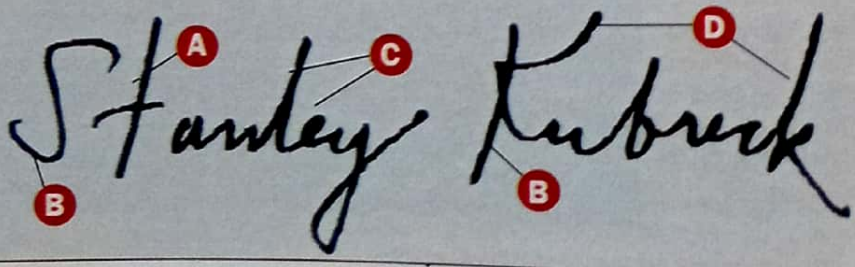
Já o *S* e o *K* **(B)**, bastante proeminentes, indicam uma dose grande de propósito e tenacidade, ao ponto de levar o diretor à obsessão – o que pode tê-lo afastado das pessoas no passado. Mas as linhas fortes e retas **(C)** e o fluxo rítmico de sua escrita traduzem autoconsciência e tentativas de se mostrar honesto em seus relacionamentos.

•

A ênfase colocada na letra *k* **(D)** expressa uma certa excentricidade: embora brilhante, o diretor pode às vezes encontrar dificuldade em lidar com problemas do dia-a-dia. Já o "número do destino" 8, que representa o infinito, dota Kubrick de um lado acentuadamente místico e espiritual.

•

Por fim, a análise conclui que, embora 1994 não seja um dos anos mais fáceis para o cineasta, ele pode trazer a conclusão de um projeto que será considerado uma obra-prima. É só aguardar!



MONTAR UM HOME THEATER É FÁCIL.

A SANYO ENTRA COM O THEATER, VOCÊ ENTRA COM A HOME.

Nova linha de TVs Estéreo Sanyo com super telas de 29 e 33 polegadas e Projetor de Cristal Líquido Sanyo de até 300 polegadas.

Depois destes lançamentos ficou muito fácil montar seu Home Theater. É só passar na loja mais próxima e levar este Theater para sua Home.

SANYO

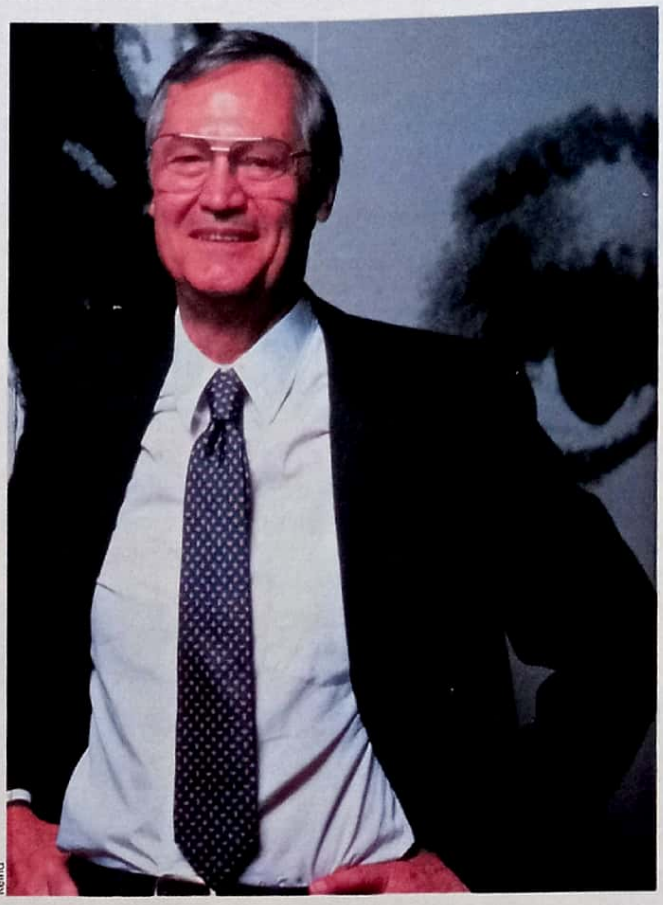
PARA MAIORES INFORMAÇÕES DISQUE SANYO: 0800-411214

6ª MOSTRA BANCO NACIONAL DE CINEMA

Uma retrospectiva dedicada a Roger Corman – com a presença do próprio – é um dos destaques do evento que acontece de 1.º a 15 de setembro no Rio de Janeiro e nos dias 5 a 15 em São Paulo

O Brasil não é exatamente um paraíso para cinéfilos admiradores de filmes B. Os poucos festivais de cinema que acontecem no país sempre desprezaram o gênero, preferindo investir em filmes sacais oriundos de países que ninguém conhece. Assistir a um filme de Peter Jackson – um cineasta reconhecido em todo o mundo – era impossível, mas em compensação havia diversas opções para quem quisesse conhecer a riqueza cultural do Burundi ou curtir um documentário de quatro horas sobre os ritos tribais de Burkina Faso. Foi conversando sobre isso com dois *capos* do Estação Botafogo – Nelson Krumholz e Marcelo Mendes – durante o último American Film Market, realizado no início do ano em Los Angeles, que tivemos a idéia de organizar um festival de cinema B.

Ora, festival de cinema independente sem Roger Corman é como seleção brasileira sem muamba. Batemos um fio para o mestre, que topou o convite na hora. Além da "Retrospectiva Roger Corman", o pessoal do Estação Botafogo resolveu organizar uma mostra de filmes B – batizada "Estação Cult". Ela foi selecionada a partir do acervo particular de Mike Vraney, um dos maiores colecionadores americanos de cinema independente – ele tem mais de oito mil títulos – e dono da Something Weird Video, empresa responsável pelo lançamento dos filmes de Zé do Caixão nos EUA.



Reina

A retrospectiva de Corman terá cerca de vinte filmes, sendo que doze serão exibidos em 16 mm e 35 mm e o resto em laserdisc, projetado em um telão de vídeo de alta-definição. A idéia era passar todos os filmes em 35 mm, mas várias cópias não estavam disponíveis.

Corman recebeu a lista de filmes de sua mostra e adorou. Gostou particularmente de saber que *The Intruder* (1962), um de seus preferidos, havia sido incluído. O filme – história de um violento racista, interpretado por William Shatner – foi um dos três ou quatro fracassos comerciais da carreira de Corman. "Produzi mais de 250 filmes e ganhei dinheiro com quase todos. *Intruder* era um filme mais intelectual, e acabei perdendo dinheiro. Mas não me importo: o filme é muito bom." A retrospectiva do cineasta inclui seus principais clássicos, cobrindo desde o início de sua carreira, quando fazia filmes baratos de ficção científica (*War of the Satellites*, *It Conquered the World*), até os filmes de hippies do final dos anos 60, como *The Trip* e *Wild Angels* (com Nancy Sinatra), passando pelas adaptações que fez dos clássicos de Edgar Allan Poe (*O Poço e o Pêndulo*, *Tales of Terror*, *O Corvo* e *The Masque of the Red Death*).

Já a mostra "Estação Cult" foi bem mais difícil de selecionar, por causa da abundância de títulos da coleção de Vraney. No final, chegou-se a uns quarenta filmes, divididos entre vários gêneros do cinema independente. Vraney selecionou maravilhas da *sexploitation* como *Teaserama*, com Betty Page, e *Synthia, the Devil's Doll*, além de clássicos do horror como *Tormented*, *Screaming Skull*, o manjado *A Noite dos Mortos-Vivos*, de George Romero, e dois títulos dirigidos por Herschell Gordon Lewis, pai do cinema *gore*: *Blood Feast* e *Color Me, Blood Red*.

Uma semana assistindo à mostra "Estação Cult" trará aos amantes do cinema-lixo mais prazer do que dois anos de programa Alborguetti: *Papai Noel Contra os Marcianos*, *A Invasão dos Homens de Netuno* e *A Invasão do Povo Cogumelo do Espaço* certamente causarão frenesi dentro do cinema. Um dos destaques da mostra é um miniciclo dedicado a Ed Wood, com seis filmes do cultuado diretor de *Plan Nine from Outer Space*, obra considerada uma das maiores demonstrações de incompetência cinematográfica da história.

Outra série imperdível é a dos filmes de monstros e heróis. Serão exibidos filmes do astro de luta-livre mexicano Santo, de Gamerra (espécie de tartaruga voadora), além de filmes de gladiadores. Quem perder *Hércules no Mundo Assombrado* e *Golias Contra os Vampiros* será amaldiçoado por toda a eternidade.

André Barcinski

OS CONVIDADOS

GABRIEL AXEL, diretor dinamarquês de *Prince of Jutland*
JIM McBRIDE, diretor norte-americano de *Xeque-Mate*
STEPHAN ELLIOTT, diretor australiano de *The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert*
MARTIN DONOVAN, ator norte-americano de *Amateur*
HAL HARTLEY, diretor norte-americano de *Amateur* e *The Unbelievable Truth*
ROGER CORMAN, diretor e produtor norte-americano a quem a Mostra dedica uma retrospectiva

AS MOSTRAS DA MOSTRA

A 6ª Mostra Banco Nacional será dividida nos seguintes ciclos:

- **RETROSPECTIVA ROGER CORMAN**
- **RETROSPECTIVA ED WOOD**
- **RETROSPECTIVA AMOS GITAI (cineasta israelense)**
- **IMAGENS DO EGITO**
- **TESOUROS DA CINEMATECA**
- **ESTAÇÃO CULT**
- **PANORAMA DO CINEMA MUNDIAL**

Filmes inéditos, muitos deles incluídos em festivais internacionais. Na seleção deste ano destacam-se:

THE BLUE KITE (China), de **Tian Zhuangzhuang**
EAT DRINK MAN WOMAN (EUA/Taiwan), de **Ang Lee**
A BRONX TALE (EUA), de **Robert De Niro**
A MARAVILHOSA, HORRÍVEL, VIDA DE LENI RIEFENSTAHL (Alemanha), de **Ray Muller**
O SOL ENGANADOR (Rússia/França), de **Nikita Mikhalkov**
THE ADVENTURES OF PRISCILLA, QUEEN OF THE DESERT (Austrália), de **Stephan Elliott**
TIGRERO, THE FILM THAT WAS NEVER MADE (Finlândia), de **Mika Kaurismaki**
KING OF THE HILL (EUA), de **Steven Soderbergh**
AMATEUR (EUA), de **Hal Hartley**
THE UNBELIEVABLE TRUTH (EUA), de **Hal Hartley**
LA PETITE APOCALYPSE (França/Itália/Polônia), de **Costa-Gavras**
71 FRAGMENTOS DE UMA CRONOLOGIA DO ACASO (Áustria), de **Michael Haneke**
TOM E VIV (Inglaterra/EUA), de **Brian Gilbert**
GO FISH (EUA), de **Rose Troche**
SLEEP WITH ME (EUA), de **Rory Kelly**
A ESTRATÉGIA DO CARACOL (Colômbia), de **Sergio Cabrera**
PRINCE OF JUTLAND (Dinamarca), de **Gabriel Axel**
XEQUE-MATE (EUA), de **Jim McBride**

Estação Botafogo

Estação Botafogo

Acima, cena de *A Estratégia do Caracol*, de Sergio Cabrera; abaixo, *Eat Drink Man Woman*, de Ang Lee, o mesmo diretor de *O Banquete de Casamento*

Sipa-Press

OS OLHOS DE HITLER

Você conhece os grandes mestres do cinema, certo? Em suas andanças pelos cineclubes do mundo, certamente já teve a felicidade de ver obras de Chaplin, Welles, Griffith, Kurosawa, Buñuel, Lang e outros. O que você talvez não saiba é que existe um gênio do cinema que, por razões políticas, não dirige um filme há quarenta anos: Leni Riefenstahl (foto).

A vida da alemã Riefenstahl é uma das mais curiosas e polêmicas do cinema: Leni era a cineasta predileta de Hitler e, trabalhando para o Führer, documentou a ascensão do nazismo em um filme espetacular chamado *O Triunfo da Vontade* (1935). O documentário é uma obra-prima que, apesar de seu conteúdo nazista, merece estar incluído em qualquer lista dos filmes mais lindos já feitos. Pouco depois, Riefenstahl dirigiu outra obra-prima, *Olympia*, documentário sobre a Olimpíada de 1936 em Berlim.

A Mostra Banco Nacional promete exibir *A Maravilhosa, Horrível, Vida de Leni Riefenstahl*, documentário do alemão Ray Muller sobre a vida e a carreira da cineasta. Além de ser um relato interessantíssimo da história conturbada de Riefenstahl, o filme analisa seu trabalho do ponto de vista técnico, destacando as inovações que fizeram de Leni um dos nomes mais admirados por conhecedores do cinema.

Riefenstahl foi uma escrava de seu próprio trabalho e pagou caro por ter emprestado seu talento a Hitler. Apesar de jurar que não sabia das atrocidades cometidas nos campos de concentração e que havia se revoltado contra o Führer ao tomar conhecimento do massacre dos judeus, Riefenstahl – que está viva e bem de saúde aos 91 anos – ficou estigmatizada por sua associação com os nazistas e não conseguiu dirigir nenhum filme depois de 1954.

A.B.

TRUE LIES

OS ESPIÕES TAMBÉM AMAM

Depois de realizar *O Exterminador do Futuro 1* e *2*, a dupla Schwarzenegger/James Cameron coloca seus megadólares a serviço não só da ação, mas também do humor, com a história do superespião que tem que enfrentar ao mesmo tempo terroristas nucleares e o desejo de aventura de sua entediada esposa

Por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Qual é o único resultado possível de uma equação que reúna o astro Arnold Schwarzenegger e o diretor James Cameron, a mesma dupla da série *O Exterminador do Futuro*? Resposta: filmes caríssimos, repletos de ação e aventura e coalhados de efeitos especiais tão novos e inéditos que foram inventados especi-almente para a ocasião. E, não menos importante, filmes que se mostram verdadeiras fábricas de fazer dinheiro.

No entanto, *True Lies* – em que Arnold vive Harry Tasker, um espião tão secreto que nem a esposa (Jamie Lee Curtis) suspeita que o marido é mais que um mero vendedor de computadores – foge um pouco à fórmula básica, adicionando um elemento novo: humor.

Fotos: UIP

Pela primeira vez, Cameron testou sua capacidade como roteirista de algo mais que ação/aventura. Ao confeccionar uma adaptação do filme francês *La Totale!*, ele oferece a Schwarzenegger e Jamie seqüências de tirar o fôlego – principalmente as "co-protagonizadas" por um jato Harrier, capaz de pousos e decolagens na vertical; e por uma limusine que despenca no Atlântico ao cruzar um vão destruído por um míssil teleguiado. Mas também dá ao público momentos de gargalhada – e não pelas mesmas razões que se riu de *O Último Grande Herói*.

"As pessoas só o conhecem pelo que você já fez", pondera James Cameron, argumentando a respeito da surpresa de muitos ao saber que seu primeiro filme depois de *O Exterminador do Futuro 2* seria... engraçado. "O ideal é se manter imprevisível", ele prossegue. "O que é difícil, porque, uma vez que você fez sucesso, as pessoas querem que você repita exatamente o que já fez, temendo que você faça algo completamente diferente e que o público não entre na sua."

Por razões diversas, o público não entrou na de Schwarza no lançamento de *O Último Grande Herói*. Os ventos que sopram sobre *True Lies*, por outro lado, têm sido os mais benfazejos: apesar de duras críticas ao que alguns consideraram "o espírito cruel" do filme (que vem sendo acusado de sexista e xenófobo pela maneira como caracteriza as mulheres e os vilões), *True Lies* conquistou o público, garimpando US$ 27,5 milhões só em seu primeiro fim de semana de exibição nos Estados Unidos.

ENTREVISTA

ARNOLD SCHWARZENEGGER

O HERÓI VULNERÁVEL

Foi você quem sugeriu a Jim Cameron realizar um remake de *La Totale!*, depois de ter visto o filme original a conselho de seu cunhado, Robert Shriver. O que havia em *La Totale!* que o interessou a ponto de você querer dar uma nova versão à história?

Foi a combinação de vários elementos: a idéia de fazer um thriller de espionagem meio *à la* James Bond e, ao mesmo tempo, esse tipo de personagem que é incapaz de lidar com seu dia-a-dia, com as atividades mais corriqueiras de qualquer pessoa normal. Quer dizer, é um jogo de opostos: um cara que encara todos os terroristas do mundo, que apaga todos os incêndios, por assim dizer, mas é incapaz de resolver sua vida particular. Isso me pareceu muito engraçado.

Você e Cameron respeitaram quase integralmente a história original.

Mostrei o filme a Cameron, ele gostou, pegou a idéia básica do original e escreveu seu próprio script; o filme francês foi feito numa escala muito menor e, nos Estados Unidos, para ser competitivo, para criar interesse por esse tipo de filme – ainda mais depois de os filmes de James Bond terem estabelecido um nível de qualidade altíssimo –, você precisa realizar algo verdadeiramente espetacular.

Há quem considere *True Lies* uma mudança de rumo para você, por tratar-se de um personagem sofisticado, culto, que usa smoking e dança tango.

Esse era outro atrativo para mim, fazer esse cara que anda de terno, fala dez línguas diferentes e se adapta a qualquer situação. Cameron queria elaborar o personagem de maneira que ele tivesse um certo grau de elegância mas que ainda assim o público me visse fazendo coisas que já me viu fazer antes. É gostoso interpretar um personagem que é heróico mas também deixa clara sua vulnerabilidade.

***True Lies* é seu primeiro filme depois de *O Último Grande Herói*, tido por muitos como seu primeiro grande fracasso. Você sentiu uma pressão adicional para superar aquele mau momento?**

Não, pelo contrário. A pressão maior que eu poderia ter sentido foi para superar o sucesso de *O Exterminador do Futuro 2*. De certa forma, você sabe que vai chegar um momento na sua carreira em que o pêndulo oscila para o outro lado; esse momento sempre chega. Lembro de uma conversa com o diretor Jerry Zucker, em que ele me disse que depois de *Ghost* ficou paralisado, incapaz de fazer um só filme por três anos seguidos. Só agora ele está filmando de novo, em Londres. Ele me dizia que não sabia o que ia fazer, que as pessoas esperavam que ele fizesse a mesma coisa, mas que aquilo era impossível, porque *Ghost* já estava feito e ponto final.

Agora entendo também aquilo por que passa um ator quando ganha um Oscar. Todo mundo olha para você de maneira diferente. É o que me disse Emma Thompson (*com quem ele está trabalhando na comédia romântica* Junior). Todo mundo fica na expectativa: "Será que ele consegue de novo?"

Então pode-se dizer que tudo aquilo foi um alívio, porque significava que o pior já havia passado?

Não acho que ninguém tenha se sentido aliviado logo após o lançamento de *O Último Grande Herói* (*risos*). Mas você precisa aturar, porque isso faz parte do negócio. É como naquele velho ditado: se você não agüenta o calor, então saia da cozinha.

Segundo James Cameron, o ponto fraco de *O Último Grande Herói* foi esperar que o público dedicasse a você um amor incondicional, independente do que você fizesse. Você concorda com ele?

Não acho que seja uma questão relativa ao papel em si, mas ao conceito do filme. Se você cria um conceito sofisticado demais para o público que você está visando – no caso, o público jovem –, e quem entende o filme é um público mais adulto, você cria um problema. E foi o que percebemos ao longo de várias exibições-teste: a garotada não entendia muito bem por que em determinados momentos eu estava dentro da tela e, em outros, fora dela. Não compreendia o conceito e, portanto, não compreendia a história.

Nem sempre as coisas funcionam como você imagina. E se o filme não deu certo, não deu. Não há o que negar, não há desculpa. Todo mundo deu o melhor de si, realizando e divulgando o filme, mas o conceito não deu certo. A imprensa, então, detectou essa fraqueza e começou a nos atacar, até que tudo virou uma montanha-russa incontrolável.

★ "YOU CAN'T SCARE ME – I WORK FOR JIM CAMERON" (VOCÊ NÃO ME METE MEDO – EU TRABALHO PARA JIM CAMERON) E "TERMINATOR 3 – NOT WITH ME" (O EXTERMINADOR DO FUTURO 3 – ESTOU FORA) SÃO ALGUMAS DAS FRASES QUE A EQUIPE DE JAMES CAMERON COSTUMA ESTAMPAR EM SUAS CAMISETAS

★ POR INDICAÇÃO DO ESTÚDIO, JAMES CAMERON FOI CONHECER ARNOLD SCHWARZENEGGER A FIM DE VERIFICAR SE ELE SE ENCAIXAVA NO PAPEL DO MOCINHO DE *O EXTERMINADOR DO FUTURO*. CONTRARIANDO SUAS EXPECTATIVAS, CAMERON FOI IMEDIATAMENTE COM A CARA DE SCHWARZIE, QUE LHE DEU VÁRIAS DICAS DE COMO O ROBÔ DEVERIA AGIR. RESULTADO: O ATOR AUSTRÍACO FICOU COM O PAPEL DO VILÃO E INAUGUROU SUA CONDIÇÃO DE ASTRO

Harry Tasker (Schwarzenegger) galopa atrás de um dos terroristas que atormentam sua vida em *True Lies*

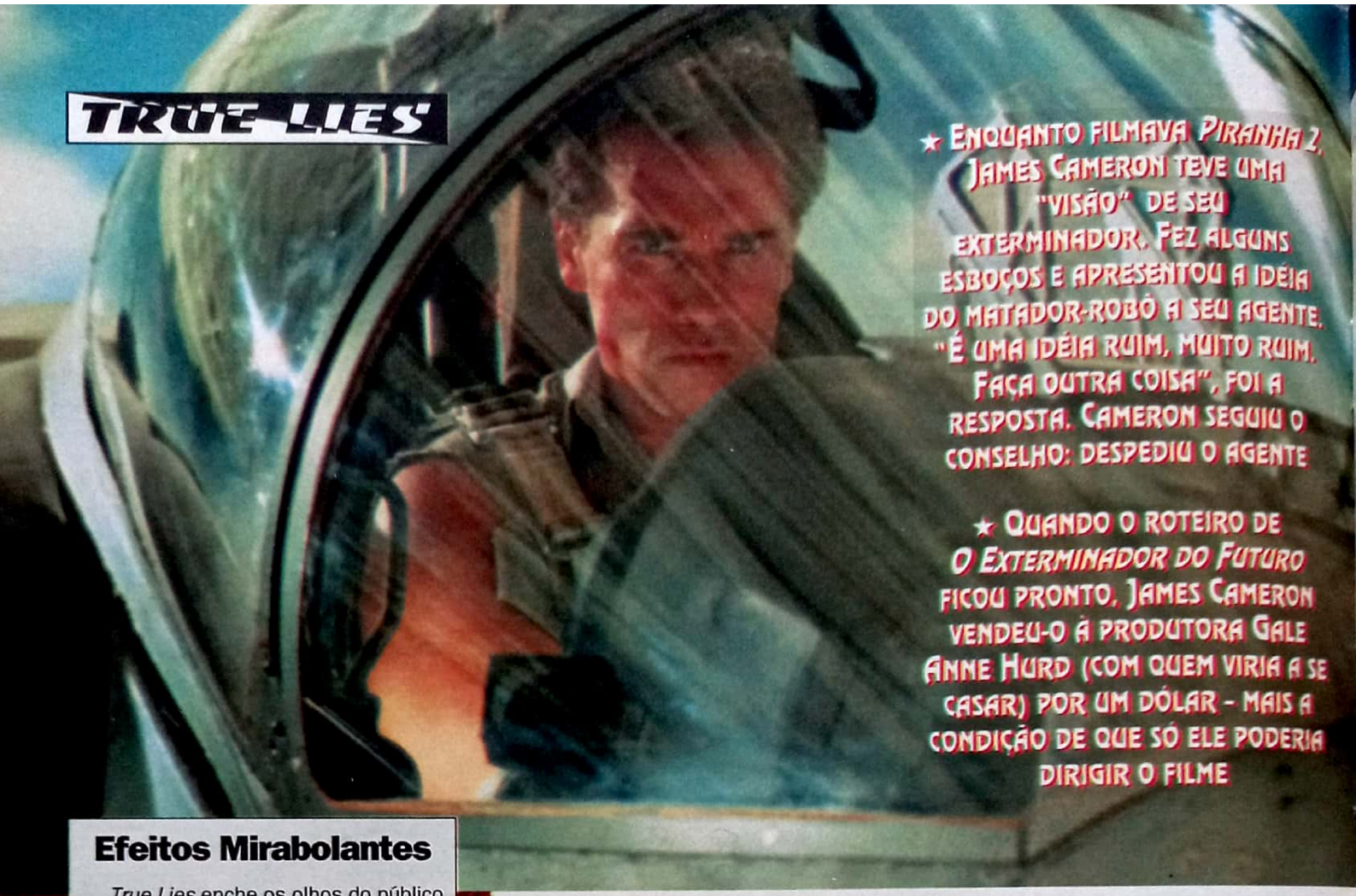
Isso afetou sua carreira de alguma forma? Você mudou a maneira como escolhe os filmes e os papéis que fará daqui por diante?

O que é preciso entender é que dentro desta comunidade, dentro de Hollywood, não houve, em momento algum, a idéia de que eu teria "fracassado". Passei a ter mais ofertas ainda, desde então. E esses dois filmes que acabei de fazer, *True Lies* e *Junior* (*dirigido por Ivan Reitman*) foram tratados bem antes de eu começar as filmagens de *O Último Grande Herói*.

O Filme que Deu Origem ao Filme

A idéia básica de True Lies *veio de* La Totale!, *filme francês de 1991 dirigido por Claude Zidi e estrelado por Thierry Lhermitte e Miou-Miou. A história é quase a mesma: em* La Totale!, *Hélèn é uma bibliotecária que sonha com uma vida mais excitante, até descobrir que seu pacato marido, um funcionário da telefônica, é na verdade um agente do governo. Enquanto persegue seu desejo de ação, a mulher acaba se misturando ao trabalho do marido, gerando uma série de episódios rocambolescos.*

As diferenças com a versão americana acabam ficando em boa parte por conta dos números: enquanto no filme francês contam-se umas dez vítimas aparentemente fatais, em True Lies *elas chegam a 100; enquanto o agente francês derrota os vilões com uma arma e instrumentos tão prosaicos como sacos de farinha, Schwarzenegger tem à sua disposição helicópteros, jatos Harrier, metralhadoras e até um cavalo.*



★ Enquanto filmava *Piranha 2*, James Cameron teve uma "visão" de seu exterminador. Fez alguns esboços e apresentou a idéia do matador-robô a seu agente. "É uma idéia ruim, muito ruim. Faça outra coisa", foi a resposta. Cameron seguiu o conselho: despediu o agente

★ Quando o roteiro de *O Exterminador do Futuro* ficou pronto, James Cameron vendeu-o à produtora Gale Anne Hurd (com quem viria a se casar) por um dólar – mais a condição de que só ele poderia dirigir o filme

Efeitos Mirabolantes

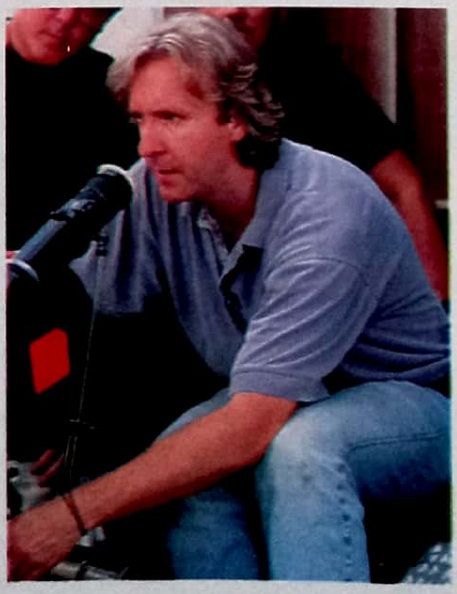
True Lies enche os olhos do público com uma saraivada de efeitos fascinantes – entre os momentos mais eletrizantes, Arnold é visto pilotando um jato Harrier que literalmente invade um edifício e dizima os bandidos; o chefe dos terroristas é mandado desta para a melhor enganchado num míssil; Schwarzie nada sob o gelo, seguido acima da superfície por uma nuvem de chamas. Mas poucas cenas têm tanto impacto quanto aquela em que Jamie Lee Curtis é salva de uma limusine desgovernada e em chamas, prestes a despencar de uma ponte bombardeada e mergulhar nas profundezas do Atlântico.

"Não acho que seja justo entregar a trucagem", diz Jamie sobre a filmagem da cena em questão, "mas garanto que toda vez que você me vê claramente na limusine, sou eu quem está lá, dentro do carro a 80 km/h, naquela ponte estreitinha". Na cena, Schwarzenegger segue a limusine pendurado de cabeça para baixo num helicóptero, tentando salvar Jamie pelo teto do carro antes da inevitável queda no mar. Cortes mais tarde, com a câmera focalizando de cima e em plano aberto o carro e o helicóptero, Jamie é salva no último segundo, com a limusine em pleno vôo. "E sou eu pendurada sobre o mar, agarrada à mão de Arnold", ela conclui. "Foi divertido – mas assustador, também."

ENTREVISTA

JAMES CAMERON

"SOU DURÃO, MAS SOU JUSTO"



Arnold Schwarzenegger teve dificuldade em convencê-lo a realizar *True Lies*?

Arnold achou que uma versão de *La Totale!* seria uma possibilidade interessante. Eu tinha cá meus projetos que queria sugerir a ele, e estava sendo só educado (*risos*), ouvindo primeiro as sugestões dele, meio que com uma atitude de "está bem, fale aí desse seu projeto amalucado e depois eu conto a você quais são as minhas boas sugestões". Ele deu três sugestões, mas eram todos projetos que já estavam sendo desenvolvidos em outros estúdios. Expliquei a ele que, por estar iniciando minha própria produtora (*a Lightstorm*), eu precisava de um projeto "limpo", que não viesse a nossas mãos já com o envolvimento de terceiros. Foi aí que ele mencionou *La Totale!*. Assistimos ao filme, rimos bastante e, o mais

importante, a piada fundamental do filme parecia maravilhosa: a de Arnold essencialmente corneado, a idéia de que o cara mais machão do mundo teria esse calcanhar de Aquiles, que é seu amor por uma esposa tímida. Ele topa qualquer parada, mas pira quando defrontado com esse que é o problema mais universal de todos.

Que elementos você identificou em *La Totale!* que poderiam justificar um remake americano? E que problemas você enfrentou na criação de um novo script?

O maior desafio era fazer com que Arnold pudesse ser um marido menosprezado pela esposa. E esse desafio também era dele: parecer um chato em casa. Claro que ele jamais pareceria um bobalhão no sentido clássico, mas conheço homens tão concentrados em seu trabalho que se tornam chatos por excluir tudo mais de suas vidas. E, para mim, o desafio foi escrever um script engraçado, porque eu nunca havia feito isso antes. Havia momentos cômicos em meus outros roteiros, mas o humor nunca havia sido um dos objetivos de um projeto meu.

Outra escolha importante é Jamie Lee Curtis no papel da esposa. Por que ela?

Eu vinha querendo trabalhar com Jamie desde *O Abismo*. Já nos conhecíamos socialmente, porque ela trabalhou num filme de minha então esposa Kathryn Bigelow (*Jogo Perverso*), mas queria também conhecê-la como atriz dramática e cômica. Escrevi o roteiro com ela em mente, mas quando terminei passei por aquele período de dúvida – não só dúvida, mas desejo de explorar outras possibilidades, o que é normal – e testei outras atrizes. Mas voltava sempre a preferir Jamie.

É impossível deixar de levar em consideração que este é o primeiro filme de Arnold depois de *O Último Grande Herói*. Você, que já trabalhou com ele duas vezes antes de *True Lies*, notou alguma diferença em Arnold?

Nenhuma. Arnold nunca é inseguro. Essa é uma das qualidades dele. Se alguma vez ele sente insegurança, nunca demonstra. O problema é que *O Último Grande Herói* pedia aos fãs que mostrassem amor incondicional por Arnold. Mas um filme precisa ser bom; ninguém está acima disso.

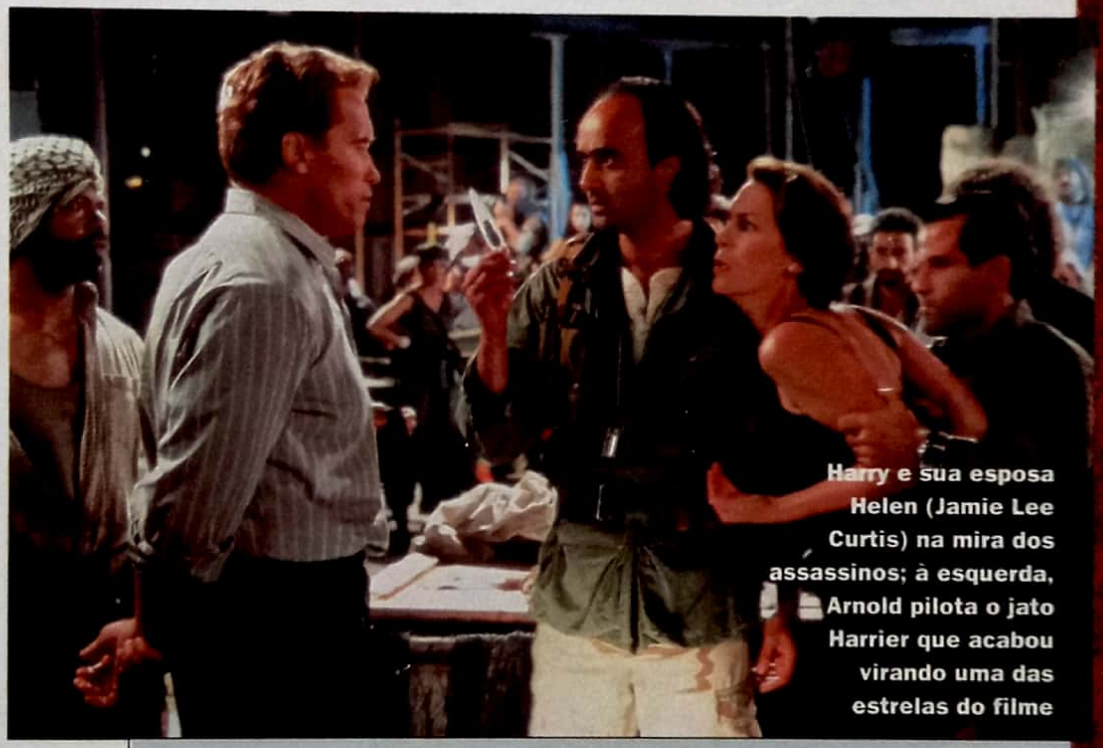
Outro ponto que também se discute muito toda vez que você e Arnold trabalham juntos é o orçamento. Comenta-se que *True Lies* teria custado US$ 120 milhões, o que o torna o filme mais caro de todos os tempos. Custou tanto assim?

Este filme custa US$ 7,50 (*risos*), mais o estacionamento (*esse é o preço de um ingresso de cinema em Los Angeles*). Falando sério, todo filme que Arnold e eu fizermos sairá caro, porque trabalhamos de forma grandiosa. Mas acho que um filme não deve ser julgado pelo custo. Nosso problema em *True Lies* não foi fazer o filme ficar mais barato, mas conciliar os elementos de uma grande produção com os momentos pequenos e caseiros do filme, que são mais engraçados e frágeis. Não me aborreço com esse tipo de curiosidade – entendo o quanto essa argumentação pode render em termos de notícia –, mas não acho justo passar uma entrevista falando de gastos. Deveria mandar o contador falar no meu lugar (*risos*).

Você tem fama de ser um diretor ultra-exigente, que dá duro em suas equipes. Você é tão durão assim?

Sou durão, mas sou justo. Não é como querem me pintar. Trabalho duro – e exijo o máximo de mim mesmo e da equipe. Não dou duro no meu elenco, por achar que o trabalho deles é o mais difícil de todos. O papel do diretor, nesse caso, é o contrário: é facilitar o trabalho do elenco, dar aos atores apoio, sugestões e a possibilidade de fazer mais tomadas, nunca sendo psicologicamente adversário. Na equipe eu dou duro, que é o necessário quando se está gastando tanto dinheiro todo dia. É uma máquina enorme, que precisa ser regida como se aquilo fosse uma operação militar. É o que faço, e não vejo nada de incorreto nisso.

SET



Harry e sua esposa Helen (Jamie Lee Curtis) na mira dos assassinos; à esquerda, Arnold pilota o jato Harrier que acabou virando uma das estrelas do filme

A Atriz que Era um Número

Antes de ser Helen – a esposa frustrada e potencialmente adúltera de Arnold Schwarzenegger em True Lies –, *Jamie Lee Curtis foi um número: 128. E ela não gostou nem um pouco.*

"Tenho todo um esquema de segurança montado, numerando as páginas de toda e qualquer cópia dos scripts que distribuo aos atores e à equipe técnica", explica o diretor James Cameron. "Isso é para garantir que, se alguém copiar indevidamente o script, eu saiba a quem pertence o script copiado." O número alocado a Jamie, portanto, era 128 – em cada página do roteiro por ela recebido havia a identificação "TL-128".

Curiosa, Jamie quis saber quem eram as 127 pessoas que tinham recebido o script antes dela, "pensando se tratar de outras atrizes testadas previamente para o mesmo papel, o que não era o caso". De brincadeira, Cameron elaborou uma lista só de péssimas atrizes e mandou-a para Jamie, que só percebeu a piada quando viu que a atriz número 127 – portanto, no raciocínio dela, a última a ter "recusado" o papel – era ninguém menos que a "grande" Pia Zadora.

TRUE LIES

Arnold Volta a Seu Território

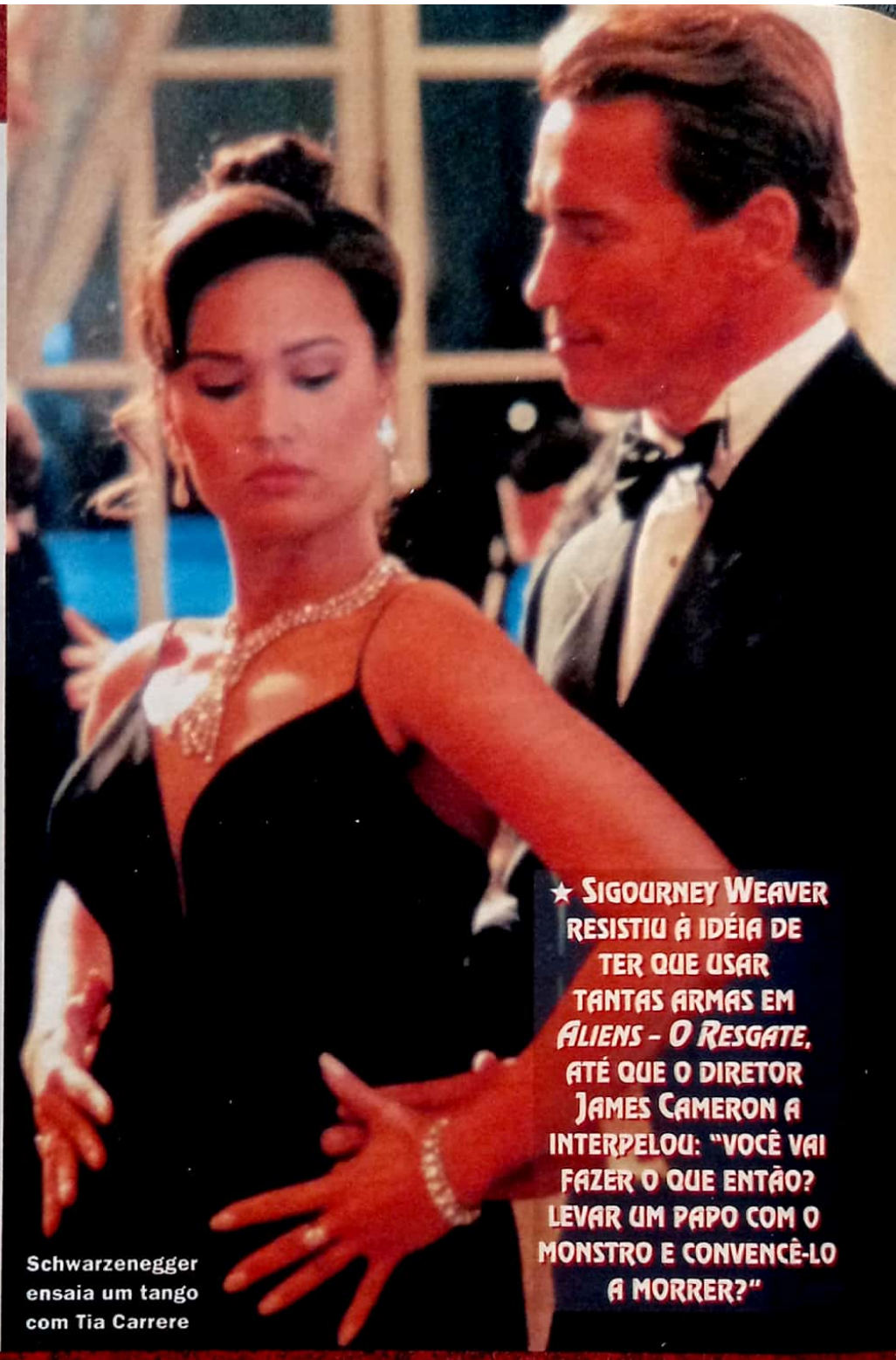
Quem caiu para trás no ano passado ao ver Schwarzenegger, então o maior astro do cinema, cair do cavalo devido às pernas fracas de O Último Grande Herói, *pode voltar a respirar.* True Lies *traz Arnold de volta ao território em que ele funciona melhor, a ação/aventura, fazendo parceria com sua alma gêmea artística, James Cameron – de longe o melhor diretor do setor nos Estados Unidos.*

No papel de um espião secreto que se faz passar por pacato vendedor de computadores, enganando assim até a mulher (Jamie Lee Curtis) e a filha, Arnold se cerca de um roteiro que o favorece e o leva a fazer na tela o que sempre melhor faz: ser o mocinho imbatível que resolve a parada no muque e na macheza.

Ele combate vilões (no caso, terroristas árabes) usando um arsenal de armas sofisticadíssimas e frases curtas e incisivas. Nunca perde uma briga – mesmo que ela seja contra um batalhão de terroristas armados até os dentes – e, sozinho, salva o mundo do holocausto nuclear. Desta vez, entretanto, Arnold exibe uma sofisticação inédita nessa atualização do gênero celebrizado por James Bond: veste smoking, fala línguas estrangeiras e dança tango.

Jamie Lee Curtis supera as limitações de seu papel, acrescentando um humor que não existia no filme original, o francês La Totale!. *E Tom Arnold, aqui como o parceiro de trabalho de Schwarzenegger, surpreende ao trazer um toque humano para um personagem que, no filme francês, era quase que só amargura.*

True Lies, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO FINAL: James Cameron, a partir do roteiro de Claude Zidi, Simon Michael e Didier Kaminka ■ FOTOGRAFIA: Russell Carpenter ■ MÚSICA: Brad Fiedel ■ EFEITOS ESPECIAIS: John Bruno e Thomas L. Fisher ■ Com Arnold Schwarzenegger, Jamie Lee Curtis, Tom Arnold, Bill Paxton, Tia Carrere, Charlton Heston ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 141 min.



Schwarzenegger ensaia um tango com Tia Carrere

★ SIGOURNEY WEAVER RESISTIU À IDÉIA DE TER QUE USAR TANTAS ARMAS EM *ALIENS – O RESGATE*, ATÉ QUE O DIRETOR JAMES CAMERON A INTERPELOU: "VOCÊ VAI FAZER O QUE ENTÃO? LEVAR UM PAPO COM O MONSTRO E CONVENCÊ-LO A MORRER?"

Para Dar uma Espiada

Bem antes de James Cameron dar vida dupla ao espião Schwarzenegger e colocar Jamie Lee Curtis em perigo, Hitchcock já explorava esse filão. Em **CORTINA RASGADA** (*1966, CIC*), Julie Andrews se mistura aos negócios do marido Paul Newman, que finge desertar para a Alemanha Oriental a fim de obter segredos dos comunistas. Já em **ESPIÕES SEM ROSTO** (*1988, direção de Richard Benjamin, LK-Tel/Vídeo*) são os pais de passado misterioso que darão trabalho a River Phoenix. A espionagem invade o dia-a-dia das pessoas comuns também em **PACOTE DE MENTIRAS** (*1987, direção de Anthony Page, L.M.P.*), em que a dona-de-casa Ellen Burstyn arruína sua vida ao ceder sua residência ao Serviço Secreto para que este vigie os vizinhos e amigos. Embora não seja amador, Gene Hackman se envolve além do previsto em **A CONVERSAÇÃO** (*1974, direção de Francis Ford Coppola, CIC*): contratado por um homem misterioso para mapear a vida de um jovem casal, o espião tem uma crise de consciência e conclui que deve evitar a morte de seus espionados. Nada é o que parece também em **A TRAIÇÃO DO FALCÃO** (*1985, direção de John Schlesinger, Globo Vídeo*): baseado em fatos reais, mostra a trajetória de dois jovens californianos de classe média que decidem vender informações à União Soviética. É justamente o que faz (mas por lealdade, não dinheiro) o agente duplo Nicol Williamson em **O FATOR HUMANO** (*1979, direção de Otto Preminger, F.J.Lucas/Concorde*), que tem seu parceiro erroneamente eliminado e é obrigado a desertar para Moscou.

Se você acabou de comprar uma televisão japonesa achando que era a melhor do mundo, sorry.

Calma, relaxa, não fica nervoso. Vai ver você nem comprou a televisão ainda. Ótimo. Então conheça a nova Philips Matchline 29". Ela é considerada melhor que as japonesas nos mercados mais avançados do mundo. Veja por quê:

- Tela superflat com tubo superblack e anti-reflexo.
- 800 linhas de resolução horizontal.

- Symphobass Plus Stereo Sound System com 3 amplificadores, 5 alto-falantes, surround sound (caixas opcionais) e 30W RMS de potência.
- SMART controls de áudio (música, auditório, voz e pessoal) e vídeo (cores intensas, suaves, naturais e pessoal).
- Controle remoto com cursor e menu na tela em português, inglês e espanhol, à sua escolha.
- Conexões laterais.
- PIP - Picture in Picture com congelamento de imagem.
- Três entradas de áudio e vídeo com Super VHS.
- 181 canais, inclusive para TV a cabo.
- Recebe sinais PAL-M, NTSC e PAL-N.

MATCHLINE

Are you ready for Philips Matchline?

PHILIPS

A FUGA

ATÉ ONDE ELES FORAM?

Alec Baldwin e Kim Basinger exploram os limites da sugestão sexual na refilmagem do cult *Os Implacáveis*

O casal em três momentos de sexo quase explícito em *A Fuga*: Alec se delicia entre as coxas da esposa; Kim se "ajeita" em Alec; e, por fim, a cena em que eles chegam às "vias de fato"

Kim Basinger em outra cena bastante desinibida de *A Fuga*

Sharon Stone e Michael Douglas em *Instinto Selvagem*: a transa do século

Marilyn virou "loira gelada" para Tony Curtis em *Quanto Mais Quente Melhor*

A FUGA

No ano passado, Martin Scorsese criou uma cena intensamente erótica em *A Época da Inocência* fazendo apenas com que Michelle Pfeiffer despisse uma de suas luvas diante do olhar de Daniel Day-Lewis. Mas nem todo mundo acredita em sutilezas. Roger Donaldson, por exemplo, diretor de *A Fuga*, é um adepto das explicações gráficas. As cenas de sexo protagonizadas por Alec Baldwin e Kim Basinger (casados na vida real) em seu novo thriller erótico são tão realistas, e por isso mesmo tão "fortes", que geraram uma onda de especulações sobre se o casal não teria ido bem além da representação. Muitas dessas cenas excessivamente convincentes de *A Fuga*, aliás, não serão vistas nos cinemas: elas chocaram tanto a platéia de algumas exibições-teste que foram suprimidas da versão final.

As cenas de sexo acabaram virando minoria na história do casal de assaltantes que foge com US$ 1 milhão roubado a um maquiavélico executivo, mas ainda assim elas estão mais para *Orquídea Selvagem* que para *Os Implacáveis* – do qual o filme de Roger Donaldson é um *remake*. No longa dirigido em 1972 por Sam Peckinpah, os papéis hoje vividos por Kim e Alec couberam a Steve McQueen e Ali MacGraw, também casados e igualmente capazes de revelar na tela uma boa dose de sua química sensual. Mas, no original, Peckinpah se preocupou em fazer o que sabia melhor: cenas de ação eletrizantes.

Em *A Fuga*, por outro lado, o diretor Donaldson (também responsável pelo entrosamento físico entre Sean Young e Kevin Costner no banco traseiro de uma limusine em *Sem Saída*) está mais empenhado em dirigir o foco para o corpo de Kim Basinger – como numa cena de reconciliação do casal, em que a câmera desliza verticalmente pela lateral do corpo de Kim até mostrar Alec deliciando-se entre suas coxas.

Quem não se recorda das entrevistas promocionais de lançamento de *Instinto Selvagem*, em que Michael Douglas declarou que ele e Sharon Stone haviam ido "até onde um homem e uma mulher podem ir"? – o que fez com que toda a imprensa especulasse se eles haviam realmente chegado às vias de fato em pleno set de filmagem. Os repórteres também correram atrás de Kim e Alec com uma pergunta idêntica. Evasiva, Kim explicou que, como o casal central de *A Fuga* passara por uma separação de um ano e meio (o tempo que o marido ficara na prisão), a representação despertou a "emoção" sexual nos dois.

Outra semelhança entre *Instinto Selvagem* e *A Fuga* é que tanto Sharon Stone quanto Kim Basinger provam que são loiras de verdade: Stone numa cruzada de pernas – para mostrar que está sem calcinhas –, e Kim, quando aparece pela primeira vez nua na tela.

"Lembre-se, o assunto aqui é sexo. Tudo é sexo, mesmo se os personagens estiverem um de cada lado da sala se olhando."

Jack Nicholson advertindo Jessica Lange no set de *O Destino Bate à Sua Porta*

UM TOQUE DE SEDUÇÃO

O lançamento de *A Fuga* nos cinemas brasileiros, no final de setembro, nos faz recordar obras clássicas do sexo implícito e que elevaram a temperatura nas salas de cinema. Filmes como *Uma Rua Chamada Pecado* causavam furor uterino. E não era necessário induzir o espectador com sexo quase explícito: bastava Marlon Brando aparecer na tela com sua camiseta justa, delineando os protuberantes bíceps, e dizer uma única palavra sugestivamente lasciva para Kim Hunter ou Vivien Leigh. Em 1951 o Código Hays imperava todo-poderoso, e a Warner curvou-se às objeções católicas, retirando a parte denominada "ofensivamente erótica" de *Uma Rua Chamada Pecado*. Mas nem mesmo os cortes deixaram a obra de Elia Kazan menos sensual.

Se os censores repudiavam um simples beijo – de língua, nem pensar –, os casais liberavam a aura sexual que os envolvia tão logo saíam de cena. Há casos memoráveis, como o *frisson* entre Liz Taylor e Richard Burton durante as filmagens de *Cleópatra*, denominado "o adultério mais público do mundo" (na ocasião, Liz estava casada com um outro qualquer de seus maridos). Diz a lenda que Burton esfregou as mãos quando viu Liz nua filmando a

Baldwin e Basinger dando um tempo no sexo em *A Fuga*

Ação Embalada em Erotismo

A sexploitation chique que Hollywood reinventou no início dos anos 90 como jogada de marketing é aplicada no remake de Roger Donaldson do cult Os Implacáveis, realizado em 1972 pelo mestre da ação Sam Peckinpah, com Steve McQueen e Ali MacGraw nos papéis que agora são de Baldwin e Basinger.

Embora o ponto de partida dos dois diretores seja o roteiro de Walter Hill, baseado no livro de Jim Thompson, as duas obras têm pouca coisa em comum. Peckinpah se empenhou nas cenas de ação, enquanto Donaldson se preocupou em dar uma embalagem mais erótica a A Fuga – que perde o ritmo toda vez que vêm à tona os problemas românticos do casal.

Mas, sem querer dourar a pílula, nem tudo é desprezível em A Fuga. Em seu ambiente natural, Walter Hill realizou um roteiro redondo e só não foi o responsável pela direção porque estava entretido com Geronimo. No elenco, destacam-se James Woods como o "colarinho-branco" Jack Benyon, mandante do assalto ao cofre com os milhões de dólares, e o sempre ótimo vilão Michael Madsen, como o bandido e traidor Rudy Travis – ambos perfeitos e bem à vontade em seus personagens. Donaldson contou ainda com a bela fotografia de Peter Menzies Jr., que logo na abertura já mostra a que veio.

Sobre o casal central há pouco a dizer, a não ser que, com exceção das cenas de sexo, Kim e Alec são tão expressivos quanto uma porta. Aliás, eles só conseguiram os papéis por serem amigos de Walter Hill.

D.P.

The Getaway, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Roger Donaldson ■ ROTEIRO: Walter Hill e Amy Jones, a partir do romance homônimo de Jim Thompson ■ FOTOGRAFIA: Peter Menzies Jr. ■ MÚSICA: Mark Isham ■ Com Alec Baldwin, Kim Basinger, Michael Madsen, James Woods, Jennifer Tilly ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes ■ DURAÇÃO: 100 min.

cena da banheira – e não foi só o frescor do belo corpo da atriz que o interessou: ela havia assinado um contrato milionário, tornando-se a primeira estrela a ganhar US$ 1 milhão por um filme.

Também há casos contrários: enquanto Burton não resistia à "eterna gata selvagem" Liz, Tony Curtis não se curvava ao furacão sexual Marilyn Monroe. Chegou a declarar que beijá-la em *Quanto Mais Quente Melhor* (1959) "foi como beijar Hitler".

Muito tempo antes, a fervida Hollywood dos anos 20 já se perguntava o que acontecia durante as filmagens das orgias dos filmes de Erich Von Stroheim, chamado de "menestrel sexomaníaco". Mesmo naqueles

"Eu ficava pensando 'oh, meu Deus, não deixe que a natureza se manifeste'."

Patrick Swayze sobre as cenas de sexo com Demi Moore em *Ghost – Do Outro Lado da Vida*

***O Último Tango em Paris*: Brando estupra Schneider usando um tablete de manteiga**

Kathleen Turner – com William Hurt – estréia como um vulcão em *Corpos Ardentes*

Jack e Jessica performatizam o sexo adúltero em *O Destino Bate à Sua Porta*

Antes de *A Fuga*, Kim havia mostrado seus fetiches em *9 1/2 Semanas...*

Ellen Barkin ataca Al Pacino em *Vítimas de Uma Paixão*

Carré e Rourke foram os primeiros a "fazer" no set em *Orquídea Selvagem*

Francesca Neri experimenta de tudo em *As Idades de Lulu*

Jane March em *O Amante*: estréia no sexo e no cinema

Madonna e Willem Dafoe em *Corpo em Evidência*: o sadomasoquismo dos anos 90

A FUGA

loucos anos, Stroheim ousou ao contratar uma prostituta especializada em sadismo para uma seqüência pouco ortodoxa de *A Marcha Nupcial* (1928).

Com a implantação do Código Hays em 1930, o qual obrigava que, nos filmes, marido e mulher dormissem em camas separadas e mantivessem 30 centímetros de distância, terminava a fase mais sensual e libidinosa das produções hollywoodianas.

"Se você está sobre uma mulher numa cena de sexo, é muito difícil para a câmera encontrar bons ângulos. Então você faz acrobacias não por brincadeira, mas para ajudar. Cenas de amor são como um *trabalho* qualquer."

Michael Douglas

ANOS DESPUDORADOS

A onda hippie e o amor livre dos alucinógenos anos 60 trouxeram de volta às telas o desejo sexual. Durante a década de 70, *O Último Tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci e novamente tendo Marlon Brando como protagonista, era o exemplo máximo da sexualidade liberada.

Na década seguinte, o sexo deixou de ser arte para virar sinônimo de bilheteria. A histeria sexual dessa fase teve seus momentos mais quentes com *Corpos Ardentes* e *O Destino Bate à Sua Porta* (ambos de 1981), até alcançar seu ponto máximo com o sexo almofadinha de *9 1/2 Semanas de Amor* (1986) e com a inversão de papéis em *Vítimas de uma Paixão* (1989), em que é Ellen Barkin quem toma a iniciativa e literalmente encoxa Al Pacino.

Mesmo com a entrada na era da Aids, em que o politicamente careta anda de mãos dadas com o sexo seguro, as telas não deixaram de refletir o tesão dos sets. Muito pelo contrário, o ano de 1990 é marcado pela transa verídica (foi o que se comentou) entre Mickey Rourke e Carré Otis no final de *Orquídea Selvagem* e pela busca do limite sexual de Francesca Neri em *As Idades de Lulu*, do espanhol Bigas Luna.

O gosto pela coisa – leia-se sexo e dinheiro – trouxe uma enxurrada de novos filmes embrulhados em fofocas sobre como os atores encararam com naturalidade as cenas de sexo. Até virgindade se perdeu em favor do cinema. Quando *O Amante*, de Jean-Jacques Annaud, foi lançado, dizia-se que a então estreante Jane March havia se entregado de corpo e alma a seu parceiro Tony Leung. Sem falar do estrondoso escândalo de *Instinto Selvagem*...

Também é a vez de entrar em cena a rainha do escândalo, Madonna: como parte de um pacote autopromocional, em 1993 ela estrela *Corpo em Evidência* e leva Willem Dafoe para conhecer seu mundo sadomasoquista. Não contente, no mesmo ano Madonna se deixou ser estuprada no filme-dentro-do-filme *Olhos de Serpente*, de Abel Ferrara.

Às vezes, no entanto, a jogada não funciona. Veja-se *Invasão de Privacidade*, que derrubou todas as expectativas dos produtores. As promessas de um repeteco da performance de Sharon Stone em *Instinto Selvagem* – acrescida de altas doses de voyeurismo – vieram por terra graças à péssima química entre Stone e William Baldwin, tão hostil que transpareceu nas telas. O resultado? A transa mais fria do século com a loira mais quente da atualidade.

Deborah Peleias

SET

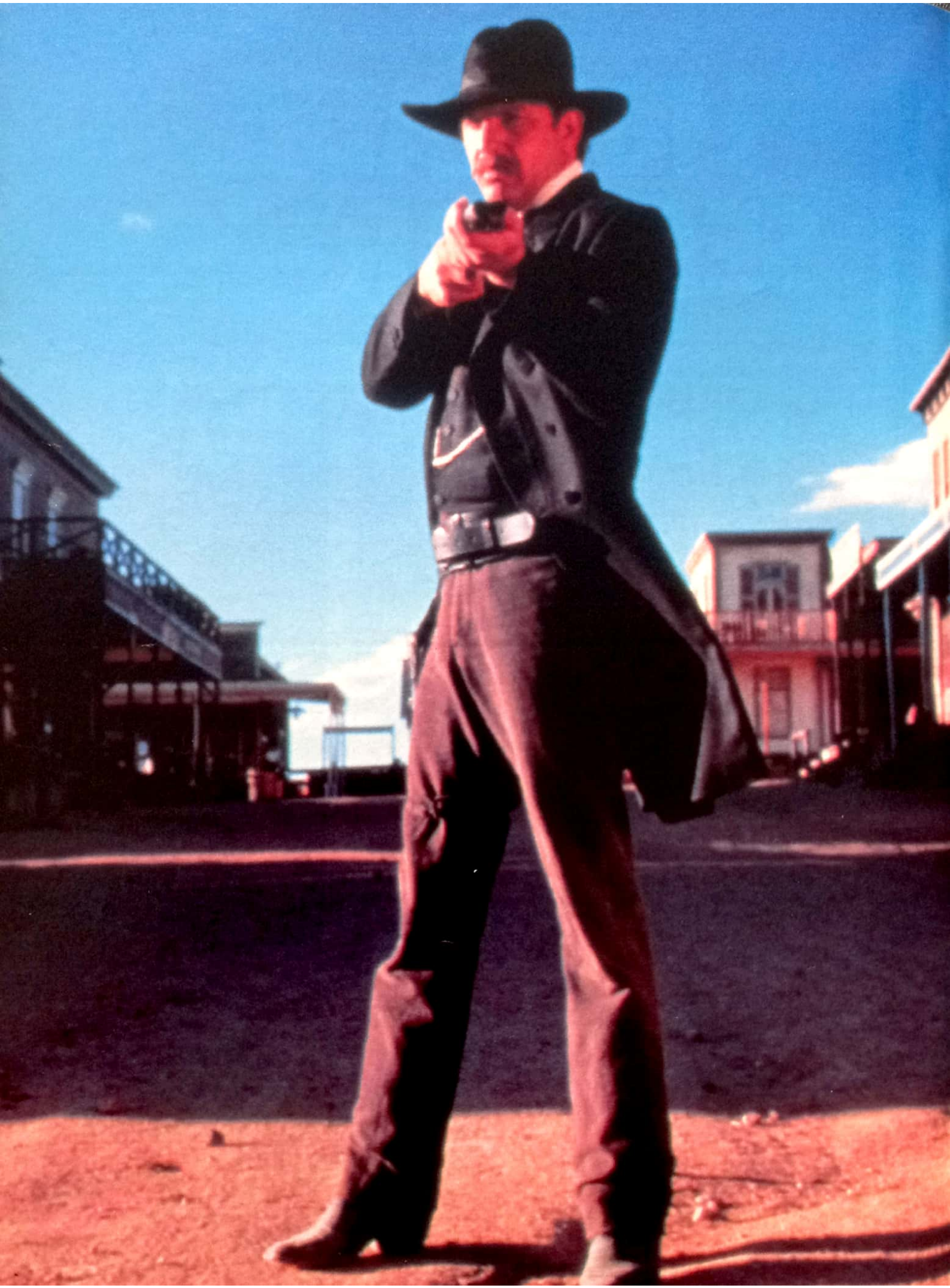
"Eu me adiantei e o encostei na parede, dizendo: 'se você não abrir a boca, vou te estuprar'."

Kelly Lynch sobre os beijos de Tom Cruise em *Cocktail*

LIBERADA, SEM CORTES.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS



NUMA TERRA SEM LEI

A vida do mais famoso xerife do Oeste Selvagem vira um "épico intimista" na ótica do astro Kevin Costner e do diretor Lawrence Kasdan

Hollywood já investigou repetidas vezes a saga de Wyatt Earp, o homem da lei mais famoso do Velho Oeste. Nascido em 1848 em Illinois, Earp fez sua fama a partir de 1875, como "policial" de cidades como Dodge City, onde se tornou amigo de pistoleiros famosos – entre eles Doc Holliday e Bat Masterson. Mas entrou de fato para a história em Tombstone, Arizona, onde vários membros de sua família haviam se estabelecido (seu irmão Virgil era o xerife local) e onde, em 1881, uma longa rivalidade entre o clã Earp e um bando de foras-da-lei se resolveu no sangrento tiroteio do O.K.Corral. A batalha gerou ainda várias mortes nos anos seguintes, valendo a Earp uma acusação de assassinato – da qual se esquivou vagando pelo Oeste como apostador, especulador, policial e garimpeiro até sua morte, em 1929.

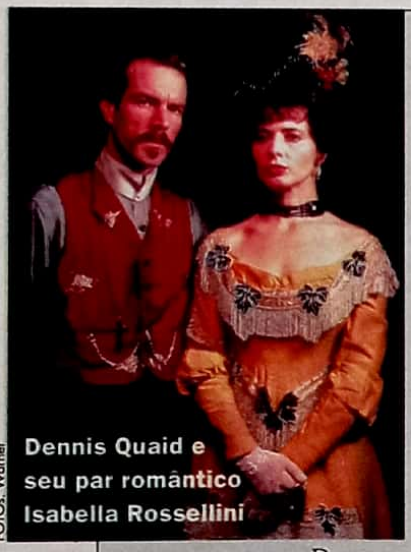
Desta vez, no entanto, o diretor Lawrence Kasdan acredita ter quebrado a tradição que cerca Wyatt Earp com um filme "historicamente correto", repleto de detalhes, que mostra não somente o lado heróico do personagem mas também "seus defeitos, seu lado humano". Com seu companheiro de longa data Kevin Costner no papel-título e atuando também como co-produtor, Kasdan espera que o mundo ainda goste de filmes como ele crê que este é: épico. A seguir, o diretor fala sobre seu *Wyatt Earp*.

Por que você decidiu mostrar Wyatt Earp não como um herói, mas também como um homem com um lado bastante sombrio, quase vilanesco?

Eu queria fazer o primeiro retrato de corpo inteiro desse homem. Não creio que as pessoas sejam só uma coisa – só heróis ou só vilões. Nem acho que as pessoas que fazem o mal achem que estejam praticando o mal. Acho que as pessoas são *complicadas*. Meu interesse era descobrir o passado de Wyatt, saber como sua personalidade se formou, o que teria acontecido com ele em garoto que viria a afetar seu comportamento como adulto. O resultado é um retrato mais próximo de um ser humano que de um super-herói.

Você não vê Earp como herói, portanto?

Acho que no final do filme ele emerge como herói. Aliás, o melhor tipo de herói: aquele com quem você consegue se identificar como ser humano. Ele é alguém capaz de cometer erros, alguém que por acaso se comportou de forma ruim no passado. Isso não significa que ele não tenha sido um herói: ele foi corajoso de modos que seriam difíceis para qualquer um de nós, muitas vezes fez o que era certo fazer. Nada disso impede que



FOTOs: Warner

Dennis Quaid e seu par romântico Isabella Rossellini

DENNIS QUAID ROUBA A CENA

O consenso é de que Doc Holliday sempre ofusca Wyatt Earp, em qualquer filme. E, de fato, o Doc de Dennis Quaid praticamente rouba o filme toda vez que aparece – tanto por seu agudíssimo senso de humor quanto pela atuação exuberante do ator. "É como interpretar Hamlet ou Macbeth", diz Quaid sobre o pistoleiro alcoólatra, jogador e tuberculoso que torna-se o melhor amigo de Earp. "É um personagem maior que a própria vida."

Dennis estudou a fundo o personagem. "Ele era um homem muito delicado, culto, inteligente, nascido numa família aristocrática da Geórgia. Se pudesse, teria se mudado para Nova York ou Paris. O sonho dele era ser dentista – ele adorava odontologia, mas tossia na cara dos clientes e foi forçado a virar jogador. Disseram a ele que, por causa da doença, ele precisava se mudar para a costa oeste. Deram a ele uma sobrevida de dois anos, no máximo, então ele esperava morrer a qualquer momento. Virou jogador e por causa do jogo ele precisou portar sempre uma faca e um revólver. E com isso ganhou sua fama."

Dennis também impressiona por seu visual: macilento e esquálido, ele é um esqueleto ambulante e de olheiras. "Achei necessário perder tanto peso para poder vestir a pele do personagem. Ele era um ser frágil, que não pesava mais de 65 quilos. Larry Kasdan pediu que eu perdesse cinco quilos. Acabei perdendo vinte." Para tanto, Dennis submeteu-se a uma dieta que o forçava a consumir não mais que 1.200 calorias por dia e a correr de oito a quatorze quilômetros diariamente. Já recuperar o peso não foi tão difícil. Bastou a Dennis voltar a seu ritmo normal. "Sou o tipo de homem que adora um rango."

J.E.R.

Wyatt Earp

ENTREVISTA

KEVIN COSTNER

"NÃO FAÇO FILMES SÓ PARA O PÚBLICO AMERICANO"

ele tenha tido medos e ambições naturais de um ser humano.

Por que você quis fazer um filme justo sobre esse personagem?

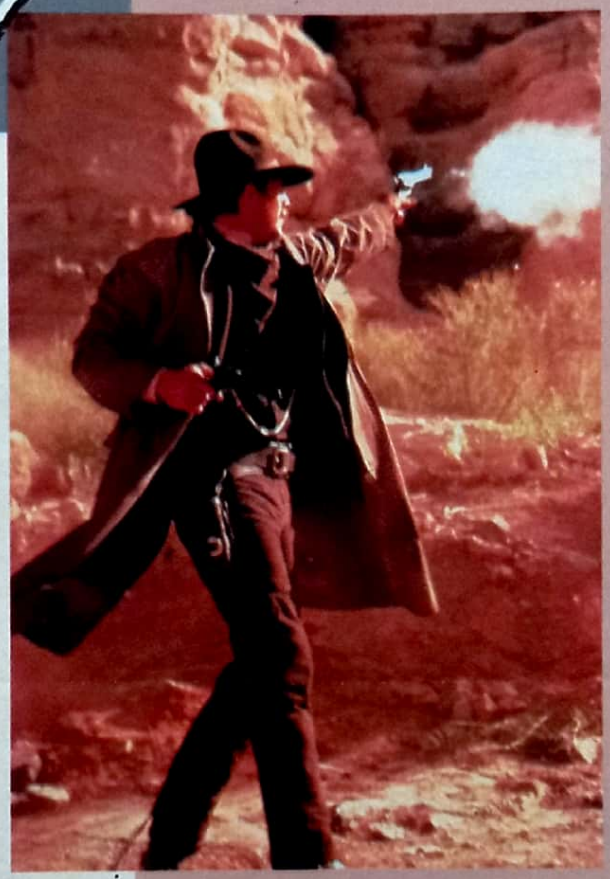
Me fascina esse período da história americana que vai do final da Guerra Civil à virada do século, e que engloba o que chamamos de *Wild West* (Oeste Selvagem). E dentro desse período ninguém se sobressai mais que Wyatt Earp. Por mais que ele tenha sido representado no cinema, não acho que o tenha sido por completo. E se eu queria que as pessoas "passeassem" por esse período, quem melhor para passear com elas que Wyatt Earp, que se destaca tanto em nossa mitologia?

Você e Kevin Costner trabalharam juntos várias vezes. O próprio Kevin costuma dizer que ele, em si, é muito chato, não vende ingressos, que o que interessa às pessoas é mais a história do filme que ele estrela e menos ele. Por que você gosta tanto de trabalhar com ele?

Ele está sendo extremamente modesto. O fato é que existe uma tradição de astros do cinema que inclui Henry Fonda, James Stewart, Gary Cooper, John Wayne, atores sobre os quais, por alguma razão – o jeitão deles, a maneira como andam ou falam, os papéis que escolhem –, as pessoas no mundo inteiro projetam suas fantasias. Seja qual for a história contada no filme, eles partem numa jornada e as pessoas vão junto, eles têm uma faísca, um carisma. Existem muitos bons atores que não têm essa qualidade, essa mágica. Mas outros, sim e acredito que eles já nasçam com isso. E que, por outro lado, às vezes precisam provar que além de astros são também grandes atores. E Kevin é um astro que também é um grande ator.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET



A interpretação que você e Kasdan dão a Wyatt Earp é completamente diferente de qualquer outra já feita.

O que não me supreende. Todo e qualquer filme que Kasdan fizer terá como ponto principal as pessoas e os relacionamentos entre elas. O mesmo se aplica aos filmes que escolho fazer. Por isso nosso filme é, sim, diferente dos demais filmes já feitos sobre Earp, mas também é mais verdadeiro e muito histórico. Não teríamos feito este filme se não tivéssemos a certeza de que realizaríamos um trabalho original.

Neste filme, Wyatt Earp é um homem cheio de problemas, de defeitos. Isso o torna menos heróico do que o havíamos imaginado até agora?

Acho que os defeitos o tornam mais humano e, portanto, mais heróico ainda. Os personagens precisam sempre tomar partido de alguma coisa. Mesmo um personagem como o que fiz em *Um Mundo Perfeito*, ele não é um grande cara, mas toma partido de seus ideais, é um símbolo. O que você vê nos personagens que faço, sejam eles heróis ou não, é que eles têm uma vida. Escolho esses personagens de propósito: você compreende qual é a moral deles a partir do que eles são e do que dizem. O filme não se reduz a um único ato de heroísmo.

Como você equilibra o fato de ser um dos maiores astros do cinema no mundo e a maneira como você escolhe filmes e papéis que fogem à "norma" de um astro, como *Um Mundo Perfeito*, que nem fez tanto sucesso assim?

Não dá para raciocinar dessa maneira. *Wyatt Earp* será um dos filmes mais difíceis de vender neste verão. Vai haver gente reclamando de como ele renderá menos que, digamos, *The Mask*, gente que vai conjecturar se, por causa disso, minha popularidade teria diminuído. Enquanto isso, eu... eu tenho um ego, sou humano, gosto de ser bem-sucedido, mas preciso entender do que exatamente gosto no cinema e preciso continuar fazendo cinema a despeito do resultado de cada filme. Sei que tenho um laço com o público ao redor do mundo, e acho que esse laço existe poque as pessoas gostam dos filmes e das idéias que eles transmitem, gostam das histórias – não necessariamente de mim.

Wyatt Earp nunca será o campeão de bilheteria deste verão. É impossível, por causa da duração do filme. Mas guardo comigo a chave secreta: a certeza de que fiz um filme no qual acredito e que considero bom.

Sinto saudade de filmes épicos como este que fizemos. E em Hollywood há uma tendência de não fazer filmes assim, porque eles não trazem um público novo para dentro dos cinemas a cada duas horas. Sinto saudade de filmes como *Lawrence da Arábia* e *Doutor Jivago*. Todo mundo vem desencorajando esse tipo de filme, inclusive o exibidor. Quando vou ao cinema, gosto de ter uma refeição completa. Talvez eu tenha uma sensibilidade européia, porque não me importa que os filmes sejam longos – se estiverem me transportando a algum lugar junto com eles. Não faço filmes só para o público americano, porque às vezes eles reduzem meu trabalho a "o que é quente" e "o que não é quente". Não tenho a inclinação comercial de quem já realizou seis continuações, então dependo muito desse público internacional. *Muito.*

J.E.R.

TESTE DE PACIÊNCIA

Wyatt Earp é longo e lento – você sente passar va-ga-ro-sa-men-te as três horas e dez minutos do filme. Ele testa a paciência, o interesse e a sensibilidade do público anos 90 com um trabalho de pretensões épicas – uma versão sombria, embora historicamente acurada, da vida de um dos personagens mais famosos do Velho Oeste. Mas o filme põe à prova também a visão do diretor Lawrence Kasdan e a capacidade de Kevin Costner de dar corpo e vida a essa visão.

No campo meramente técnico, Wyatt Earp já é um filme difícil de fazer – cobre acontecimentos ao longo de quinze anos nas vidas de mais de 130 personagens, entre os quais se destaca Wyatt (Kevin Costner), da infância à velhice. Tudo isso é entrecortado pelas entradas e saídas em cena de um monte de gente de peso na vida de Wyatt, do pai (Gene Hackman) ao melhor amigo Doc Holliday (Dennis Quaid, a melhor coisa do filme).

Mas a vontade de reescrever a história e a seriedade auto-congratulatória de Kasdan revestem tudo de uma aura de "importância" que faz do filme uma experiência pouco compensadora. Costner tem a idade e a capacidade dramática para ser Earp em quase todas as suas fases, mas o roteiro maçudo e pesado deixa enxergar pouco mais do que um homem da lei encucado. O homem atormentado e complexo que se pretendia mostrar é apenas sugerido.

J.E.R.

Wyatt Earp, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Lawrence Kasdan ■ ROTEIRO: Dan Gordon e Lawrence Kasdan ■ FOTOGRAFIA: Owen Roizman ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ FIGURINOS: Colleen Atwood ■ Com Kevin Costner, Dennis Quaid, Gene Hackman, Jeff Fahey, Mark Harmon, Michael Madsen, Catherine O'Hara, Isabella Rossellini, Bill Pullman, JoBeth Williams, Tom Sizemore ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 189 min.

Os irmãos Wyatt, Morgan e Virgil, mais um ajudante (à esq.) fazem pose de durões; abaixo, Wyatt e seu irmão James, mortalmente ferido

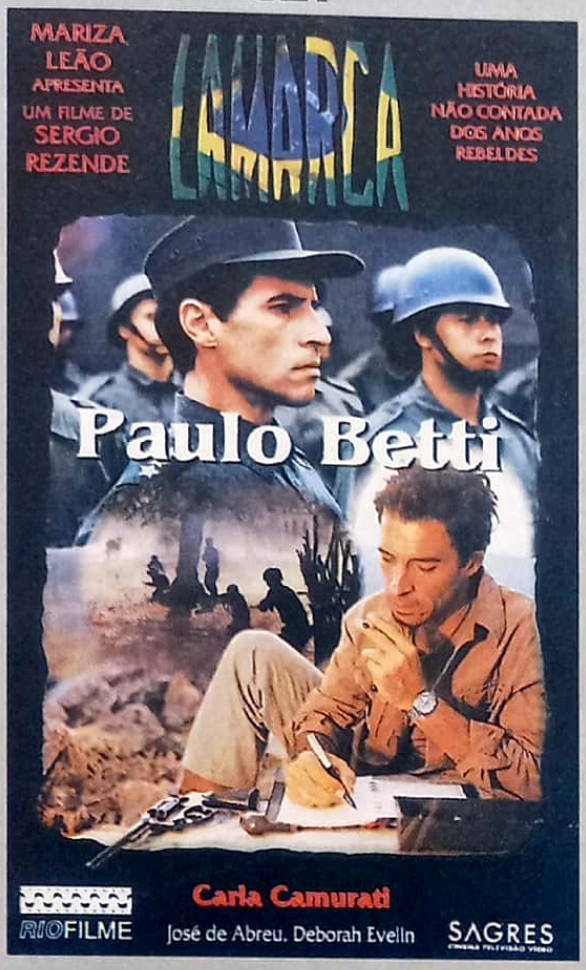
É um filme.
Só que com
19 finais felizes.

La Tavola della Vecchia Cucina apresenta 19 receitas da coleção particular de Sergio Arno. De entradas a sobremesas, você vai experimentar pratos mais suaves e inventivos que os da tradicional Cozinha Italiana. E o que é melhor, La Tavola della Vecchia Cucina traz um livrinho com todos os ingredientes, tornando prático o preparo das receitas. Com certeza, La Tavola della Vecchia Cucina é um daqueles filmes que você torce para nunca acabar. Mas, quando acaba, você fica satisfeito.

19 Receitas Especiais de Sergio Arno em Vídeo

LA VECCHIA CUCINA
Vendas pelo tel.: (011) 820-5044

SET



SET

SET

SET

SET

Richard Donner

MAVERICK

(Maverick, EUA, 1994)

Ficha técnica: Direção: Richard Donner ■ Roteiro: William Goldman, baseado na série de TV criada por Roy Huggins ■ Fotografia: Vilmos Zsigmond ■ Montagem: Stuart Baird ■ Música: Randy Newman ■ Direção de arte: Daniel Dorrance ■ Cenografia: Lisa Dean ■ Figurinos: April Ferry ■ Co-produção: Jim Van Wyck ■ Produção: Bruce Davey e Richard Donner, para a Icon/Donner/Shuler-Donner ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 2h09.

O elenco: Mel Gibson (Bret Maverick), Jodie Foster (Annabelle Bransford), James Garner (Xerife Zane Cooper), Graham Greene (Joseph), James Coburn (Comodoro Duvall), Alfred Molina (Angel), Paul Smith (Arquiduque), Geoffrey Lewis (Eugene), Max Perlich (Johnny), Dan Hedaya, Doug McClure (jogadores).

A trama: O pistoleiro Bret Maverick precisa de US$ 25 mil para se inscrever num torneio de pôquer que dará US$ 500 mil ao vencedor. Enquanto levanta o dinheiro, encontra no caminho a bela e esperta Annabelle Bransford, o xerife Zane Cooper, índios, assaltantes e adversários que tentam impedi-lo de chegar ao barco onde será realizado o campeonato.

O diretor: Richard Donner nasceu em 1930, em Nova York. Ex-ator de peças off-Broadway, começou a trabalhar como diretor na TV, em episódios de séries como *Além da Imaginação* e *O Fugitivo*. Estreou no cinema em *X-15* (61), drama com Charles Bronson e Mary Tyler Moore, e a partir dos anos 70 se tornou um dos mais bem-sucedidos cineastas norte-americanos, realizando êxitos como *A Profecia* (que custou US$ 2 milhões e arrecadou trinta vezes mais, 76), *Superman* (78), *Os Goonies* (85), *Ladyhawke - O Feitiço de Áquila* (85), *Os Garotos Perdidos* (87) e a série *Máquina Mortífera* (87, 89, 92). Dirigiu também comerciais e documentários.

Notas: *Maverick* é o primeiro faroeste de Mel Gibson; ele é sócio de Bruce Davey na Icon, co-produtora do filme e de *O Homem Sem Face* (93), sua estréia na direção. Foi de Gibson e Davey a idéia de retomar a série de TV *Maverick*, que a ABC levou ao ar de 57 a 62, e cujos direitos pertenciam à Warner ■ Inicialmente, os papéis de Jodie Foster e James Garner (intérprete de Maverick na TV) foram oferecidos a Meg Ryan e Paul Newman ■ O roteirista William Goldman ganhou dois Oscar, por *Butch Cassidy* (69) e *Todos os Homens do Presidente* (76); alguns de seus trabalhos mais recentes, como reescrever *Proposta Indecente* (93) e *O Último Grande Herói* (93), não foram creditados ■ É não-creditada, também, a ponta de Danny Glover — parceiro de Gibson e de Donner na série *Máquina Mortífera* — em *Maverick* ■ No torneio de pôquer, atores veteranos de outras séries de TV fazem pontas: Doug McClure (*O Homem de Virgínia*), William Smith (*Laredo*), Cal Batlett (*Bonanza*) e Bert Remsen (*Dallas*), entre outros ■ Garner já havia retomado seu personagem em *The New Maverick* (78), piloto de série com Charles Frank como o novo herói.

SET

Sergio Rezende

LAMARCA

(Brasil, 1994)

Ficha técnica: Direção: Sergio Rezende ■ Roteiro: Rezende e Alfredo Oróz ■ Fotografia: Antonio Luiz Mendes ■ Montagem: Isabelle Rathery ■ Música: David Tygel ■ Direção de arte: Clóvis Bueno ■ Figurinos: Rita Murtinho ■ Produção: Marisa Leão e José Joffily para a Morena Filmes/Cinema Filmes ■ Distribuição em vídeo: Sagres/Riofilme ■ Duração: 2h10.

O elenco: Paulo Betti (Capitão Carlos Lamarca), Carla Camurati (Clara), José de Abreu (Major), Deborah Evelyn (Marina), Ernani Morais (Delegado Flores), Eliezer de Almeida (Zequinha), Roberto Bomtempo (Fio), Henrique Diaz (motorista da Kombi), Nelson Dantas (pai de Lamarca), Carlos Zara (militar).

A trama: Em janeiro de 1969, o capitão do Exército Carlos Lamarca, até então um militar exemplar, deserta e ingressa na clandestinidade, ligado a grupos da esquerda armada, como a Vanguarda Popular Revolucionária. Perseguido pelos órgãos de repressão do governo militar, envia a família para Cuba e procura organizar focos de guerrilha em São Paulo e na Bahia, mas o cerco ao seu redor se fecha cada vez mais.

O diretor: Sergio Peres de Rezende nasceu no Rio, em 1951. Estudou cinema na UNE e associou-se à produtora Marisa Leão para fundar em 1975 a Morena Filmes. Fez três curtas antes de estrear como diretor de longa-metragem com o documentário *Até a Última Gota* (80), sobre a comercialização de sangue no país. *O Sonho não Acabou* (81), retrato da juventude de Brasília, foi seu primeiro longa de ficção, seguido por *O Homem da Capa Preta* (85), biografia romanceada do político Tenório Cavalcanti, *Doida Demais* (89) e *A Child from the South*, produzido pelo Channel Four britânico e rodado em Moçambique.

Notas: Carlos Lamarca morreu aos 33 anos, em 17/9/1971, metralhado por um destacamento do Exército em Ipupiara (BA); era o líder guerrilheiro mais procurado pelos órgãos de repressão e já estava condenado a 58 anos de prisão. Cerca de 215 homens chegaram a persegui-lo no sertão baiano, na denominada Operação Pajussara ■ O roteiro baseia-se no livro *Lamarca, o Capitão da Guerrilha*, de Emiliano José da Silva Filho e Oldack Miranda, em depoimentos de familiares e em outras fontes; o diretor reconhece, porém, que se vale de "licenças poéticas". A viúva de Lamarca, Maria, aprovou o projeto ■ As filmagens foram realizadas em Ibotirama (BA), a 900 km de Salvador, e em Vitória (ES), onde foram rodadas as cenas que reproduzem ruas do Rio, São Paulo e Salvador; a produção custou US$ 1,3 milhão ■ A personagem de Carla Camurati foi inspirada em Iara Iavelberg (1944-71), biografada por Judith Patarra no livro *Iara*; Clara foi um de seus codinomes ■ O major e o delegado que perseguem Lamarca são, na verdade, a fusão de vários participantes da caçada; o mesmo acontece com outros personagens reais ■ Paulo Betti submeteu-se a um condicionamento físico e emagreceu 14 quilos para reforçar a semelhança com Lamarca.

SET

Roger Allers & Rob Minkoff

O REI LEÃO

(The Lion King, EUA, 1994)

Ficha técnica: Direção: Roger Allers e Rob Minkoff ■ Roteiro: Irene Mecchi, Jonathan Roberts e Linda Woolverton ■ Canções: Tim Rice (letras) e Elton John (música) ■ Música: Hans Zimmer ■ Supervisão de montagem: Tom Finan e John Carnochan ■ Desenho de produção: Chris Sanders ■ Direção de arte: Andy Gaskill ■ Coordenação artística: Randy Fullmer ■ Produção executiva: Thomas Schumacher e Sarah McArthur ■ Produção: Don Hahn para a Walt Disney Pictures ■ Distribuição: Columbia/Buena Vista ■ Duração: 1h27.

As vozes: Matthew Broderick (Simba), Jeremy Irons (Scar), Jonathan Taylor Thomas (Simba criança), James Earl Jones (Mufasa), Nathan Lane (Timon), Ernie Sabella (Pumbaa), Rowan Atkinson (Zazu), Moira Kelly (Nala), Niketa Calame (Nala criança), Whoopi Goldberg (Shenzi), Cheech Marin (Banzai), Jim Cummings (Ed), Madge Sinclair (Sarabi), Robert Guillaume (Rafiki).

A trama: Mufasa, o Rei Leão, e a rainha Sarabi apresentam ao reino o herdeiro do trono, Simba. O recém-nascido recebe a bênção do sábio babuíno Rafiki, mas ao crescer é envolvido pelas artimanhas de seu tio Scar, o invejoso e maquiavélico irmão de Mufasa, que planeja livrar-se do sobrinho e herdar o trono.

Os diretores: Roger Allers e Rob Minkoff fizeram carreira no departamento de animação da Walt Disney Pictures. *O Rei Leão* é o primeiro longa-metragem de ambos como diretores. Minkoff já havia dirigido dois curtas com o personagem Roger Rabbit, *Tummy Trouble* e *Roller Coaster Rabbit*, co-produzidos por Steven Spielberg.

Notas: *O Rei Leão* é o 32º longa de animação dos estúdios Disney e o primeiro a ser desenvolvido a partir de um argumento original, sem inspirar-se em fábulas ou clássicos da literatura ■ Mais de 800 artistas em três continentes trabalharam três anos para realizar *O Rei Leão* ■ A seqüência do estouro da manada de gnus, que dura cerca de três minutos, demorou dois anos para ser concluída, com o uso de imagens geradas por computador ■ O diretor George Scribner (*Oliver & Company*) foi afastado em 91 do projeto, que se chamava *King of the Jungle*, "Rei da Selva"; a Disney descobriu, porém, que leões não vivem na selva, e alterou o título ■ O compositor Tim Rice – colaborador de Andrew Lloyd Weber em espetáculos da Broadway – recebeu o Oscar de melhor canção por *A Whole New World*, de *Aladdin*, em parceria com Alan Menken. Rice e Elton John compuseram cinco canções para *O Rei Leão*, entre elas *Hakuna Matata*, que marca a passagem de Simba da juventude para a maturidade ■ James Earl Jones, que dubla Mufasa, já emprestou sua voz ao personagem Darth Vader, de *Guerra nas Estrelas* ■ Jeremy Irons foi convidado a dublar o vilão do filme após interpretar Claus Von Bullow em *O Reverso da Fortuna* (90), que lhe deu o Oscar de melhor ator; as feições de Scar incorporaram alguns de seus traços.

SET

Mike Newell

QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL

(Four Weddings and a Funeral, Inglaterra, 1994)

Ficha técnica: Direção: Mike Newell ■ Roteiro: Richard Curtis ■ Fotografia: Michael Coulter ■ Montagem: John Gregory ■ Música: Richard Rodney Bennett ■ Cenografia: Anna Pinnock ■ Figurinos: Lindy Hemming ■ Produção executiva: Tim Bevan, Eric Fellner ■ Co-produção executiva: Richard Curtis ■ Produção: Duncan Kenworthy, para a Working Title ■ Distribuição: PlayArte ■ Duração: 1h56.

O elenco: Hugh Grant (Charles), Andie MacDowell (Carrie), Kristin Scott Thomas (Fiona), Simon Callow (Gareth), James Fleet (Tom), John Hannah (Matthew), Charlotte Coleman (Scarlett), David Bower (David), Corin Redgrave (Hamish), Anna Chancellor (Henrietta), Rowan Atkinson (Padre Gerald).

A trama: Durante a cerimônia de casamento de um amigo, o inglês Charles conhece a americana Carrie e passa a noite com ela. Outras cerimônias servem como pano de fundo para o romance entre os dois, acompanhado de perto por um grupo de amigos.

O diretor: Mike Newell nasceu em 1942, na Inglaterra. Era estudante em Cambridge quando começou a dirigir peças teatrais, nos anos 60. Passou por um curso de direção na TV Granada, onde teve suas primeiras chances. Realizou também programas para a BBC antes de estrear no cinema como diretor em *The Man in Iron Mask* (76). Seu terceiro longa, *Dançando com um Estranho* (85), com Miranda Richardson, foi sucesso de crítica no Festival de Cannes e em vários países, o que lhe valeu o convite para rodar nos EUA *A Voz do Silêncio* (87). De volta à Inglaterra, reencontrou-se com Richardson em *Um Sonho de Primavera* (92), produzido originalmente para a TV mas exibido nos cinemas. *Quatro Casamentos e um Funeral* é seu 10º longa como diretor.

Notas: Sucesso em todo o mundo, *Quatro Casamentos e um Funeral* arrecadou mais de US$ 50 milhões só nos EUA; a procura pelo poema do inglês W. H. Auden (1907-74) recitado no filme, "Funeral Blues", originalmente uma canção, provocou reedições de sua obra ■ A produção custou cerca de US$ 4,5 milhões e teve apenas cinco semanas de filmagens ■ O co-produtor e roteirista Richard Curtis, veterano de produções da BBC, diz que escreveu o filme pensando em Cary Grant e Grace Kelly; para ele, os atores mais próximos aos dois hoje são Hugh Grant e Andie MacDowell. Segundo o diretor, o primeiro foi escolhido após uma centena de testes, e a segunda, para abrir o mercado americano ■ Newell cita entre as principais influências do filme a primeira versão de *O Pai da Noiva* (50) e *Levada da Breca* (38) ■ Kristin Scott Thomas, que interpreta a amiga apaixonada por Charles, fez a mulher de Hugh Grant em *Lua de Fel* (92), de Roman Polanski ■ Corin Redgrave, que interpreta o noivo escocês de Carrie, é filho de sir Michael Redgrave e irmão de Vanessa e Lynn.

Forrest Gump

UMA FÁBULA AMERICANA

Tom Hanks protagoniza a história de um rapaz simplório que acaba virando herói, enquanto o diretor Robert Zemeckis põe os efeitos especiais a serviço do lirismo

Robert Zemeckis não se abala. Apesar de ter a certeza de que realizou um filme que lida com temas profundos – como a discussão sobre o poder do destino –, ele sabe também que muitas pessoas só se preocuparão com os efeitos especiais espetaculares e inéditos de *Forrest Gump*, sua fábula protagonizada por um rapaz retardado (Tom Hanks, em seu primeiro filme pós-Oscar). Mas Bob crê no futuro: ele antevê o tempo em que filmes como *Forrest Gump* serão vistos apenas como filmes, e não como laboratórios "ao vivo" da Industrial, Light & Magic (responsáveis, aliás, pelos efeitos especiais deste filme).

"Se você pensar bem", diz Zemeckis, "toda pessoa que faz um filme está criando uma ilusão: a percepção de tempo num filme é uma ilusão; o close-up é uma ilusão. Mas elas viraram convenções do cinema, de tal forma que nem pensamos mais quando estamos diante delas. Acho que, logo mais, olharemos para uma imagem digital sem pensar no que ela é e no que representa".

Não chega a ser um *Jurassic Park*, mas, a seu modo, *Forrest Gump* é um marco visual. Enquanto segue a trajetória de Forrest pela vida – de um garoto ridicularizado pelos colegas a herói e milionário –, o filme põe Tom Hanks para contracenar com três presidentes americanos falecidos, discursar para 200 mil manifestantes em Washington e se emocionar com as pernas amputadas de um ator que é perfeito na vida real.

Entretanto, diz Zemeckis, "o núcleo de *Forrest Gump* é uma história de amor. Não só amor romântico, mas amor entre amigos. É sobre lealdade, amizade, sobre como as pessoas se amam de maneiras diferentes".

Dois dos "efeitos especiais" do filme, por assim dizer, são a linguagem corporal e o dialeto sulista usados por Hanks. "O fato de que Forrest usara aparelhos nas pernas quando garoto já lhe dá um parâmetro", diz Hanks, bem mais cheinho que em *Filadélfia*. "Apesar disso, ele era ultraveloz, o que já nos leva por outro caminho. Sempre tive medo também de que sotaque escolher. Minha intuição dizia que eu precisava pegar leve. Mas Bob Zemeckis não aceitava. Ele dizia (*imitando a voz anasalada do diretor*), 'você tem que botar pra quebrar, não pode ficar no meio do caminho'. E foi o que fiz".

A seguir, Tom Hanks fala sobre *Forrest Gump* e sobre a vida após o Oscar:

Se você conhecesse uma pessoa como Forrest, como reagiria? Com paciência?

Acho que esse seria um grande teste para todos nós, não é mesmo? Gosto de pensar que sim, que teria paciência. Talvez ele não entendesse nenhuma das minhas piadas (*risos*). Talvez ele se enchesse de mim e saísse de perto. Caras como Forrest são capazes de nos assustar, porque são muito simples.

Você não é do tipo de ator que tem uma idéia e corre atrás dela, em busca de financiamento, roteirista. Você jamais faria esse tipo de coisa?

Você precisa ter muita paciência e perseverança, e geralmente as coisas acontecem por caminhos inversos aos que você está trilhando. Veja o caso de *Apollo 13*, o filme que vou fazer agora, com Ron Howard diri-

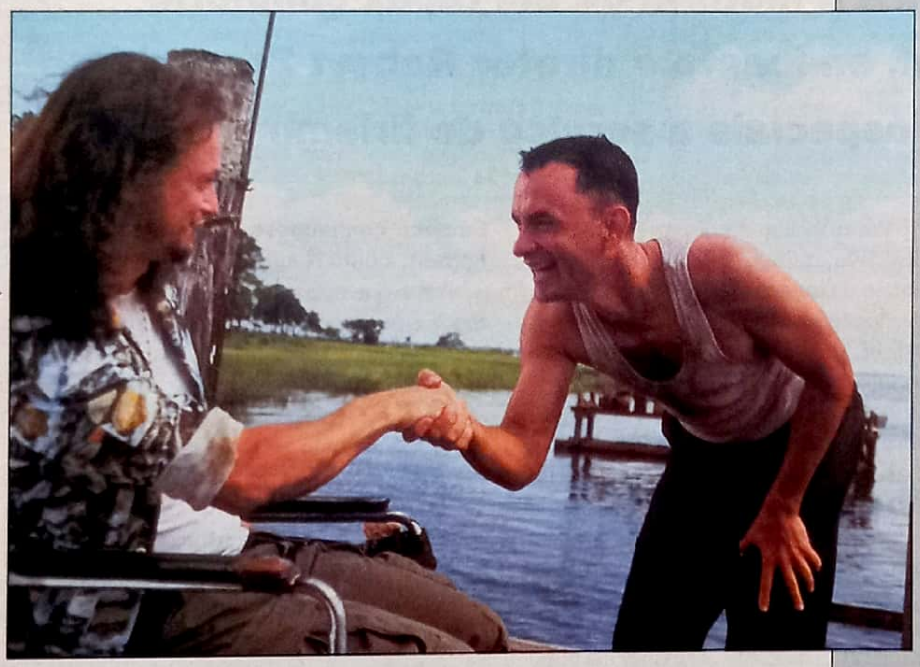
Personagens São "Espelho" do País

Robert Zemeckis vê em Forrest Gump *"uma metáfora sobre a América", uma coleção de estilhaços de um mesmo espelho dilacerado que refletem, cada, um aspecto da alma do país. "Forrest representa o que há de bom e constante nos EUA", diz Zemeckis. "Ele é puro e inocente, ingênuo como a América. E esse é um dos grandes problemas do país: a ingenuidade. Já o tenente Dan é a América cínica, ferida sociologicamente. É o sonho que se tornou corrupto e vulgar."*

"Bubba Blue (o melhor amigo de Gump) é o exemplo de manipulação de um determinado setor da sociedade. Ele é a bucha de canhão que morre pelo país. A mãe de Forrest já é um personagem mais universal: é ela quem incute no filho os bons valores e as boas virtudes."

J.E.R.

Robert Zemeckis



gindo. Durante muito tempo eu quis fazer um filme sobre a Apollo 13, uma missão que ficou em perigo durante dias no espaço, sem que o mundo e os astronautas soubessem se eles voltariam vivos à Terra. O tempo passou e eu desisti do projeto. Até que, quando eu estava em Paris divulgando *Filadélfia*, meu agente me avisou que Ron ia dirigir um filme sobre a Apollo 13. Então liguei para ele e pedi para estar no filme!

Forrest recebe louros militares junto a sua mãe (Sally Field); acima, com o tenente Dan (Gary Sinise), ferido no Vietnã

O Oscar de melhor ator que você ganhou por *Filadélfia* provocou alguma mudança em sua vida ou em sua carreira?

Talvez algumas pessoas achem que passei para um nível diferente. Mas, a meu ver, ainda estou batalhando, como sempre. Sempre achei que *Uma Equipe Muito Especial* é que abriu mais portas para mim. Foi um filme de sucesso, mas também me deu um papel diferente dos que eu fizera até então: não era galã, não precisava beijar ninguém e havia um quê de tragédia e mágoa que o personagem carregava. Sei que por causa do Oscar e do impacto de *Filadélfia* as pessoas me vêem de forma diferente. Mas o que uma premiação dessas faz é levar você a seu próximo trabalho, não muito mais.

Então você não se sente, digamos, mudado depois do Oscar?

Ganhar o Oscar é um momento muito pessoal – e que se desenrola diante de três bilhões de pessoas (*risos*). É assustador! Quando anunciam seu nome, parece que sua cabeça vai explodir e desgrudar dos ombros. Nos bastidores, todo mundo grita seu nome, tudo aquilo que você espera que aconteça. Mas em termos profissionais... vamos lá, sem pensar muito, quem ganhou o Oscar de melhor ator um ano antes de mim? (*Silêncio*) Vamos lá! (*Tom começa a cantarolar, como se estivesse apresentando um concurso de televisão, e ninguém na sala responde*). Foi Al Pacino! Viu? Pois isso vai acontecer comigo, e faz parte do show! Em termos de negócios, para a carreira do ator não há substituto para o sucesso de um filme. Enquanto seus filmes estiverem fazendo sucesso, você continua trabalhando.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Um Casamento Equilibrado

Forrest Gump é um excelente argumento para o debate sobre o possível antagonismo entre arte e tecnologia. Todos os que temem que os efeitos especiais ofusquem a importância de uma boa história e bons personagens num filme devem ver Forrest Gump *para entender que uma coisa não precisa excluir a outra.*

O diretor Robert Zemeckis (que assinou os megasucessos De Volta para o Futuro *e* Uma Cilada para Roger Rabitt*) realizou uma fábula que pode vir a ser o filme mais poético a ser lançado este ano por Hollywood. E, no entanto, o fez usando efeitos especiais state-of-the-art. São recursos que não roubam o show: pelo contrário, os truques visuais servem à história.*

Incorporando elementos de Zelig (o falso documentário de Woody Allen sobre um personagem que convive com figuras-chave da humanidade) e Muito Além do Jardim *(a história do jardineiro analfabeto que vira conselheiro de um magnata e por pouco não é candidato à Presidência dos EUA),* Forrest Gump *segue as transformações na vida do personagem-título (Tom Hanks), um garoto surfista ligeiramente retardado que enxerga a vida com simplicidade e pureza. No filme, vemos como ele passa de alvo da crueldade dos colegas de escola a herói nacional e empresário bem-sucedido.*

Forrest sai de sua cidade no meio do nada para virar estrela do futebol americano, salvar quase todo seu pelotão no Vietnã, conhecer três presidentes, tornar-se campeão de pingue-pongue e ganhar fortunas investindo na pesca do camarão e na informática.

No processo, ele melhora a vida dos que cruzam seu caminho – como Jenny (Robin Wright), sua melhor amiga/namoradinha de infância, maltratada pelo pai e por todos os homens com quem convive. Ou Bubba Blue (Mykelty Williamson), a alma gêmea que Gump encontra no Exército. Ou o tenente Dan (Gary Sinise), seu ex-superior no Vietnã que, após ficar paralítico numa emboscada, acusa Gump de, ao salvar-lhe a vida e forçá-lo a uma existência humilhante sem pernas, tê-lo privado do fim heróico que o destino lhe reservara.

É uma meditação sobre a integridade do espírito e as forças do destino. Sim, o filme está coalhado de efeitos especiais fascinantes – Tom Hanks mostrando a bunda a Lyndon Johnson e dizendo a Kennedy que quer mijar; Sinise sem pernas mesmo; uma emboscada espetacular e realista, num Vietnã digital montado sobre as paisagens da Carolina do Norte. O fundamental, contudo – a alma de Forrest Gump *–, não é a maneira como se fez a pena de ave que abre e fecha o filme, mas sim o que ela significa.*

J.E.R.

O PRIMEIRO DESEJO DE SEU FILHO SE REALIZOU.

CHEGOU Aladdin EM VÍDEO

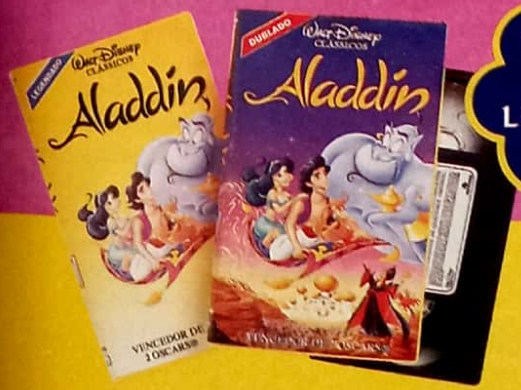
Walt Disney CLÁSSICOS

QG

COMPRE A FITA E DEIXE OS OUTROS DESEJOS POR CONTA DO GÊNIO.

© The Walt Disney Company

- Chegou **ALADDIN** em vídeo, o supersucesso Disney que agora sua família pode **TER EM CASA PARA SEMPRE.**
- **ALADDIN** em vídeo **CUSTA MENOS DO QUE VOCÊ IMAGINA** e inclui ainda o videoclip com a música "A Whole New World", ganhadora do Oscar de melhor canção.



DUBLADO E LEGENDADO

- Garanta já sua fita. **ALADDIN** em vídeo estará **À VENDA POR TEMPO LIMITADO.**
- Ação, humor, efeitos especiais e personagens inesquecíveis que conquistaram jovens, adultos e crianças de todas as idades.
- Realize os desejos de seu filho (e os seus também), leve esta aventura para casa.
- Recuse imitações. Exija a qualidade dos **LEGÍTIMOS VÍDEOS DISNEY.**

JÁ NAS MELHORES LOJAS:

MAGAZINES, LOCADORAS, HIPERMERCADOS, LOJAS DE BRINQUEDOS, CINE-FOTO E DISCOS.

Exija fita legítima. Confira o holograma metalizado no estojo e na própria fita.

Walt Disney HOME VIDEO

Disney VIDEO

abril vídeo

O CLIENTE

Dramas pessoais e suspense se misturam nesta adaptação do best seller homônimo de John Grisham, protagonizada por Susan Sarandon e Tommy Lee Jones

O menino Mark (Brad Renfro) dá uma fugidinha para o mato junto com o irmão menor, Ricky, só para fumar um cigarro roubado da mãe, quando avista o carro dirigido pelo advogado Romey Clifford. Jurado de morte por um ex-cliente – o mafioso Barry Muldanno –, o advogado prefere se matar a ser torturado pelo bandido. Pretende atingir seu objetivo suicida respirando o monóxido de carbono do escapamento do automóvel, misturando uísque com barbitúricos e, se a combinação disso tudo não der certo, metendo um balaço nas idéias.

Mark faz o que pode para mudar os planos do advogado sem ser notado. Mas, ao tentar impedir o suicídio, o menino acaba virando repositário de uma confissão: o advogado conta a ele a localização do cadáver de um senador, vítima de Muldanno – e com isso transforma Mark em objeto de ira e perseguição. O pequeno Ricky, traumatizado pela visão do irmão mais velho sendo maltratado por um homem que acaba estourando os próprios miolos, perde a fala e precisa ser internado num hospital psiquiátrico.

Por acaso e por desespero, Mark contrata os serviços de Reggie Love (Susan Sarandon), advogada em que ele não confia inicialmente pelo simples fato de ela ser mulher (ele só entrou no escritório dela por achar que Reggie fosse nome de homem). Pressionado pela polícia e pela promotoria pública a depor depois que suas impressões digitais são encontradas no interior do carro do advogado morto, Mark precisa ganhar tempo e ser aconselhado com urgência – antes que se feche o cerco montado pelo vaidosíssimo promotor público Roy Foltrigg (Tommy Lee Jones), que não perde uma oportunidade de se pavonear diante das câmeras de televisão.

Alternadamente, Mark, a advogada Reggie e o mafioso Muldanno (Anthony LaPaglia) viram caça e caçador num xadrez de revelações, pistas e erros que, enfim, tem um desencadear pouco climático, mas que conduz o público numa jornada por vezes eletrizante.

Ao contrário dos anteriores *A Firma* e *O Dossiê Pelicano*, esta transposição para a tela de um livro de John Grisham resulta num filme satisfatório. O diretor Joel Schumacher (*Um Dia de Fúria*) soube tirar partido do estilo telenovelesco de Grisham, ao mesmo tempo em que detalha bem os dramas individuais de cada personagem.

Alcoólatra que abandonou a bebida, Reggie perdeu a guarda dos filhos por causa do vício. O pai do menino Mark, por sua vez, largou as crianças e a mulher à própria sorte. Ou seja: Reggie vê no menino o filho que perdeu para o marido, enquanto o garoto encontra na advogada uma figura feminina forte e independente, diferente de sua mãe, sempre aprisionada a subempregos e amargurada com a vida.

Os confrontos entre Reggie e o promotor Roy são fascinantes, carregados de tensão e ameaça, embora Tommy Lee Jones já esteja repetindo seu repertório de sotaques, olhares e trejeitos. Isso se torna mais evidente quando ele contracena com uma atriz riquíssima em nuances como Susan Sarandon. Por sua vez, o estreante Brad Renfro surpreende, firmando-se já como um dos talentos mais promissores de sua geração. Quem perde é Anthony LaPaglia: seu mafioso é cartunesco e unidimensional, além de burro de dar dó. Se fosse uma comédia tipo *Esqueceram de Mim*, ainda vá lá. Mas aqui é ridículo.

José Emilio Rondeau

The Client, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Joel Schumacher ■ ROTEIRO: Akiva Goldsman e Robert Getchell, baseado em romance de John Grisham ■ MÚSICA: Howard Shore ■ FOTOGRAFIA: Tony Pierce-Roberts ■ MONTAGEM: Robert Brown ■ Com Susan Sarandon, Tommy Lee Jones, Mary-Louise Parker, Anthony LaPaglia, Ossie Davis, Brad Renfro, David Speck, J.T. Walsh ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 120 min.

O promotor público Roy Foltrigg (Tommy Lee Jones, à esq.) e seus assistentes correm atrás do testemunho do jovem Mark

Fotos Warner

A advogada Reggie (Sarandon) conforta seu pequeno cliente (Brad Renfro)

A Vingança dos Escritores

Pensa que é preciso ter um rosto bonitinho ou ser executivo de estúdio para ganhar dinheiro em Hollywood? Pois aí vai uma boa notícia: escritores como Stephen King (Louca Obsessão), Michael Crichton (Jurassic Park), Tom Clancy (Jogos Patrióticos) e John Grisham – em cuja obra homônima se baseia O Cliente – provam que não. Saber juntar palavras com alguma coerência e bastante suspense também pode render, e muito. Tanto que todos contam na casa dos vários milhões de dólares os lucros obtidos com a venda dos direitos de filmagem de seus livros. E aí vai a melhor notícia de todas: basta folhear os escritos desses quatro para comprovar que, embora ultracompetentes em seu setor, nenhum deles está exatamente fazendo literatura – pré-roteiros seria a expressão mais adequada.

Veja-se o caso de Grisham. Advogado em começo de carreira, ele costumava rabiscar suas tramas nos intervalos das sessões da Corte. Começou com uma tiragem de 5.000 exemplares de seu primeiro livro; já no segundo, A Firma, arrancou um contrato de US$ 600 mil da editora Doubleday. Descontada a renda proporcionada pela venda de 60 milhões de cópias de seus livros em 31 idiomas, só de Hollywood John Grisham já recebeu US$ 8,15 milhões: US$ 600 mil por A Firma, US$ 1,3 milhão por O Dossiê Pelicano, US$ 2,5 milhões por O Cliente e US$ 3,75 milhões por The Chamber (ultrapassando em US$ 250 mil a marca de Michael Crichton por Jurassic Park), que será levado às telas pelas mãos do diretor Ron Howard. Desta vez a história gira em torno de um advogado favorável à "supremacia branca" que aguarda execução por ter matado dois jovens judeus.

Até agora, o único livro de Grisham ainda sem destino cinematográfico é seu primeiro, A Time to Kill. Não que não haja interessados em comprá-lo. Mas o escritor só faz negócio se tiver direito a aprovar roteiro, diretor e parte do elenco.

I.B.

OS CABEÇAS-DE-VENTO

Comédia sobre metaleiros se revela uma boa surpresa

Não se deixe desmotivar pelo título imbecil de *Os Cabeças-de-Vento* – no original, *Airheads*. O filme de Michael Lehmann – um cara esperto que merecia ser reconhecido por pérolas do humor negro como *Atração Mortal* e infelizmente é lembrado como o capitão do Titanic cinematográfico chamado *Hudson Hawk* – é muito mais inteligente do que o título sugere.

O nome *Airheads* foi imposto pela produtora, que queria vender o filme para a mesma platéia de *Quanto Mais Idiota Melhor*. Burrice: *Airheads*, apesar de tratar de um tema que supostamente atrairia uma platéia bem jovem – uma banda de rock que invade uma estação de rádio e ameaça matar o DJ se este não tocar sua música –, é mais sofisticado que o pastelão de Wayne e Garth.

O filme é uma mistura de *Um Dia de Cão* com *This Is Spinal Tap*. Além da indispensável dose de comédia física – objetos que caem na cabeça dos personagens, escorregões, trapalhadas, as caras, bocas e gestos exagerados dos caricatos metaleiros (taí um pleonasmo) – existe uma boa dose de comédia verbal, madura e inteligente. Qualquer pessoa minimamente inteirada com o mundo da música pop vai se identificar de saída com o filme e rir de algumas das ótimas tiradas (em especial a que sacaneia o mala-ecológico Sting).

O elenco é ótimo, apesar de contar com o sem graça Brendan Fraser. Steve Buscemi (*Cães de Aluguel*) e Adam Sandler (ator do *Saturday Night Live*) completam o trio de metaleiros, enquanto Joe Mantegna (*Homicídio*) interpreta o DJ veterano, que acaba simpatizando com a causa dos alucinados.

Atenção para algumas participações especiais: Michael McKean, autor e ator de *This Is Spinal Tap*, vive o inescrupuloso dono da rádio. Beavis e Butt-Head, os dois marginais mirins da MTV, também aparecem numa cena muito engraçada. Até Lemmy, o velho líder do Motorhead, resolveu participar da brincadeira.

Os Cabeças-de-Vento é prova definitiva de que nesse mundo repleto de pseudogênios do marketing, incapazes de acertar o público-alvo de um filme, o cinéfilo tem que ficar cada vez mais atento para não perder bons filmes por causa de estúpidas estratégias de publicidade. *Os Cabeças-de-Vento* é o típico filme que vai acabar escondido no fundo da prateleira de uma locadora, até que um belo dia, por falta de opção, você acabará dando uma chance ao rebento de Lehmann. Uma agradável surpresa o aguarda.

André Barcinski

Airheads, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Michael Lehmann ■ ROTEIRO: Rich Wilkes ■ FOTOGRAFIA: John Schwartzman ■ MÚSICA: Carter Burwell ■ Com Brendan Fraser, Steve Buscemi, Adam Sandler, Chris Farley, Ernie Hudson, Amy Locane ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox ■ DURAÇÃO: 91 min.

Fox

Brendan Fraser topa tudo por sucesso, inclusive fazer reféns numa estação de rádio

Look Filmes

O lesbianismo chique por Hollywood

GO FISH

O *lesbian chic* chega às telas com bom humor e sem ranço militante

Peça importante de um momento da história americana em que se populariza, ou pelo menos se discute em larga escala, o que já se convencionou chamar *lesbian chic* – o "charme do homossexualismo feminino", digamos assim, foi capa célebre da revista *Newsweek* poucos meses atrás –, *Go Fish* é um marco, por trazer para o cinema o lesbianismo "natural" e simpático.

Ao contrário do uso da sexualidade (seja ela qual for) no cinema como elemento de choque, excitação ou pura exploração, como é tão comum, o filme da estreante Rose Troche opta por uma alternativa e nos mostra uma história de amor entre duas moças bonitas, inteligentes (a também roteirista e produtora Guinevere Turner e V.S. Brodie), atraentes, que levam vidas "normais" – e que, além disso, são inteiramente, convictamente lésbicas.

Para muitos é uma introdução "divertida" ao mundo lésbico, feita por lésbicas (as atrizes, bem como a diretora) que desmistifica o assunto com extremo bom humor e sem ranço militante. O único senão é seu amadorismo: se algo é verdadeiramente ostensivo em *Go Fish*, é o orçamento microscópico e a maneira como somos lembrados disso o tempo todo, pela fotografia primária e pela representação inferior.

J.E.R.

Go Fish, EUA, 1994. DIREÇÃO: Rose Troche ■ ROTEIRO: Guinevere Turner e Rose Troche ■ FOTOGRAFIA: Ann T. Rosseti ■ Montagem: Rose Troche ■ MÚSICA: Brendan Dolan, Jeniffer Sharpe, Scott Aldrich ■ Com Guinevere Turner, V.S. Brodie, T. Wendy McMillan, Migdalia Melendez, Anastasia Sharp ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 85 min.

FRESH

Imagens poderosas revelam talento de roteirista na direção

Lumiere

O garoto Sean Nelson procura uma forma de se livrar do traficante Giancarlo Esposito

A seqüência de abertura de *Fresh* é belíssima: uma paisagem ampla e calma transforma-se gradualmente em uma vizinhança repleta de prédios, até revelar-se o Brooklyn miserável e grafitado que servirá de cenário para uma das mais realistas perdas de inocência do cinema recente.

Fresh (o ótimo estreante Sean Nelson) é o garoto esperto que perambula por Nova York mantendo o melhor equilíbrio possível entre a sobrevivência e o desejo de ter um futuro superior ao de sua comunidade afro-americana. Ele trafica drogas, conhece o código das ruas, vive com numerosos primos num cortiço, insiste em freqüentar regularmente a escola e encontra-se clandestinamente com o pai (Samuel L. Jackson, de *Febre da Selva*), um mendigo alcoólatra e gênio no xadrez, que faz as vezes de seu guru.

Fresh é exigido por todos – traficantes, professores, parentes, amigos –, como se fosse o único contraponto sadio à realidade de cada um. Ao mesmo tempo, assume sua dimensão trágica e dribla os obstáculos da vida tomando contato com o poder, a cultura, a malandragem, a morte, o ódio e a prostituição.

O filme é a estréia na direção do roteirista Boaz Yakin, com o aval da co-produção de Lawrence Bender (*Cães de Aluguel*). Apesar de lhe faltar um ritmo mais conciso, nota-se que ele sabia exatamente o que queria. As imagens são poderosas e detalhistas, e sua concepção do personagem Fresh é impressionante: um catalisador de eventos que mergulha involuntariamente num emaranhado de ameaças e que, como testemunha ocular, quase não fala. O ator Nelson consegue passar sua carga emocional em silêncio, elemento principal, aliás, do final, perturbador. Como se não bastasse, a trilha de Stewart Copeland (ex-Police) é sensível a cada nuance dessa tragédia mundana. Na onda de filmes como *Boyz 'N the Hood* e *Perigo para a Sociedade*, *Fresh* consegue ser único e superior.

Christian Petermann

Fresh, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Boaz Yakin ■ FOTOGRAFIA: Adam Holender ■ MÚSICA: Stewart Copeland ■ MONTAGEM: Dorian Harris ■ Com Sean Nelson, Giancarlo Esposito, Samuel L. Jackson ■ DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ■ DURAÇÃO: 109 min.

Columbia TriStar

Lovitz, Crystal e Palance: seqüência não motiva a platéia

EM BUSCA DO OURO PERDIDO

Seqüência de *Amigos, Sempre Amigos* força a barra e perde a graça

Cá está um exemplo clássico de forçação de barra cinematográfica. Diante do sucesso do filme original, lançado em 1992 – e um dos trampolins para a consagração de Billy Crystal –, os realizadores de *Amigos, Sempre Amigos* acharam por bem fazer uma seqüência.

Só que o frescor e a originalidade do primeiro filme ficam faltando. Esta continuação recria situações vistas dois anos antes – como a mãe de Mitch (Crystal) ligando de madrugada para cumprimentá-lo pelo aniversário arbitrariamente, mais como uma obrigação para fazer ponte com o passado do que por uma necessidade da história. E as novidades e "surpresas" da seqüência são insuficientes para motivar a platéia, submetida a diálogos nem sempre divertidos (um espanto, em se tratando dos excelentes roteiristas Babaloo Mandell e Lowell Ganz) e as gagues repetidas *ad nauseam*.

Agora com quarenta anos, Mitch descobre um mapa de tesouro escondido no chapéu que herdou de Curly (Palance). Sai então em busca de US$ 20 milhões em ouro, auxiliado por seu irmão Glen (Lovitz) e pelo neurótico Phil (Stern). Na trilha, uma revelação – a trinca se defronta com o irmão gêmeo de Curly, Duke (Palance) – e perigos que aceleram o ritmo do filme (como o estouro de uma tropa de cavalos, espelhando o estouro de boiada do filme anterior), antes de um reencontro com alguns dos mesmos caubóis vistos no primeiro filme.

J.E.R.

City Slickers II: the Legend of Curly's Gold, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Paul Weiland ■ ROTEIRO: Billy Crystal, Babaloo Mandell e Lowell Ganz ■ MÚSICA: Marc Shaiman ■ Com Billy Crystal, Daniel Stern, Jon Lovitz, Jack Palance, Patricia Wettig ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 116 min.

VELOCIDADE MÁXIMA

Velocidade Máxima

Fox

Segure bem o saquinho de pipoca, aperte os cintos, joque a credibilidade ao vento e prepare-se para vibrar com "v" maiúsculo. *Velocidade Máxima* é cinema pop para ninguém botar defeito, uma encarnação física da proverbial montanha-russa de emoções. Dirigido pelo holandês Jan De Bont, mestre da fotografia de filmes de ação, *Velocidade Máxima* vem repleto de algumas das cenas de perigo mais eletrizantes da história recente do cinema, e não se propõe a ser mais do que realmente é: uma máquina de entretenimento bem azeitada e eficientíssima. *J.E.R.*

(Speed, EUA, 1994) Direção: Jan De Bont. Com Keanu Reeves, Jeff Daniels, Dennis Hopper, Sandra Bullock. Fox.

O Lobo

Columbia TriStar

O LOBO

Se não fosse por Jack Nicholson, *O Lobo* seria uma daquelas bombas que destroem a carreira de qualquer diretor. O ator consegue pôr charme e humor em um filme mal escrito, confuso e dirigido com amadorismo. *O Lobo* conta a história de um editor de livros (Nicholson) que, após ser mordido por um lobo, adquire algumas características físicas do animal, como um olfato aguçado e uma força de decatleta. O roteirista Jim Harrison quis criar uma mistura de horror e comédia, usando o lobisomem como metáfora das transformações a que o personagem de Nicholson tem que se submeter para sobreviver num ambiente de trabalho hostil. O filme de Mike Nichols promove uns bons sustos e umas gargalhadas, mas Jack merecia um lobisomem mais legal. *A.B.*

(Wolf, EUA, 1994) Direção: Mike Nichols. Com Jack Nicholson, Michelle Pfeiffer, James Spader, Christopher Plummer. Columbia TriStar.

O CORVO

O Corvo é um filme de horror que vale mais pelo visual que pela história. Os personagens são banais e a história é simples, não fugindo ao clichê homem-morto-injustamente-volta-do-além-para-detonar-assassinos. Eric Draven (Lee) e sua namorada são assassinados por bandidos. Eric, liderado pelo espírito de um corvo, volta da sepultura e mata todos os malvados. Esqueça a simplicidade do roteiro e se concentre no visual do filme. Os cenários (todos feitos em maquete) lembram filmes expressionistas alemães dos anos 20 e 30. A fotografia é caprichada e algumas cenas, como as filmagens em câmera lenta do corvo voando pela cidade, são deslumbrantes. *A.B.*

(The Crow, EUA, 1994) Direção: Alex Proyas. Com Brandon Lee, Ernie Hudson, Michael Wincott, David Patrick Kelly. Warner.

A RAINHA MARGOT

O filme de Patrice Chéreau, mestre da ópera e do teatro franceses, é ambicioso (dramatiza a violência político-religiosa durante o século 16 na França utilizando um elenco salpicado de superestrelas européias) e bem longo (são 164 min.). É também o filme mais caro de todos os tempos no cinema francês – teve um orçamento de US$ 21 milhões, uma fábula em termos europeus. Adaptado do romance homônimo de Alexandre Dumas, opera com a estrutura ágil de um thriller político contemporâneo. Os muitos paralelos que podem ser traçados com crises religiosas e étnicas na Europa enfatizam esse caráter atual de *A Rainha Margot*, mostrando como, quanto mais o tempo passa, mais a humanidade permanece a mesma. É um filme fascinante sobre intriga e amor proibido, que deixa o público colado na cadeira, de olho na tela, do começo ao fim. *J.E.R.*

(La Reine Margot, França/Alemanha/Itália, 1994) Direção: Patrice Chéreau. Com Isabelle Adjani, Daniel Auteuil, Jean-Hughes Anglade, Vincent Perez, Virna Lisi. Lumiere.

O SOMBRA

Tinha tudo para dar certo: Hollywood decide utilizar US$ 40 milhões e recursos visuais dos anos 90 para filmar um clássico do rádio e dos livros juvenis que conquistou gerações sucessivas durante quase seis décadas. Mas o que está na tela é uma comédia de erros que só não é 100% cômica porque é trágica. Sem o conceito visionário de *Batman* e mais cartunesco que *Dick Tracy*, *O Sombra* nunca encontra seu tom. Como astro de filmes de ação e fantasia, ainda não foi desta vez que Alec Baldwin encontrou o papel ou o roteiro ideais: ao invés de emoções, ele proporciona gargalhadas. Enquanto é Lamont Cranston, Alec até que é digerível. Mas como Sombra ele tem contra si uma maquiagem que deixa expostos apenas os olhos, tão inexpressivos que poderia ser ali qualquer pessoa no lugar dele. *J.E.R.*

(The Shadow, EUA, 1994) Direção: Russell Mulcahy. Com Alec Baldwin, John Lone, Penelope Ann Miller. UIP.

BOLSA DE CINEMA

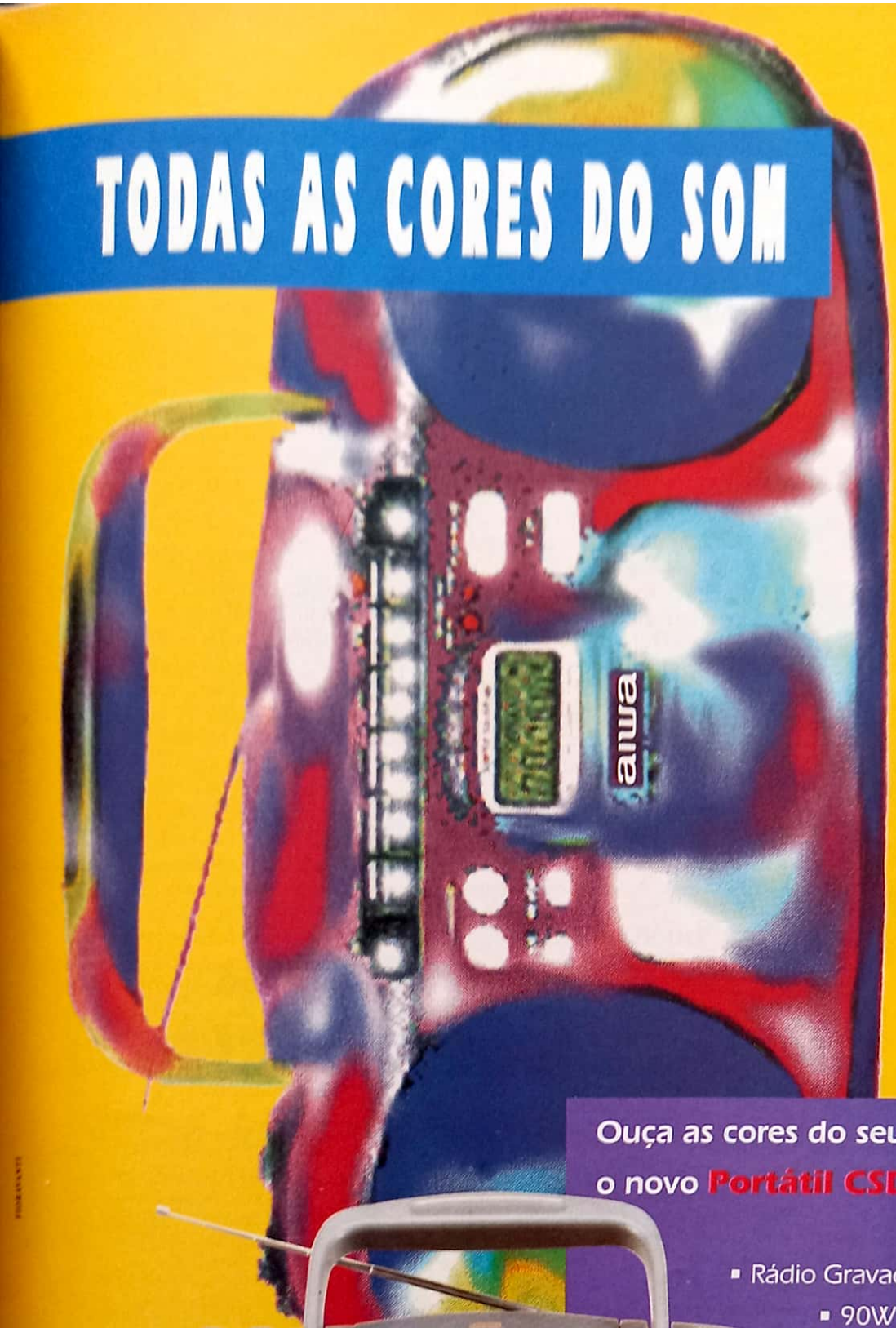
Depois de anos engavetado, o primeiro filme de Walter Rogério chega aos cinemas desbancando as caras produções da indústria americana

	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio O Estado de S. Paulo	Luciano Trigo O Globo	Hugo Suckman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Cristiane Couto MTV	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Antonio Querino Neto Isto É	Christian Petermann SET	Média
Beijo 2348/72 (Pandora)	6	7	7	–	–	5	9	5	8	–	6.7
Amor à Queima-Roupa (Lumiere)	7	8	6	5	6	6	9	–	8	7	6.2
Caminho de Pedras (Look)	4	8	–	5	–	7	7	7	5	–	6.1
Maverick (Warner)	5	6	5	6	5	6	8	6	7	7	6.1
O Lobo (Columbia TriStar)	–	9	7	6	5	5	–	5	6	4	5.8
As Viúvas Alegres (Art Filmes)	4	–	–	6	6	7	–	–	–	6	5.8
Dispara (Condor Filmes)	–	–	5	6	7	5	–	6	–	5	5.6
Um Tira da Pesada 3 (UIP)	5	–	3	–	–	2	6	4	–	–	4.0
Com Mérito (Warner)	–	2	–	–	–	4	–	2	7	–	3.7
Minha Vida (Paris)	–	0	4	–	4	5	–	0	7	–	3.3

TODAS AS CORES DO SOM

aiwa

QUALIDADE
QUE MARCA



Ouça as cores do seu som preferido, com o novo Portátil CSD-EX30 da aiwa.

- Rádio Gravador Estéreo com CD
- 90W (PMPO)
- Auto Reverse
- Controle de Tonalidade
- Memória do CD Player para 20 Seleções
- CD Player com Funções Search e Repeat
- Sintonizador de 3 Faixas (FM/SW/AM)
- Bi-voltagem (110-120V/220-240V) Ajustáveis

IMPORTADO

TRILHAS SONORAS

MELODIAS QUE GRUDAM NO OUVIDO

EVEN COWGIRLS GET THE BLUES

de k.d. lang (Sire/Warner, 1993)

k.d. lang prova ser uma das cantoras/compositoras mais interessantes atualmente em atividade na música popular americana. Transitando com a mesma beleza e suavidade do country ao blues, ela empresta sua voz aveludada a melodias sedutoras e insinuantes. Sempre associada ao parceiro Ben Mink (guitarra e arranjos de cordas), ela compôs e produziu uma trilha sonora impressionante para o mais novo filme de Gus Van Sant, *Even Cowgirls Get the Blues*.

A história de descoberta sexual e social nas amplas paisagens do Oeste moderno se traduz em canções de imediata assimilação, formando um conjunto irresistível. k.d. lang atinge alguns de seus melhores momentos com as belíssimas "In Perfect Dreams", "Lifted by Love" e o remix de "Just Keep Me Moving". Move-se com a mesma naturalidade entre a balada ("Hush Sweet Lover"), a valsa ("Kundalini Yoga Waltz") e o country ("Cowgirl Pride"). Entre as faixas instrumentais, surpreende com "Myth", composta com o tecladista Teddy Borowiecki, belíssima faixa com reminiscências de Erik Satie, e com "Ride of Bonanza Jellybean". Em suma, uma trilha para não sair do aparelho de som. O CD vendido no Brasil é importado.

Christian Petermann

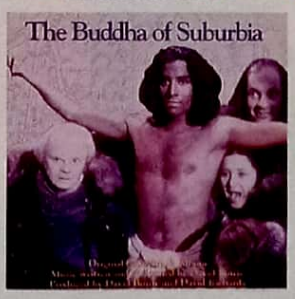
O REI LEÃO

de Elton John e Tim Rice (Natasha, 1994)

Peter Gabriel invadiu as terras de Walt Disney ou Elton John tomou jeito de vez em sua carreira? Na verdade, nem uma coisa nem outra. A trilha sonora de *O Rei Leão* mantém todos os elementos que fizeram o compositor inglês ser respeitado – e depois rejeitado: belas melodias, exageradas no açúcar, mas que grudam no ouvido logo de cara. O que muda apenas é o tratamento dado a elas. Foram chamados músicos africanos – Lebo M., Mbongengi Ngema –, que colocaram o famoso "toque nativo" e tiraram a trilha do filme de Walt Disney da mesmice. Um bom exemplo é justamente a faixa de abertura, "Circle of Life". O encontro de duas das escolas vocais mais ricas do mundo, o afro e o gospel, dão um clima pomposo. Entra o belo vocal de Carmen Twilie e "Circle" cresce ainda mais, tendo um final extático. Já a interpretação de Elton não é o que podemos chamar de perfeita.

"I Just Can't Wait to Be the King" tem guitarras típicas da ju ju music, um estilo muito popular em regiões como Nigéria e Zaire. Basta Elton John cantá-la, mais adiante, para transformar "I Just..." num "roquinho". As scores, a cargo de Hans Zimmer, são competentes dentro do filme. Elton John acerta de vez em "Can You Feel the Love Tonight". É nessa balada que ele se sente em casa, interpretando-a com a emoção que fez milhares de namorados comprarem seus discos. De quebra, o cantor inglês teve a seu lado Tim Rice, um dos poucos letristas em condições de bater de frente com seu inseparável parceiro Bernie Taupin.

Sérgio Martins



THE BUDDHA OF SUBURBIA

de David Bowie (BMG-Ariola, 1994)

Se a trilha de Ryuichi Sakamoto traduz com rigor o clima esotérico de *O Pequeno Buda* (de Bertolucci), a de David Bowie para *The Buddha of Suburbia* (de Roger Michell) registra as impressões atualizadas do mito para uma atmosfera urbana, como manda o figurino. Ao contrário de Sakamoto, Bowie compôs dez canções independentes entre si. Como ele teve que pesquisar referências dos anos 70, nos quais se passa a ação do filme, Bowie achou inspiração em seu próprio trabalho, realizado numa época de tremenda inventividade.

Esta trilha não é apenas um sangue novo muito bom que corre pelas veias do filme; é também um dos melhores discos de Bowie nos últimos anos. Ele resgata a atmosfera das peças climáticas de *Low* e a energia de *Pin-Ups*, recicla a house music em "Sex and the Church" e brinca de acid jazz em "South Horizon". Não é qualquer filme que tem uma trilha dessas.

Walter de Silva

L I V R O

POLÊMICA FELLINIANA

CONFLITO E INTERPRETAÇÃO EM FELLINI

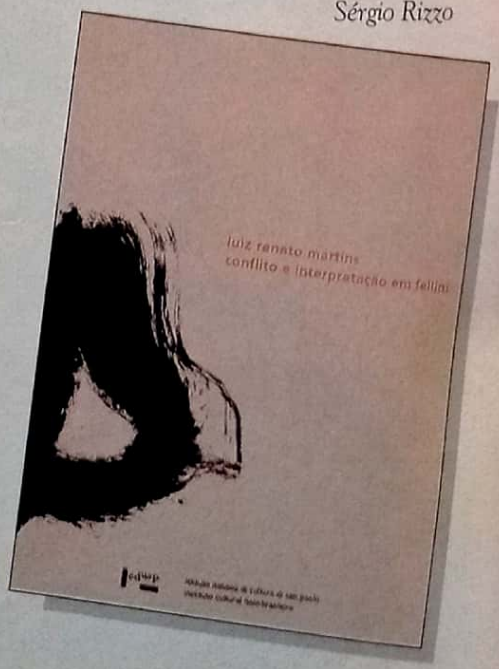
(de Luiz Renato Martins, ed. Edusp/Inst. Italiano di Cultura di San Paolo/Inst. Cultural Ítalo-Brasileiro, 164 págs.)

Para Luiz Renato Martins, professor da Unicamp, o cinema do italiano Federico Fellini (1920-1993) nada tem de "nostálgico", "vivencial" ou "exasperadamente pessoal", como se costuma supor. Ao contrário: é "radicalmente analítico e político" – e, dessa maneira, impessoal.

Conflito e Interpretação em Fellini investe, portanto, contra autênticos dogmas. Caminha em sentido contrário ao da grande maioria das análises já realizadas sobre a obra do cineasta e chega a um resultado no mínimo provocante.

Ainda que a aridez do texto possa afastar leitores pouco habituados ao discurso acadêmico, há material de sobra no livro para fazer com que os admiradores do cineasta considerem ao menos a hipótese de reavaliar sua obra, em boa parte já disponível em vídeo. Martins escora-se sobretudo no exame rico e detalhado de filmes dos anos 70 e 80, como *Amacord* (1973) e *Cidade das Mulheres* (1980). Ao compará-los a clássicos das décadas de 50 e 60, como *A Doce Vida* (1960) e *Oito e Meio* (1963), destaca as semelhanças e diferenças que ilustram sua interpretação. Polêmica e discutível, sem dúvida, mas sempre estimulante.

Sérgio Rizzo



EQUIPAMENTOS

CD-ROM, A VEDETE DA 8ª FENASOFT

Para quem pretende visitar a 9ª Fenasoft em 1995 (que acontecerá de 18 a 21 de julho), um alerta: prepare-se para enfrentar uma das maratonas mais difíceis de sua vida, o que inclui fila para entrar, fila para comprar água, fila para ir ao banheiro; calce um par de sapatos bem confortáveis, porque anda-se sem parar por horas; e, apesar de a feira acontecer no inverno, vista uma roupa bem leve, porque o calor que faz no Anhembi é insuportável.

A maior e mais importante feira de informática do país quebrou todos os recordes na 8ª edição, que aconteceu de 19 a 22 de julho último. Os organizadores, que esperavam cerca de 500 mil visitantes, viram suas expectativas ultrapassarem a casa das 750 mil pessoas, quebrar a barreira dos US$ 3 bilhões em negócios e, ainda, viram seus estoques de equipamentos e periféricos desaparecerem. O segredo desse

sucesso? É simples: o brasileiro parece que finalmente perdeu o medo destas máquinas incríveis e imprescindíveis no nosso dia-a-dia.

Com seus estandes lotados de usuários e iniciantes na informática, a 8ª Fenasoft serviu como um termômetro das tendências do mercado. E uma delas aponta para um programa que já faz a cabeça dos gamemaníacos: o CD-ROM. Qualquer estande que estivesse demonstrando uma dessas maravilhosas engenhocas da multimídia logo ficava lotado, e se tornava quase impossível ultrapassar a massa humana.

Um dos lançamentos mais procurados foi o CD-ROM *Prince Interactive*, no qual o usuário se aventura em um universo que mostra os últimos dez anos do cantor Prince, da Compton's NewMedia – empresa conhecida no Brasil pela *Compton's Interactive Encyclopedia*, e que se associou à Brasoft, Itautec e à CD-ROM Publicações Eletrônicas para distribuir seus produtos.

Dos 200 títulos de programas da Compton's, cinqüenta estarão sendo lançados no mercado brasileiro nos próximos meses, entre eles *MusicROM Jazz* e *MusicROM Blues*. A maior novidade da Compton's NewMedia, no entanto, é o acordo realizado com o estúdio americano Warner Bros. para a produção em CD-ROM de *Babilônia 5*, série no estilo de *Guerra nas Estrelas*.

Deborah Peleias

PROMOÇÃO

VIAJE PELAS TRILHAS SONORAS

ESTES SÃO OS GANHADORES

Vera Lúcia Martins - São Paulo - SP
Marcelo Ris - São Paulo - SP
Eunice Miki Ito - S.Bernardo do Campo - SP
Adriana Vieira Ferro - São Paulo - SP
Érika Cristina C. Neves - São Luís - MA
Jean Carlos Silva - Itapecirica da Serra - SP
Rafael A.Azevedo dos Santos - Niterói - RJ
João Batista Gonçalves - Florianópolis - SC
Mônica Beverari - São Paulo - SP
Fábio Lamas - São Paulo - SP
Adriana Peagno - Osasco - SP
Edmara Oliveira Ferreira - Guaratinguetá - SP
Gustavo D. de Oliveira - Belo Horizonte - MG
Sueli Correa Vieira - Rio de Janeiro - RJ
Marco Paulo T. da Silva Jr. - Macaé - RJ
Carmem Sílvia Casonato - Rio Claro - SP
Márcio Roberto Zanucci - Americana - SP
Sílvia Cristina da Silva - Santa B. d'Oeste - SP
Luís Arnaldo L. Gastão - Resende - RJ
Haroldo Esteves - Rio de Janeiro - RJ

CONFIRA AS RESPOSTAS CORRETAS DO TESTE

1) B - "Claire de Lune", de Debussy
2) C - Michael Stype
3) B - Tim Burton
4) A - O Sonho De Um Arquiteto
5) C - Wendy Carlos

TODOS OS GANHADORES RECEBERÃO SEUS PRÊMIOS PELO CORREIO

PROMOÇÃO

SET CINEMA & VÍDEO Sony Music

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃO E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP 05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP 04510-040
tel / fax (011) 829 7235

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP 14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

JEAN RENOIR

O GÊNIO BONACHÃO

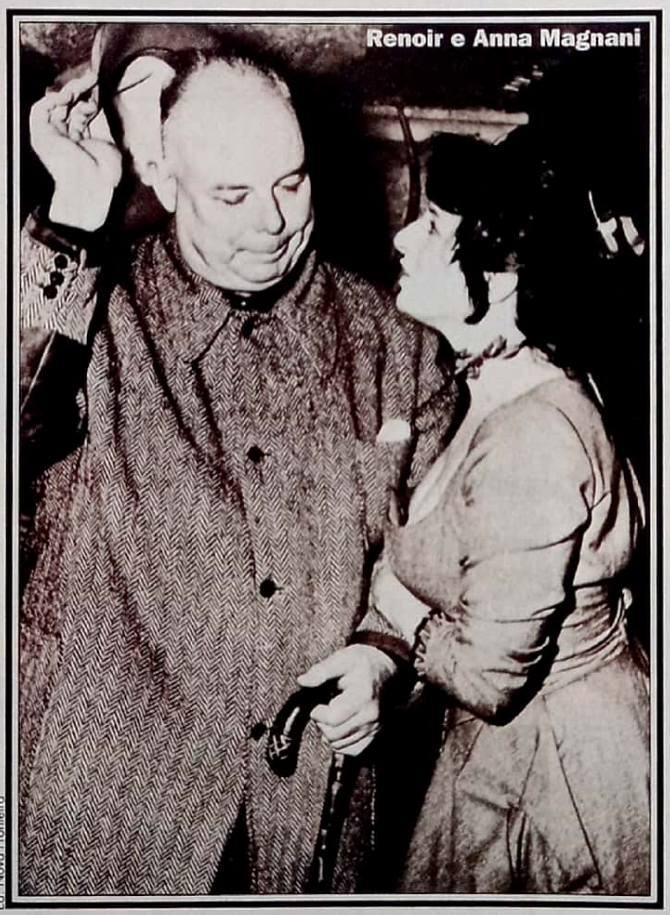
Gaumont

Na vida e atrás das câmeras, o mais cineasta dos franceses – cujo centenário de nascimento se comemora neste 15 de setembro – provou que "Felicidade" é o quarto mote que deveria ser acrescentado ao lema da Revolução Francesa

Se há uma palavra que se aplica mal a Jean Renoir, é "mito". Não que sua obra tenha pouca importância – ao contrário. Nem porque sua personalidade não seja fascinante. É o inverso.

Mas a família Renoir parece, desde Pierre Auguste, o célebre pintor impressionista, pai do cineasta, ter feito de viver a sua principal arte. Nenhuma solenidade, nenhum desses tiques das pessoas que se acham melhores do que o mundo fazem parte da infância de Jean. Nada. Apenas uma vida que flui sem sobressaltos, como um rio tranqüilo.

Ou quase. Aventuras não faltaram à vida de Jean Renoir. Basta lembrar que durante a Primeira Guerra ele foi aviador, terminou ferido e esteve com uma perna para ser amputada, com suspeita de gangrena. Graças a uma mudança na direção do hospital em que se encontrava, os médicos suspenderam a operação na última hora. Renoir ficou com suas duas pernas intactas. Ou quase: daí por diante, uma ficou maior do que a outra.


Renoir e Anna Magnani

Ed. Novo Fronteiro

Não, Renoir não sofria com isso. Pelo contrário. A perna mais curta, que o fazia mancar, tornou-se uma boa desculpa para não ter que andar (coisa que detestava) e para comer e engordar tranqüilamente (coisa que adorava). Jean sempre podia dizer que, se não fosse por causa da perna mais curta, andaria mais e, por isso, seria um homem magro.

Pierre era um grande pintor, como todos sabem. Ele, porém, não sabia ou não se importava com isso. Preferia bolar teorias pedagógicas, como aquela segundo a qual crianças não devem ser alfabetizadas antes dos dez anos. Idéia que pretendia levar à prática no caso de Jean, não fosse o nascimento de um irmão – o que provocou tais crises de ciúmes que o acabaram despachando para a escola, de tanto que infernizava em casa com a ciumeira.

Renoir adorava seu pai, seu jeito, suas atitudes. Ele contava com prazer a história da mulher, branquíssima, que antes de ser retratada por Pierre Auguste passou horas com um par de bifes no rosto, para ganhar cor. Ao saber disso, Pierre aconselhou-a vivamente a tomar sol para ficar corada e a comer bife.

Um dos orgulhos de Renoir era constatar que o pai havia inventado a mulher moderna através de seus quadros. A mulher robusta, morena, meiga, de estranhos penteados, que era moda na época, cedia lugar em sua pintura a uma mulher cujos cabelos tinham caimento natural e em quem os traços já sinalizavam a independência e a vida própria que adquiririam depois. Para Renoir,

aliás, Brigitte Bardot, o melhor resumo da mulher francesa em todos os tempos, não era, no fim das contas, mais que uma invenção de seu pai.

Mas, quem foi Renoir, o cineasta? De *Naná*, filme mudo, até o sonoro *A Besta Humana*, ambos baseados em Emile Zola, ou *A Cadela*, Renoir sabia tocar o trágico da existência humana. Em outros momentos, como em *Toni*, foi ao campo conhecer a vida das pessoas. Voltou com o filme que por todos os títulos é considerado o precursor do neo-realismo. Tanto os interiores como os exteriores eram reais, e a maior parte do elenco era composta de amadores do local.

Na época do Front Populaire, união da esquerda francesa nos anos 30, não se envergonhou de fazer cinema engajado, e de primeira, com *A Marselhesa*. Mas ele podia, ao mesmo tempo, dialogar com a natureza, à moda do pai (e reconstituindo alguns de seus quadros) em *Une Partie de Campagne*.

Da análise da carapaça que levam os seres humanos em suas relações sociais (*A Regra do Jogo*) até a constatação de um mundo cavalheiresco que chegava ao fim (a Europa da Primeira Guerra, em *A Grande Ilusão*), é difícil encontrar um registro em que Renoir não se desse bem.

Ora, o mais estranho nisso tudo é que os filmes de Renoir raramente foram sucesso e, com freqüência, eram avacalhados pela crítica. Talvez isso se deva à sua incapacidade para compor vilões. Mesmo quando trata de *femmes fatales* fatalíssimas, como a Séverine de *A Besta Humana* ou a Lulu de *A Cadela*, Renoir parece incapaz de torná-las odiáveis. Ao contrário, os filmes são sempre tentativas de compreender suas atitudes, de tornar compreensível o que em princípio se tem por inaceitável.

O exemplo mais radical talvez ainda seja o de *Boudu Salvo das Águas*, em que Michel Simon faz o simpático Boudu, misto de mendigo e anarquista que tenta se matar jogando-se no rio Sena. Salvo, a sociedade quer domesticá-lo. Mas Boudu é indomesticável, é como uma *femme fatale* que leva a liberdade às últimas conseqüências, recusa a etiqueta e vê nas convenções da sociedade a sombra de uma permanente infelicidade.

Ora, Renoir foi isso: um republicano radical, para quem o lema da Revolução de 1789 – Liberdade, Igualdade, Fraternidade – devia se concretizar em uma quarta palavra: felicidade. Mas a primeira dessas palavras, Liberdade, é a chave de tudo: ser livre para olhar, para filmar, para viver.

Essas idéias, que trouxe de casa, fazem de Renoir o mais francês dos cineastas e o mais cineasta dos franceses. Como um pintor, ele captava o efêmero de um gesto. Mas, ao contrário do pintor, não imobilizava esse gesto, não o imortalizava. O gesto, os rostos, os corpos, os lugares, sucedem-se, substituem-se uns aos outros: são humanos, portanto transitórios.

Mas, por isso mesmo, cada um de seus filmes e, mais do que isso, o conjunto deles, termina ficando na lembrança como expressão acabada da França até 1960.

Jean Renoir é o mais carnal, o mais claro, o mais bonachão dos cineastas. Nesse sentido é um antimito. Mas é também a expressão de uma França em que se vive alegremente, em que a felicidade e a beleza se encontram em cada esquina, em que todos pensam e falam o que querem, vivem como querem. Uma França mítica, claro, e que, em parte, Jean Renoir inventou. É com esse mito que Renoir se confunde. É isso que o torna um mito apesar de tudo. Mito *malgré lui* e cineasta como poucos.

Inácio Araujo

SET

World Pictures

Radio Cinema

Ao alto, cena de *A Grande Ilusão* (37); acima, *As Estranhas Coisas de Paris* (56); abaixo, *French Cancan* (54)

Cinedis

Filmografias

AFP

JEAN RENOIR

Diretor, roteirista, também produtor e ator, nascido a 15 de setembro de 1894 em Paris. Falecido em 1979.

Como ator: 1927: LA P'TITE LILI (curta-metragem de Alberto Cavalcanti) ■ 1930: DIE JAGD NACH DEM GLUCK (de Rochus Gliese) ■ 1956: L'ALBUM DE FAMILLE DE JEAN RENOIR (de Roland Gritti e Pierre Desgraupes) ■ 1968: LA DIRECTION D'ACTEURS PAR JEAN RENOIR (média-metragem de Gisèle Braunberger) ■ 1971: THE CHRISTIAN LICORICE STORE (de James Frawley)

Como roteirista: 1924: UNE VIE SANS JOIE/CATHERINE (de Albert Dieudonné, também como ator) ■ 1929: LE PETIT CHAPERON ROUGE (de Alberto Cavalcanti, também como ator, co-roteirista)

Como diretor: 1924: LA FILLE DE L'EAU (também como diretor de arte e produtor) ■ 1925: NANA (também como produtor, editor e co-roteirista) ■ 1927: CHARLESTON/SUR UN AIR DE CHARLESTON (média-metragem, também como produtor); MARQUITTA (também como co-roteirista) ■ 1928: LA PETITE MARCHANDE D'ALLUMETTES (também como roteirista e co-produtor, co-direção de Jean Tedesco); TIRE AU FLANC (também como co-roteirista) ■ 1929: LE TOURNOI/LE TOURNOI DANS LA CITÉ (também como co-roteirista); LE BLED (também como co-roteirista) ■ 1931: ON PURGE BÉBÉ (também como roteirista); A CADELA (*La Chienne*, também como co-roteirista, co-editor e co-produtor executivo) ■ 1932: LA NUIT DU CARREFOUR (também como co-roteirista); BOUDU SALVO DAS ÁGUAS (*Boudu Sauvé des Eaux*, também como co-roteirista) ■ 1933: CHOTARD ET COMPAGNIE (também como co-roteirista) ■ 1934: MADAME BOVARY (também como roteirista); TONI/LES AMOURS DE TONI (também como co-roteirista) ■ 1935: CRIME ET CHÂTIMENT ■ 1936: O CRIME DE M. LANGE (*Le Crime de Monsieur Lange*, também como co-roteirista); LA VIE EST À NOUS (também como ator e co-roteirista); UNE PARTIE DE CAMPAGNE (também como ator e roteirista); BAS-FOND (*Les Bas-Fonds*, também como co-roteirista) ■ 1937: A GRANDE ILUSÃO (*La Grande Illusion*, também como co-roteirista) ■ 1938: A MARSELHESA (*La Marseillaise*, também como co-roteirista); A BESTA HUMANA (*La Bête Humaine*, também como ator e roteirista) ■ 1939: A REGRA DO JOGO (*La Règle du Jeu*, também como ator e co-roteirista) ■ 1941: O SEGREDO DO PÂNTANO (*Swamp Water*); LA TOSCA (também como co-roteirista, direção de apenas uma seqüência reunindo cinco cenas) ■ 1943: THE AMAZING MRS. HOLLIDAY; ESTA TERRA É MINHA (*This Land Is Mine*, também como co-roteirista e co-produtor) ■ 1944: SALUTE TO THE FRANCE (curta-metragem, também como co-roteirista, co-direção) ■ 1945: AMOR À TERRA (*The Southerner*, também como roteirista) ■ 1946: SEGREDOS DE ALCOVA (*The Diary of a Chambermaid*, também como co-roteirista); A MULHER DESEJADA (*The Woman on the Beach*, também como co-roteirista) ■ 1950: O RIO SAGRADO (*The River*, também como co-roteirista) ■ 1952: LE CARROSSE D'OR/LA CARROZZA D'ORO (também como co-roteirista) ■ 1954: FRENCH CANCAN (também como roteirista e produtor) ■ 1956: AS ESTRANHAS COISAS DE PARIS (*Eléna et les Hommes*, também como roteirista) ■ 1959: O TESTAMENTO DO DR. CORDELIER (*Le Testament du Docteur Cordelier*, também como roteirista e co-produtor executivo, para a TV); LE DÉJEUNER SUR L'HERBE (também como roteirista e produtor executivo) ■ 1962: LE CAPORAL ÉPINGLÉ (também como co-roteirista) ■ 1973: LE PETIT THÉÂTRE PAR JEAN RENOIR (também como narrador, roteirista e produtor)

Fotos Warner

LAWRENCE KASDAN

Diretor, roteirista e produtor, nascido a 14 de janeiro de 1949 em Miami, Flórida.

Como roteirista: 1980: O IMPÉRIO CONTRA-ATACA* (*The Empire Strikes Back*, de Irvin Kershner, como co-roteirista) ■ 1981: OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA* (*Raiders of the Lost Ark*, de Steven Spielberg, como co-roteirista); BRINCOU COM FOGO... ACABOU FISGADO* (*Continental Divide*, de Michael Apted) ■ 1983: O RETORNO DE JEDI* (*Return of the Jedi*, de Richard Marquand, como co-roteirista)

Como diretor: 1981: CORPOS ARDENTES* (*Body Heat*, também como roteirista) ■ 1983: O REENCONTRO* (*The Big Chill*, também como co-roteirista e co-produtor executivo) ■ 1985: SILVERADO* (também como co-roteirista e produtor) ■ 1988: O TURISTA ACIDENTAL* (*The Accidental Tourist*, também como co-roteirista e co-produtor) ■ 1990: TE AMAREI ATÉ TE MATAR* (*I Love You to Death*) ■ 1991: GRAND CANYON – ANSIEDADE DE UMA GERAÇÃO* (*Grand Canyon*, também como co-roteirista e co-produtor) ■ 1994: WYATT EARP (também como co-roteirista e co-produtor)

Como produtor: 1987: JURO POR DEUS* (*Cross My Heart*, de Armyan Bernstein) ■ 1989: QUASE UMA FAMÍLIA* (*Immediate Family*, de Jonathan Kaplan, como produtor executivo) ■ 1992: CAMINHOS DA VIDA* (*Jumpin at the Boneyard*, de Jeff Stanzler, como produtor executivo); O GUARDA-COSTAS (*The Bodyguard*, de Mick Jackson, como roteirista e co-produtor)

Como ator: 1985: UM ROMANCE MUITO PERIGOSO* (*Into the Night*, de John Landis)

DENNIS QUAID

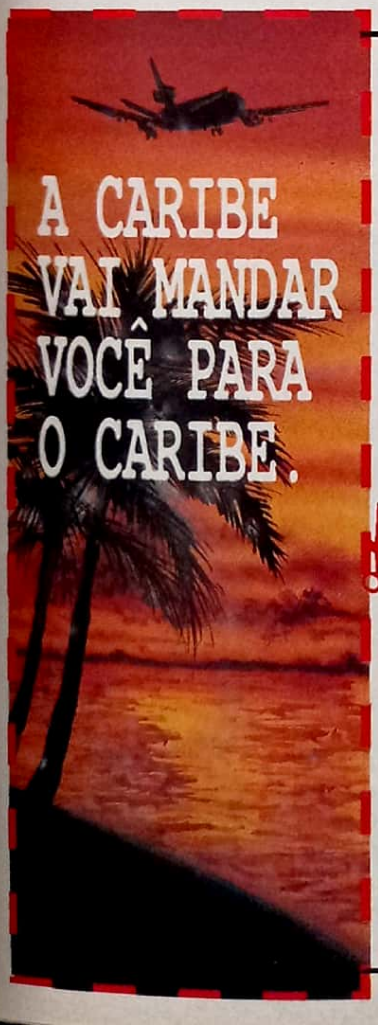
Ator, também cantor e compositor, nascido a 9 de abril de 1954 em Houston, Texas.

1977: O ESPÍRITO DE JAMES DEAN (*9/30/55/September 30, 1955*, de James Bridges) ■ 1978: VOCÊ ESTÁ SOZINHA? (*Are You in the House Alone?*, de Walter Grauman, para a TV); SENIORS – DEU A LOUCA NO CAMPUS* (*The Seniors*, de Rod Amateau); OUR WINNING SEASON (de Joseph Ruben) ■ 1979: AMATEUR NIGHT AT THE DIXIE BAR AND GRILL (de Joel Schumacher, para a TV); GORP – ZORRA TOTAL* (*G.O.R.P.*, de Joseph Ruben); CORRENDO PELA VITÓRIA* (*Breaking Away*, de Peter Yates) ■ 1980: CAVALGADA DE PROSCRITOS (*The Long Riders*, de Walter Hill) ■ 1981: ALL NIGHT LONG (de Jean-Claude Tramont); O HOMEM DAS CAVERNAS* (*Caveman*, de Carl Gottlieb); THE NIGHT THE LIGHTS WENT OUT IN GEORGIA (de Ronald F. Maxwell, também autor de algumas canções); BILL (de Anthony Page, para a TV) ■ 1982: JOHNNY BELINDA (de Anthony Harvey, para a TV) ■ 1983: SEDE DE TRIUNFO (*Tough Enough*, de Richard Fleischer); TUBARÃO 3* (*Jaws 3-D*, de Joe Alves); OS ELEITOS – ONDE O FUTURO COMEÇA* (*The Right Stuff*, de Philip Kaufman); BILL: ON HIS OWN (de Anthony Page, para a TV) ■ 1984: A MORTE NOS SONHOS* (*Dreams-cape*, de Joseph Ruben) ■ 1985: INIMIGO MEU* (*Enemy Mine*, de Wolfgang Petersen) ■ 1987: O AJUSTE DE CONTAS* (*The Big Easy*, de Jim McBride, também autor de algumas canções); VIAGEM INSÓLITA* (*Innerspace*, de Joe Dante); SOB SUSPEITA* (*Suspect*, de Peter Yates) ■ 1988: MORTO AO CHEGAR* (*D.O.A.*, de Rocky Morton e Annabel Jankel); QUANDO ME APAIXONO* (*Everybody's All-American/When I Fall in Love*, de Taylor Hackford) ■ 1989: A FERA DO ROCK* (*Great Balls of Fire!*, de Jim McBride) ■ 1990: LEMBRANÇAS DE HOLLY-WOOD* (*Postcards From the Edge*, de Mike Nichols); BEM-VINDOS AO PARAÍSO* (*Come See the Paradise*, de Alan Parker) ■ 1993: DOIS ESPIÕES E UM BEBÊ* (*Undercover Blues*, de Herbert Ross); FLESH AND BONE (de Steve Kloves) ■ 1994: WYATT EARP (de Lawrence Kasdan)

**disponível em vídeo*

Viagem, natureza, ecologia.

Nas bancas. EDITORA AZUL



Caribe Home Video

Caribe te espera!

Participe desta Promoção

ARS 575-6671

Corra, recorte hoje mesmo o cupom ao lado e faça-nos uma visita! Além de conhecer-nos você poderá participar desta incrível promoção. Informe-se pelo telefone abaixo.

Promoção por tempo limitado

*** Abra uma revenda Caribe em sua região**

- 15.000 fitas a sua escolha
- Assessoria total para quem está iniciando
- Atendemos colecionadores e aficcionados
- Enviamos para todo o Brasil (SEDEX)

MATRIZ - São Paulo - SP
R. Voluntários da Pátria, 1223
Santana - CEP 02011-100
(a 30m. do Metrô Carandirú)
Fones:(011) 267-9200 / 290-9419
Fone/Fax:(011) 290-9419

FILIAL - SP
S.J. dos Campos
Pça. Cônego Lima, 08
1-A - Sala 11 - Centro
CEP 12210-080
Fone:(0123) 23-4096

FILIAL - SC
Florianópolis
R. Arcipreste Paiva, 85 - Sl.303
Ed. Cidade de Florianópolis
ao lado da Catedral
Fone:(0482) 24-2517

Dulce Damasceno de Brito

O PESO DE UM SOBRENOME FAMOSO

Quando Michael Douglas ganhou o Oscar de melhor ator de 1987 por *Wall Street*, ele dedicou-o a seu pai Kirk que, em quase cinqüenta anos de carreira e cerca de setenta filmes, jamais arrebatara a cobiçada estatueta, embora candidato por três vezes. Outro exemplo de filha talentosa foi Tatum O'Neal que, aos dez anos, recebeu o Oscar de coadjuvante por *Lua de Papel* – em que contracenava com seu famoso papai, Ryan. Mas esses casos são raros. Na verdade, é dificílimo para a nova geração fazer jus aos sobrenomes consagrados no passado.

Uma das poucas que vem trabalhando em um filme após o outro e já conquistou público e crítica com seu talento e beleza é Bridget Fonda, filha de Peter, neta de Henry e sobrinha de Jane Fonda. O mais curioso é que, nos anos 60 e 70, os irmãos Peter e Jane fizeram controversas carreiras: ele não conseguiu manter o equilíbrio profissional e, ela, após alguns deslizes políticos e o deslumbramento *Barbarella*-Roger Vadim, acabou consagrada, detentora de dois Oscar. Isso tudo além de, na vida pessoal, Jane ter se casado com o milionaríssimo e charmoso Ted Turner, dono da maior cadeia de notícias e filmes da TV: a CNN.

Também não podemos esquecer o relativo sucesso daqueles que pertencem a famílias com nomes conhecidos: Jeff e Beau, filhos de Lloyd Bridges; os irmãos Alec, William, Daniel e Stephen Baldwin; David, Keith e Robert, filhos do tétrico John Carradine; James Belushi, cujo irmão John teve uma brilhante carreira tragicamente interrompida quando morreu de overdose de drogas em 1982, com apenas 33 anos; Kiefer Sutherland (filho de Donald); os irmãos Randy e Dennis Quaid, que continuam ativos; Eric, irmão mais velho de Julia Roberts; e as irmãs Rosanna e Patricia Arquette.

Convém lembrar que existem casos como o de Shirley MacLaine e o irmão caçula Warren Beatty, ambos bem-sucedidos e premiados. Sem esquecer os que optaram – ou foram obrigados a optar – pelo anonimato artístico. Das quatro filhas de Tony Curtis, apenas Jamie Lee seguiu a carreira do pai. Das irmãs Margaux e Mariel Hemingway, a primeira fracassou, enquanto a segunda continua ativa. Os filhos de Robert Mitchum, James e Christopher, jamais conseguiram se destacar, apesar das tentativas. A talentosa e belíssima Ingrid Bergman deixou como herdeiras as gêmeas Isotta e Isabella Rossellini, mas apenas a última está fazendo carreira como modelo e atriz.

Arquivo: Dulce Damasceno de Brito

Embora reconhecendo que terão de lutar duplamente para conquistar o público, os membros da nova safra hollywoodiana tentam um lugar ao sol. Vemos aí Chad McQueen (filho de Steve), Nick Cassavetes (filho de John), Mariska Hargitay (filha de Jayne Mansfield), Chris Lemmon (filho de Jack), Lorenzo Lamas (filho de Fernando), Tahnee Welch (filha de Raquel), Sean Astin (filho de Patty Duke), Ashley Hamilton (filho de George Hamilton), Josh Evans (filho de Ali MacGraw), Natasha e Kate Wagner (filhas de Natalie Wood), Francesco Quinn (filho de Anthony) e Tyrone Power III (filho do antigo astro do mesmo nome). Todos eles querem provar que sua vocação artística é inata, apesar de casos como o de Sofia Coppola, malhada pela imprensa como canastrona, não justificando o esforço do pai-diretor Francis Ford Coppola, que a lançou em *O Poderoso Chefão 3*.

Existem, porém, aqueles que deram a volta por cima e souberam enfrentar os revezes, chegando a pagar o alto preço de um nome famoso. Drew Barrymore tinha apenas sete anos quando Steven Spielberg lhe confiou o papel da amiguinha terrestre do E.T. no vitorioso filme de 1982. A pequena atriz saiu-se muito bem, embora carregasse nos ombros a responsabilidade de ser filha de John Jr., neta de John Barrymore, e sobrinha-neta de Ethel e Lionel Barrymore. Depois de *E.T.*, Drew só fez filmes medíocres, o que a levou a uma depressão profunda e, precocemente, ao uso de drogas. Em 1992, aos dezessete anos, ao sair de uma clínica para viciados, ela escreveu um livro cruel e comovente, *Little Girl Lost*, em que contava sua história: aos dez anos começou a fumar maconha, aos doze já havia passado para a cocaína e, aos quatorze, tentou o suicídio cortando os pulsos com uma faca de cozinha que, felizmente, não estava bem afiada.

New Line

Em 1982, Bridget e Jane Fonda (ao centro) recebem em nome de Henry Fonda o Oscar de melhor ator por *Num Lago Dourado*; ao lado, Drew Barrymore, "herdeira" de uma linhagem de atores que inclui John e Lionel Barrymore

Drew Barrymore agora faz uma promissora volta ao *show business* com o telefilme *Amy Fisher, a Ninfeta Assassina* e o faroeste de cinema *Quatro Mulheres e Um Destino*, com Madeleine Stowe, Mary Stuart Masterson e Andie MacDowell. Será que Drew acha que valeu a pena o preço que pagou para atingir a fama e preservar o ilustre sobrenome?

VÍDEO SET

SETEMBRO

• **A CASA DOS ESPÍRITOS**
Realismo fantástico com um superelenco

• **UMA BABÁ QUASE PERFEITA**
Robin Williams troca de roupa e de personalidade

• **EM NOME DO PAI**
Daniel Day-Lewis enfrenta a injustiça

• **O LEOPARDO**
A obra-prima do cineasta Luchino Visconti

JURASSIC PARK

OS DINOSSAUROS DE SPIELBERG INVADEM SUA CASA

•O PEQUENO BUDA • ZONA DE PERIGO • O DOSSIÊ PELICANO
•GILBERT GRAPE • SONATA DE OUTONO
•JAMAICA ABAIXO DE ZERO • UMA NOITE ALUCINANTE 3

O ROMANCE DA DÉCADA BASEADO NA FAMOSA NOVELA DE **ISABEL ALLENDE**

WINONA RYDER

MERYL STREEP

JEREMY IRONS

GLENN CLOSE

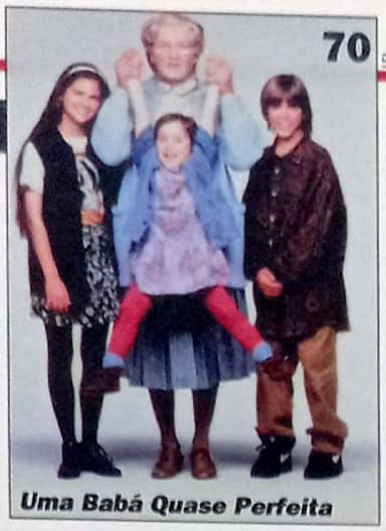
ANTONIO BANDERAS

CONSIDERADO PELA CRÍTICA INTERNACIONAL
UMA MISTURA DE "DR. JIVAGO" E "O VENTO LEVOU"

um filme de
BILLE AUGUST

A CASA DOS ESPÍRITOS

JÁ NA SUA LOCADORA



Uma Babá Quase Perfeita

HITS

67 JURASSIC PARK
O sonho tecnológico de Spielberg

70 UMA BABÁ QUASE PERFEITA
A metamorfose de Robin Williams

FÁBULAS

57 O JARDIM SECRETO
O universo da imaginação infantil

62 MAX, MEU AMOR
Um chimpanzé como objeto do desejo

63 O PEQUENO BUDA
O budismo segundo Bertolucci

VIDA EM FAMÍLIA

Paris

56 A CASA DOS ESPÍRITOS
Cinqüenta anos de história do Chile através dos Trueba

57 O CLUBE DA FELICIDADE E DA SORTE
Mulheres simbolizam choque cultural e de gerações

59 GILBERT GRAPE
O cotidiano sufocante do interior americano

64 SONATA DE OUTONO
Bergman disseca o conflito entre mãe e filha

RETRATOS DE ÉPOCA

58 EM NOME DO PAI
Daniel Day-Lewis protagoniza a crônica de uma injustiça

59 MAC
John Turturro revê os não tão dourados anos 50

60 O LEOPARDO
Visconti e a morte da nobreza

62 NOITES FELINAS
O testamento de Cyril Collard

Stills

COMÉDIA

70 JAMAICA ABAIXO DE ZERO
A incrível história da equipe tropical de trenó na neve

71 A LOUCA, LOUCA HISTÓRIA DE ROBIN HOOD
A versão de Mel Brooks para o "bom ladrão"

Jamaica Abaixo de Zero
Warner

Quanto mais Idiota Melhor 2
CIC

71 QUANTO MAIS IDIOTA MELHOR 2
Wayne e Garth voltam ainda melhores

72 A CRISE
Um pesadelo tragicômico à luz do dia

ROMANCE

68 UM AMOR DE VERDADE
Matt Dillon entre dois amores

68 QUE SABE VOCÊ DO AMOR?
A elegância de Ernst Lubitsch

Um Amor de Verdade
Angeli

FICÇÃO

66 UMA NOITE ALUCINANTE 3
Sam Raimi usa o horror como pretexto para a comédia

ASTROS

74 ZONA DE PERIGO
Bruce Willis encarna um tira em crise

75 O DOSSIÊ PELICANO
Julia Roberts desvenda uma conspiração

Warner

D R A M A

A CASA DOS ESPÍRITOS ★★★

Em terreno seguro

Caso exemplar de superprodução em que a mistura de nacionalidades na ficha técnica parece obra de um descendente do dr. Frankenstein, *A Casa dos Espíritos* conseguiu reverter em parte a expectativa. Foi mal no mercado norte-americano, mas um relativo sucesso de bilheteria no Brasil e em países da Europa. Ponto outra vez para Bille August, o cineasta dinamarquês que já conquistou duas Palmas de Ouro em Cannes (com *Pelle, o Conquistador*, 1988, e *As Melhores Intenções*, 1992).

De seus filmes exibidos no Brasil, este é o mais fraco, uma ambiciosa adaptação do romance da chilena Isabel Allende (sobrinha do presidente deposto Salvador Allende) contando cinqüenta anos na história de seu país através da saga da família Trueba, a partir da união entre Esteban (Irons), um joão-ninguém que enriquece como fazendeiro e elege-se senador, e Clara (Streep), uma jovem misteriosa dotada de poderes sobrenaturais.

Com a desenvoltura de um viking dançando pagode, August não parece muito à vontade com o realismo mágico do livro. Por outro lado, mantém o filme em terreno seguro, sem ousadias mas também sem escorregões monumentais. E, como o elenco (sobretudo o feminino) colabora, consegue levar sem traumas, até o final da jornada, um filme às vezes glacial e que, embora não comprometa, dificilmente empolga.

(The House of the Spirits, Alemanha/Portugal/Dinamarca/EUA, 1993) Direção: Bille August. Com Jeremy Irons, Meryl Streep, Glenn Close, Winona Ryder, Antonio Banderas, Vanessa Redgrave, Armin Müller-Stahl, Maria Conchita Alonso, Vincent Gallo. 138 min. Paris.

SÉRGIO RIZZO

Esteban (Jeremy Irons) agride sua mulher Clara (Meryl Streep), que reage decidindo nunca mais dirigir a palavra ao marido

Abril Vídeo

O elenco feminino de *O Clube* registra seus laços para a posteridade

O CLUBE DA FELICIDADE E DA SORTE ★★★

O bom melô

Não há nada que assuste mais os críticos do que um bom melodrama. Quanto mais intelectuais eles tentam ser, mais se horrorizam com as boas emoções de um melô. Acham que o gênero só serve como tema de estudo (o livro *O Cinema de Lágrimas da América Latina*, de Sílvia Oróz) ou intelectualizado por um gênio como Alain Resnais (no filme *Melô*). Não é nada disso. *O Clube da Felicidade e da Sorte* é um belo exemplo. Segue a vertente de *Tomates Verdes Fritos* e *Romance de Outono*.

O diretor Wayne Wang se baseou em livro da sino-americana Amy Tan. Um grupo de mulheres chinesas que vive nos EUA se reúne toda semana para praticar um jogo milenar. Quando uma das mulheres morre, a filha é admitida no grupo. Wang fala sobre o choque de gerações e também – ou principalmente – sobre o choque de culturas. Sacrifícios maternos, cobranças familiares: está tudo em *O Clube*. O filme tem belas atrizes e momentos fortes. Numa palavra: é emocionante.

(The Joy Luck Club, EUA, 1993) Direção: Wayne Wang. Com Tsai Chin, Kieu Chinh, Lisa Lu, Tamlin Tomita. 138 min. Abril Vídeo.

LUIZ CARLOS MERTEN

AS NOITES DE ROSE ★★★

(Rambling Rose, EUA, 1991) Direção: Martha Coolidge. Com Laura Dern, Robert Duvall, Diane Ladd, Lukas Haas. 112 min. LK-Tel/Columbia.

É estranho que a careteira Laura Dern (*Veludo Azul*) tenha sido escolhida para protagonizar este drama situado na Geórgia dos anos 30, levando também uma indicação para o Oscar de melhor atriz. Ela é uma empregada doméstica que, à sua maneira, seduz uma família conservadora. Ladd, sua mãe na vida real, faz a patroa, e mostra sutilezas dramáticas. Mas, apesar da simpatia da história, é forçado mostrar Laura como uma sedutora compulsiva. O ponto de vista infantil (Haas, de *A Testemunha*, é o garoto apaixonado por Rose), porém, dá leveza à trama e a envolve em fantasia.

C.G.L.

A RAINHA DO AR ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Amelia Earhart – The Last Flight, EUA, 1994) Direção: Yves Simoneau. Com Diane Keaton, Bruce Dern, Rutger Hauer, Paul Guilfoyle. 94 min. Cannes.

Amelia Earhart foi uma das primeiras mulheres a pilotar aviões de alta tecnologia no período entre-guerras. Feminista, ela se dividia entre arriscados vôos de longo percurso e palestras em universidades, com um olho em empresários que financiassem seus projetos cada vez mais ousados. Pelo menos é assim que a Turner Network apresenta a musa da aviação, em produção bem-cuidada mas sem brilho e lenta, por ser excessivamente descritiva. Diane Keaton se sai bem no papel da aventureira que desapareceu misteriosamente no Pacífico enquanto tentava a volta ao mundo em seu avião. Mas quem rouba a cena é Rutger Hauer, como o único navegador, não por acaso um bêbado, que se arrisca a voar com Earhart.

F.G.

O JARDIM SECRETO ★★★★

Fábula da infância

Refilmagem do clássico de 1939 e baseado no romance de Frances Hodgson Burnett, *O Jardim Secreto* tirou sua magia discreta e encantadora de uma equipe de dar inveja. A produção executiva é de Francis Ford Coppola, a direção de arte é de Stuart Craig (*Ligações Perigosas*), a trilha sonora é de Zbigniew Preisner (*A Liberdade É Azul*) e a direção, de Agnieszka Holland (*Olivier, Olivier*), que acalentava há anos a idéia de adaptar o livro de Burnett.

A história de Mary Lennox (Kate Maberly), desprezada pelos pais e depois pelo tio, que a acolhe num imenso castelo quando ela fica órfã, é o fio condutor do filme. Mas a solidão da garota a leva a cultivar secretamente um jardim, com a ajuda do filho de um empregado e do primo, condenado a uma cadeira de rodas.

Com o colorido das plantas e flores, Mary vence a solidão, a doença, a carranquice da governanta (Maggie Smith, sempre em grande forma) e a insociabilidade do tio. A polonesa Holland dirigiu, com sensibilidade e delicadeza, uma fábula sobre a pureza da infância, corrompida diariamente pelo contato com a mesquinharia e a violência.

(The Secret Garden, EUA, 1993) Direção: Agnieszka Holland. Com Kate Maberly, Heydon Prowse, Andrew Knott, Maggie Smith, John Lynch, Irène Jacob. 101 min. Warner.

FÁTIMA GIGLIOTTI

Warner

Os atores mirins posam em seu jardim particular

Gerry Conlon (Day-Lewis) é submetido a tortura nos porões da Polícia inglesa para confessar um crime que não cometeu

EM NOME DO PAI ★★★★

Ousadia política

Se há um sentimento que não arrefeceu desde 1974, ano em que se inicia a ação de *Em Nome do Pai*, é o rancor mútuo entre governo inglês e IRA. Justamente por essa história de violência não ter se encerrado é que o filme do irlandês Jim Sheridan se mostra corajoso: ao atacar simultaneamente a arbitrariedade da polícia inglesa e o terrorismo do IRA, ele arca com o peso de causar insatisfação a ambos. Mas o faz com o apoio de um elenco irrepreensível, liderado por um devastador Daniel Day-Lewis.

A história é verídica e, por si só, altamente emocional. Em 1974, o jovem irlandês Gerry Conlon (Day-Lewis) é preso injustamente, junto com vários familiares e amigos, sob acusação de ter bombardeado um pub londrino a mando do IRA. Condenado à prisão perpétua após assinar uma confissão sob tortura, vai dividir a cela com seu pai, Giuseppe (Pete Postlethwaite), levado de roldão no processo.

A partir daí, o filme mostra a que veio. Ao centrar o foco no conflito entre o fútil Gerry e o estóico Giuseppe, discute a terrível injustiça a que ambos foram submetidos sem recorrer ao tom panfletário. Preso ao enfoque pessoal, pode enunciar objetivamente as implicações políticas da trama (a polícia arrancou confissões sob tortura; sabe que prendeu inocentes mas se recusa a voltar atrás; o IRA não hesita em fazer alvos civis; a acusação ocultou provas favoráveis aos réus). E, ao caminhar com segurança por esse terreno pantanoso que é a questão do domínio britânico na Irlanda do Norte, Jim Sheridan mostra que, se não é capaz de alçar grandes vôos, ainda assim se aprimorou muito desde *Meu Pé Esquerdo*.

É verdade, porém, que *Em Nome do Pai* não teria metade de seu impacto sem seus atores. Do elenco de apoio a Emma Thompson (como a advogada que prova a inocência dos condenados) e Pete Postlethwaite, é difícil escolher o melhor. Ainda assim, Day-Lewis arruma espaço para mostrar que é o maior ator de sua geração, evoluindo de forma impressionante de um rapaz deslumbrado para um homem capaz de apreender a dimensão de sua tragédia. Ressalvas só ao montador: uns quinze minutos a menos de "gordurinhas" tornariam o filme mais coeso, sem prejuízo à narrativa.

(In the Name of the Father, Irlanda/Inglaterra/EUA, 1993) Direção: Jim Sheridan. Com Daniel Day-Lewis, Pete Postlethwaite, Emma Thompson, John Lynch. 132 min. CIC.

ISABELA BOSCOV

ÁRVORES NUAS ★★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Naked Trees, Dinamarca/Noruega/França/Polônia, 1991) Direção: Morten Henriksen. Com Ole Lemmeke, Lena Nilsson. 100 min. N.C.A.

Árvores Nuas é bem mais que um filme de guerra: é um filme de arte que tem a ocupação alemã na Dinamarca como pano de fundo. Os atores Lemmeke e Nilsson foram premiados por suas atuações na Dinamarca, sendo que ela nos remete à caracterização de Dominique Sanda em *O Jardim dos Finzi-Contini*. O diretor consegue a proeza de ser extremamente sutil, compondo clima e *timing* primorosos. A história: ativista "amador" ambiciona uma ação mais decisiva contra os alemães, passando então a trabalhar com um médico sabotador – até que se apaixona pela oprimida mulher deste.

FRANCISCO COSTA

A FLOR DA PAIXÃO ★★★

(Passion Flower, EUA, 1986) Direção: Joseph Sargent. Com Bruce Boxleitner, Barbara Hershey, Nicol Williamson, J. Waters. 93 min. 20/20 Vision.

Em sua vasta carreira, a premiada Hershey tem atuado em várias histórias de luxúria e fatalismo, interpretando com sensualidade mulheres que provocam situações sufocantes para os que as desejam. Como a deste telefilme ambientado em Cingapura, em que ela é uma milionária que tem relacionamento adúltero com Jansen (Boxleitner), ambicioso corretor de um banco de investimentos. O romance acaba envolvendo-o com o pai da moça (Williamson), um magnata cruel e manipulador. Apesar da trama folhetinesca e convencional, este thriller erótico é fluente e bonito no exotismo que o diretor soube acrescentar à trama.

A.S.

GILBERT GRAPE – APRENDIZ DE SONHADOR ★★★★

A poesia da insignificância

Gilbert Grape, do sueco Lasse Hallström (*Minha Vida de Cachorro*), consegue ser terno e poético ao falar da insignificância da vida. O roteiro leva às telas com extrema sensibilidade a pequenez de perspectivas de americanos comuns. Gilbert Grape (um ótimo Johnny Depp) vive amarrado a um irmão mais novo mentalmente debilitado (DiCaprio, numa interpretação que põe veteranos como Dustin Hoffman no chinelo) e a uma mãe imensamente gorda (Darlene Cates, boa atriz amadora), todos presos ao cotidiano estático e estéril de uma cidadezinha qualquer, Endora.

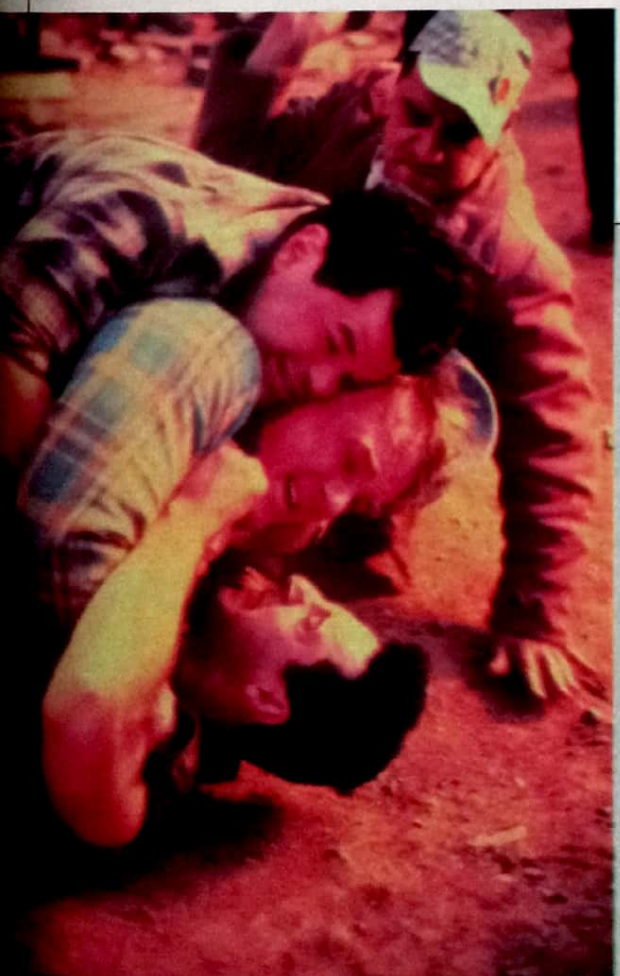
Fatos marcantes do dia-a-dia são, por exemplo, a chegada de uma rede de lanchonetes à cidade (Burger Barn) ou a anual passagem de uma caravana de turistas, que traz a cidadã do mundo Becky (Lewis), catalizadora de mudanças na vida de Grape. O ritmo é meio malemolente, o que ambienta melhor a solidão e a mediocridade. Não é um filme astral – pelo contrário, seus momentos finais são de desmoronar –, mas mostra de forma humana que toda a vida, por menor que seja, vale a pena ser vivida.

(What's Eating Gilbert Grape?, EUA, 1993) Direção: Lasse Hallström. Com Johnny Depp, Juliette Lewis, Leonardo DiCaprio, Mary Steenburgen, Darlene Cates, Crispin Glover. 118 min. Europa/Carat.

CHRISTIAN PETERMANN

Europa/Carat

Leonardo DiCaprio se entretém com um de seus inúmeros jogos infantis



Mac (no chão) não se cansa de brigar por seus ideais

NOSSO BARCO, NOSSA ALMA ★★★

(In Which We Serve, Inglaterra, 1942) Direção: Noel Coward, David Lean. Com Noel Coward, John Mills, Celia Johnson, Bernard Miles, Richard Attenborough. 115 min. Concorde.

Embora tenha roteiro, co-direção, seleção musical e desempenho central do teatrólogo Coward (péssimo como o capitão Kinross), este filme patriótico feito em p&b durante a Segunda Guerra é o primeiro de Lean, responsável pela parte formal e técnica (ângulos, cortes). Ele, com seu rigor visual aliado a um sentido de montagem inovador para a ocasião, deve ser o responsável pela emoção que às vezes emana desta história centrada em navio da armada inglesa. Não Coward, cuja trajetória cinematográfica, posteriormente, foi bem opaca. Envelhecido no tom discursivo, o filme comove nos seus momentos evocativos, principalmente aqueles com Johnson (sra. Kinross), uma grande atriz fazendo sua estréia, assim como Attenborough (o jovem marinheiro apavorado).

A.S.

MAC ★★★★

A classe operária não vai ao paraíso

INÉDITO NO CINEMA

John Turturro já provou à exaustão que é um ator superior – por exemplo, em *Barton Fink*, *Homens de Respeito*, *Febre da Selva* etc. Agora comprova também, em sua estréia atrás das câmeras, que é um diretor capaz. Como retrato da classe operária americana nos anos 50, *Mac* marca desde o início um ponto importante: passa ao largo do sociologismo barato, preferindo explorar as contradições do "sonho americano" através das relações familiares, amorosas e profissionais de seu personagem-título.

Mac (Turturro) é um carpinteiro ítalo-americano infeliz com a morte do pai (o pai do ator-diretor, aliás, serviu de inspiração ao filme) e com os métodos de seu patrão avarento. Disposto a fazer com que sua vida dê certo, junta dinheiro como pode e une-se aos irmãos numa empresa de construção. Logo, porém, descobre que seus ideais estão rapidamente saindo de compasso com a América do *ready-made*, e que o lema herdado do pai – "só há dois jeitos de fazer as coisas: o meu jeito e o jeito certo, e os dois são a mesma coisa" – já não encontra eco entre seus pares.

Pontuado por um humor seco, mas eficiente, e pela amargura que parece sempre acompanhar os personagens de Turturro (que levou o prêmio de diretor iniciante em Cannes-92), *Mac* nada tem de pirotécnico. Mas tem muito de bom a oferecer a quem se disponha a assistir um filme simples, bem escrito, muito honesto e repleto de ótimas interpretações – entre elas a de Katherine Borowitz que, embora seja casada com Turturro na vida real (além de ser seu interesse romântico na tela), claramente não está aqui por força de nepotismo.

(EUA, 1992) Direção: John Turturro. Com John Turturro, Michael Badalucco, Carl Capotorto, Katherine Borowitz, Ellen Barkin. 118 min. Odessa.

ISABELA BOSCOV

Concorde/Tocantins

Angélica (Claudia Cardinale) choca a aristocracia com seus modos "vulgares"

O LEOPARDO ★★★★★

Ópera sem canto

Ninguém melhor do que Luchino Visconti, sempre dilacerado entre suas convicções socialistas e a nostalgia de valores perdidos que vinham de sua formação aristocrática, para filmar *O Leopardo*, monumento da literatura italiana moderna, único romance de Giuseppe Tommasi, duque de Palma e Montechiaro, príncipe de Lampedusa. Visconti mais do que ninguém compreendia o conflito da personagem, o príncipe siciliano Fabrizio Salina, que assiste à agonia lenta de seu mundo e tem de se preparar para aceitar a troca inexorável da nobreza pela burguesia ascendente.

A época é a da unificação da Itália, em torno de 1860, e a modificação profunda por que se está passando é simbolizada pelo casamento de Tancredi, sobrinho do príncipe, com a belíssima Angélica, filha do novo-rico Don Calogero. Nas mãos de Visconti, que além de cineasta era um celebrado diretor de teatro, esta crônica de um mundo que morre para renascer converte-se numa verdadeira "ópera sem canto", encenada de forma suntuosa.

A cópia em vídeo restaura mutilações efetuadas pela Fox na versão lançada em 1963. Falado em italiano, com as cores e os 185 minutos originais – em especial sem os cortes na cena culminante, da festa de apresentação de Angélica a seus futuros parentes, que se chocam com seus modos –, *Il Gattopardo* ressurge, trinta anos depois, com uma beleza plástica e uma força dramática renovadas.

(Il Gattopardo, Itália, 1963) Direção: Luchino Visconti. Com Burt Lancaster, Alain Delon e Claudia Cardinale. 185 min. Concorde/Tocantins.

LAURO MACHADO COELHO

MARCELLINO, PÃO E VINHO ★

(Marcellino Pane & Vino, Itália/França/Espanha, 1992) Direção: Luigi Comencini. Com Nicolo Paolucci, Fernando Fernan Gomez. 106 min. Abril/Fox.

Nos anos 50, o cinema espanhol fazia sucesso no Brasil. Não eram filmes intelectuais, pelo contrário. As estrelas eram Sara Montiel, Marisol, Pablito Calvo – que brilhou em *Marcelino, Pão e Vinho*. Mais de trinta anos depois, o cinema italiano refilmou *Marcelino*. O *remake* decepciona, embora seja assinado por Luigi Comencini. É um especialista em filmes com e sobre crianças, mas errou a mão. A história do órfão criado num mosteiro é carregada de lugares-comuns. Quando quer ser sensível, cai na pieguice. Pior: o garoto que substitui Calvo não leva jeito. Com ele, o milagre do final não emociona nem um pouco.

L.C.M

EM NOITE DE LUA CHEIA ★★

INÉDITO NO CINEMA

(In una Notte di Chiaro di Luna, Itália/França, 1990) Direção: Lina Wertmüller. Com Rutger Hauer, Nastassja Kinski, Faye Dunaway, Peter O'Toole. 110 min. Flashstar.

Sem nenhum lampejo do humor ferino que a fez famosa, Lina Wertmüller abordou antes de *Filadélfia* os preconceitos que cercam a Aids. Mas o fez de forma irregular. A trama focaliza um jornalista (Hauer) que se faz passar por portador do vírus para investigar a reação humana (geralmente hostil) diante de alguém que se anuncia nessa condição. Logo após reencontrar antigo amor (Kinski), ele descobre que é realmente soropositivo. Daí em diante, o filme vai ficando dramalhonesco e perde força também como denúncia, apesar de alguns diálogos inteligentes.

A.S.

A ESCOLTA ★★★

(La Scorta, Itália, 1993) Direção: Ricky Tognazzi. Com Enrico Lo Verso, Claudio Amendola, Carlo Cecchi. 92 min. Cannes.

A Escolta, de Ricky Tognazzi (filho do ator Ugo Tognazzi), é baseado em história verídica: a do trabalho do juiz Francesco Taurisano e seu relacionamento com os homens de sua escolta. Se tivesse um final um pouco mais trágico, seria idêntica à de juízes como Paolo Borsellini e Giovanni Falconi, ambos mortos em atentados mafiosos há dois anos. A trajetória dos juízes na Sicília é sempre semelhante. Ou morrem, ou são transferidos, ou ainda se adequam à estrutura e usufruem dela. Taurisano está no segundo grupo. Quando começa a desvendar os meandros do abastecimento de água em Trapani, recebe sua carta de transferência. Mas o diretor, que bebeu na fonte do neo-realismo, está mais interessado na história de sua escolta, seus medos, inseguranças e determinações. Usando uma estética aristotélica, desenvolve sua trama policial. Nela, cada fato caminha verso ao êxtase, ainda que desiluso. Mesmo maniqueísta, poderia ter sido mais contundente. Mas provavelmente quis dizer que – como no Brasil – na Itália tudo acaba em pizza.

CELSO FIORAVANTE

DEPOIS DE SEU GRANDE SUCESSO EM "PASSAGEIRO 57", "O DEMOLIDOR" e "SOL NASCENTE",

WESLEY SNIPES

ELE QUERIA PODER.
ELE QUERIA VINGANÇA.
AGORA, ELE QUER SOMENTE VIVER.

RETORNA AINDA
MAIS EXPLOSIVO EM...

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO COM O CINEMA

INFERNO BRANCO

A sangrenta guerra das ruas pode ocasionar muitas mortes.
O conflito, a paixão, o poder da família - uma ameaça de destruição.

WESLEY SNIPES em "SUGAR HILL" estrelando MICHAEL WRIGHT THERESA RANDLE CLARENCE WILLIAMS III com ABE VIGODA e ERNIE HUDSON diretor de fotografia BOJAN BAZELLI música TERENCE BLANCHARD produtores executivos ARMYAN BERNSTEIN, TOM ROSENBERG e MARC ABRAHAM escrito por BARRY MICHAEL COOPER produzido por RUDY LANGLAIS e GREGORY BROWN dirigido por LEON ICHASO

1993 - AVENTURA

PROCURE EM SUA LOCADORA!

ALPHA FILMES

Rua Mauá, 836 - casa 18 - Sta. Efigênia - CEP 01028-000 - São Paulo SP - Tel.: (011) 230-0200 - TRONCO CHAVE - Fax: (011) 227-1957

Romane Bohringer olha embevecida para seu irresponsável amado

NOITES FELINAS ★★★

Amoralidade em tempos de Aids

Noites Felinas é o testemunho existencial e estético de Cyril Collard. Bastante autobiográfico – parte de seu romance homônimo –, é por vezes tocante. Collard, artista da vida e do mundo, era amoral, egoísta e revoltado com qualquer ordem. A atriz Maria Schneider abre o filme como um fantasma, um espírito da consciência futura, que esclarece que Collard usou o sexo para se revoltar e que era hora de despir a máscara. O filme é o doloroso processo de desnudamento do artista e do homem. Ciente de sua doença (Aids), ele transa irresponsavelmente com um amante latino e uma jovem modelo.

É um vigoroso retrato de época, narrado em tom semidocumental, herança dos tempos em que foi assistente de Maurice Pialat. A montagem é ansiosa como o próprio Collard (levou o César na categoria). Justifica o César de diretor estreante, como uma homenagem póstuma (ele morreu três dias antes da entrega dos prêmios). Demagogia, porém, conceder-lhe o César de melhor filme, já que este beira a histeria. Mas a obra ultrapassa sua moldura sufocante de experiência artística para assumir seu valor social. No final, Collard, ciente de sua morte, assume a vida.

(Les Nuits Fauves, França, 1992) Direção: Cyril Collard. Com Collard, Romane Bohringer, Carlos Lopez, Corine Blue, Maria Schneider. 126 min. Abril/Belas Artes.

CHRISTIAN PETERMANN

CAVALO INDOMÁVEL ★★
(Dark Horse, EUA, 1992) Direção: David Hemmings. Com Ed Begley Jr., Mimi Rogers, Ary Meyers. 98 min. América.

INÉDITO NO CINEMA

Em Hollywood, o cão divide o posto de melhor amigo do homem com o cavalo. Desde *A Mocidade é Assim Mesmo*, de 1944, até *Corcel Negro*, muitos cavalos ajudaram crianças e jovens a encontrar um sentido na vida com sua amizade eqüina. O *Cavalo Indomável* do título desempenha esse papel, ao despertar em adolescente revoltada – com a morte da mãe e a mudança para uma cidade pequena – a disciplina do jóquei e o amor pela natureza. O tom dramático fica com os deficientes que visitam a fazenda e com um terrível acidente. Mas a pieguice não chega a comprometer as boas intenções.

F.G.

M. BUTTERFLY ★★
(EUA, 1993) Direção: David Cronenberg. Com Jeremy Irons, John Lone, Barbara Sukowa, Ian Richardson. 100 min. Warner.

A nova associação entre Cronenberg e Irons (*Gêmeos – Mórbida Semelhança*) – levando às telas a história de amor e ambigüidade escrita para os palcos por David Henry Hwang, que a adapta – prometia. O filme, porém, é um *flop* irremediável. Não se sabe o que deu mais errado: a direção (pasmem!) burocrática e sem tesão de Cronenberg, a interpretação piloto automático de Irons ou a inadequação de John Lone (*O Último Imperador*) ao papel de Song Liling, cantora lírica que encanta Gallimard (Irons), funcionário da Embaixada francesa. A composição da personagem tem a sutileza de um hipopótamo numa loja de cristais. Seria engraçado, não fosse constrangedor.

C.P.

Europa/Carat

O diplomata Peter (Anthony Higgins) tenta entender o fascínio de Max

MAX, MEU AMOR ★★★★

A regra e o desvio

INÉDITO NO CINEMA

Como reagir diante de um comportamento que escape ao que a sociedade considera "normal"? Quando Peter, diplomata britânico em Paris, descobre que Margaret, sua mulher, apaixonou-se por um chimpanzé, leva o animal para casa e tenta entender esse estranho sentimento. Da simples tolerância à adesão plena, atravessando tortuosas etapas de aceitação e recusa, aprende não só a encarar o "diferente" com os olhos do outro, mas também afeiçoa-se genuinamente ao que, de início, lhe parecera absurdo e monstruoso.

Para Peter – cuja evolução psicológica forma o nó central deste apólogo –, a opção pela afetividade, mesmo anticonvencional, inclui a renúncia às vaidades mundanas, simbolizadas por uma visita oficial da rainha da Inglaterra, que ele abandona em favor do recolhimento na felicidade doméstica.

Mas essa bolha de bem-estar – o sonho final de Margaret o deixa bem claro – sempre será frágil, pois a sociedade nunca desistirá de reprimir quem infringe suas regras. Mesmo quando o faz plenamente convencida de estar agindo para o bem do reprimido.

(Max, Mon Amour/Max, My Love, França, 1986) Direção: Nagisa Oshima. Com Charlotte Rampling, Anthony Higgins, Victoria Abril. 94 min. Europa/Carat.

LAURO MACHADO COELHO

Top Tape

Sidarta (Reeves) prepara-se para conhecer o mundo

O PEQUENO BUDA ★★★

Painel de cores e luzes

Por trás de *O Pequeno Buda* e de outros seis dos últimos nove filmes de Bertolucci há um gigante da fotografia no cinema, o italiano Vittorio Storaro. No documentário *Visions of the Light* (1993), exibido no Brasil em festivais (ninguém se habilita a lançá-lo em vídeo?), Storaro fala da concepção visual de *O Último Imperador*, pelo qual recebeu seu terceiro Oscar (os anteriores foram por *Apocalypse Now* e *Reds*). É um depoimento emocionante de quem opera um casamento perfeito entre paixão e técnica.

A sedução visual dos filmes de Bertolucci deve muito a esse mestre que transformou *O Pequeno Buda* num sutil e irresistível painel de cores e luzes. Como em todos os filmes da parceria Bertolucci-Storaro, nenhuma opção é gratuita ou ostentatória. O tratamento fotográfico contribui discreta mas decisivamente para o resgate, em formato de fábula infanto-juvenil, das origens do budismo, através da lenda do príncipe Sidarta (Keanu Reeves) e da história contemporânea de um garoto americano (Alex Wiesendanger) que seria sua reencarnação.

Em outras mãos, o argumento correria risco maior de sucumbir à pieguice. Nas de Bertolucci e Storaro, mesmo os mais incrédulos e renitentes encontrarão o que admirar.

(Little Buddha, EUA, 1993) Direção: Bernardo Bertolucci. Com Keanu Reeves, Chris Isaak, Bridget Fonda, Alex Wiesendanger, Ying Ruocheng. 140 min. Top Tape.

SÉRGIO RIZZO

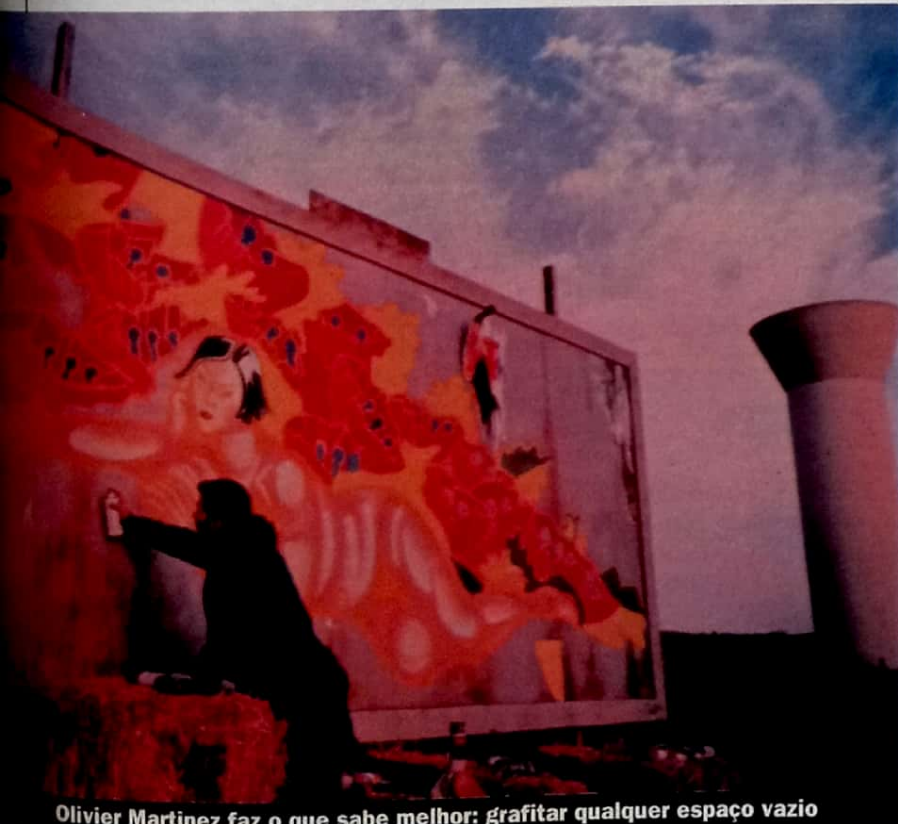
A ÚLTIMA BORBOLETA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Last Butterfly, Tcheco-Eslováquia/Inglaterra, 1990) Direção: Karel Kachyna. Com Tom Courtenay, Brigitte Fossey, Freddie Jones. 118 min. New York Filmes.

Bem antes de *A Lista de Schindler*, vários filmes apresentaram judeus sendo auxiliados por pessoas que não pertenciam àquela etnia. Este é um deles. Co-produzido pela TV e falado em inglês, mostra um ator alcoólatra (Courtenay) tomando consciência da questão na França ocupada pelos nazistas. Mas isso só ocorre depois que ele é preso como judeu. O diretor Kachyna, então com 66 anos, mostra vigor incomum. Com requinte visual, ele tira ótimo proveito da relação teatro/política (valorizada pela trilha sonora que inclui, entre outros, Henry Purcell e Alex North) e faz uma bela e comovente narrativa.

A.S.



Olivier Martinez faz o que sabe melhor: grafitar qualquer espaço vazio

Abril/Belas Artes

IP 5 – A ILHA DOS PAQUIDERMES ★★★

A última viagem de Montand

Involuntariamente, a participação de Yves Montand (1921-1991) deu uma patética dimensão a este filme às vezes arrastado; é que ele morreu de ataque cardíaco logo após concluir seu trabalho nesta produção em que interpreta Leon, um velho excêntrico e algo místico que surge na viagem de um jovem grafiteiro (Olivier Martinez) e seu acompanhante, o menino Jockey (Sekkou Sall). O irônico é que Leon sofre do coração, toma remédios, sabe que a morte pode estar próxima e é acometido de um infarto.

Pena que o diretor Jean-Jacques Beineix, embora mais despojado do rebuscamento visual de seus outros filmes, não tenha aproveitado melhor a riqueza interior desse homem cansado física e existencialmente, mas ainda dotado de certo romantismo. A sua influência na conduta dos dois delinqüentes juvenis, expostos sem convicção, fica diluída. Mesmo assim, é difícil permanecer indiferente diante de Montand/Leon em sua última viagem.

(IP 5 – L'Ile aux Pachydermes, França, 1992) Direção: Jean-Jacques Beineix. Com Yves Montand, Olivier Martinez, Sekkou Sall. 130 min. Abril/Belas Artes.

ALFREDO STERNHEIM

AURORA ★★★★★
(Sunrise, EUA, 1927) Direção: F.W. Murnau. Com George O'Brien, Janet Gaynor, Margaret Livingston. 110 min. Continental.

Uma turista vamp incita um jovem do campo a afogar sua doce esposa para viverem juntos na cidade. Esse era o tema. Mas o produtor William Fox pediu a Murnau: "Faça-me um filme grandioso, custe quanto custar!". E o diretor não poupou esforços, mandando construir toda uma cidade para *Aurora*, um filme mudo que quase dispensa as legendas. Perfeitas sobre-impressões, flashes de acontecimentos apenas imaginados, sombras que povoam a alma dos personagens, o pântano simbólico do encontro marcado numa noite de lua cheia, o cão que arrebenta sua corrente e nada até a esposa ameaçada, a tempestade que faz a barca virar e os juncos que se espalham na superfície da água... são imagens-versos de um filme-poema que atinge o sublime por sua aparente, falsa, inteiramente ilusória simplicidade.

Luiz Nazario

BEN-HUR ★★
(EUA, 1926) Direção: Fred Niblo. Com Ramon Novarro, Francis X. Bushman. 118 min. Continental.

Numa época em que o custo médio de um longa era de US$ 160 mil, esta segunda versão de *Ben-Hur* (a primeira é de 1907) sangrou os cofres da MGM em US$ 4 milhões. O chefão Louis B. Mayer assumiu o timão com o barco quase naufragando e transformou em sucesso um filme que parecia condenado ao fracasso. Novarro como Ben-Hur e Bushman no papel de Massala funcionam bem como os amigos que se tornam antagonistas. E a produção suntuosa incluía seqüências em Technicolor ausentes desta cópia, que tem 23 minutos a menos.

S.R.

Concorde

Liv Ullmann e Ingrid Bergman (à direita) buscam a compreensão mútua e encaram ressentimentos

SONATA DE OUTONO ★★★★

Relação dilacerante

Ingmar Bergman pode se repetir, mas jamais deixa de comover com os retratos que fez da incomunicabilidade entre seres que anseiam por maior comunicação com seus próximos. Caso de *Sonata de Outono*, em que esse paroxismo tão freqüente nas relações amorosas e familiares se faz presente na busca de diálogo entre mãe e filha, Charlotte (Ingrid) e Eva (Liv). A primeira é uma pianista famosa que, após sete anos, revê a filha. Como na peça *Longa Jornada Noite Adentro*, de Eugene O'Neill (cuja influência é perceptível), a visita da velha senhora provoca dolorosa busca do afeto perdido em meio a fartos ressentimentos.

Intimista ao extremo e dilacerante em sua carga emotiva, o filme apóia-se no vibrante duelo entre as atrizes centrais. Interpretando em sueco, quase quarenta anos depois de ter partido para Hollywood, Ingrid parece ter feito catarse com Charlotte; como a pianista, ela também foi acusada na vida real de ter abandonado a filha Pia. E Liv mesclou admiração e carência para realçar Eva, vivida na infância por sua filha de verdade, Lena.

(Hotsonaten, Suécia/Alemanha, 1978) Direção: Ingmar Bergman. Com Ingrid Bergman, Liv Ullmann, Lena Nyman. 97 min. Concorde.

Alfredo Sternheim

DOCUMENTÁRIO

CONTERRÂNEOS VELHOS DE GUERRA ★★
(Brasil, 1992) Direção: Vladimir de Carvalho. 175 min. Sagres/Riofilme.

No final de maio, Vladimir de Carvalho recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, para a qual *Conterrâneos Velhos de Guerra* foi o melhor filme brasileiro do ano. É o caso de perguntar: que críticos fizeram a escolha? Vladimir é veterano documentarista: fez *O País de São Saruê*. Quer sempre denunciar o Brasil das desigualdades sociais.

Conterrâneos reconstitui um episódio que a historiografia oficial com certeza gostaria de apagar. A construção de Brasília se fez com o sacrifício dos operários – muitos morreram nos canteiros de obras. Vladimir entrevista os sobreviventes. Denuncia a ação do arquiteto Oscar Niemeyer, um ícone da esquerda no país. Niemeyer nega que tenha havido um massacre de trabalhadores. As imagens de Vladimir documentam o fato. Como documento, é importante. Mas precisava ter três horas? E ser tão pouco inovador, a ponto de sua estrutura, em vez de clássica, parecer convencional?

L.C.M.

O sucesso já está em suas mãos, aprenda a mantê-lo!

JÁ A VENDA

Dr. Lair Ribeiro

Médico, mestre em Programação Neurolingüística, autor de 6 Best Sellers, membro ativo das Sociedades Americanas de Programação Neurolingüística e Treinamento Pessoal.

101 *Semanas em primeiro lugar na revista Veja.*

Mais de **1.500.000** *Livros vendidos*

CONCORDE VIDEO MARKET COM. E REPRES. LTDA.
R. Marechal Xavier da Câmara, 20 - Casa Verde CEP 02517-190 São Paulo - SP

CONCORDE VÍDEO

Fone:(011) 266-6999•Tel./Fax:(011) 857-4064•Telemarketing(011) 858-6621/858-6654/857-1626

FICÇÃO/TERROR

UMA NOITE ALUCINANTE 3 ★★★★

Autoparódia brilhante

Sam Raimi é um cara admirável. Ele poderia muito bem terminar seus dias fazendo continuações idênticas de *Uma Noite Alucinante* e desfrutar uma aposentadoria polpuda, mas prefere partir para outras direções. Ele fez *Uma Noite Alucinante 2*, é verdade, mas era justificável: o primeiro foi distribuído por uma companhia independente e nunca passou em grande circuito.

Para provar que não vive dos louros do passado, Raimi fez este *Army of Darkness*. Quem achar que vai assistir a uma continuação, pode tirar o cavalinho da chuva: esta é uma comédia que usa elementos de horror, não um filme de horror.

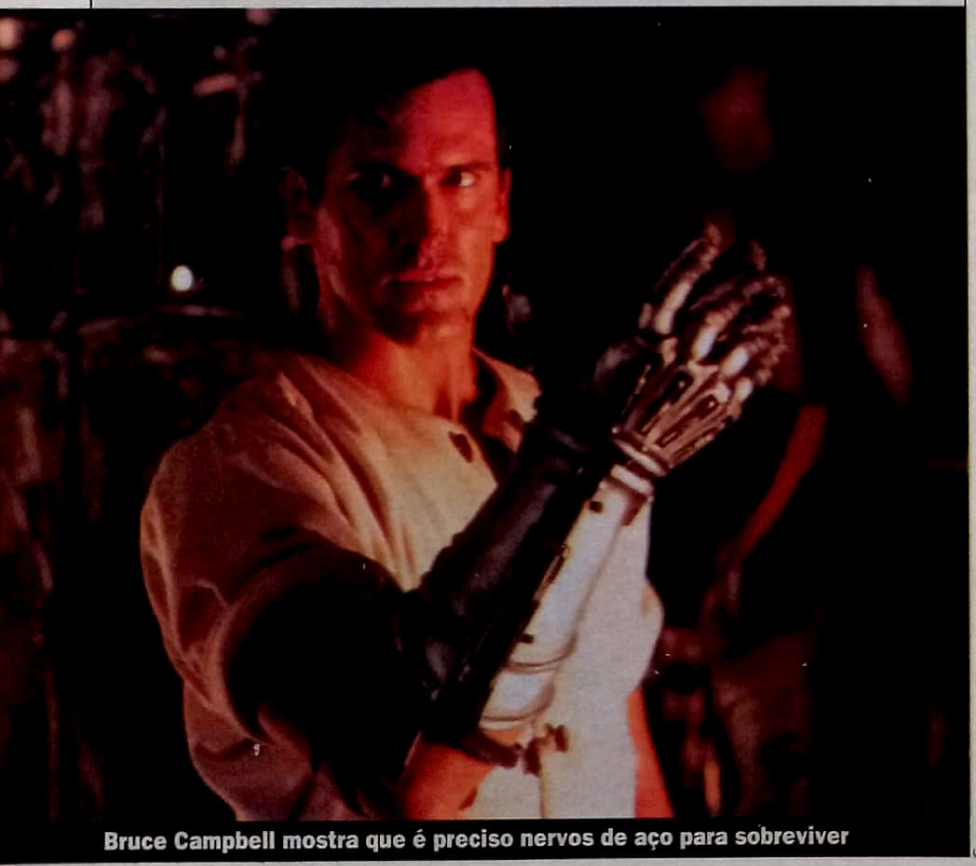
Raimi continua usando os mesmos elementos da série *Uma Noite Alucinante*, ângulos inusitados de câmera, edição alucinada de imagens, câmeras que correm de um lado para o outro etc. Até o personagem é o mesmo: Ash, o imbecil interpretado por Bruce Campbell. Ao contrário dos dois filmes anteriores, porém, este não faz rir pelo seu mau gosto exagerado, e sim pela autoparódia.

Em *Uma Noite Alucinante 3*, Ash é sugado por um espírito maligno e vai parar num vilarejo no século 14. Depois de ler em voz alta um livro sagrado, o idiota acorda o tal "Exército da Escuridão", que ataca o vilarejo. A história boba é só pretexto para um festival de piadas pastelão e truques de efeitos especiais. Atenção para as citações aos Três Patetas, aos irmãos Marx e a clássicos da ficção científica, como *O Homem que Encolheu*.

Alguns fãs *hardcore* de Raimi podem ficar decepcionados. Vão dizer que é comédia demais e que tem sangue de menos. Mas com o cinema de horror dominado por filmes-seqüência cada vez mais banais, com personagens que não conservam as características que os fizeram famosos, não é um alívio saber que existe pelo menos um cineasta que não quer saber de humilhar sua própria criação?

(Army of Darkness, EUA, 1993) Direção: Sam Raimi. Com Bruce Campbell, Embeth Davidtz, Ian Abercrombie, Bridget Fonda. 80 min. Cannes.

ANDRÉ BARCINSKI



Bruce Campbell mostra que é preciso nervos de aço para sobreviver

Cannes

MANTIS – A VINGANÇA QUE NÃO TARDA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(MANTIS, EUA, 1993) Direção: Eric Laneuville. Com Carl Lumbly, Bobby Hosea, Gina Torres. 88 min. CIC.

Sam Hamm e Sam Raimi têm algo em comum além do nome: são tarados por quadrinhos. O primeiro é roteirista de *Batman*; o segundo, criador de *Darkman*. Mas *Mantis*, escrito e produzido por eles, não funciona tão bem quanto deveria. Mantis é um herói negro, espécie de super-Malcolm X, que atua em Ocean City. Em sua identidade civil é pesquisador de plantas medicinais – e deficiente físico. Um uniforme especial faz com que ele ande e, de quebra, lhe dá superforça. Ele também tem um lança-dardos que paralisa a vítima e um "mantismóvel" que vira avião e submarino. O que falta? Acertou: um supervilão. É aí que *Mantis* quebra a cara. Mas é divertido, apesar de tudo. O diretor Laneuville não chega aos pés de Raimi, mas aprendeu direitinho as lições mais fáceis.

E.A.

OPERAÇÃO NERVOS DE AÇO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Full Eclipse, EUA, 1993) Direção: Anthony Hickox. Com Mario Van Peebles, Patsy Kensit, Bruce Payne. 97 min. HVC.

O diretor Anthony Hickox gosta de colocar ingleses no papel de vilões, como já fez com David Warner em *A Passagem* e Julian Sands em *Warlock 2*. Repete agora a dose com Bruce Payne (*Passageiro 57*), um estranho policial de Nova York que comanda uma força-tarefa na qual todos os oficiais, homens e mulheres, tomam uma substância misteriosa e adquirem força descomunal para enfrentar a criminalidade descontrolada – além de, um mero detalhe, se transformarem em lobisomens em noites de lua cheia. O título nacional é absolutamente descabido e a produção é razoável. Só ficou faltando um roteiro menos derivativo e com mais ritmo. Do jeito que está, é uma idéia legal jogada a esmo na tela.

C.P.

CIC

Os primeiros visitantes do

Jurassic Park contemplam extasiados a maior – até o momento – criação tecnológica de Steven Spielberg: um dino trazido de volta à vida

JURASSIC PARK ★★★

Sonho *hi-tech*

Um sonho da humanidade realizado: dinossauros vivos em um zoológico *hi-tech*. Tudo vai bem até se tornar um pesadelo, quando visitantes e funcionários têm de descobrir como escapar de feras nunca antes enfrentadas por seres humanos.

A primeira impressão causada por *Jurassic Park* é justamente essa realização de uma fantasia de infância, tema no qual Steven Spielberg é o especialista mais gabaritado de nosso tempo. O suspense montado pela campanha publicitária que antecedeu a estréia mundial em cinemas foi plenamente compensado nesse aspecto. Os monstrengos que aparecem na tela, em sua maioria obra da equipe de computação gráfica liderada por Stan Winston, parecem ter estado sempre por aí, escondidos em alguma floresta descoberta por Spielberg. Sua verossimilhança e a ameaça imaginária que representam explicam por que o filme foi batendo recordes sucessivos de bilheteria por onde passou.

Mas o requinte técnico parece ter esgotado o que os dinos tinham para oferecer. O best-seller de Michael Crichton, autor da história e escritor escolado em cinema (vide *O Enigma de Andrômeda* e *Sol Nascente*, entre outros de seus livros filmados), já trazia a ação mastigada para a tela. Mas Crichton, com habilidade e bastante oportunismo, usa a Teoria do Caos como recheio da desventura científica do superzoo. Spielberg, em busca de espaço para a ação dos bichões, reduziu toda a teorização a um diálogo perdido na selva, enfiou cenas de correção política explícita e achou uns minutos para colocar um pouco de melodrama. Terminado o filme, tem-se a impressão que só se viu os dinossauros: a história some sob o peso dos monstros.

Perto do que o próprio Spielberg já fez no campo da aventura, parece que ele delirou, exagerou na dose. Mas, pelo que o filme representa para o cinema atual, o resultado não é pouco. A tecnologia digital pesquisada para *Jurassic Park* representou uma relação custo-benefício muito mais vantajosa para Hollywood do que boa parte dos efeitos caros e trabalhosos usados em superproduções anteriores. Seres virtuais, como o tiranossauro do parque ou mesmo Dino, o "cachorro" dos Flintstones, vão crescer e se multiplicar nos sonhos e pesadelos que veremos nas telas daqui por diante.

(EUA, 1993) Direção: Steven Spielberg. Com Sam Neill, Laura Dern, Richard Attenborough, Jeff Goldblum, Samuel L. Jackson. 126 min. CIC.

MARCOS SMIRKOFF

ROMANCE

Mundial/Look

Annabella Sciorra e Matt Dillon custam a se render à verdadeira paixão

UM AMOR DE VERDADE ★★★

Matt Dillon vira príncipe encantado

O roteiro de *Mr. Wonderful* (que em inglês é o equivalente ao nosso Príncipe Encantado) busca inspiração nas comédias românticas dos inocentes anos 50/60. Mais ou menos a fórmula usada em *Volta Meu Amor*, de Delbert Mann (1961). Só que agora, no lugar de Rock Hudson, temos Matt Dillon e, no de Doris Day, Annabella Sciorra. A história mostra um casal divorciado, cada um lutando por seus direitos profissionais, pessoais e sexuais.

Embora o "the end" apenas confirme o que todo mundo já sabia, é divertido ver Matt Dillon tentando descolar um marido para a ex-esposa Annabella a fim de se livrar da dispendiosa pensão e montar um salão de boliche com os amigos.

O que vale na fita é a maneira como o diretor-roteirista britânico Anthony Minghella (*Um Romance do Outro Mundo*) desenvolve os encontros/desencontros, acertos/erros do casal – como se a vida fosse mais simples do que ela parece. Como diz o bordão, "para que facilitar se se pode complicar?".

(Mr. Wonderful, EUA, 1993) Direção: Anthony Minghella. Com Matt Dillon, Annabella Sciorra, Mary-Louise Parker, William Hurt, Vincent D'Onofrio. 98 min. Mundial/Look.

DEBORAH PELEIAS

QUE SABE VOCÊ DO AMOR? ★★★★

O charme de Lubitsch

Com um prosaico ponto de partida (uma crise de soluços), mestre Lubitsch (1892-1947) fez mais uma de suas envolventes comédias românticas. Embora menos brilhante que *Nimotchka*, nem por isso *Que Sabe Você do Amor?* deixa de ser interessante. Também comprova a habilidade do cineasta em realçar de forma ainda moderna o desgaste do casamento quando as atitudes se tornam mais frias e repetitivas.

A rica Jill (Merle Oberon) toma consciência a esse respeito após consultar um psicanalista (Alan Mowbray) para resolver suas crises de soluços. Ela passa a desdenhar o marido (Melvyn Douglas) e se deixa atrair por extravagante pianista (Burgess Meredith). Com ótimo roteiro extraído de uma peça do *vaudeville* francês, o filme – que poderia se chamar *Como Salvar Meu Matrimônio* – alia análise de comportamento a bizarras soluções humorísticas, de maneira elegante e peculiar.

(That Uncertain Feeling, EUA, 1941) Direção: Ernst Lubitsch. Com Merle Oberon, Melvyn Douglas, Burgess Meredith, Alan Mowbray. 84 min. International Classics.

ALFREDO STERNHEIM

International Classics

Melvyn Douglas e Merle Oberon enfrentam soluços e crise conjugal

MUSICAL

PURPLE RAIN★★★★
(EUA, 1984) Direção: Albert Magnoli. Com Prince, Apollonia Kotero, Morris Day. 111 min. Concorde/Tocantins.

Há exatos dez anos, o mundo pop levava um susto: um cantor e guitarrista de Minneapolis – até então cultuado por poucos iniciados – tomava de assalto as telas de cinema com um filme "autobiográfico". *Purple Rain* alçou Prince à condição de *megastar* e mudou o padrão dos musicais feitos na década de 80. O filme se resume a um videoclip elevado à máxima potência. Prince é Kid, o *rockstar* de sua cidade, um rapaz dividido entre um amor tempestuoso e sua carreira, especialmente a ferrenha competição com a banda do ótimo Morris Day, The Time. Kid tem ainda que conviver com o desequilíbrio do pai, um músico vencido pelo álcool que gasta seu tempo livre espancando a mulher.

A trilha sonora de *Purple Rain* vendeu nada menos que 10 milhões de cópias, puxada por hits como a canção-título e a clássica "When Doves Cry". Prince ainda tentou voltar ao cinema – com *Under the Cherry Moon* (86) e *Graffiti Bridge* (90) –, mas o fiasco foi inevitável. Deveria ter se contentado com *Purple Rain*, o maior momento de sua carreira e um filme memorável.

HELIO GOMES

Nunca um filme de horror foi tão divertido.
Nunca uma comédia foi tão apavorante.
BRUCE CAMPBELL
(Darkman, A Morte do Demônio, Uma Noite Alucinante, Waxwork 2: Na Roda da Fortuna)
EMBETH DAVIDTZ
(A Lista de Schindler)
Preso no tempo.
Chegou a hora da vingança de Ash.
ESTE VOCÊ NÃO PODE PERDER.
JÁ ESTÁ NA SUA LOCADORA!
SE VOCÊ GOSTOU DE "DARKMAN" VAI ADORAR
UMA NOITE ALUCINANTE 3
DINO DE LAURENTIIS COMMUNICATIONS APRESENTA UMA PRODUÇÃO RENAISSANCE PICTURES BRUCE CAMPBELL EM "ARMY OF DARKNESS" COM EMBETH DAVIDTZ MARCUS GILBERT RICHARD GROVE MÚSICA TEMA DE DANNY ELFMAN
MONTAGEM BOB MURAWSKI DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA BILL POPE CO-PRODUTOR BRUCE CAMPBELL
ESCRITO POR SAM RAIMI & IVAN RAIMI PRODUZIDO POR ROBERT TAPERT DIRIGIDO POR SAM RAIMI
© 1993
TERROR
CANNES
HOME VIDEO

Abril Vídeo

A equipe de *bobsled* da Jamaica intriga seus competidores

COMÉDIA

JAMAICA ABAIXO DE ZERO ★★★

Derretendo o gelo com reggae

A idéia é original: uma equipe jamaicana de *bobsled* (ou trenó) competindo nas Olimpíadas de Inverno. Maluquice? Não, realidade, pois o filme se baseia em fato verídico ocorrido em 1988, quando quatro atletas dessa modalidade foram a Calgary, no Canadá, representar a Jamaica pela primeira vez.

O filme de Jon Turteltaub (*3 Ninjas*) é uma surpresa agradável, tanto que arrastou multidões aos cinemas só na divulgação boca-a-boca. É bem-dirigido e o elenco é coeso, com destaque para o hilário Doug, que interpreta o "melhor piloto de rolemã da Jamaica", Sanka Coffie.

Tudo começa quando Derice e Yul Brenner levam um "trança-pé" de Junior nas eliminatórias dos cem metros rasos para as Olimpíadas. Inconformado com a desclassificação, Derice pede ao ex-campeão de *bobsled* Irv (John Candy, em seu antepenúltimo trabalho) para treiná-los e participar das competições – em apenas alguns meses e sem dinheiro. A partir daí, Turteltaub desenvolve os temas da persuasão, companheirismo e dignidade cívica – o que de certa forma espelha a história da nossa "tetra-seleção", ao menos até o episódio da Alfândega no Rio.

(Cool Runnings, EUA, 1993) Direção: Jon Turteltaub. Com Leon, Doug E. Doug, Rawle D. Lewis, Malik Yoba, John Candy. 100 min. Abril Vídeo.

DEBORAH PELEIAS

DINHEIRO A QUALQUER PREÇO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Missing Pieces, EUA, 1991) Direção: Leonard Stern. Com Eric Idle, Robert Wuhl, Lauren Hutton. 88 min. Europa/Carat.

Após ter sido uma das peças fundamentais do Monty Python, Eric Idle agora enfrenta as agruras da carreira solo. Passou por coisas melhorzinhas, como *O Barão de Munchausen* e *Freiras em Fuga*, e por outras meio caídas, como *Quem Não Herda... Fica na Mesma*. É nesta categoria também que se enquadra este filme. Apesar da abertura promissora – Idle e Wuhl cometendo trapalhadas nas ruas de Nova York ao som da abertura de *A Brigada Ligeira* –, esta comédia não avança além do clichê "mocinhos detêm segredo que interessa aos vilões mas não sabem que segredo é esse". Às vezes chega a ser engraçadinho, mas é bem menor que o talento de Idle – de resto, comprometido pela parceria com o inexpressivo Wuhl.

I.B.

DINHEIRO, PRA QUE DINHEIRO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Money for Nothing, EUA, 1993) Direção: Ramon Menendez. Com John Cusack, Debi Mazar, Michael Madsen. 100 min. Abril Vídeo.

Qualquer um que achasse US$ 1,2 milhão ficaria de bico calado, certo? Menos John Cusack que, como Joey Coyle, sai pela cidadezinha onde vive comprando chiclete com notas de cem dólares, enquanto toda a polícia do Estado anda atrás dele. O filme é baseado em fato real: o estivador desempregado Coyle (falecido no ano passado) achou um saco de dinheiro e o escondeu em casa. O assunto rende muita discussão – achado não é roubado –, e o diretor fez um filme arrastado, que vale mais pelas atuações de Madsen como o investigador e Mazar como a namorada que tenta ajudar Coyle a sair do país com a muamba.

D.P.

Abril/Fox

Equipadas com vestidos floridos, mamãe e babá passeiam com os pirralhos

UMA BABÁ QUASE PERFEITA ★★★

Moralista mas engraçado

O diretor Chris Columbus parece destinado a dar boas surpresas aos executivos da Fox, que passa há anos por uma séria crise mas mantém-se na ativa graças a sucessos como a série *Esqueceram de Mim* e *Uma Babá Quase Perfeita*, a comédia de maior renda nos 60 anos de história do estúdio.

Além da assinatura de Columbus, esses filmes têm em comum o gênero e o fato de se destinarem a públicos de todas as idades. Com produção de Robin Williams e de sua mulher (que queriam alertar os pais sobre o estado emocional dos filhos durante o processo de separação), *Uma Babá...* é o veículo ideal para o talento cômico de Williams.

Ele interpreta um artista fracassado que se metamorfoseia na bondosa sra. Doubtfire para ficar perto dos filhos, quando não consegue evitar a separação pedida pela esposa (Sally Field). A série de gagues envolvendo as trocas de roupas e de personalidade enchem a tela e provocam gargalhadas na platéia. Prova de que, mesmo quando Hollywood quer ser moralista e sensibilizar o público para problemas familiares ou sociais, não esquece seu principal papel: a diversão e o entretenimento.

(Mrs. Doubtfire, EUA, 1993) Direção: Chris Columbus. Com Robin Williams, Sally Field, Pierce Brosnan, Harvey Fierstein. 120 min. Abril/Fox.

FÁTIMA GIGLIOTTI

Robin Hood (Cary Elwes) é bom de briga mas não de piada no filme de Mel Brooks

A LOUCA, LOUCA HISTÓRIA DE ROBIN HOOD ★★

Autoplágio

Este crítico tem o doloroso dever de informar a morte do humor de Mel Brooks. O falecimento aconteceu em *A Louca, Louca História de Robin Hood*, filme mais recente do diretor e uma repetição de piadas velhas e sem graça. Brooks cometeu o pior erro que um humorista poderia cometer: o autoplágio. Repete as mesmas e cansativas piadas metalingüísticas que o fizeram famoso em *Banzé no Oeste* (74) e *Alta Ansiedade* (77).

Este filme – que tenta parodiar o sofrível *O Príncipe dos Ladrões* (91), de Kevin Reynolds, e o ótimo *As Aventuras de Robin Hood* (38), de Michael Curtiz – está a anos-luz de obras-primas como *O Jovem Frankenstein* (74) e *Primavera para Hitler* (68). Se ainda assim você quiser arriscar, fique de olho no ótimo jogral rap que abre e fecha o filme e na excelente imitação que Dom De Louise faz do Don Corleone de Marlon Brando. E é só.

(Robin Hood – Men in Tights, EUA, 1993) Direção: Mel Brooks. Com Cary Elwes, Richard Lewis, Roger Rees, Amy Yasbeck, Mel Brooks. 104 min. 20/20 Vision.

EDSON ARANTES

O FAVOR, O RELÓGIO E O PEIXE MUITO GRANDE ★★

(The Favour, the Watch, and the Very Big Fish, França/Inglaterra, 1991) Direção: Ben Lewin. Com Bob Hoskins, Jeff Goldblum, Natasha Richardson, Michel Blanc. 89 min. 20/20 Vision.

Filmada em Paris e com elenco esplêndido, esta é o tipo de comédia farsesca cuja produção multinacional parece perder alguma coisa durante sua realização. A premissa é curiosa, e várias piadas isoladas funcionam a contento, mas o conjunto parece um prato insosso ou uma sopa aguada. Goldblum é um pianista que aceita posar de Cristo para Hoskins, fotógrafo que realiza "reconstituições" bíblicas para a Igreja. O pianista, porém, leva seu novo trabalho muito a sério. O roteiro do diretor – que parte de conto de Marcel Ayme – critica a fé cega, a ganância e as complicadas e solitárias relações humanas dos dias de hoje. Cheio de situações bizarras, o filme quase chega lá.

CH.P.

DISTRAÇÃO FATAL ★★

(Fatal Instinct, EUA, 1993) Direção: Carl Reiner. Com Armand Assante, Sherilyn Fenn, Kate Nelligan, Sean Young. 89 min. Warner/MGM.

Bom diretor de comédias, Carl Reiner achou que seria divertido parodiar *Atração Fatal*. E fez *Distração Fatal*. Assante é o dublê de detetive e advogado às voltas com três mulheres. O filme parodia as principais cenas de *Atração Fatal*, inclusive a da morte do coelho de estimação, aqui substituído por um gambá. Só isso dá o clima do filme – que é puro besteirol, gênero que parece ter se esgotado. Não falta a loira que ataca com um picador de gelo, lembrando *Instinto Selvagem*. A verdadeira fonte de inspiração, porém, é um filme que Billy Wilder fez nos anos 40: *Pacto de Sangue*. E o problema é que Sean Young não tem o *physique du rôle*: faltam-lhe coxas para fazer o papel.

L.C.M.

Wayne e Garth encaram o espírito de um índio

QUANTO MAIS IDIOTA MELHOR 2 ★★★★

Menos idiota e melhor

INÉDITO NO CINEMA

São raras as continuações superiores ao original (tipo *A Família Addams 2*). *Quanto Mais Idiota Melhor 2* é a exceção que confirma a regra. O filme é melhor em tudo, desde a qualidade do elenco feminino (Kim Basinger, Drew Barrymore e Heather Locklear aqui, contra Lara Flynn Boyle e Donna Dixon) até a esperteza das piadas. O roteiro de Myers não evita o "nerdismo" geral, mas arma melhor a sua trama e faz referências muito legais a filmes como *The Doors* e *A Primeira Noite de Um Homem*. O *timing* da história também é afiado: em tempos de Woodstock '94, Myers cria algo chamado Waynestock. E quem dá uma cancha musical não é o morto-vivo Alice Cooper, e sim o ressuscitado Aerosmith.

Como não rir com a ótima ponta de Charlton Heston ou com a impagável seqüência que começa com a música de *Missão Impossível* e acaba com um *cover* do Village People interpretando "YMCA"? Christopher Walken desfila seu charme impávido e cria um vilão com muito mais conhecimento de causa que o imberbe Rob Lowe da primeira parte. Seqüência menos idiota, que nem por isso deixa de ser *excellent!*.

(Wayne's World 2, EUA, 1993) Direção: Stephen Surjik. Com Mike Myers, Dana Carvey, Tia Carrere, Christopher Walken, Kim Basinger, James Hong. 95 min. CIC.

CHRISTIAN PETERMANN

CASSINO ROYALE★★
(Casino Royale, Inglaterra, 1967) Direção: John Huston, Ken Hughes, Robert Parrish, Joe McGrath, Val Guest. Com David Niven, Peter Sellers, Woody Allen, Ursula Andress, William Holden. 130 min. 20/20 Vision.

Única história do agente secreto que não parou nas mãos do produtor Albert Broccoli, *Cassino Royale* está mais para comédia que para a receita "tiros, mulheres e bandidões" seguida nas tramas de 007. James Bond é vivido por Niven que, às vésperas da aposentadoria, tem que descobrir o autor de atentados contra sua vida. Para o espectador, o desafio são os atentados ao bom gosto cometidos pela fita. Vários convidados especiais – Deborah Kerr, Orson Welles, Jean-Paul Belmondo – disparam piadinhas sem graça ao longo do filme e parecem se divertir mais que o público. Desapontador.

Sérgio Martins

A GUERRA DOS BOTÕES ★★★★
(La Guerre des Boutons, França, 1962) Direção: Yves Robert. Com Jacques Dufilho, Yvette Etievant, Michel Galabru, Michèle Meritz. 92 min. Concorde/Orovídeo.

O tempo não arranhou o charme e o impacto desta pequena obra-prima do ator e diretor de *Loiro, Alto, de Sapato Preto* (1972). Foi o primeiro filme e também o maior êxito da produtora que Robert fundou com sua mulher, a atriz Danièle Delorme. Baseado em romance de Louis Pergaud sobre a rivalidade entre garotos de duas pequenas cidades no interior da França, *A Guerra dos Botões* faz um vigoroso e poético inventário da infância, sem descambar para o sentimentalismo ou para o retrato social moralista. Seu maior trunfo é ambientar a "beligerância" do título num espaço e tempo que, em vez de limitar o alcance, tornam o filme absolutamente universal.

S.R.

Os irmãos interpretados por Zabou e Vincent Lindon passeiam pela montanha de suas infâncias

A CRISE ★★
Humor irregular

É preciso consultar o *Guinness*: há quase trinta minutos de diálogos ininterruptos no início de *A Crise*. Talvez a diretora e roteirista Coline Serreau (*Três Homens e um Bebê*, *Romuald e Juliette*) quisesse mesmo bater algum recorde, mas o falatório histérico tem o claro objetivo de acentuar as tintas tragicômicas do pesadelo vivido à luz do dia pelo protagonista.

Um bem-sucedido advogado parisiense (Vincent Lindon, de *Betty Blue*) descobre ao acordar que seu mundo caiu: já não tem mulher (que fugiu com outro, deixando-lhe um bilhete e um casal de filhos) nem emprego (foi despedido sem justificativa convincente e traído até pela secretária). Em busca de amparo para sua crise, encontra pela frente a dos outros.

Enquanto o registro é o do humor negro, o filme caminha bem, com situações caricaturais e divertidas. Pena que o trem de Serreau mude subitamente de rumo e, no afã de falar de coisas "sérias", assuma um dispensável tom piegas para sublinhar a "mensagem".

(La Crise, França, 1992) Direção: Coline Serreau. Com Vincent Lindon, Patrick Timsit, Zabou, Maria Pacome, Yves Robert. 91 min. VTI.

Sérgio Rizzo

POLICIAL

SOB CUSTÓDIA ★★★
(The Custodian, Austrália, 1993) Direção: John Dingwall. Com Anthony LaPaglia, Hugo Weaving, Barry Otto. 110 min. United.

INÉDITO NO CINEMA

Os australianos não brincam em serviço, mesmo quando se trata de uma produção modesta como esta aqui, apoiada numa trama original e em ótimas interpretações. LaPaglia (*Inocente Mordida*) é Quinlan, membro de uma raça em extinção: a dos policiais absolutamente honestos. Algo parece não se encaixar, então, quando, após denunciar suspeitas de corrupção entre seus colegas, aceita ser "contratado" por um chefe do crime organizado. O motivo, justifica Quinlan a seu parceiro corrupto (Weaving, de *A Prova*), é o arraso financeiro em que o divórcio o colocou. O plano de Quinlan, no entanto, é outro, como o espectador logo pode perceber – só não seria possível imaginar a que extremos chega a obstinação do policial. Tenso e surpreendente, merece uma espiada.

I.B.

ASSASSINO PROFISSIONAL ★★★
(The Hit List, EUA, 1993) Direção: William Webb. Com Jeff Fahey, Yancy Butler, James Coburn, Michael Beach. 93 min. Cannes.

INÉDITO NO CINEMA

Policial acima da média. Traz Fahey (*O Passageiro do Futuro*) como Charlie, um agente especializado em extermínios que trabalha para uma organização. Charlie tem sua vida complicada a partir do momento em que entra em cena Henning (Butler), cujo marido foi assassinado e que também está sendo perseguida. Uma série de acontecimentos tira Charlie do anonimato – sua maior arma – e o empurra para Henning que, claro, corresponde ao amor. Final inteligente, com ótima direção de atores.

F.C

DUBLADO

Walt Disney CLÁSSICOS

Aladdin

APENAS R$ 26,00

OLHA QUE PRESENTE GENIAL PARA SEU FILHO !

A JOINTVIDEO tem muita emoção, aventura e fantasia para você ter em casa para sempre. Fitas de vídeo dos clássicos infantis, super-produções dos estúdios Disney e um variado acervo com desenhos que agradam crianças e adultos. E o genial da história: você faz o pedido por telefone ou envia o cupom e a JOINTVIDEO entrega, de moto (grátis para São Paulo e grande São Paulo) ou via Sedex para todo o País. Rápido e prático.
E você ainda pode pagar com seu cartão de crédito.

Ligue já: (011)290.0811

TÍTULOS POR R$ 25,00

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE . WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA .

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.
Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana
Próximo à Estação Carandirú do Metrô
CEP 02033-000 - São Paulo - SP
Fone: (011)290.0811 - Fax: (011)267.6120

CUPOM DE PEDIDO

Indique o número de cópias que você quer adquirir:

- ☐ ALADIN (R$ 26,00) ☐ PINÓQUIO (R$25,00)
- ☐ ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (R$ 25,00)
- ☐ BAMBI (R$ 25,00) ☐ PETER PAN (R$ 25,00)
- ☐ A BELA E A FERA (R$ 25,00)
- ☐ A ESPADA ERA A LEI (R$ 25,00)

Total do pedido_____fitas /Custo total R$_____

Forma de pagamento:

- ☐ Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- ☐ Cartão de crédito: ☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS
  Número do Cartão:_____ Validade: __/__/__

Nome:_____
End:_____ Bairro:_____ CEP:_____
Cidade:_____ Estado:_____
ASSINATURA_____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

AVENTURA

JOSH E S.A.M. – UMA AVENTURA SEM LIMITES ★★★
(Josh and S.A.M., EUA, 1993) INÉDITO NO CINEMA
Direção: Billy Weber. Com Jacob Tierney, Noah Fleiss, Martha Plimpton, Joan Allen, Chris Penn. 97 min. Capital.

Aventura adolescente *on the road*. Os irmãos Josh (Tierney), de doze anos, e Sam (Fleiss), de sete, enfrentam de formas diferentes a indiferença dos pais separados: Josh se entrega à informática e Sam vive no "mundo da lua". Destituído do amor e da compreensão familiares, Josh conta a Sam que ele é um S.A.M. – "strategical altered mutant" –, robô criado pelo Pentágono. Para que Sam não seja convocado para uma guerra, vão ao Canadá atrás de liberdade. O mérito de Weber está na delicadeza com que mostra os problemas da infância nos anos 90 – como resultado de pais financeiramente estáveis mas instáveis psicologicamente – e nos ótimos diálogos entre as crianças.

D.P.

A MARCA DA FORCA ★★
(Hang'em High, EUA, 1968) Direção: Ted Post. Com Clint Eastwood, Inger Stevens, Ben Johnson, Bruce Dern, Dennis Hopper. 114 min. Concorde/Tocantins.

De volta aos EUA após a bem-sucedida temporada italiana com Sergio Leone, Eastwood co-produziu *A Marca da Forca* com a óbvia intenção de requentar o *spaghetti western* em Hollywood. Fica, no entanto, a impressão de que o cozinheiro exagerou no tempero, recorrendo a clichês do gênero sem acrescentar-lhes quase nada. O tempo fez também a sua parte para envelhecer o prato. O argumento é bom: ex-xerife condenado injustamente (Eastwood) escapa da morte por um triz e retoma o velho cargo para localizar os nove homens que o levaram à forca. Durante a busca, enrabicha-se com uma viúva (Stevens) que o protege. Mais enxuto, o filme talvez não passasse do ponto.

S.R.

LK-Tel/Columbia

O policial Willis e sua parceira (Sarah Jessica Parker) perseguem pistas de um assassino meticuloso

ZONA DE PERIGO ★★★
Um tira em crise

Filme com Bruce Willis sempre segue a mesma fórmula: 1) Tira entra em depressão. 2) Tira vira alcoólatra e tenta fugir de problemas. 3) Problemas vão ao encontro do tira. *Zona de Perigo* não é diferente. Tom Hardy (Willis) entra em crise (não falei?) depois da morte do pai durante perseguição a um *serial killer* que estrangula mulheres. Afasta-se da divisão de homicídios e vai trabalhar na patrulha fluvial de Pittsburgh. Corpos de mulheres aparecem boiando no rio. Hardy acredita que trata-se do mesmo assassino e resolve investigar, com a ajuda de sua parceira (Sarah Jessica Parker).

A direção e o roteiro de Rowdy Herrington garantem bons momentos. Há uma fantástica perseguição de carros no início e um desfecho totalmente inesperado. Apesar de seguir a receita Bruce Willis, *Zona de Perigo* não é duro de assistir.

(Striking Distance, EUA, 1993) Direção: Rowdy Herrington. Com Bruce Willis, Sarah Jessica Parker, Dennis Farina, Tom Sizemore. 101 min. LK-Tel/Columbia.

Edson Arantes

TARZAN – O HOMEM MACACO ★★★
(Tarzan – The Ape Man, EUA, 1932) Direção: W.S. Van Dyke. 99 min. International Classics.

A FUGA DE TARZAN ★★★
(Tarzan Escapes, EUA, 1936) Direção: Richard Thorpe. Com Johnny Weissmuller, Maureen O'Sullivan. 95 min. Continental.

Edgar R. Burroughs criou Tarzan sem nunca ter pisado na África. Essa "falha" ganha contornos mais fantásticos quando adaptada ao mundo hollywoodiano. Tarzan, o filho de lorde inglês criado pelos macacos, tem os cabelos cuidadosamente despenteados e, embora viva na Idade da Pedra, possui uma faca de metal. Os dois filmes garantem a diversão devido ao carisma dos protagonistas, mas também deixam os politicamente corretos de cabelos em pé: os africanos são chamados de "ateus ignorantes", e os amigos de Jane atiram à vontade nos animais. Em *O Homem Macaco*, Jane e seu pai tentam descobrir cemitério de elefantes e acabam encontrando Tarzan. Há cenas memoráveis, como os malabarismos de Weissmuller no cipó. Em *A Fuga de Tarzan*, o homem-macaco luta contra coronel inglês que tenta transformá-lo em atração de circo. No final, supõe-se que quem mais trabalhou foi o taxidermista que empalhou os animais que o herói enfrenta.

S.M.

O ZORRO – LONE RANGER ★★★★

(Lone Ranger, EUA, 1949) Direção: George B. Seltz. Com Clayton Moore, Jay Silverheels. 76 min. Concorde.

Este Zorro não é aquele vivido por Guy Williams, que infernizava a vida do sargento Garcia. Nesta série o herói é o Cavaleiro Solitário, único sobrevivente de uma equipe de ajuda a colonos (a ação se passa no tempo da conquista do Oeste) que acredita mais na Justiça do que em mandar chumbo em bandidos. A fita reúne os três episódios que contam a origem do herói – como ele encontra o índio Tonto, o cavalo Silver e, por fim, captura o algoz de seus amigos. Tudo muito certinho, com o mínimo de sangue e um vilão ultramalvado. Outra vantagem é que a distribuidora não emendou os episódios: a história é contada como na série, dando aquele clima de nostalgia.

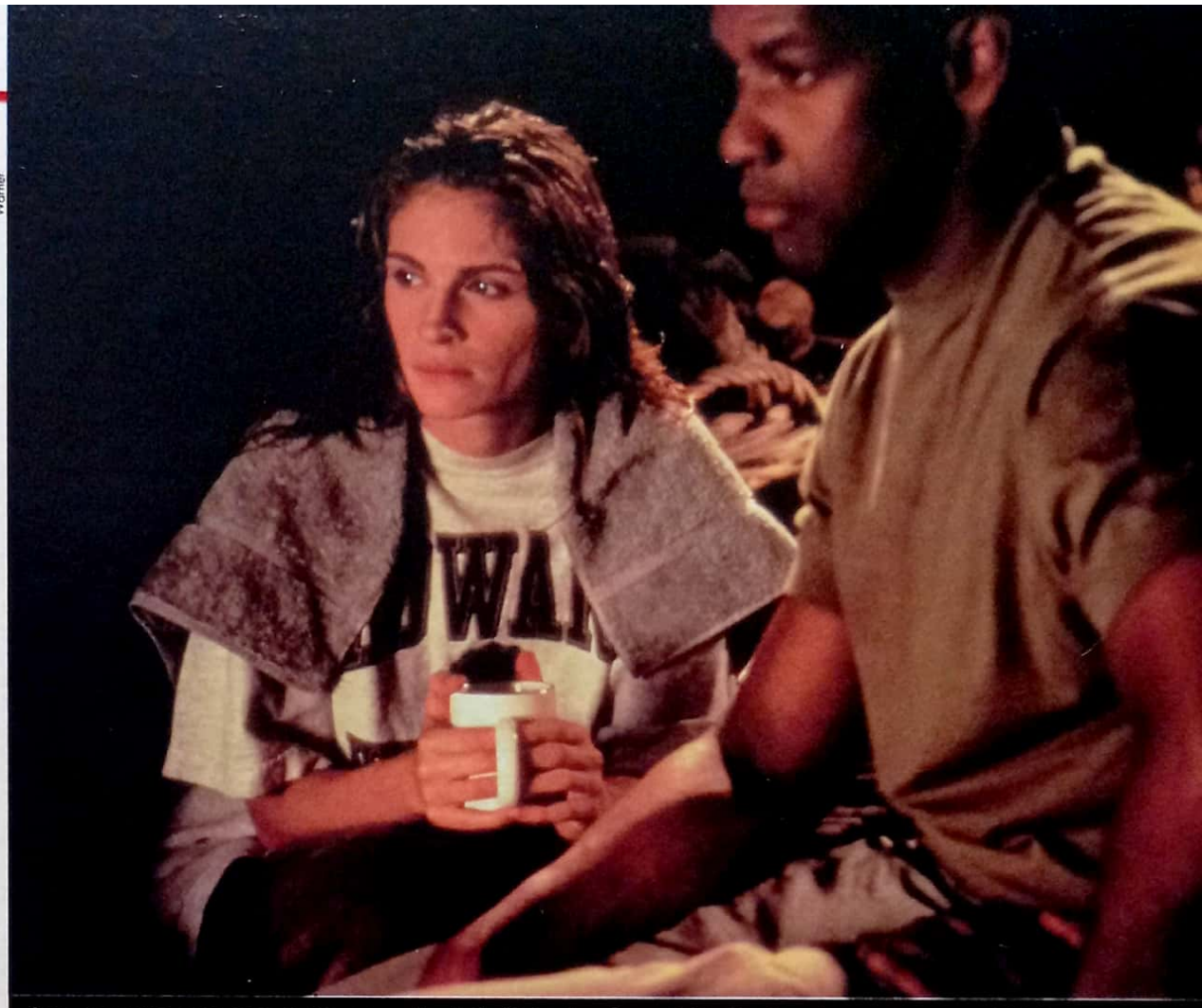
S.M.

CONSPIRAÇÃO NA RÚSSIA ★★★

(Back in the USSR, EUA, 1992) Direção: Deran Sarafian. Com Frank Whaley, Natalya Negoda, Roman Polanski. 89 min. Warner.

Em Cannes '94, a imprensa vendeu *Una Pura Formalitá*, de Giuseppe Tornatore, como o retorno de Polanski à frente das telas pela primeira vez desde *O Inquilino* (76). Está certo que *Back in the USSR* (sim, a música dos Beatles toca, até mesmo em russo!) teve um lançamento irregular, mas antes de protagonizar o filme italiano, Polanski foi o vilão deste thriller que funciona melhor em vídeo. Acompanha as desventuras de um jovem turista americano na URSS pós-glasnost. Ele acaba de posse de uma relíquia religiosa cobiçada por Polanski e é obrigado a pedir ajuda a bela russa (Negoda). Faz-se assistir sem dor nem lógica.

CH.P.



Warner

Sem romance, mas com muito empenho, Julia Roberts e Denzel Washington desvendam um mistério

SUSPENSE

O PREÇO DO DESEJO ★★

(Payback, EUA, 1994) Direção: Anthony Hickox. Com C. Thomas Howell, Joan Severance, Marshall Bell. 93 min. Flashstar.

Os integrantes do *bratpack* – Tom Cruise, Matt Dillon, Demi Moore – foram para a frente, e C. Thomas Howell (*A Morte Pede Carona*) ficou para trás. As evidências estão neste thriller pobrinho, obviamente decalcado de *O Desejo Bate à Sua Porta*, mas cujas diferenças com o original não vale nem ressaltar. Howell é um rapaz que, na prisão, logo angaria a hostilidade de seu cruel carcereiro. Bom, algumas reviravoltas depois, os inimigos se reencontram: o carcereiro, agora cego, é o dono de um café de beira de estrada em que Howell se emprega sob falsa identidade. As atrações do lugar são um tesouro oculto e a mulher do vilão, que gosta de servir os fregueses usando uniformes bem justos. Claro que todos vão enganar a todos, menos ao espectador, que não precisa de quinze minutos para descobrir que está perdendo seu tempo.

I.B.

UMA VIAGEM AO INFERNO ★★

(Voyage, EUA, 1993) Direção: John Mackenzie. Com Rutger Hauer, Karen Allen, Eric Roberts, Connie Nielsen. 86 min. Top Tape.

Casal de meia-idade (Hauer e Allen) dá carona para outro casal (Roberts e Nielsen) em seu veleiro. A relação, a princípio, é um mar de rosas. Aos poucos, porém, os convidados começam um jogo de sedução que evolui rapidamente para a psicopatia. Você já viu isso em *Kalifornia* (93), *Terror a Bordo* (88) e, principalmente, em *O Sol por Testemunha* (59), no qual este filme é descaradamente calcado. É... Hollywood virou mesmo uma quitanda barata de doces velhos e mofados. O diretor John Mackenzie, no entanto, garante alguns bons momentos de tensão.

E.A.

O DOSSIÊ PELICANO ★★★

Muita correria

Alan J. Pakula, o cineasta de *Todos os Homens do Presidente*, tenta um novo sucesso de referências políticas, sem muito realismo e acrescentando uma dose de suspense. Julia Roberts é Derby, uma estudante de Direito que decifra um caso envolvendo a Suprema Corte americana. Ao mostrar o dossiê para um professor (Sam Shepard), ela acaba sendo perseguida por "saber demais". Depois, só encontra ajuda no jornalista Gray Grantham (Denzel Washington).

Baseado em best seller de John Grisham, a adaptação cinematográfica empolga mais pelas perseguições do que propriamente pelos ideais que levaram a isso. Se em *A Firma*, também baseado em Grisham, a resolução final era genial, apesar do desenrolar intrincado, *Dossiê* frustra o espectador depois de tanta correria. E, apesar de Julia Roberts ser a mocinha, é Denzel Washington quem sua a camisa com um bom desempenho, sem direito a nenhum romance.

(The Pelican Brief, EUA, 1993) Direção: Alan J. Pakula. Com Julia Roberts, Denzel Washington, Sam Shepard, John Heard. 141 min. Warner.

CESAR GARCIA LIMA

Warner

OS HOMENS DOMINAM O MÊS DE OUTUBRO

As mulheres que nos desculpem, mas o mês de outubro prevê vários lançamentos centrados em atores. O grande sucesso de *Filadélfia* (*à esquerda*) deve-se ao talento de Tom Hanks no papel central. O faroeste *Tombstone – A Justiça Está Chegando* conta com um excelente elenco masculino (Kurt Russell, Val Kilmer, Sam Elliott). O drama romântico *Mr. Jones* tem Lena Olin, mas as atenções se concentram no também produtor Richard Gere. Dois outros filmes têm atrizes importantes na trama, mas apóiam-se principalmente no confronto entre os atores: *Na Roda da Fortuna* (Paul Newman/Tim Robbins, mais Jennifer Jason Leigh) e *Dois Velhos Rabugentos* (Jack Lemmon/Walter Matthau, *acima*, mais Ann-Margret). Também entre os inéditos no cinema há, por exemplo, *Surviving the Game*, filme de ação que reúne atores como Rutger Hauer e Ice T. Em contrapartida, há opções como o simpático *Quatro Casamentos e um Funeral*, cujo sucesso se deve tanto a Hugh Grant quanto a Andie McDowell, e o drama *Caminho de Pedras*, totalmente centrado na atriz Kathy Bates.

Columbia Tri-Star

BOLSA DE VÍDEO

As obras-primas de Visconti e Bergman mantêm seu impacto e confirmam a preferência dos críticos

	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Ana Claudia Fonseca Veja São Paulo	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires Zero Hora	Carlos Eli de Almeida Jornal do Brasil	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
O Leopardo (Concorde/ Tocantins)	10	10	9	–	10	9	–	8	9	9.2
Sonata de Outono (Concorde)	8	8	–	8	8	–	–	9	8	8.1
Em Nome do Pai (CIC)	8	8	9	7	9	7	9	7	8	8.0
Gilbert Grape – Aprendiz de Sonhador (Europa/Carat)	–	7	–	–	9	–	–	7	8	7.7
Jurassic Park (CIC)	7	8	9	9	7	6	8	4	5	7.0
O Jardim Secreto (Warner)	7	5	7	7	7	8	8	–	7	7.0
A Casa dos Espíritos (Paris)	8	7	8	7	6	5	8	7	6	6.8
Uma Babá Quase Perfeita (Abril/Fox)	6	7	7	8	7	6	7	7	6	6.7
O Pequeno Buda (Top Tape)	6	7	6	6	9	6	6	7	–	6.6
Noites Felinas (Abril/Belas Artes)	4	7	–	–	8	4	9	7	6	6.4

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	Look	(011) 536-9366
América/Paris	(011) 533-8300	Mundial	(011) 536-0677
Cannes	(011) 579-6522	N.C.A. Filmes	(011) 966-6135
Capita	(011) 816-0852	New York Filmes	(011) 941-7751
Concorde	(011) 266-6999	Odessa	(011) 825-5766
Continental	(021) 262-0751	Sagres/Riofilme	(021) 253-4782
Europa/Carat	(011) 579-6522	Tocantins	(027) 336-7112
Flashstar	(011) 255-9911	Top Tape	(021) 205-5552
Globo Vídeo	(011) 223-4275	20/20 Vision	(011) 825-5766
HVC	(011) 813-1860	United	(011) 295-4020
International Classics	(011) 288-5588	VTI	(021) 580-3130
LK-Tel/Columbia	(011) 825-5766	Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do *Caderno de Vídeo*, exceto a Poletal e a Transvídeo, que estão desativadas.

PARADA JULHO

BRASIL

1. ***Encaixotando Helena (Boxing Helena)*** (Paris)
2. ***Beethoven 2 (Beethoven's 2nd)*** (CIC)
3. ***O Piano (The Piano)*** (Paris)
4. ***Free Willy (Free Willy)*** (Warner)
5. ***Os Três Mosqueteiros (The Three Musketeers)*** (Abril Vídeo)
6. ***O Último Grande Herói (The Last Action Hero)*** (LK-Tel/Vídeo)
7. ***Na Linha de Fogo (In the Line of Fire)*** (LK-Tel/Vídeo)
8. ***Aladdin (Aladdin)*** (Abril Vídeo)
9. ***Marcas de Baton (Traces of Red)*** (LK-Tel/Vídeo)
10. ***Adeus Minha Concubina (Farewell My Concubine)*** (Look)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG), Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

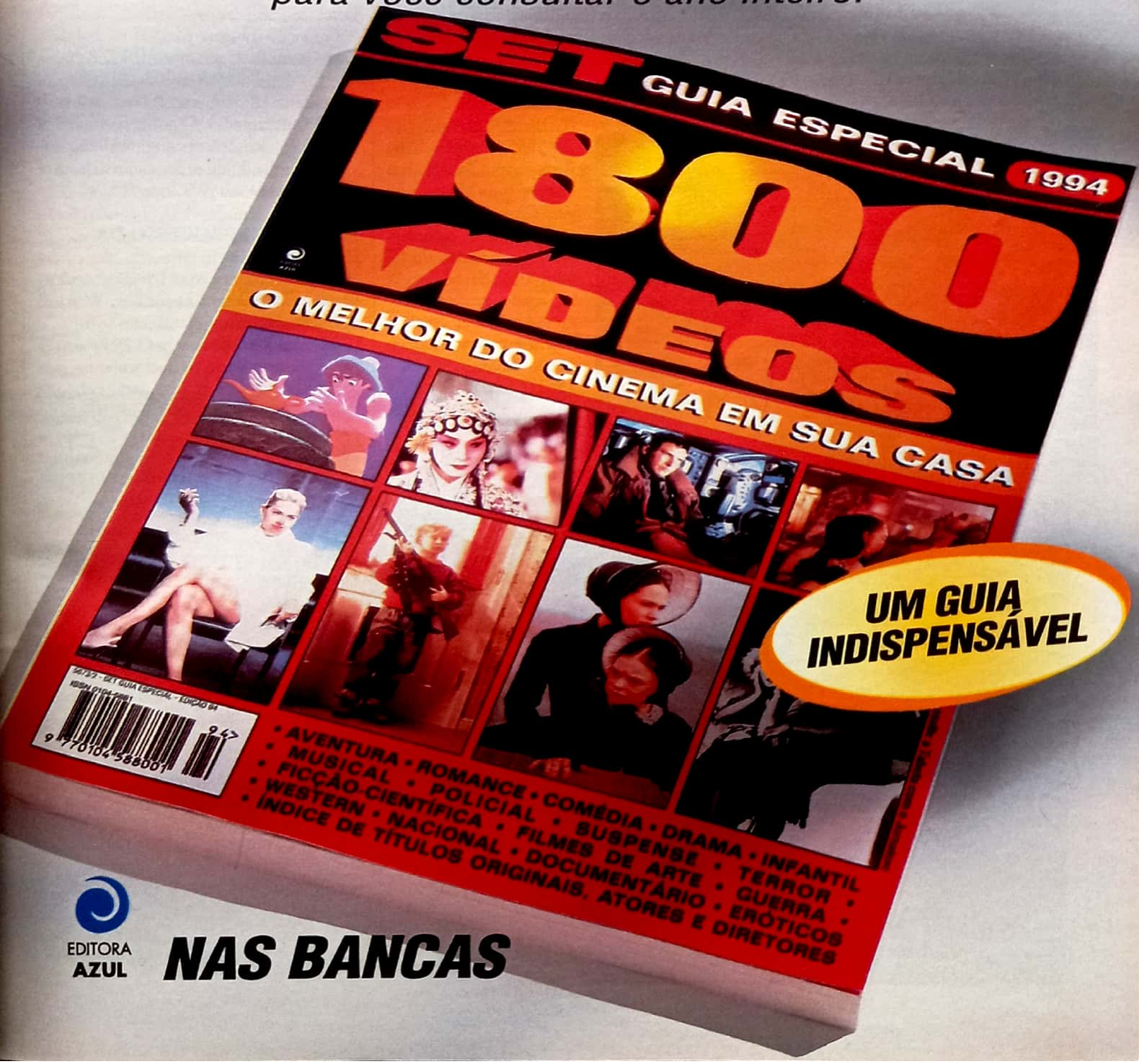
E.U.A.

1. ***Ace Ventura: Pet Detective (Ace Ventura: um Detetive Diferente)*** (Warner)
2. ***Philadelphia (Filadélfia)*** (Columbia TriStar)
3. ***In the Name of the Father (Em Nome do Pai)*** (MCA/Universal)
4. ***Tombstone (Tombstone – A Justiça está Chegando)*** (Hollywood)
5. ***The Pelican Brief (O Dossiê Pelicano)*** (Warner)
6. ***The Getaway (A Fuga)*** (MCA/Universal)
7. ***Grumpy Old Men (Dois Velhos Rabugentos)*** (Warner)
8. ***Sister Act 2 (Mudança de Hábito 2)*** (Touchstone)
9. ***Mrs. Doubtfire (Uma Babá Quase Perfeita)*** (Fox Vídeo)
10. ***The Air up There*** (Hollywood)

Fonte: *Entertainment Weekly* 29/07/94

O melhor do cinema em sua casa.

A melhor seleção de vídeos, em todos os gêneros, para você consultar o ano inteiro.



EDITORA AZUL

NAS BANCAS

É TUDO HISTÓRIA

Cinema também é cultura, ora. É o que provam estas bem-sucedidas reconstituições de fatos reais

Warner

Os Eleitos

ALEXANDRE NÉVSKI

(Aleksandr Niévski, URSS, 1938) Direção: Sergei Eisenstein. Com Nikolai Tcherkassov. 112 min. Globo Vídeo.

A derrota dos invasores teutônicos, numa batalha sobre o rio Neva gelado, valeu o título de Névski ao príncipe Alexandre, de Novgórod. O filme, de imagens belíssimas, sobre esse episódio histórico do século 13, visava a preparar o povo soviétivo para a guerra. A música de Prokófiev é um exemplo clássico da perfeita integração imagem/trilha sonora.

O ATENTADO

(L'Attentat, França, 1972) Direção: Yves Boisset. Com Gian Maria Volonté, Jean-Louis Trintignant, Michel Piccoli, Philippe Noiret. 116 min. Look.

Remexe numa história que, até hoje, o governo francês prefere varrer para debaixo do tapete: o seqüestro e morte, em Paris (1956), do argelino Ahmed Ben Barka, líder da luta pela independência de seu país. Sóbrio, bem documentado e com ótimo elenco.

A BATALHA DE ARGEL

(La Battaglia di Algeri, Itália, 1965) Direção: Gillo Pontecorvo. Com Brahim Haggiag, Jean Martin. 135 min. Globo Vídeo.

Clássico da reconstituição, em estilo documentário, de acontecimentos da história recente. A fase inicial da rebelião argelina contra a dominação francesa (1954-1962) é recriada com perfeito equilíbrio entre o rigor da pesquisa e a emoção com que os fatos são narrados.

Um Grito de Liberdade

CIC

Todos os Homens do Presidente

Warner

CHOVE SOBRE SANTIAGO

(Il Pleut sur Santiago, França, 1975) Direção: Helvio Soto. Com Bibi Andersson, Annie Girardot, Jean-Louis Trintignant. 110 min. Look.

Produção francesa filmada na Bulgária, passa-se em 11 de setembro de 1973, dia em que foi derrubado o presidente Salvador Allende (o título é a senha que deu sinal verde à quartelada). O golpe de Pinochet visto com exaltação por um chileno que viveu esse dia difícil e, por causa dele, teve de exilar-se de seu país.

DANTON, O PROCESSO DA REVOLUÇÃO

(Danton, França, 1982) Direção: Andrzej Wajda. Com Gérard Depardieu, Wojciech Pszoniak. 136 min. Poletel.

A confrontação, em 1791, entre Robespierre e Danton, que acaba na guilhotina, serve de metáfora para o choque entre as concepções radical e moderada do exercício do poder, vista de ângulo atemporal que a torna de absoluta atualidade. Uma das maiores interpretações de Depardieu e uma brilhante reconstituição de época.

DELITO MATTEOTI

(Il Delitto Matteoti, Itália, 1973) Direção: Florestano Vancini. Com Mario Adorf, Franco Nero. 118 min. Transvídeo.

Os ataques da esquerda a Mussolini após o seqüestro e morte do líder socialista Giacomo Matteoti, por militantes fascistas, serviram de pretexto, em 1924, para o endurecimento contra a oposição. Com grande rigor na evocação dos fatos e cuidado na adequação física dos atores – Adorf faz um "Duce" perfeito –, Vancini traça esse momento crucial na escalada do poder ditatorial na Itália.

OS ELEITOS – ONDE O FUTURO COMEÇA

(The Right Stuff, EUA, 1983) Direção: Philip Kaufman. Com Sam Sheppard, Dennis Quaid. 192 min. Warner.

O livro de Tom Wolfe sobre o início da corrida espacial serviu de ponto de partida para este empolgante painel dos esforços americanos para conquistar o espaço. O filme revelou o nome de Kaufman e recebeu quatro merecidos Oscar.

GIORDANO BRUNO

(Itália, 1973) Direção: Giuliano Montaldo. Com Gian Maria Volonté, Charlotte Rampling. 123 min. Globo Vídeo.

Um dos melhores filmes biográficos já feitos: no matemático queimado pela Inquisição, em 1600, por pregar teorias científicas "heréticas", Montaldo celebra o espírito de rebelião contra o autoritarismo intelectual. Interpretação extraordinária de Volonté.

UM GRITO DE LIBERDADE

(Cry Freedom, Inglaterra, 1987) Direção: Richard Attenborough. Com Kevin Kline, Denzel Washington. 157 min. CIC.

Baseado no livro do jornalista sul-africano Donald Woods, que se conscientiza da monstruosidade da discriminação racial no contato com o líder negro Steve Biko, morto sob tortura na prisão. Denúncia do racismo e da violência política, em tom épico de apaixonada empostação. Ainda mais atual quando, hoje, assistimos ao fim do *apartheid*. O filme revelou Denzel Washington.

OS GRITOS DO SILÊNCIO

(The Killing Fields, EUA, 1984) Direção: Roland Joffé. Com Sam Waterston, Haing S. Ngor. 141 min. VTI.

Em plena ditadura do Khmer Vermelho, o jornalista Sidney Schanberg, do *New York Times*, consegue voltar ao Camboja para resgatar seu fotógrafo, com quem fizera amizade. São impressionantes as imagens do gigantesco genocídio cometido entre 1975 e 1979 por esses extremistas de esquerda.

Os Gritos do Silêncio

JFK – A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR

(JFK, EUA, 1991) Direção: Oliver Stone. Com Kevin Costner, Sissy Spacek. 189 min. Warner.

Minuciosamente documentado, discute as teorias do promotor Jim Garrison sobre as circunstâncias do assassinato de John Kennedy em Dallas (1963). A polêmica gerada pelo filme desencadeou a reavaliação de vários detalhes desse episódio a respeito do qual, provavelmente, nunca saberemos toda a verdade.

LAWRENCE DA ARÁBIA

(Lawrence of Arabia, Inglaterra, 1962) Direção: David Lean. Com Peter O'Toole, Omar Sharif, Anthony Quinn. 206 min. LK-Tel/Vídeo.

Com mão seguríssima, o mestre Lean traça o épico painel das aventuras, no Oriente Médio, do inglês T.E. Lawrence, dono de uma revolucionária mentalidade não-colonialista. O filme revelou O'Toole e o egípcio Omar Sharif. A cópia em vídeo contém trechos eliminados da versão exibida no cinema.

JFK

Cardápio

CIC

MISSING – O DESAPARECIDO
(Missing, EUA, 1982) Direção: Constantin Costa-Gravas. Com Jack Lemmon, Sissy Spacek. 122 min. CIC.

Procurando, no Chile, seu filho desaparecido após o golpe de Pinochet, americano conservador reavalia suas crenças – inclusive sobre o papel que seu país desempenha no plano internacional. O processo de antagonismo inicial, descoberta progressiva e profunda amizade entre o sogro reacionário e a nora emancipada tem em Lemmon e Spacek intérpretes excepcionais.

OS MUCKER
(Brasil/Alemanha, 1978) Direção: Jorge Bodansky, Wolf Gauer. Com Paulo César Peréio, José Lewgoy. 105 min. Globo Vídeo.

Subvencionado pela TV alemã, este é um filme muito bem feito sobre a Revolta dos Mucker, episódio mal conhecido da história brasileira. Excelente retrato da comunidade fechada dos mucker, imigrantes alemães, fundamentalistas protestantes vítimas da intolerância católica, massacrados em 1872.

REDS
(EUA, 1981) Direção: Warren Beatty. Com Warren Beatty, Diane Keaton, Maureen Stapleton. 200 min. CIC.

Charmosa biografia do jornalista John Reed – por suas idéias de esquerda apelidado de Reds –, que fez a cobertura das revoluções no México e na Rússia (Eisenstein baseou-se em seu livro, *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, para filmar *Outubro*, também disponível em vídeo). A inserção dos depoimentos de personalidades que conheceram Reed e sua mulher, Louise, dão ao filme um caráter semidocumental.

REFÉNS
(Hostages, Inglaterra, 1993) Direção: David Wheatley. Com Kathy Bates, Colin Firth. 100 min. NCA.

Em estilo semidocumental, o dia-a-dia no cativeiro dos americanos seqüestrados no Líbano pelos hezbolá; e os esforços de seus parentes, nos EUA, para obter sua libertação. Surpreendente pela visão sem preconceitos e a condenação do governo Reagan que, oficialmente, recusava-se a negociar com terroristas mas, por baixo do pano, estava envolvido no caso Irã-Contras.

Globo Vídeo

SACCO E VANZETTI
(Itália, 1971) Direção: Giuliano Montaldo. Com Gian Maria Volonté, Riccardo Cucciola. 120 min. Globo Vídeo.

Um erro judiciário – a condenação à morte, em 1927, de dois imigrantes italianos injustamente acusados de assassinato – causado pelo preconceito contra estrangeiros. Um modelo de filme-reportagem, valorizado por seus dois ótimos atores.

TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE
(All the President's Men, EUA, 1976) Direção: Alan Pakula. Com Robert Redford, Dustin Hoffman. 138 min. Warner.

Filmagem do livro de Bob Woodward e Carl Bernstein, os repórteres do *Washington Post* cujo trabalho investigativo desencadeou o escândalo Watergate que, em 1974, levou à renúncia do presidente Richard Nixon. Um dos bons filmes sobre o papel da imprensa na sociedade moderna.

O ÚLTIMO IMPERADOR
(The Last Emperor, EUA/Itália, 1987) Direção: Bernardo Bertolucci. Com John Lone, Peter O'Toole. 165 min. LK-Tel/Vídeo.

A história de Pu Yi, último soberano manchu, destronado ainda menino em 1908 e que depois aceitou chefiar o governo fantoche criado pelos invasores japoneses. A suntuosa produção – premiada com nove Oscar – reconstrói com requinte os ambientes originais, fazendo-nos entrar até mesmo na Cidade Proibida, onde os imperadores chineses viviam enclausurados.

Lauro Machado Coelho

TEM RÁDIO QUE MARCA PELO SUCESSO.

Eu levo sempre a Jovem Pan 2 comigo. É a rádio que me marca. Tudo o que eu gosto de ouvir, a Jovem Pan 2 toca: Reggae, Funk, Rock, Ben Jor e tem até balada que me toca. Quando eu saio da toca entro no meu carro e ligo o som a mil, a Pan me toca mais forte. Por tudo isso eu vou te dar um toque, a Pan 2 é a melhor rádio do Brasil.
Só falta você se tocar.

SE TOCA, É JOVEM PAN 2.

NorthWest

Videoteca

Personalidades falam sobre suas cenas de abertura preferidas

Helio Motta

GILBERTO BRAGA, autor de novelas:

"Assistir a filmes é, sem dúvida, um dos maiores prazeres da minha vida. Acho que só consigo escrever porque vi e vejo muitos filmes. O vídeo passou a ser uma paixão ainda maior do que o cinema, porque os filmes que mais curto são geralmente de história, personagens, que perdem menos na telinha. Minha média de vídeos é de doido mesmo, varia de um a dois filmes por dia. Estou muito sem saco para ir ao cinema; lá tenho me sentido como se lesse um livro numa biblioteca, quando poderia estar lendo na cama. Gosto de praticamente tudo. É mais fácil dizer do que eu não gosto: western – com as exceções de Howard Hawks (eu adoro *Rio Bravo*!) e Henry Hathaway –, horror e ficção científica. Esses não têm nada a ver com o meu gosto. Também não tenho grandes paixões pelo cinema mais intelectualizado, lento, gênero Michelangelo Antonioni e Eric Rohmer. Vejo, mas meio impaciente. Tenho predileção mesmo é pelo cinema americano: Hitchcock, Billy Wilder, George Cukor, Vincente Minnelli, Woody Allen, Martin Scorsese, Spielberg. Entre os atores e atrizes eu citaria Marlon Brando, Spencer Tracy, Harrison Ford, Katharine Hepburn, Bette Davis, Audrey Hepburn e toda a turma do Woody Allen... Dos europeus, Visconti, Truffaut, Bertolucci – sendo que este último é responsável pela bela apresentação de *O Céu que nos Protege*. Aqueles planos jornalísticos de Nova York da década de 40 e a música do Lionel Hampton são fantásticos!"

Marcio Alves

CARLA CAMURATTI, atriz e diretora:

"Sempre que vou à locadoras corro às prateleiras do passado. Filmes antigos, clássicos e filmes de arte são o meu fraco. Funciona meio como uma biblioteca. Tenho dificuldade para ver videolançamentos. É por isso que uma das cenas de abertura que mais me marcou e de que gosto muito é a de *Mensageiro do Diabo*, filme dos anos 50 com Robert Mitchum fazendo um psicopata e uma bela participação de Lillian Gish. Charles Laughton, pela primeira e única vez como diretor, utiliza uma trucagem antiga do cinema, proporcionando um efeito um tanto quanto primário, mas de uma delicadeza incrível: um céu cheio de estrelinhas e uma senhora falando com crianças. É lindo!"

SET Recomenda

Prateleiras de Sua Videolocadora Escondem Filmes que Retratam o Jovem Americano de Hoje

Abril/Fox

CAMINHOS DA VIDA
(*Jumpin' at the Boneyard*, *EUA*, *1992*, *106 min.*, Abril/Fox)

A trama: Pai de família divorciado e desempregado, morador de vizinhança miserável do Bronx (Nova York) e descendente de irlandeses, reencontra seu irmão mais novo após três anos; o mais jovem é viciado em crack; o conflito familiar é inevitável.

Estilo: A trama se desenrola em 24 horas; a tragédia iminente carrega o filme de tensão constante; estética realista; filme americano de rara sinceridade para com o mundo à margem da sociedade; narrativa deprimente; personagens no limite, que não têm nada a perder.

O diretor: É a estréia do diretor e roteirista Jeff Stanzler, com o aval de Lawrence Kasdan (*Corpos Ardentes*, *Te Amarei até te Matar*) como produtor executivo.

O forte: A razão de ser do filme é o trabalho da dupla central de atores. Tim Roth (*Cães de Aluguel*) interpreta o irmão desempregado, com seu sotaque britânico e um cavanhaque ruivo. Alexis Arquette (*Noites Violentas no Brooklyn*), irmão de Rosanna e Patricia, revela-se um excelente ator como o jovem drogado que usa *dreadlocks*. Roth prova mais uma vez ser um dos grandes atores de sua geração, ficando em pé de igualdade com Daniel Day-Lewis e Gary Oldman – sua interpretação é contida, silenciosa, carregada de dor e amargura. Já Alexis prova que consegue interpretar tipos não-homossexuais (ele foi o jovem travesti de *Noites Violentas*... e, todos os fins de semana, apresenta-se como drag queen em clube noturno de Los Angeles) com uma caracterização impressionante, um dos melhores *junkies* a passar pelas telas. Ele transmite bem o estado de semicatatonia, no limbo da consciência que, mal ou bem, é uma imagem realista do viciado em estado terminal.

Público-alvo: *junkies*, manifestantes antidrogas, irmãos, atores, curiosos sociais e adeptos de uma fita densa.

CIC

CB4
(*EUA*, *1993*, *89 min.*, CIC)

A trama: Trio de cantores de rap tenta vencer na vida; admiradores do gênero gangsta rap (com letras pesadas e violentas), provocam involuntariamente a prisão de um famoso grupo chamado CB4 ("cell block 4", ou "cela de prisão 4"); assumem as identidades dos presos e estouram a boca do balão; um diretor branco realiza um "rapumentary" sobre o grupo quando toda a verdade é revelada.

Estilo: montagem rápida, definida pelo ritmo da música; humor visual tipo *Quanto Mais Idiota Melhor*; contextualização política das letras; rápido estudo sobre a autenticidade da arte e sobre falsificações; *slangs* (gírias) da comunidade afro-americana, com respectivos gurus, códigos morais e éticos.

A diretora: Tamra Davis é uma das novas diretoras em atividade no mercado independente americano; antes ela havia dirigido o interessante *Guncrazy – Howard & Anita*, *Jovens Amantes* (92, Paris), uma espécie de Bonnie & Clyde adolescente, com Drew Barrymore; depois de *CB4*, ela foi afastada da direção de *Quatro Mulheres e um Destino* (também com Drew) e por enquanto aguarda um novo projeto; aqui ela trabalha com roteiro e produção de Chris Rock e Nelson George, também protagonistas, egressos do programa *Saturday Night Live*.

O forte: O que vale no filme não é só a discussão sexista e ideológica das letras gangsta; para quem quer dar um rápido mergulho nesse universo, a trilha oferece músicas de Run DMC, P.M. Dawn, The Beastie Boys e LL Cool J, entre outros; há pontas de gente como Ice T, Ice Cube e Flavor Flav (do Public Enemy) dando declarações sobre o grupo CB4; uma curiosidade: Gusto, o líder preso do CB4, é interpretado pelo irmão de Eddie Murphy, Charlie.

Público-alvo: rappers, jovens, modernos, sociólogos, pacifistas, almas dançantes.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA
TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS
PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com preços baixos

• Jurassic Park • O Pequeno Buda
• Califórnia 2010 • Em Nome Do Pai
• Quanto Mais Idiota Melhor II

• Cheques pré-datados e cartão de crédito
• Inclusive por telefone

• Remetemos para todo o Brasil
• Aceitamos Permuta
FITAS A PARTIR DE R$ 4,00
• ***OFERTAS:***
• Catálogos usados 15% de desconto a vista
• A cada 10 fitas ganhe uma grátis
• A cada 3 fitas ganhe um brinde

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

FITAS DE VÍDEO

Novas • Seminovas • Usadas
Grande quantidade de títulos

Atendemos colecionadores, particulares e montamos vídeo locadoras
Aceitamos todos os Cartões de Crédito, inclusive por telefone)

PLANETA NORTE

Fone:
(011) 578-5727
(011) 584-5723
R. Dos Buritis, 257
Metrô Jabaquara

7ª. ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.

• O Pequeno Buda • Califórnia 2010
• Em Nome Do Pai • Jurassic Park
• Quanto Mais Idiota Melhor II
• E Outros

Catálogos a partir de R$ 4,00
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
15% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - **Tel.: (011) 267-5567**

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
CONFIRA
OS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS

• Uma Noite Alucinante III
• A Rainha Do Lar
• Parque Dos Dinossauros • E Outros

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)

Tel.: (011) 290-4330

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

• Toda linha de acessórios
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.

10% DE DESCONTO P/ PAGAMENTO A VISTA

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

• Em Nome Do Pai • O Pequeno Buda
• Jurassic Park • Califórnia 2010
• Quanto Mais Idiota Melhor II

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

NOVO ENDEREÇO

Rua Dr. Zuquim, 396 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Transpote Gratuito acima de 10 fitas
Estamos c/ estacionamento na Rua Gabriel Pizza, 445

Cartas

Richard Donner

Na matéria sobre o filme *Maverick* (nº 7, ano 8) havia uma pequena reportagem com o diretor Richard Donner, que disse ter ficado surpreso ao saber que na terceira parte do filme *A Profecia* o personagem Damien quase virou presidente dos EUA, e que achou a idéia um tanto idiota. Mas, na mesma revista, seção *Filmografias*, Richard Donner aparece como produtor-executivo do filme *A Profecia III – O Conflito Final*. Como ele pode ter achado idiota se participou do mesmo?

Carla Fernanda Collucci Vaz
(Ribeirão Preto – SP)

Como Richard Donner é o realizador do filme original, seu nome tem que constar dos créditos das continuações, mesmo que ele não tenha participação direta. E André Barcinski, autor da reportagem, confirma que o diretor se surpreendeu ao tomar conhecimento da informação que você menciona em sua carta.

Edição de Julho

Gostaria de parabenizar toda a equipe de SET pela ótima edição nº 7, ano 8. A revista veio acompanhada de boas matérias e excelentes entrevistas, destacando a que diz respeito a um dos maiores mitos do cinema mundial: Ingrid Bergman. Uma matéria justa e esclarecedora. Alfredo Sternheim conseguiu transpor para seu artigo todas as qualidades dessa magnífica atriz. Espero que a revista mantenha a qualidade que vem apresentando em suas últimas edições. Gostaria de saber se a seção *Mito* já publicou alguma matéria referente a Charles Chaplin, Orson Welles e Barbara Stanwick.

Arnildo Linck Júnior
(Cornélio Procópio – PR)

Somente Chaplin já saiu em Mito, na edição 21. Quanto a Barbara Stanwick, ainda não temos planos. Mas Orson Welles já está em nossa pauta – e não era sem tempo!

Confesso que já estava pensando em deixar de assinar SET quando fui surpreendida pelas mudanças verificadas este ano. A sofisticação visual vem sendo acrescida de textos de qualidade cada vez melhor. Desejo expressar minha satisfação parabenizando SET, nº 7, ano 8, por entrevistas bem elaboradas e interessantes como a dos irmãos Coen, o excelente *Caderno de Vídeo*, e as matérias sobre *Maverick* e *Backbeat*. Só reclamo do pouco espaço dado ao Festival de Cannes.

Joseane Santos Feitosa
(Floriano – PI)

Sem querer puxar o saco, SET não dá pra não ler. Vocês conseguem sempre unir quantidade e qualidade. Prova disso é a edição de julho, que nos brindou com a matéria de capa sobre *Maverick* e, de quebra, a entrevista com a garota-prodígio Jodie Foster, que já vale por uma revista.

Gilson Vieira
(União dos Palmares – AL)

Sendo cinéfilo e assinante da revista SET há um ano, venho parabenizá-los pela excelente edição de SET, nº 7, ano 8. Só a capa com a excelente Jodie Foster e Mel Gibson já valeu mais um dez para vocês. A única exceção são as *Fichas de Cine & Vídeo*. Será que teremos que pintar a cara e sair às ruas fazendo passeata para que as fichas voltem a ser oito?

Valmir Antonio Pala
(Varginha – MG)

Edição de Junho

É impossível negar a metamorfose por que SET vem passando ao longo de suas últimas edições. Finalmente a equipe de SET parece ter encontrado o "caminho do sucesso", ou seja, matérias criativas e originais aliadas a textos consistentes e padrão gráfico excelente. Destaque para as seções *Caderno de Vídeo* e *Takes*, que estão cada vez melhores. Que grande surpresa as matérias de *Kika* e Stephen King! E a colaboração de Dulce Damasceno de Brito só veio enriquecer SET. Muito feliz também a matéria *Perfil* feita por Isabela Boscov na edição 85. Mas, como nem tudo são flores... Talvez a grande crítica que se faça à revista seja o antagonismo de opiniões entre os críticos da SET. Certamente que criticar é um ato bastante pessoal, mas às vezes alguns críticos exageram e se fecham totalmente em sua preferência pessoal. Um exemplo disso ocorreu com o filme *Olhos de Serpente*. Na edição 77, o sr. Luiz Carlos Merten dizia que Madonna tem uma interpretação ruim, enquanto que na edição 85 o sr. Christian Petermann elogia a atuação da atriz. Afinal, Madonna é ou não uma boa atriz?

Leonardo Cunha Dentz
(Três Rios – RJ)

Correio Entre os Leitores

Temos materiais, nacionais e importados sobre os maiores nomes do cinema, e trocamos por materiais sobre grupos musicais.

Collector's Club
Rua Basílio Zecchin, 68, Lavapés
CEP 12900-000
(Bragança Paulista – SP)

Gostaria de trocar correspondências com fãs dos desenhos da Hanna-Barbera e dos filmes baseados nos mesmos. Estou formando um fanzine: *HB Maniacs*.

Inácia
Rua Francisca de Paula, 500,
Vila Carrão
CEP 03436-000
(São Paulo – SP)

Troco correspondência e material de cinema de todos os tempos. Tenho muita coisa e responderei a todas as cartas.

Adimilson Gireroli Vergara
Q. 4, Bloco 416, apto 6,
Cohab Lindóia
CEP 96070-190
(Pelotas – RS)

Quero me corresponder com outros leitores de SET. Gosto de todos os gêneros de filmes. Também procuro os seguintes filmes: *Mississippi Masala, Febre da Selva*. Gostaria de receber endereços de fãs-clubes e clubes de cinéfilos do Brasil e do mundo.

Reinaldo Apdo
Caixa Postal 103
CEP 13360-000
(Capivari – SP)

Troco material com fãs e admiradores de Marilyn Monroe e, se alguém possuir o endereço do fã-clube, gostaria de receber.

Paulo Rieg
Caixa Postal 1309
CEP 88010-970
(Florianópolis – SC)

Chamo as fãs de Chris O'Donnell para participarem do fã-clube The Bright Blue Eyes Fan Club. Estou interessada em comprar ou trocar material sobre o gato; possuo grande variedade de material nacional e importado de vários artistas.

The Bright Blue Eyes Fan Club
(A/C Raquel de Souza)
Rua Aldo de Queiroz, 151,
Sto. Antonio de Lisboa
CEP 88050-340
(Florianópolis – SC)

Tenho interesse em contatar pessoas que gostem e tenham material de Live-Action e desenhos japoneses.

Paulo Rogério Mendes Nigro
Rua Belchior de Godoi, 342,
Vila Dalila
CEP 03522-070
(São Paulo – SP)

Troco tudo por material sobre River Phoenix. Tenho fotos e reportagens de Tom Cruise, Van Damme, George Michael, Clint Eastwood, Kiefer Sutherland, Matt Dillon e outros.

Fernanda Sartore
Rua Miguel Barachini, 181,
Parque dos Bandeirantes
CEP 14090
(Ribeirão Preto – SP)

Gostaria de trocar correspondência com leitores de SET.

Marcos Belisário Antunes
I.P.S. Simon Bolivar
Código Postal 20200
(Pinar del Rio – PR – Cuba)

Vendo as edições 02 a 77 de SET em perfeito estado.

Gustavo Vicente F. Valladares
Av. Ariosto Bento de Mello, 35,
apto. 402, Centro
CEP 28610-100
(Nova Friburgo – RJ)

Errata

No tópico *Pedro Almodóvar & Cia.*, pág. 80, ed. nº 7, ano 8, seção *Cardápio*, a parceria Antonio Banderas e Victoria Abril foi só em *Ata-me*, não se repetindo em *De Salto Alto*.

No comentário sobre o filme *Coração Indomável*, pág. 62, edição nº 7, ano 8, no *Caderno de Vídeo*, considerar como direções de Tony Bill os filmes *Cuidado com Meu Guarda-Costas* e *Crazy People*.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editores-Assistentes de Arte: Maria Amélia de Azevedo, Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição: Texto: Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Barcinski (Nova York), Celso Fioravante, Cesar Garcia Lima, Dulce Damasceno de Brito, Edson Arantes, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Hélio Gomes, Inácio Araujo, Lauro Machado Coelho, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Sérgio Martins, Sergio Rizzo, Walter de Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Walter Toscano
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 87, setembro de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 534-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

IVC

ANER **Fotolito:** Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Bureau Azul, Proposta Editorial

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 86/AGOSTO 94
Jack Nicholson fala com exclusividade sobre *O Lobo*; Keanu Reeves e Dennis Hopper em *Velocidade Máxima*; em vídeo, *Sintonia de Amor* e mais 54 lançamentos.

Nº 85/JULHO 94
Mel Gibson e Jodie Foster em *Maverick*; *Backbeat* mostra o início dos Beatles; o novo desenho da Disney, *O Rei Leão*; e mais de 50 lançamentos em vídeo.

Nº 84/JUNHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones;* em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo caderno de vídeo com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/ FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em *O Pagamento Final*; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, *Muito Barulho por Nada* e *A Doce Vida*.

Nº 79/ JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

Nº 78/DEZEMBRO 93
Radiografia do mercado de vídeo; homenagens a Fellini, Vincent Price e River Phoenix; em vídeo, *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Nº 77/NOVEMBRO 93
Van Damme protagoniza *O Alvo*, do chinês John Woo; Martin Scorsese em entrevista exclusiva; em vídeo, *Metrópolis* e *Gigi*.

Nº 76/OUTUBRO 93
Visita ao set de *O Fugitivo*; Clint Eastwood e John Malkovich em *Na Linha de Fogo*; em vídeo, o *Blade Runner* integral e *Alien* ³.

Nº 75/SETEMBRO 93
Tom Cruise em *A Firma*; entrevista com Meg Ryan; em vídeo, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Cidade*.

ATENÇÃO: A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

Digitalizado com CamScanner

SET

OLHOS DE RESSACA

Nastassja Kinski em *Tess* (1980), de Roman Polanski

KEVIN COSTNER
(JFK, Robin Hood - O Príncipe dos Ladrões)

CLINT EASTWOOD
(Os Imperdoáveis, Três Homens em Conflito)

LAURA DERN
(Vôo Rasante, Parque dos Dinossauros)

US$ 130,000,000.00

DE BILHETERIA

um Mundo Perfeito

"A Perfect World"

O destino é mesmo capaz de formar estranhas amizades.

DUBLADO E LEGENDADO

JÁ NA SUA LOCADORA

WARNER HOME VIDEO

Sempre o melhor para você

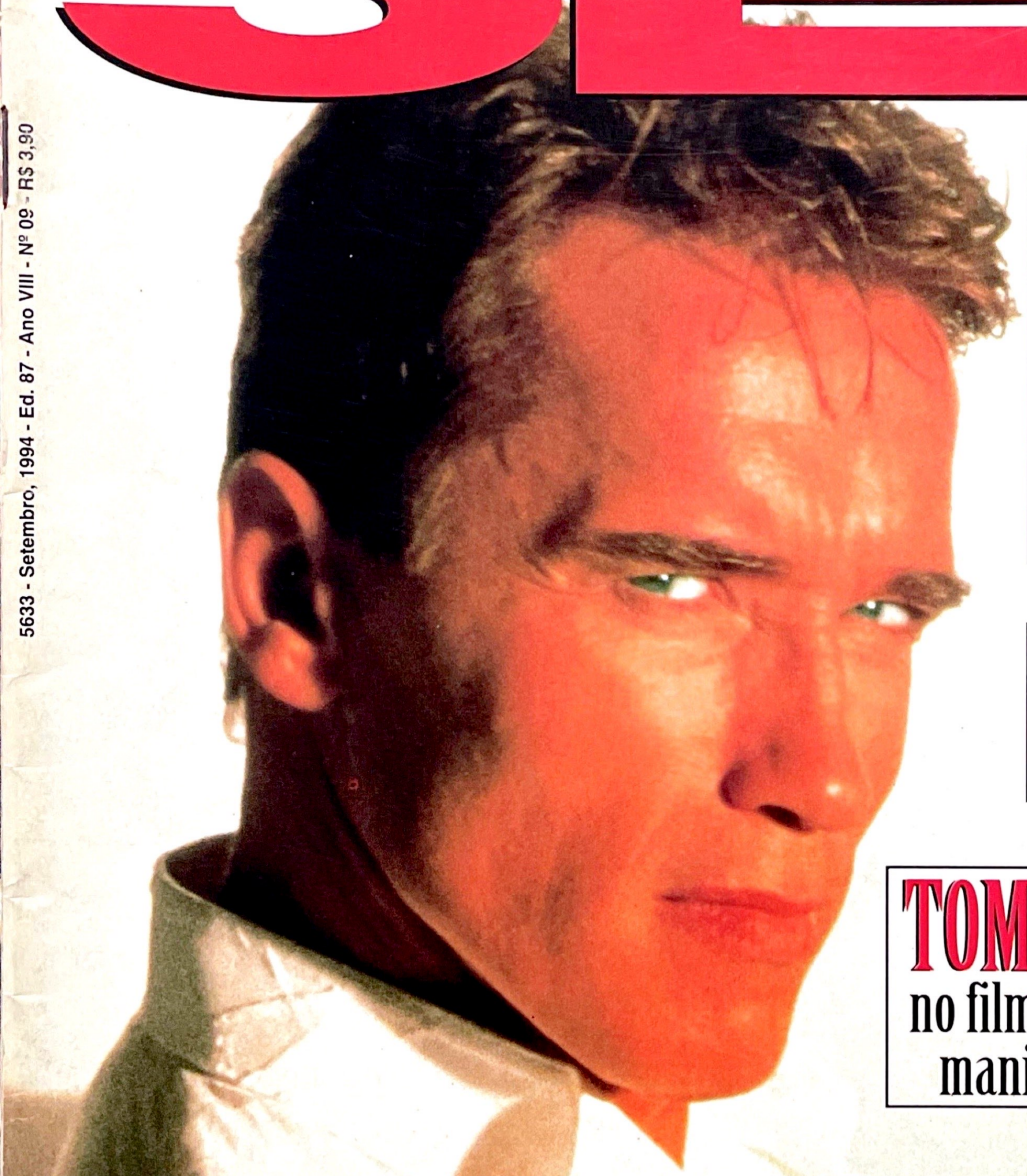
RICHARD GERE LENA OLIN
Impulsivo. Irresponsável. Irresistível.
Tudo Que
O Tornava
Cada Vez
Mais
Perigoso
Fazia Com
Que Ela
O Amasse
Ainda
Mais.
Você Vai Se Encantar Com Ele.
OUTUBRO,
NA SUA
LOCADORA
20:20 VISION
LK-TEL VIDEO
MR. JONES
COPYRIGHT © 1993 TRISTAR PICTURES, INC.

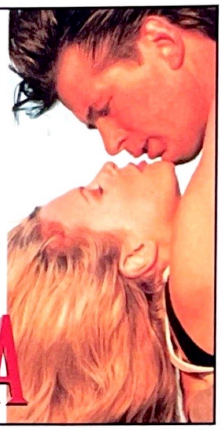
CINEMA & VÍDEO

SET

EDITORA AZUL

5633 - Setembro, 1994 - Ed. 87 - Ano VIII - Nº 09 - R$ 3,90





AS CENAS TÓRRIDAS DE KIM BASINGER E ALEC BALDWIN EM **A FUGA**

KEVIN COSTNER
no Oeste Selvagem

TOM HANKS
no filme que virou mania nos EUA

Schwarzenegger

Espionagem e ação em **TRUE LIES**

ISSN 0104-1592

CADERNO DE VÍDEO • Jurassic Park e mais 55 lançamentos

F.Nazca S&S

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
Gores
24 HORAS, TODOS OS DIAS
LIGAÇÃO GRATUITA: 0800-159111

Novo videocassete duas ou quatro cabeças Philco. Cores perfeitas. Imagem real. Com menu de operação na tela em três idiomas: português, inglês e espanhol. Só falta falar. Com backup de 30 minutos, o que quer dizer que o seu relógio e a sua programação de timer funcionam até meia hora depois de uma queda de energia. Tem o inovador Index, que localiza automaticamente pontos pré-programados na fita (PVC-8400). Tem o mecanismo Midmount, ou seja, o compartimento da fita é centralizado. Não porque é mais bonitinho. Mas porque dá equilíbrio e evita vibrações. E é mais bonitinho. 181 canais em VHF, UHF e Cabo. Entradas de áudio

ESQUEÇA PARA SEMPRE AS EMOÇÕES

DAQUELE PASSEIO COM O SEU FILHO VERDE, A SUA FILHA ESTICADA

E A SUA MULHER COM AQUELA LINHA HORIZONTAL NO PÉ.

e vídeo frontais. Você não precisa ficar virando e desvirando o aparelho na estante, cada vez que quer conectar um fio.
Para completar, tem procura automática em duas velocidades: rápida e rapidíssima.
E slow-motion com velocidade variável.

Do devagar ao quase parando. Se o seu vídeo não tem nada disso, não seria a hora de trocar por um Philco? Não seria a hora de trocar por um Philco?
Não seria a hora de trocar por um Philco?
Ah, sim, também tem a função repeat.

PHILCO

Tem coisas que só a Philco faz pra você.

Programa

Numa fase em que o cinema se torna cada vez mais megalomaníaco e mais caro, mas que freqüentemente deixa na platéia a sensação de que ficou faltando algo, um filme desponta como um fenômeno neste verão americano. Com uma trama simples e totalmente apoiado num personagem com um Q.I. de dois dígitos, *Forrest Gump* se converteu em febre desde o fim de semana em que foi lançado nos EUA. As frases favoritas do simplório Gump (interpretado por Tom Hanks) são repetidas nas ruas, no metrô, em casa. Sintoma inequívoco dessa identificação do público é que *Forrest Gump* se converteu no sexto filme da história a alcançar mais rapidamente os US$ 100 milhões de bilheteria. Mesmo o ambicioso *True Lies*, que tem como iscas Schwarzenegger, efeitos especiais de tirar o fôlego e um orçamento de US$ 120 milhões, demorou mais para chegar a essa marca. Enfim uma boa notícia para quem achava que com menos de uma centena de milhões de dólares não se faz um filme.

UIP 16

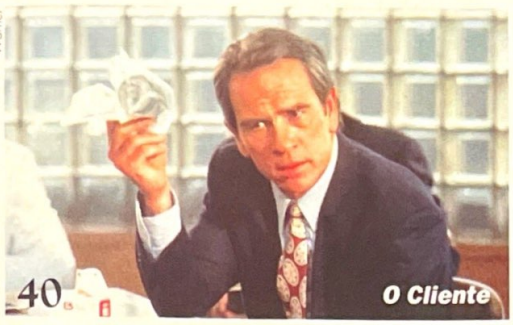
Paramount 34

Warner 30

OLHO NO LINCE

A linha de relógios Lince tem inúmeras opções masculinas, femininas, sociais e esportivas com um design incrível.
Lince tem tecnologia quartz, certificado de garantia e assistência técnica em todo o país.
Você tem toda a moda nas mãos com um Lince no pulso.
Olho no Lince. Sempre um modelo certo a preço justo.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS CONHEÇA O AMAZONAS



Warner

6 TAKES
O segredo das pirâmides do Egito é o tema da megaprodução de ficção científica *Stargate*

16 TRUE LIES
Schwarzenegger enfrenta crises domésticas e internacionais no novo filme de James Cameron

24 A FUGA
Kim Basinger e Alec Baldwin protagonizam cenas tórridas e deixam todo mundo em dúvida: era representação ou não?

30 WYATT EARP
Kevin Costner encarna o famoso homem da lei

34 FORREST GUMP
Tom Hanks no filme que virou febre nos EUA

40 NOVOS FILMES
Susan Sarandon e Tommy Lee Jones em *O Cliente*; a comédia *Os Cabeças-de-Vento*; *Em Busca do Ouro Perdido*, com Billy Crystal

46 FREE SHOP

48 MITO
Jean Renoir, o mais francês dos cineastas

50 FILMOGRAFIAS

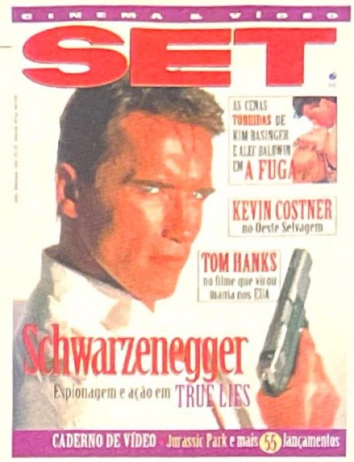
52 HOLLYWOODBOULEVARD
Dulce Damasceno de Brito conta como é difícil ter um sobrenome famoso

53 CADERNO DE VÍDEO
***Jurassic Park* e mais 55 lançamentos**

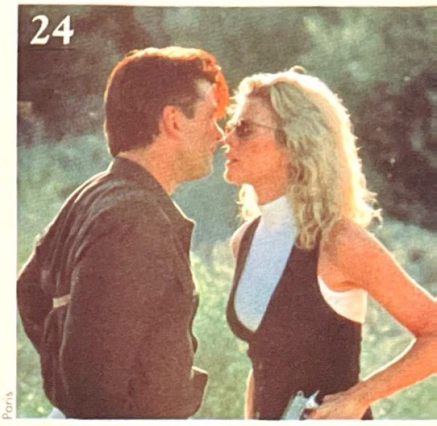
78 CARDÁPIO
Adaptações de fatos históricos que deram certo

84 CARTAS

86 NOSTALGIA



NA CAPA: Arnold Schwarzenegger em *True Lies* (Herb Ritts/UIP) e Alec Baldwin e Kim Basinger em *A Fuga* (Paris Filmes)



Paris

TOP MODELS

DAS PASSARELAS PARA AS TELAS

Nos Estados Unidos, hoje em dia, beleza é fundamental. A prova disso é a nova mania que invade as telas e telinhas americanas: as modelos. Aliás, desde os tempos de *Cinderela em Paris* (de Stanley Donen, 1956) e *Darling* (de John Schlesinger, 1965) a indústria não homenageia essas profissionais.

•

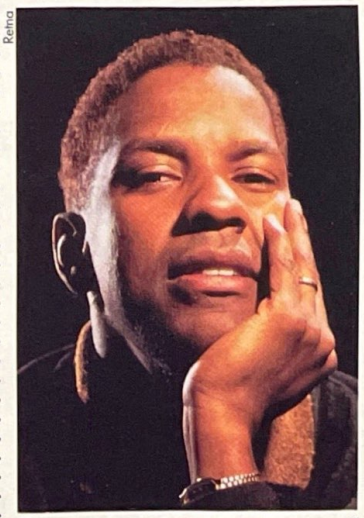
Além de **Robert Altman** e de seu *Prêt-à-Porter*, que promete não deixar pedra sobre pedra, **Eric Bogosian** dedica todo seu tempo ao roteiro de *Thing's of Beauty* (coisas da beleza) para a Paramount. Diz-se que Bogosian está escrevendo um argumento bem ácido, baseado na história real da ex-modelo **Gia Maria Carangi**, que era lésbica e *junkie*, o que pode não agradar ao *métier*.

•

A Columbia também quer entrar na onda e tenta convencer o diretor **Michael Lehmann** e o roteirista **Daniel Waters** a arregaçar as mangas e tocar o projeto *The Model Daughter*. O estúdio, porém, não quer saber de melodramas – quer investir mesmo é na comédia.

•

Em compensação, **Aaron Spelling**, o mago de séries como *Barrados no Baile* e *Melrose*, investiu no glamour do universo da moda na nova telessérie *Models Inc.*, com altos índices de audiência. A série tem **Linda Gray** como a "mãezona" da agência e **Heather Locklear**, a bonitinha de *Melrose*, como uma das manequins.



Retna

REMAKES

VERSÕES BLACK

A primeira vez que o mundo se emocionou com a história de amor trágica de *Nasce uma Estrela* foi em 1937, por culpa de **William Wellman**. A platéia ficou aos prantos com o melodrama vivido por **Fredric March** e **Janet Gaynor**. Dezessete anos depois, **Judy Garland** e **James Mason** arrancaram mais lágrimas do público na versão de **George Cukor**. Em 1976, os mesmo papéis foram vividos por **Barbra Streisand** e **Kris Kristofferson** – mas sem tanto impacto e com muito menos charme – na terceira refilmagem, pelas mãos de **Frank Pierson**.

•

Entram em cena agora, na mais recente versão de *Nasce uma Estrela*, **Whitney Houston** e **Denzel Washington**, pelo menos se depender de **Quincy Jones** e dos estúdios **Warner Bros**.

•

Parece que Hollywood entrou na onda das versões black para todos os gêneros. O casal Houston/Washington também está na mira da Disney para o remake da comédia *The Bishop's Wife*, de 1947. No longa de Henry Koster, **Cary Grant** é um anjo enviado à Terra para ajudar o bispo **David Niven** na reconstrução de sua paróquia. O elenco contava ainda com **Loretta Young**. Os estúdios Disney querem Denzel Washington e **Laurence Fishburne** nos papéis que foram de Grant e Niven. Houston ficaria com o papel de Young.

Retna

Gamma

FICÇÃO CIENTÍFICA

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?

Está em pós-produção uma aguardada aventura de ficção científica que leva a marca do produtor e *hitmaker* **Mario Kassar** (*O Exterminador do Futuro 2*). Trata-se de ***Stargate***, o novo filme do diretor alemão **Roland Emmerich** (*Soldado Universal*), uma fantasia milionária sobre o eterno segredo por trás das pirâmides egípcias.

•

Quem as construiu? Para quê? Estiveram os alienígenas em solo terrestre? É o que tentarão descobrir um oficial militar (**Kurt Russell**) e um arqueólogo (**James Spader**), que encontram uma espécie de portal entre dimensões e vão parar num planeta distante. Lá conhecerão a resposta para vários enigmas, além de se verem frente a frente com criaturas exóticas e com o próprio deus Ra, interpretado por **Jaye Davidson** (*Traídos pelo Desejo*).

•

O diretor (e co-roteirista) Emmerich criou uma obra de grande impacto visual. O desenho de produção é de **Holger Gross** (*Possessão*), os efeitos visuais são de **Kit West** (premiado por *Os Caçadores da Arca Perdida* e *O Retorno de Jedi*) e as criaturas foram concebidas por **Patrick Tatopoulos** (*Drácula de Bram Stoker*). Com uma equipe dessas, é só esperar ansiosamente pelo lançamento nacional em novembro.

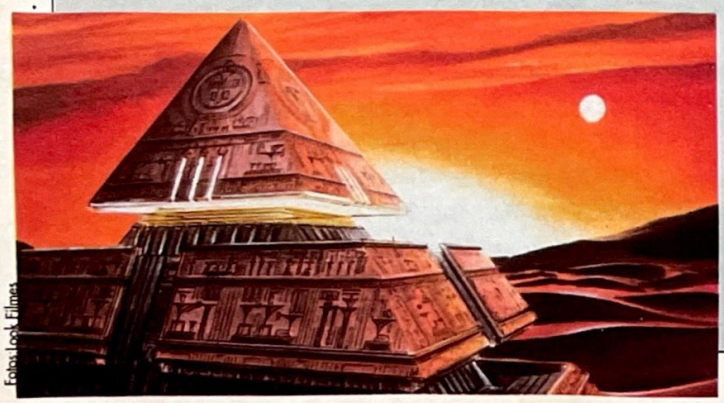


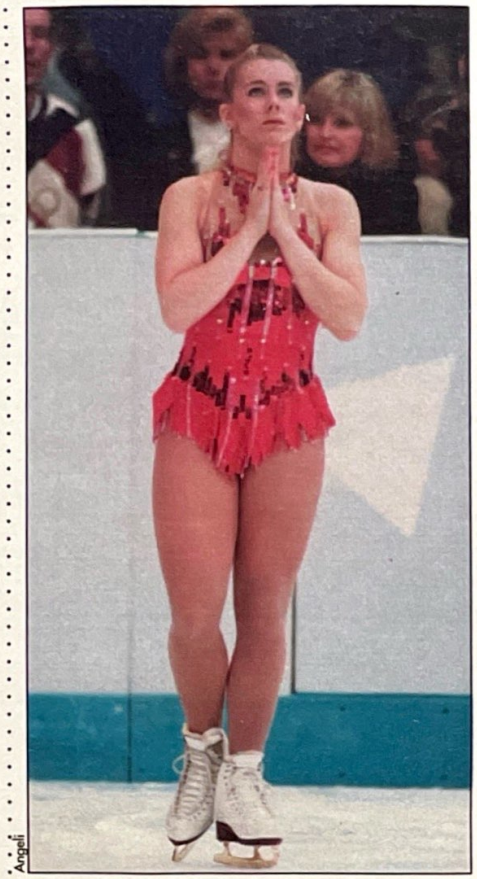
Foto: Look Filmes

BLOCKBUSTER

REDE AMERICANA DE LOCADORAS CHEGA AO BRASIL

O **Unibanco**, da família **Moreira Salles**, firmou um acordo de *franchise* com a **Blockbuster Entertainment Corp.**, a maior rede de videoclubes dos Estados Unidos. Com um investimento de US$ 45 milhões para as primeiras 56 lojas, o grupo tem cerca de 3.600 lojas espalhadas em onze países. A previsão para o Brasil é de que haja 250 filiais até o ano 2000. Este é o terceiro país da América do Sul a sediar a rede, logo após o Chile e a Venezuela.

A Blockbuster, que existe há sete anos, caracteriza-se por ter lojas próprias, *joint-ventures* ou franquias, todas em prédios de cerca de 500 metros quadrados, nas quais são vendidas e locadas boa parte das fitas de vídeo em circulação no mercado – com exceção, apenas, de filmes pornográficos.


Angeli

TONYA HARDING

DE PATINADORA A ATRIZ

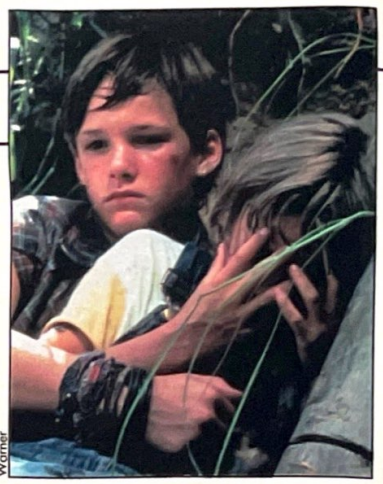
Tonya Harding pode ter caído em desgraça nos meios atléticos por ter escondido o muito que sabia a respeito do atentado contra a colega patinadora **Nancy Kerrigan**, mas o futuro da moça em Hollywood parece promissor.

•

Depois de participações constrangedoras em programas de TV de baixo nível como *American Gladiators* e em lutas de telecatch – "interpretando" a "empresária" de um brutamontes daqueles –, Tonya estréia agora como atriz no filme de ação ***Breakaway***. Ela faz Gina, uma garçonete que foge para o Taiti com US$ 1 milhão... que pertence à Máfia.

•

Tonya também mostra seus dotes físicos em outro tipo de ação – agora sob os lençóis. É que a garota acabou de lançar no mercado americano uma fita com toda a sua lua-de-mel. Isso mesmo, todinha! Trata-se da mesma fita que foi mostrada no processo judicial de que se livrou pelo atentado contra sua arquiinimiga, Nancy.


Warner

BRAD RENFRO

GAROTO ESPERTO

A estréia de *O Cliente*, de **Joel Schumacher**, revelou o talento de **Brad Renfro**, de apenas doze anos, que mostra ter todas as qualidades para vir a ser um grande ator no futuro.

•

Descoberto por um policial que o vira em uma peça, Brad poderia ter sido uma escolha arriscada para interpretar Mark, o cliente do título do filme, que testemunha um suicídio e tem informações importantes sobre a Máfia. Mas, ao contrário, o papel lhe caiu como uma luva. Assim como Mark, Brad cresceu num lar desfeito (foi criado pela avó "porque ninguém queria ficar comigo") e revela grande sensibilidade.

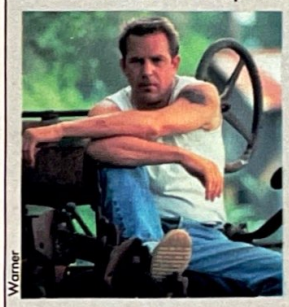
•

Trabalhar em *O Cliente* foi bom para Brad por um outro motivo: ele e Schumacher se tornaram grandes amigos. Segundo o diretor, são "almas gêmeas". Schumacher, inclusive, o matriculou numa escola que utiliza o método educacional Montessori para que tenha uma boa formação. Quanto ao futuro, Brad planeja ser adotado por Joel quando estiver com quatorze anos; depois fará o curso de cinema na Universidade da Califórnia e será um diretor famoso; nessa época, Joel "estará tão velho e grisalho que não poderá segurar seu próprio copo de água", imagina Brad.

PESQUISA

I'M TOO SEXY

A empresa britânica **Marketing Direction**, especializada em pesquisas de opinião, entrevistou mais de mil pessoas para saber quais eram os astros e estrelas mais sexy do cinema. O universo pesquisado mostra alguns dados interessantes: para as mulheres acima de 35 anos, **Sean Connery**, **Harrison Ford** e **Richard Gere** ocupam o primeiro lugar; e, para os homens entre 35 e 54 anos, **Meg Ryan** é muito mais sensual do que **Sharon Stone**. **Keanu Reeves** e **Tom Cruise** lideram as preferências das adolescentes. Veja o resultado da pesquisa:


Warner

HOMENS	MULHERES
1. Kevin Costner	1. Sharon Stone
2. Tom Cruise	2. Demi Moore
3. Keanu Reeves	3. Meg Ryan
4. Sean Connery	4. Michelle Pfeiffer
5. Mel Gibson	5. Julia Roberts
6. Daniel Day-Lewis	6. Andie MacDowell
7. Richard Gere	7. Kim Basinger
8. Hugh Grant	8. Bridget Fonda
9. Harrison Ford	9. Geena Davis
10. Patrick Swayze	10. Madonna

Stills

ASTERIX

O HERÓI COMPLETA 35 ANOS

Uni-vos, fãs de **Asterix**: o gaulês está completando 35 anos de idade. A data será comemorada com uma série de novos trabalhos – sem contar a reexibição no mercado americano dos seis longas anteriores, todos dublados em inglês.

•

Do outro lado do mundo, a Alemanha homenageará Asterix com o lançamento no dia 29 deste mês de ***A Grande Travessia***. A história que narra a ida de Asterix e Obelix aos Estados Unidos, enquanto os romanos implodem a aldeia natal, é o desenho mais caro já realizado em terras germânicas.

•

Além disso, **Albert Uderzo**, 67 anos, um dos criadores dos personagens, pensa em realizar um filme com atores de carne e osso. Uderzo gostaria de convidar **Gérard Depardieu** para personificar o troncudo **Obelix** – aliás, os produtores da série gostariam muito que **Arnold Schwarzenegger** dublasse o personagem para as cópias americanas.

•

Por fim, cogita-se a publicação de uma história inédita e a realização do longa ***Asterix nos Jogos Olímpicos***, para lançamento durante as Olimpíadas de Atlanta (EUA), em 1996.

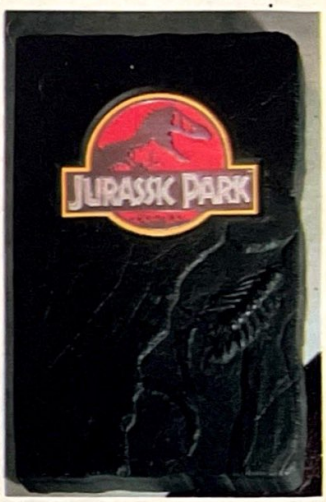
VÍDEO

LANÇAMENTO MASTODÔNTICO

Para alegria do videomaníaco brasileiro, a partir de 27 de setembro já estará disponível nas locadoras o maior campeão de bilheteria de todos os tempos, ***Jurassic Park***. Isso mesmo, nada de "parque dos dinossauros": a fita virá com o nome original porque a **CIC**, responsável pelo lançamento do megasucesso, descobriu através de pesquisas que o título em inglês tem mais apelo.

•

E tem mais. Prevendo atingir a marca recorde de 50 mil cópias, o lançamento contará com uma das maiores campanhas já realizadas pelo mercado de vídeo no Brasil – o custo previsto pela CIC é de US$ 430 mil. Apesar de o investimento ter retorno garantido, a fita manterá o habitual custo salgado de US$ 60.

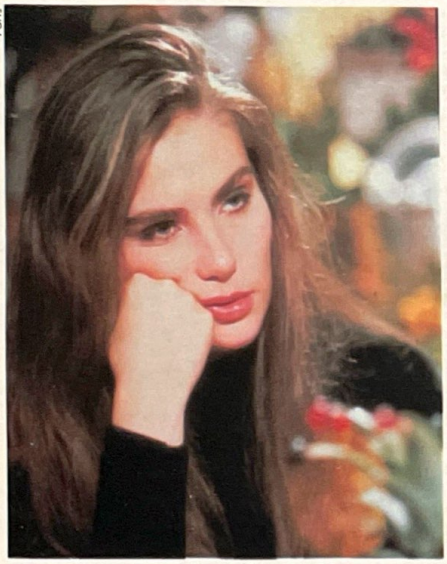


•

Se você acha que o lançamento no Brasil é compatível com o tamanho dos animais do filme, não viu nada. Nos EUA, haverá campanhas associadas até à rede de *fast food* McDonald's, onde a compra de sanduíches renderá cupons de desconto sobre o preço da fita. Ao contrário do que acontece em território norte-americano, a distribuidora brasileira não pretende, por enquanto, lançar *Jurassic Park* no sistema *sell through*, o qual reduz quase pela metade o preço de uma fita.

•

Para alcançar a venda de 50 mil fitas, o lançamento será divulgado em todas as mídias especializadas. As videolocadoras receberão materiais promocionais para atrair o locador, como uma réplica de dinossauro com movimentos mecânicos e luzes e pesos de papel simulando âmbar (e contendo um mosquito). Além disso, o estojo da fita foi desenhado em forma de fóssil; digno do filme de Spielberg.


Paris

EMMANUELLE SEIGNER

VIVE UM TRIÂNGULO AMOROSO

Quem gostou das performances da sra. Roman Polanski em *Busca Frenética* e em *Lua de Fel* pode ficar tranqüilo: ela já está se preparando para voltar aos sets de filmagens.

•

Emmanuelle Seigner (foto) não estará sob os cuidado de Polanski, mas nem por isso deixará de colocar seus atributos físicos à disposição de um triângulo amoroso. *L'Appartement*, estréia de **Gilles Mimouni** na direção, contará a história de amor de um homem por duas mulheres, Emmanuelle e **Romane Bohringer**.

KENNETH/EMMA

JUNTOS DE NOVO

Assim que terminarem as filmagens de *Frankenstein de Mary Shelley*, **Kenneth Branagh** pode finalmente voltar a dirigir sua esposa, **Emma Thompson**. A Columbia está negociando com o casal inglês para que encabecem os créditos de *Sense and Sensibility*, adaptado do romance homônimo de Jane Austen pela própria Emma.

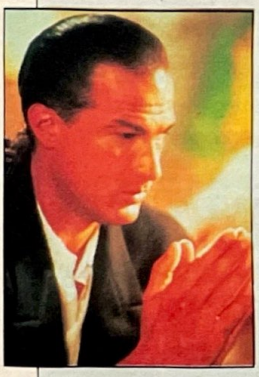
Retna

•

Atualmente, Emma está se dedicando ao personagem-título de *Carrington*, cinebiografia da pintora inglesa **Dora Carrington** e *début* do roteirista oscarizado por *Ligações Perigosas* (a versão de Stephen Frears), **Christopher Hampton**. Ao lado de Emma está **Jonathan Pryce**, interpretando seu amante Lytton Strachey, o escritor bissexual que tinha muita semelhança com Oscar Wilde. A história de *Carrington* vai se centrar no triângulo amoroso formado por Strachey, Carrington e o marido traído Ralph Partridge.

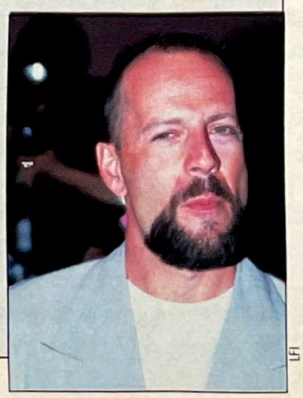
SEAGAL & WILLIS

MAIS PANCADARIA



Steven Seagal e **Bruce Willis** estão numa luta violenta para descobrir quem é o mais amado pelo público que gosta de uma boa dose de socos, pontapés e tiros. Ambas as estrelas estão agora trabalhando nas seqüências de seus megasucessos *Força em Alerta* e *Duro de Matar*.

Seagal se empenha em *Força em Alerta 2*, que a imprensa americana está chamando de "*Duro de Matar* num trem" – o que não deve agradar ao ego do ex-agente.


LFI

Já Willis vai enfrentar um demoníaco especialista em bombas na cidade de Nova York. Na direção, o mesmo responsável pelo ótimo filme de 1988, **John McTiernan.**

EROTISMO

BEBENDO NA FONTE DE ANAÏS NIN

Fotos: Columbia Tri-Star

Primeiro foi **Philip Kauffman** quem buscou inspiração na vida da escritora **Anaïs Nin**, quando filmou o envolvimento dela com o também escritor Henry Miller em *Henry e June*.

•

Agora é a vez de **Zalman King** – o mesmo que trouxe ao mundo *9 1/2 Semanas de Amor* – ir beber na mesma fonte. King está trabalhando na versão cinematográfica de *Delta de Vênus*, de Nin. O risco quem corre é a belíssima obra, já que o produtor tem o péssimo hábito de transformar o sexo nas telas em marketing barato – vide o recente *Mais Forte que o Desejo*.

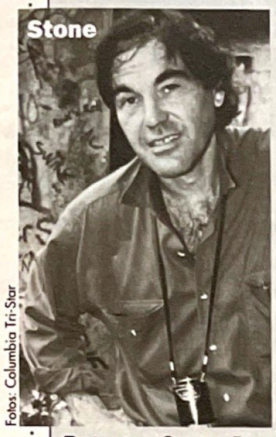
•

Por falar em *9 1/2 Semanas de Amor*, **Michael Karbelnikoff** ainda pensa em realizar a seqüência do hit de 1986 também com **Mickey Rourke**, apesar da tentativa de suicídio do ator em julho passado.

PROJETOS ADIADOS

SINAL VERMELHO

A prova de que ser sinônimo de gorda bilheteria não basta para ter Hollywood a seus pés é *Crusade*, o projeto que reúne **Paul Verhoeven** e **Arnold Schwarzenegger**. A Carolco suspendeu a produção quando, na ponta do lápis, o custo previsto ultrapassou a casa dos US$ 100 milhões, apesar de ser financiado pela Pioneer, a empresa italiana RCS, o canal francês Canal Plus e pelo canal americano TCI.



Fotos: Columbia Tri-Star

•

Verhoeven tenta contornar ainda outro problema: trabalhar na pré-produção de ***Showgirls*** (sobre dançarinas rivais em Las Vegas), que deve ser rodado na seqüência de *Crusade*. O diretor holandês só consegue botar a mão na massa nos intervalos das discussões sobre o destino do épico medieval. Além disso, Verhoeven ainda não definiu o elenco feminino de *Showgirls*.

•

A conjuntura astral, aliás, não anda boa para muitas pessoas do meio cinematográfico. Quando o caso não é financeiro, é alguém que abandona um projeto. Por isso, alguns filmes estão na geladeira por tempo indeterminado.

•

Primeiro foi **Ridley Scott** quem viu **Jodie Foster** pular fora do thriller *Crisis in the Hot Zone* – Jodie devolveu o script pois o achou muito incompleto. Depois foi a vez de **Michael Keaton** dizer adeus ao persongem Batman. Quem ficou com a vaga foi **Val Kilmer**. **Michael Douglas** recusou um cachê de US$ 14 milhões e deixa o épico sobre piratas *Cutthroat Island*, de **Renny Harlin**, ainda sem ator principal.

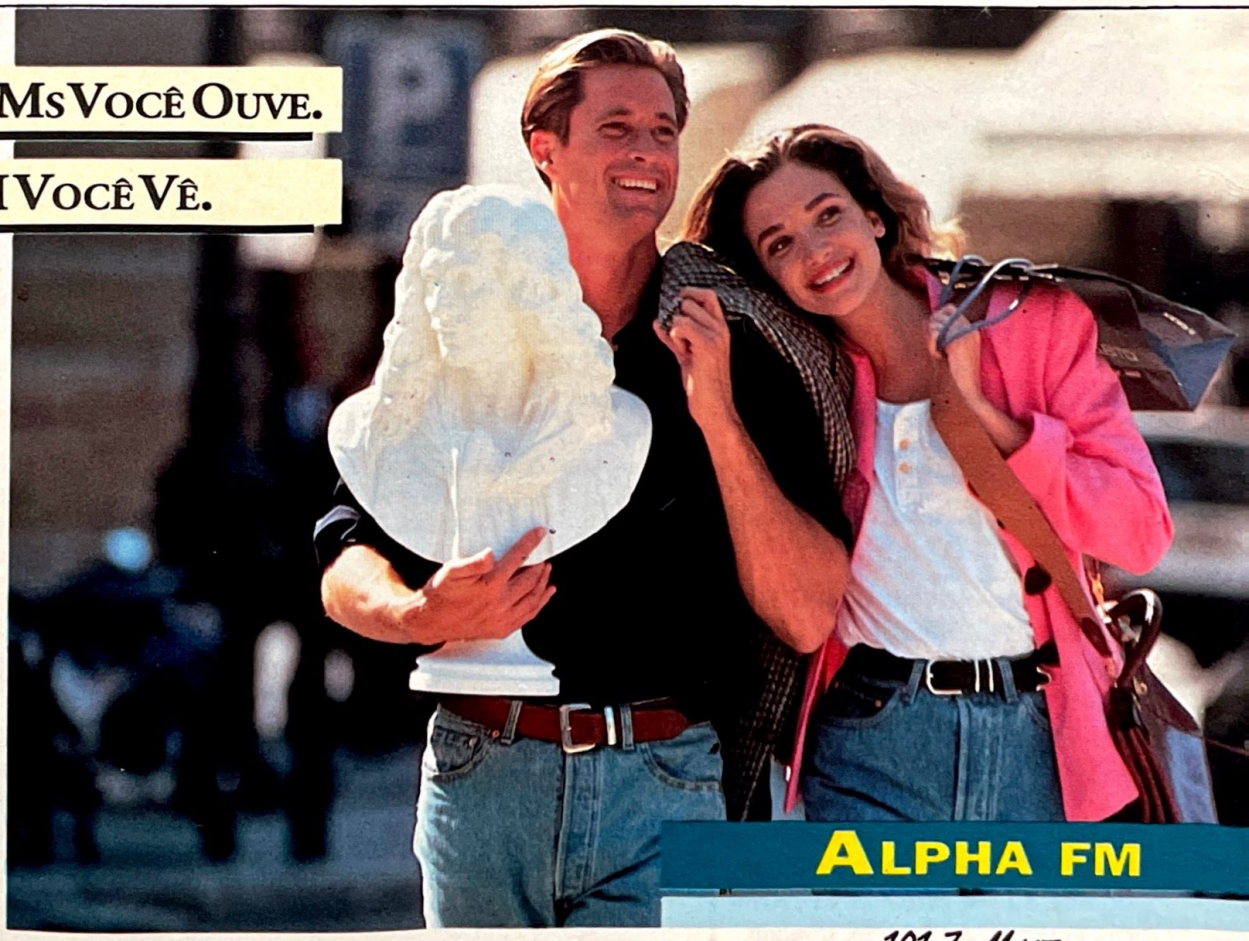
•

Mas quem enfrenta os maiores problemas é **Oliver Stone**. Além de estar dando um tempo na cinebio *Noriega*, ele foi impedido de filmar em território argentino o musical *Evita*. Por isso, o custo do filme pulou de US$ 50 milhões para US$ 60 milhões – só para recriar a capital argentina no México. Ou seja, até segunda ordem o negócio é dar adeus a *Evita*.

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.



ALPHA FM

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

Universal

BEN STILLER

CACIFE EM ALTA

As coisas começaram a correr muito bem para **Ben Stiller** depois que *Reality Bites* fez sucesso entre a *X Generation*. Stiller está atualmente envolvido em dois projetos: o primeiro é um filme-concerto sobre a maior banda de rock de todos os tempos, os "dinossauros" Rolling Stones – que voltaram aos palcos em agosto numa turnê mundial e devem passar pelo Brasil em janeiro de 1995. A história do grupo será intercalada por outra, ficcional, em que Stiller e **Brad Pitt** serão dois fãs da banda que fazem de tudo para chegar aos camarins e viver um *rendez-vous* com os ídolos.

•

No outro projeto, o ator-diretor Ben Stiller pretende trabalhar sobre o best seller *A Simple Plan*, de Scott Smith, sobre três amigos que tentam esconder alguns milhares de dólares roubados. Não se sabe quem será responsável pela direção, se Stiller ou **Mike Nichols**; e o elenco também não está fechado.

DATAS

FALECEU: ANTONIO CARLOS BERNARDES GOMES, o Mussum do grupo Os Trapalhões, com o qual participou de cerca de 20 filmes. Aos 53 anos, dia 29 de julho.

ACONTECEM: Do dia 31 de agosto a 11 de setembro o Festival do Filme de Veneza. Do dia 1º a 17 de setembro o Festival do Filme de Nova York. Do dia 8 a 17 de setembro o Festival dos Festivais de Toronto, Canadá.

HARRISON FORD

DE NOVO COMO INDIANA JONES

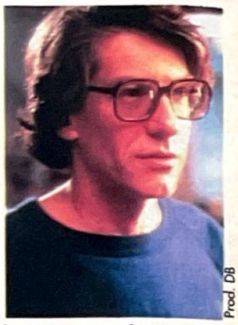
Ele disse que não queria nem ouvir falar de Indiana Jones, muito menos reencarná-lo. Mas **Harrison Ford** voltou atrás e estuda um script para a quarta seqüência da aventura que lhe deu o status de estrela.

•

Ford também é o nome cotado para a refilmagem de ***Sabrina***. Realizada em 1954, essa comédia romântica de **Billy Wilder** é até hoje considerada um clássico no gênero. Além da direção e roteiro perfeitos, e uma produção luxuosíssima, tinha **Audrey Hepburn**, mais linda do que nunca. Resta saber quem ficará com o papel de Audrey neste *remake*.

DAVID CRONENBERG

ANUNCIA SEU NOVO FILME



Prod. DB

Há dois anos **David Cronenberg** não nos brinda com uma de suas viagens alucinantes. Desde *Naked Lunch* ele sumiu dos noticiários e das telas de cinema.

•

Para alegria de seus fãs, o diretor canadense anunciou sua volta com a adaptação do livro ***American Psycho***, de **Brett Easton Ellis**. Mas o cineasta não tem nada de mais concreto a dizer: até o momento, não tem elenco e nem data para começar a rodar. É preciso ter um pouco de paciência!

STANLEY KUBRICK

ASSINATURA DE GÊNIO

Stanley Kubrick sempre foi dono de uma personalidade controvertida, mas a revista *Premiere* americana se propôs a lançar alguma luz sobre o cineasta de *Laranja Mecânica* de forma pouco ortodoxa: através da análise numerológica e grafológica de sua assinatura. Eis as conclusões a que se chegou:

•

A caligrafia do diretor revela um intelecto privilegiado e um forte componente perfeccionista. Combinada a seu "número do destino" (8), a assinatura sugere que esse perfeccionismo não resulta de um ego superinflado, mas sim de medos e inseguranças. O *t* forte e livre **(A)**, no entanto, mostra que o diretor é determinado a domar essas ansiedades.

•

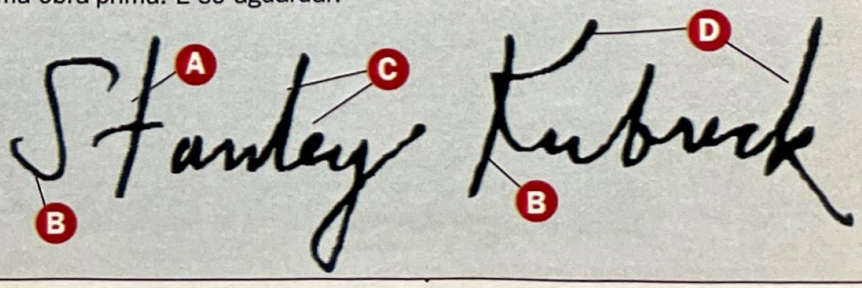
Já o *S* e o *K* **(B)**, bastante proeminentes, indicam uma dose grande de propósito e tenacidade, ao ponto de levar o diretor à obsessão – o que pode tê-lo afastado das pessoas no passado. Mas as linhas fortes e retas **(C)** e o fluxo rítmico de sua escrita traduzem autoconsciência e tentativas de se mostrar honesto em seus relacionamentos.

•

A ênfase colocada na letra *k* **(D)** expressa uma certa excentricidade: embora brilhante, o diretor pode às vezes encontrar dificuldade em lidar com problemas do dia-a-dia. Já o "número do destino" 8, que representa o infinito, dota Kubrick de um lado acentuadamente místico e espiritual.

•

Por fim, a análise conclui que, embora 1994 não seja um dos anos mais fáceis para o cineasta, ele pode trazer a conclusão de um projeto que será considerado uma obra-prima. É só aguardar!



BIONDI & ASSOCIADOS

MONTAR UM HOME THEATER É FÁCIL.

A SANYO ENTRA COM O THEATER, VOCÊ ENTRA COM A HOME.

Nova linha de TVs Estéreo Sanyo com super telas de 29 e 33 polegadas e Projetor de Cristal Líquido Sanyo de até 300 polegadas.

Depois destes lançamentos ficou muito fácil montar seu Home Theater. É só passar na loja mais próxima e levar este Theater para sua Home.

SANYO

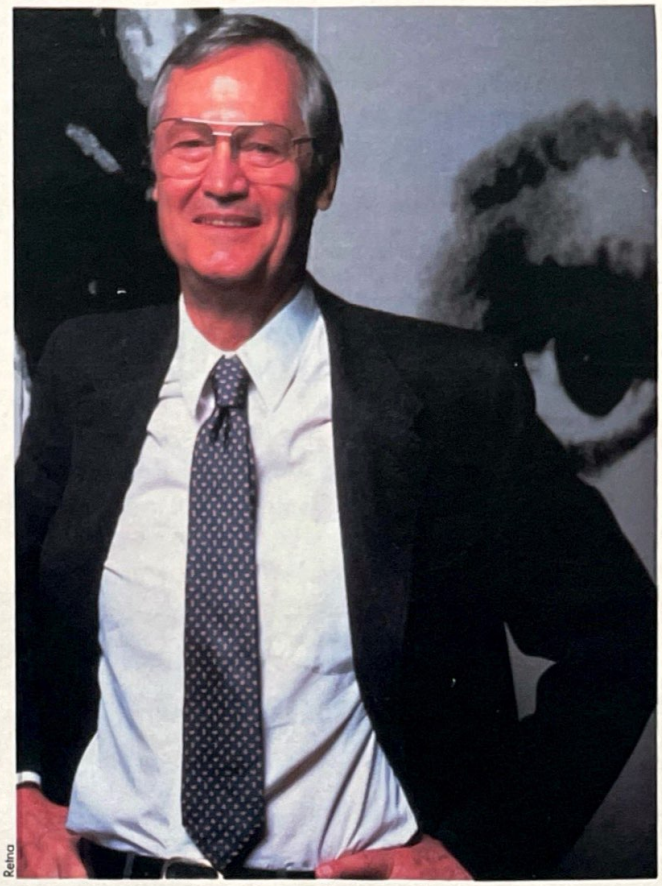
PARA MAIORES INFORMAÇÕES DISQUE SANYO: 0800-411214

6ª MOSTRA BANCO NACIONAL DE CINEMA

Uma retrospectiva dedicada a Roger Corman – com a presença do próprio – é um dos destaques do evento que acontece de 1º a 15 de setembro no Rio de Janeiro e nos dias 5 a 15 em São Paulo

O Brasil não é exatamente um paraíso para cinéfilos admiradores de filmes B. Os poucos festivais de cinema que acontecem no país sempre desprezaram o gênero, preferindo investir em filmes sacais oriundos de países que ninguém conhece. Assistir a um filme de Peter Jackson – um cineasta reconhecido em todo o mundo – era impossível, mas em compensação havia diversas opções para quem quisesse conhecer a riqueza cultural do Burundi ou curtir um documentário de quatro horas sobre os ritos tribais de Burkina Faso. Foi conversando sobre isso com dois *capos* do Estação Botafogo – Nelson Krumholz e Marcelo Mendes – durante o último American Film Market, realizado no início do ano em Los Angeles, que tivemos a idéia de organizar um festival de cinema B.

Ora, festival de cinema independente sem Roger Corman é como seleção brasileira sem muamba. Batemos um fio para o mestre, que topou o convite na hora. Além da "Retrospectiva Roger Corman", o pessoal do Estação Botafogo resolveu organizar uma mostra de filmes B – batizada "Estação Cult". Ela foi selecionada a partir do acervo particular de Mike Vraney, um dos maiores colecionadores americanos de cinema independente – ele tem mais de oito mil títulos – e dono da Something Weird Video, empresa responsável pelo lançamento dos filmes de Zé do Caixão nos EUA.


Reina

A retrospectiva de Corman terá cerca de vinte filmes, sendo que doze serão exibidos em 16 mm e 35 mm e o resto em laserdisc, projetado em um telão de vídeo de alta-definição. A idéia era passar todos os filmes em 35 mm, mas várias cópias não estavam disponíveis.

Corman recebeu a lista de filmes de sua mostra e adorou. Gostou particularmente de saber que *The Intruder* (1962), um de seus preferidos, havia sido incluído. O filme – história de um violento racista, interpretado por William Shatner – foi um dos três ou quatro fracassos comerciais da carreira de Corman. "Produzi mais de 250 filmes e ganhei dinheiro com quase todos. *Intruder* era um filme mais intelectual, e acabei perdendo dinheiro. Mas não me importo: o filme é muito bom." A retrospectiva do cineasta inclui seus principais clássicos, cobrindo desde o início de sua carreira, quando fazia filmes baratos de ficção científica (*War of the Satellites*, *It Conquered the World*), até os filmes de hippies do final dos anos 60, como *The Trip* e *Wild Angels* (com Nancy Sinatra), passando pelas adaptações que fez dos clássicos de Edgar Allan Poe (*O Poço e o Pêndulo*, *Tales of Terror*, *O Corvo* e *The Masque of the Red Death*).

Já a mostra "Estação Cult" foi bem mais difícil de selecionar, por causa da abundância de títulos da coleção de Vraney. No final, chegou-se a uns quarenta filmes, divididos entre vários gêneros do cinema independente. Vraney selecionou maravilhas da *sexploitation* como *Teaserama*, com Betty Page, e *Synthia, the Devil's Doll*, além de clássicos do horror como *Tormented*, *Screaming Skull*, o manjado *A Noite dos Mortos-Vivos*, de George Romero, e dois títulos dirigidos por Herschell Gordon Lewis, pai do cinema *gore*: *Blood Feast* e *Color Me, Blood Red*.

Uma semana assistindo à mostra "Estação Cult" trará aos amantes do cinema-lixo mais prazer do que dois anos de programa Alborguetti: *Papai Noel Contra os Marcianos*, *A Invasão dos Homens de Netuno* e *A Invasão do Povo Cogumelo do Espaço* certamente causarão frenesi dentro do cinema. Um dos destaques da mostra é um miniciclo dedicado a Ed Wood, com seis filmes do cultuado diretor de *Plan Nine from Outer Space*, obra considerada uma das maiores demonstrações de incompetência cinematográfica da história.

Outra série imperdível é a dos filmes de monstros e heróis. Serão exibidos filmes do astro de luta-livre mexicano Santo, de Gamerra (espécie de tartaruga voadora), além de filmes de gladiadores. Quem perder *Hércules no Mundo Assombrado* e *Golias Contra os Vampiros* será amaldiçoado por toda a eternidade.

André Barcinski

OS CONVIDADOS

GABRIEL AXEL, diretor dinamarquês de *Prince of Jutland*
JIM McBRIDE, diretor norte-americano de *Xeque-Mate*
STEPHAN ELLIOTT, diretor australiano de *The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert*
MARTIN DONOVAN, ator norte-americano de *Amateur*
HAL HARTLEY, diretor norte-americano de *Amateur* e *The Unbelievable Truth*
ROGER CORMAN, diretor e produtor norte-americano a quem a Mostra dedica uma retrospectiva

AS MOSTRAS DA MOSTRA

A 6ª Mostra Banco Nacional será dividida nos seguintes ciclos:

- **RETROSPECTIVA ROGER CORMAN**
- **RETROSPECTIVA ED WOOD**
- **RETROSPECTIVA AMOS GITAI** (cineasta israelense)
- **IMAGENS DO EGITO**
- **TESOUROS DA CINEMATECA**
- **ESTAÇÃO CULT**
- **PANORAMA DO CINEMA MUNDIAL**

Filmes inéditos, muitos deles incluídos em festivais internacionais. Na seleção deste ano destacam-se:

THE BLUE KITE (China), de **Tian Zhuangzhuang**
EAT DRINK MAN WOMAN (EUA/Taiwan), de **Ang Lee**
A BRONX TALE (EUA), de **Robert De Niro**
A MARAVILHOSA, HORRÍVEL, VIDA DE LENI RIEFENSTAHL (Alemanha), de **Ray Muller**
O SOL ENGANADOR (Rússia/França), de **Nikita Mikhalkov**
THE ADVENTURES OF PRISCILLA, QUEEN OF THE DESERT (Austrália), de **Stephan Elliott**
TIGRERO, THE FILM THAT WAS NEVER MADE (Finlândia), de **Mika Kaurismaki**
KING OF THE HILL (EUA), de **Steven Soderbergh**
AMATEUR (EUA), de **Hal Hartley**
THE UNBELIEVABLE TRUTH (EUA), de **Hal Hartley**
LA PETITE APOCALYPSE (França/Itália/Polônia), de **Costa-Gavras**
71 FRAGMENTOS DE UMA CRONOLOGIA DO ACASO (Áustria), de **Michael Haneke**
TOM E VIV (Inglaterra/EUA), de **Brian Gilbert**
GO FISH (EUA), de **Rose Troche**
SLEEP WITH ME (EUA), de **Rory Kelly**
A ESTRATÉGIA DO CARACOL (Colômbia), de **Sergio Cabrera**
PRINCE OF JUTLAND (Dinamarca), de **Gabriel Axel**
XEQUE-MATE (EUA), de **Jim McBride**

Estação Botafogo

Estação Botafogo

Acima, cena de *A Estratégia do Caracol*, de Sergio Cabrera; abaixo, *Eat Drink Man Woman*, de Ang Lee, o mesmo diretor de *O Banquete de Casamento*

Sipa-Press

OS OLHOS DE HITLER

Você conhece os grandes mestres do cinema, certo? Em suas andanças pelos cineclubes do mundo, certamente já teve a felicidade de ver obras de Chaplin, Welles, Griffith, Kurosawa, Buñuel, Lang e outros. O que você talvez não saiba é que existe um gênio do cinema que, por razões políticas, não dirige um filme há quarenta anos: Leni Riefenstahl (foto).

A vida da alemã Riefenstahl é uma das mais curiosas e polêmicas do cinema: Leni era a cineasta predileta de Hitler e, trabalhando para o Führer, documentou a ascensão do nazismo em um filme espetacular chamado *O Triunfo da Vontade* (1935). O documentário é uma obra-prima que, apesar de seu conteúdo nazista, merece estar incluído em qualquer lista dos filmes mais lindos já feitos. Pouco depois, Riefenstahl dirigiu outra obra-prima, *Olympia*, documentário sobre a Olimpíada de 1936 em Berlim.

A Mostra Banco Nacional promete exibir *A Maravilhosa, Horrível, Vida de Leni Riefenstahl*, documentário do alemão Ray Muller sobre a vida e a carreira da cineasta. Além de ser um relato interessantíssimo da história conturbada de Riefenstahl, o filme analisa seu trabalho do ponto de vista técnico, destacando as inovações que fizeram de Leni um dos nomes mais admirados por conhecedores do cinema.

Riefenstahl foi uma escrava de seu próprio trabalho e pagou caro por ter emprestado seu talento a Hitler. Apesar de jurar que não sabia das atrocidades cometidas nos campos de concentração e que havia se revoltado contra o Führer ao tomar conhecimento do massacre dos judeus, Riefenstahl – que está viva e bem de saúde aos 91 anos – ficou estigmatizada por sua associação com os nazistas e não conseguiu dirigir nenhum filme depois de 1954.

A.B.

TRUE LIES

OS ESPIÕES TAMBÉM AMAM

Depois de realizar *O Exterminador do Futuro 1* e *2*, a dupla Schwarzenegger/James Cameron coloca seus megadólares a serviço não só da ação, mas também do humor, com a história do superespião que tem que enfrentar ao mesmo tempo terroristas nucleares e o desejo de aventura de sua entediada esposa

Por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Qual é o único resultado possível de uma equação que reúna o astro Arnold Schwarzenegger e o diretor James Cameron, a mesma dupla da série *O Exterminador do Futuro*? Resposta: filmes caríssimos, repletos de ação e aventura e coalhados de efeitos especiais tão novos e inéditos que foram inventados especi-almente para a ocasião. E, não menos importante, filmes que se mostram verdadeiras fábricas de fazer dinheiro.

No entanto, *True Lies* – em que Arnold vive Harry Tasker, um espião tão secreto que nem a esposa (Jamie Lee Curtis) suspeita que o marido é mais que um mero vendedor de computadores – foge um pouco à fórmula básica, adicionando um elemento novo: humor.

Fotos UIP

Pela primeira vez, Cameron testou sua capacidade como roteirista de algo mais que ação/aventura. Ao confeccionar uma adaptação do filme francês *La Totale!*, ele oferece a Schwarzenegger e Jamie seqüências de tirar o fôlego – principalmente as "co-protagonizadas" por um jato Harrier, capaz de pousos e decolagens na vertical; e por uma limusine que despenca no Atlântico ao cruzar um vão destruído por um míssil teleguiado. Mas também dá ao público momentos de gargalhada – e não pelas mesmas razões que se riu de *O Último Grande Herói*.

"As pessoas só o conhecem pelo que você já fez", pondera James Cameron, argumentando a respeito da surpresa de muitos ao saber que seu primeiro filme depois de *O Exterminador do Futuro 2* seria... engraçado. "O ideal é se manter imprevisível", ele prossegue. "O que é difícil, porque, uma vez que você fez sucesso, as pessoas querem que você repita exatamente o que já fez, temendo que você faça algo completamente diferente e que o público não entre na sua."

Por razões diversas, o público não entrou na de Schwarza no lançamento de *O Último Grande Herói*. Os ventos que sopram sobre *True Lies*, por outro lado, têm sido os mais benfazejos: apesar de duras críticas ao que alguns consideraram "o espírito cruel" do filme (que vem sendo acusado de sexista e xenófobo pela maneira como caracteriza as mulheres e os vilões), *True Lies* conquistou o público, garimpando US$ 27,5 milhões só em seu primeiro fim de semana de exibição nos Estados Unidos.

ENTREVISTA

ARNOLD SCHWARZENEGGER

O HERÓI VULNERÁVEL

Foi você quem sugeriu a Jim Cameron realizar um remake de *La Totale!*, depois de ter visto o filme original a conselho de seu cunhado, Robert Shriver. O que havia em *La Totale!* que o interessou a ponto de você querer dar uma nova versão à história?

Foi a combinação de vários elementos: a idéia de fazer um thriller de espionagem meio *à la* James Bond e, ao mesmo tempo, esse tipo de personagem que é incapaz de lidar com seu dia-a-dia, com as atividades mais corriqueiras de qualquer pessoa normal. Quer dizer, é um jogo de opostos: um cara que encara todos os terroristas do mundo, que apaga todos os incêndios, por assim dizer, mas é incapaz de resolver sua vida particular. Isso me pareceu muito engraçado.

Você e Cameron respeitaram quase integralmente a história original.

Mostrei o filme a Cameron, ele gostou, pegou a idéia básica do original e escreveu seu próprio script; o filme francês foi feito numa escala muito menor e, nos Estados Unidos, para ser competitivo, para criar interesse por esse tipo de filme – ainda mais depois de os filmes de James Bond terem estabelecido um nível de qualidade altíssimo –, você precisa realizar algo verdadeiramente espetacular.

Há quem considere *True Lies* uma mudança de rumo para você, por tratar-se de um personagem sofisticado, culto, que usa smoking e dança tango.

Esse era outro atrativo para mim, fazer esse cara que anda de terno, fala dez línguas diferentes e se adapta a qualquer situação. Cameron queria elaborar o personagem de maneira que ele tivesse um certo grau de elegância mas que ainda assim o público me visse fazendo coisas que já me viu fazer antes. É gostoso interpretar um personagem que é heróico mas também deixa clara sua vulnerabilidade.

***True Lies* é seu primeiro filme depois de *O Último Grande Herói*, tido por muitos como seu primeiro grande fracasso. Você sentiu uma pressão adicional para superar aquele mau momento?**

Não, pelo contrário. A pressão maior que eu poderia ter sentido foi para superar o sucesso de *O Exterminador do Futuro 2*. De certa forma, você sabe que vai chegar um momento na sua carreira em que o pêndulo oscila para o outro lado; esse momento sempre chega. Lembro de uma conversa com o diretor Jerry Zucker, em que ele me disse que depois de *Ghost* ficou paralisado, incapaz de fazer um só filme por três anos seguidos. Só agora ele está filmando de novo, em Londres. Ele me dizia que não sabia o que ia fazer, que as pessoas esperavam que ele fizesse a mesma coisa, mas que aquilo era impossível, porque *Ghost* já estava feito e ponto final.

Agora entendo também aquilo por que passa um ator quando ganha um Oscar. Todo mundo olha para você de maneira diferente. É o que me disse Emma Thompson (*com quem ele está trabalhando na comédia romântica* Junior). Todo mundo fica na expectativa: "Será que ele consegue de novo?"

Então pode-se dizer que tudo aquilo foi um alívio, porque significava que o pior já havia passado?

Não acho que ninguém tenha se sentido aliviado logo após o lançamento de *O Último Grande Herói* (*risos*). Mas você precisa aturar, porque isso faz parte do negócio. É como naquele velho ditado: se você não agüenta o calor, então saia da cozinha.

Segundo James Cameron, o ponto fraco de *O Último Grande Herói* foi esperar que o público dedicasse a você um amor incondicional, independente do que você fizesse. Você concorda com ele?

Não acho que seja uma questão relativa ao papel em si, mas ao conceito do filme. Se você cria um conceito sofisticado demais para o público que você está visando – no caso, o público jovem –, e quem entende o filme é um público mais adulto, você cria um problema. E foi o que percebemos ao longo de várias exibições-teste: a garotada não entendia muito bem por que em determinados momentos eu estava dentro da tela e, em outros, fora dela. Não compreendia o conceito e, portanto, não compreendia a história.

Nem sempre as coisas funcionam como você imagina. E se o filme não deu certo, não deu. Não há o que negar, não há desculpa. Todo mundo deu o melhor de si, realizando e divulgando o filme, mas o conceito não deu certo. A imprensa, então, detectou essa fraqueza e começou a nos atacar, até que tudo virou uma montanha-russa incontrolável.

★ "YOU CAN'T SCARE ME – I WORK FOR JIM CAMERON" (VOCÊ NÃO ME METE MEDO – EU TRABALHO PARA JIM CAMERON) E "TERMINATOR 3 – NOT WITH ME" (O EXTERMINADOR DO FUTURO 3 – ESTOU FORA) SÃO ALGUMAS DAS FRASES QUE A EQUIPE DE JAMES CAMERON COSTUMA ESTAMPAR EM SUAS CAMISETAS

★ POR INDICAÇÃO DO ESTÚDIO, JAMES CAMERON FOI CONHECER ARNOLD SCHWARZENEGGER A FIM DE VERIFICAR SE ELE SE ENCAIXAVA NO PAPEL DO MOCINHO DE *O EXTERMINADOR DO FUTURO*. CONTRARIANDO SUAS EXPECTATIVAS, CAMERON FOI IMEDIATAMENTE COM A CARA DE SCHWARZIE, QUE LHE DEU VÁRIAS DICAS DE COMO O ROBÔ DEVERIA AGIR. RESULTADO: O ATOR AUSTRÍACO FICOU COM O PAPEL DO VILÃO E INAUGUROU SUA CONDIÇÃO DE ASTRO

Harry Tasker (Schwarzenegger) galopa atrás de um dos terroristas que atormentam sua vida em *True Lies*

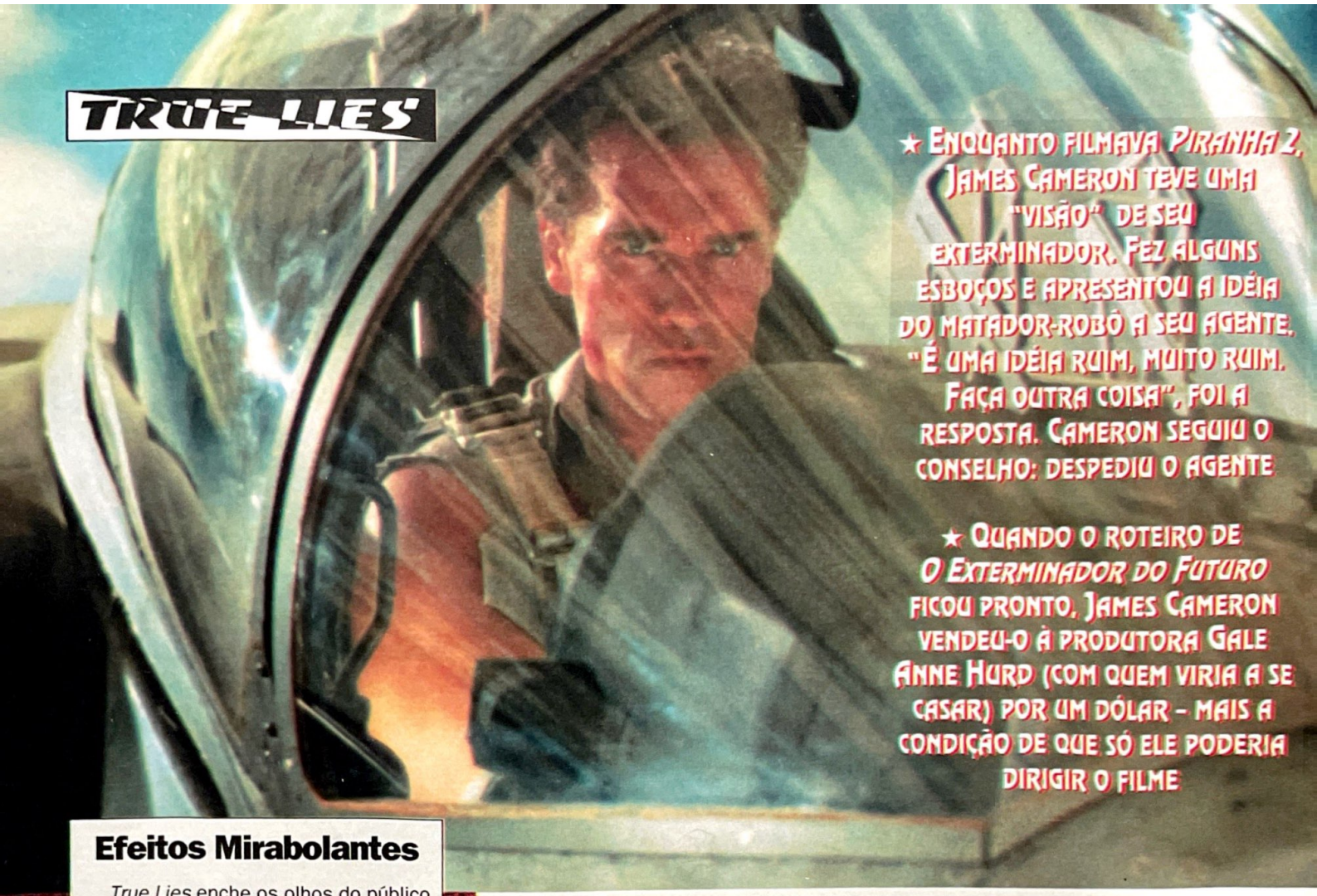
Isso afetou sua carreira de alguma forma? Você mudou a maneira como escolhe os filmes e os papéis que fará daqui por diante?

O que é preciso entender é que dentro desta comunidade, dentro de Hollywood, não houve, em momento algum, a idéia de que eu teria "fracassado". Passei a ter mais ofertas ainda, desde então. E esses dois filmes que acabei de fazer, *True Lies* e *Junior* (*dirigido por Ivan Reitman*) foram tratados bem antes de eu começar as filmagens de *O Último Grande Herói*.

O Filme que Deu Origem ao Filme

A idéia básica de True Lies *veio de* La Totale!, *filme francês de 1991 dirigido por Claude Zidi e estrelado por Thierry Lhermitte e Miou-Miou. A história é quase a mesma: em* La Totale!, *Hélèn é uma bibliotecária que sonha com uma vida mais excitante, até descobrir que seu pacato marido, um funcionário da telefônica, é na verdade um agente do governo. Enquanto persegue seu desejo de ação, a mulher acaba se misturando ao trabalho do marido, gerando uma série de episódios rocambolescos.*

As diferenças com a versão americana acabam ficando em boa parte por conta dos números: enquanto no filme francês contam-se umas dez vítimas aparentemente fatais, em True Lies *elas chegam a 100; enquanto o agente francês derrota os vilões com uma arma e instrumentos tão prosaicos como sacos de farinha, Schwarzenegger tem à sua disposição helicópteros, jatos Harrier, metralhadoras e até um cavalo.*



TRUE LIES

★ Enquanto filmava *Piranha 2*, James Cameron teve uma "visão" de seu exterminador. Fez alguns esboços e apresentou a idéia do matador-robô a seu agente. "É uma idéia ruim, muito ruim. Faça outra coisa", foi a resposta. Cameron seguiu o conselho: despediu o agente

★ Quando o roteiro de *O Exterminador do Futuro* ficou pronto, James Cameron vendeu-o à produtora Gale Anne Hurd (com quem viria a se casar) por um dólar – mais a condição de que só ele poderia dirigir o filme

Efeitos Mirabolantes

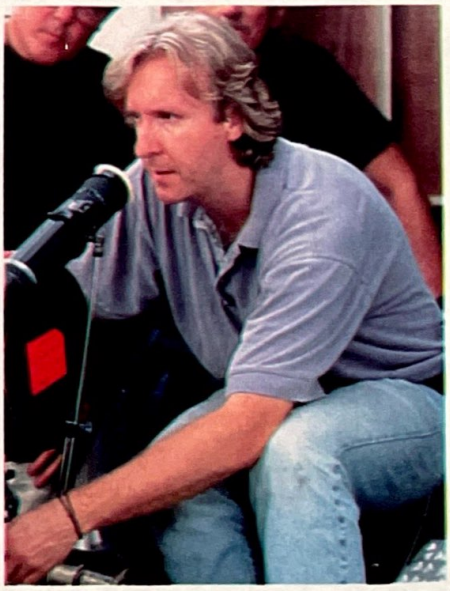
True Lies enche os olhos do público com uma saraivada de efeitos fascinantes – entre os momentos mais eletrizantes, Arnold é visto pilotando um jato Harrier que literalmente invade um edifício e dizima os bandidos; o chefe dos terroristas é mandado desta para a melhor enganchado num míssil; Schwarzie nada sob o gelo, seguido acima da superfície por uma nuvem de chamas. Mas poucas cenas têm tanto impacto quanto aquela em que Jamie Lee Curtis é salva de uma limusine desgovernada e em chamas, prestes a despencar de uma ponte bombardeada e mergulhar nas profundezas do Atlântico.

"Não acho que seja justo entregar a trucagem", diz Jamie sobre a filmagem da cena em questão, "mas garanto que toda vez que você me vê claramente na limusine, sou eu quem está lá, dentro do carro a 80 km/h, naquela ponte estreitinha". Na cena, Schwarzenegger segue a limusine pendurado de cabeça para baixo num helicóptero, tentando salvar Jamie pelo teto do carro antes da inevitável queda no mar. Cortes mais tarde, com a câmera focalizando de cima e em plano aberto o carro e o helicóptero, Jamie é salva no último segundo, com a limusine em pleno vôo. "E sou eu pendurada sobre o mar, agarrada à mão de Arnold", ela conclui. "Foi divertido – mas assustador, também."

ENTREVISTA

JAMES CAMERON

"SOU DURÃO, MAS SOU JUSTO"



Arnold Schwarzenegger teve dificuldade em convencê-lo a realizar *True Lies*?

Arnold achou que uma versão de *La Totale!* seria uma possibilidade interessante. Eu tinha cá meus projetos que queria sugerir a ele, e estava sendo só educado (*risos*), ouvindo primeiro as sugestões dele, meio que com uma atitude de "está bem, fale aí desse seu projeto amalucado e depois eu conto a você quais são as minhas boas sugestões". Ele deu três sugestões, mas eram todos projetos que já estavam sendo desenvolvidos em outros estúdios. Expliquei a ele que, por estar iniciando minha própria produtora (*a Lightstorm*), eu precisava de um projeto "limpo", que não viesse a nossas mãos já com o envolvimento de terceiros. Foi aí que ele mencionou *La Totale!*. Assistimos ao filme, rimos bastante e, o mais

importante, a piada fundamental do filme parecia maravilhosa: a de Arnold essencialmente corneado, a idéia de que o cara mais machão do mundo teria esse calcanhar de Aquiles, que é seu amor por uma esposa tímida. Ele topa qualquer parada, mas pira quando defrontado com esse que é o problema mais universal de todos.

Que elementos você identificou em *La Totale!* que poderiam justificar um remake americano? E que problemas você enfrentou na criação de um novo script?

O maior desafio era fazer com que Arnold pudesse ser um marido menosprezado pela esposa. E esse desafio também era dele: parecer um chato em casa. Claro que ele jamais pareceria um bobalhão no sentido clássico, mas conheço homens tão concentrados em seu trabalho que se tornam chatos por excluir tudo mais de suas vidas. E, para mim, o desafio foi escrever um script engraçado, porque eu nunca havia feito isso antes. Havia momentos cômicos em meus outros roteiros, mas o humor nunca havia sido um dos objetivos de um projeto meu.

Outra escolha importante é Jamie Lee Curtis no papel da esposa. Por que ela?

Eu vinha querendo trabalhar com Jamie desde *O Abismo*. Já nos conhecíamos socialmente, porque ela trabalhou num filme de minha então esposa Kathryn Bigelow (*Jogo Perverso*), mas queria também conhecê-la como atriz dramática e cômica. Escrevi o roteiro com ela em mente, mas quando terminei passei por aquele período de dúvida – não só dúvida, mas desejo de explorar outras possibilidades, o que é normal – e testei outras atrizes. Mas voltava sempre a preferir Jamie.

É impossível deixar de levar em consideração que este é o primeiro filme de Arnold depois de *O Último Grande Herói*. Você, que já trabalhou com ele duas vezes antes de *True Lies*, notou alguma diferença em Arnold?

Nenhuma. Arnold nunca é inseguro. Essa é uma das qualidades dele. Se alguma vez ele sente insegurança, nunca demonstra. O problema é que *O Último Grande Herói* pedia aos fãs que mostrassem amor incondicional por Arnold. Mas um filme precisa ser bom; ninguém está acima disso.

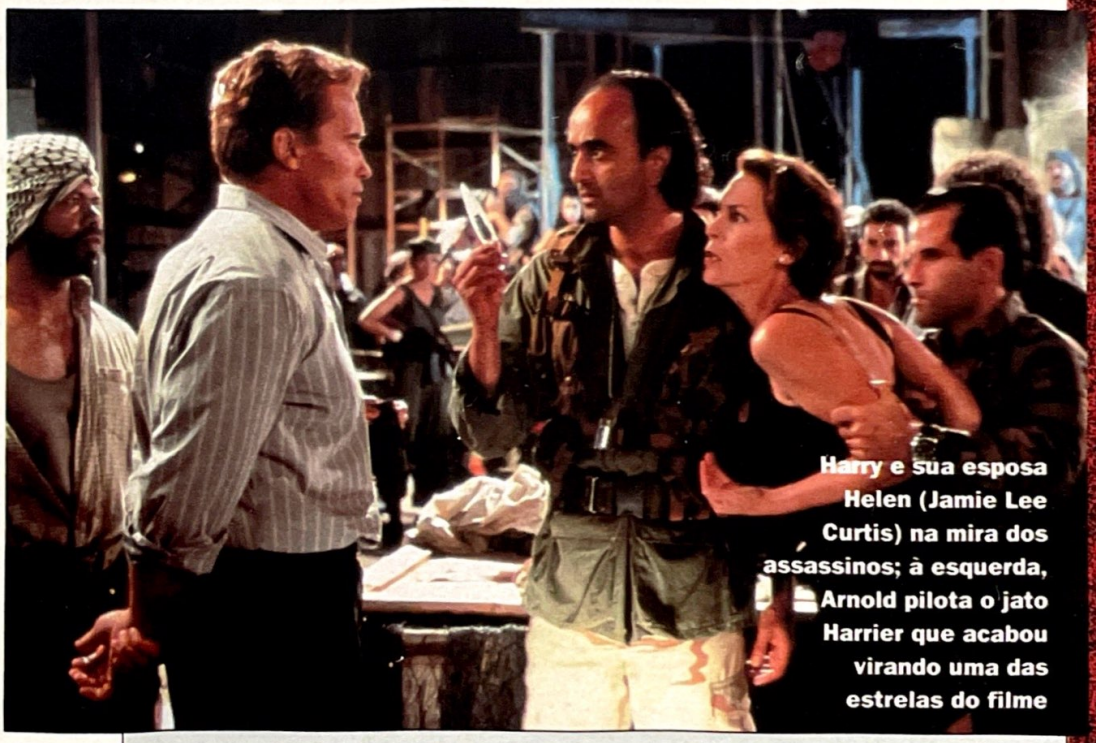
Outro ponto que também se discute muito toda vez que você e Arnold trabalham juntos é o orçamento. Comenta-se que *True Lies* teria custado US$ 120 milhões, o que o torna o filme mais caro de todos os tempos. Custou tanto assim?

Este filme custa US$ 7,50 (*risos*), mais o estacionamento (*esse é o preço de um ingresso de cinema em Los Angeles*). Falando sério, todo filme que Arnold e eu fizermos sairá caro, porque trabalhamos de forma grandiosa. Mas acho que um filme não deve ser julgado pelo custo. Nosso problema em *True Lies* não foi fazer o filme ficar mais barato, mas conciliar os elementos de uma grande produção com os momentos pequenos e caseiros do filme, que são mais engraçados e frágeis. Não me aborreço com esse tipo de curiosidade – entendo o quanto essa argumentação pode render em termos de notícia –, mas não acho justo passar uma entrevista falando de gastos. Deveria mandar o contador falar no meu lugar (*risos*).

Você tem fama de ser um diretor ultra-exigente, que dá duro em suas equipes. Você é tão durão assim?

Sou durão, mas sou justo. Não é como querem me pintar. Trabalho duro – e exijo o máximo de mim mesmo e da equipe. Não dou duro no meu elenco, por achar que o trabalho deles é o mais difícil de todos. O papel do diretor, nesse caso, é o contrário: é facilitar o trabalho do elenco, dar aos atores apoio, sugestões e a possibilidade de fazer mais tomadas, nunca sendo psicologicamente adversário. Na equipe eu dou duro, que é o necessário quando se está gastando tanto dinheiro todo dia. É uma máquina enorme, que precisa ser regida como se aquilo fosse uma operação militar. É o que faço, e não vejo nada de incorreto nisso.

SET



Harry e sua esposa Helen (Jamie Lee Curtis) na mira dos assassinos; à esquerda, Arnold pilota o jato Harrier que acabou virando uma das estrelas do filme

A Atriz que Era um Número

Antes de ser Helen – a esposa frustrada e potencialmente adúltera de Arnold Schwarzenegger em True Lies –, *Jamie Lee Curtis foi um número: 128. E ela não gostou nem um pouco.*

"Tenho todo um esquema de segurança montado, numerando as páginas de toda e qualquer cópia dos scripts que distribuo aos atores e à equipe técnica", explica o diretor James Cameron. "Isso é para garantir que, se alguém copiar indevidamente o script, eu saiba a quem pertence o script copiado." O número alocado a Jamie, portanto, era 128 – em cada página do roteiro por ela recebido havia a identificação "TL-128".

Curiosa, Jamie quis saber quem eram as 127 pessoas que tinham recebido o script antes dela, "pensando se tratar de outras atrizes testadas previamente para o mesmo papel, o que não era o caso". De brincadeira, Cameron elaborou uma lista só de péssimas atrizes e mandou-a para Jamie, que só percebeu a piada quando viu que a atriz número 127 – portanto, no raciocínio dela, a última a ter "recusado" o papel – era ninguém menos que a "grande" Pia Zadora.

TRUE LIES

Arnold Volta a Seu Território

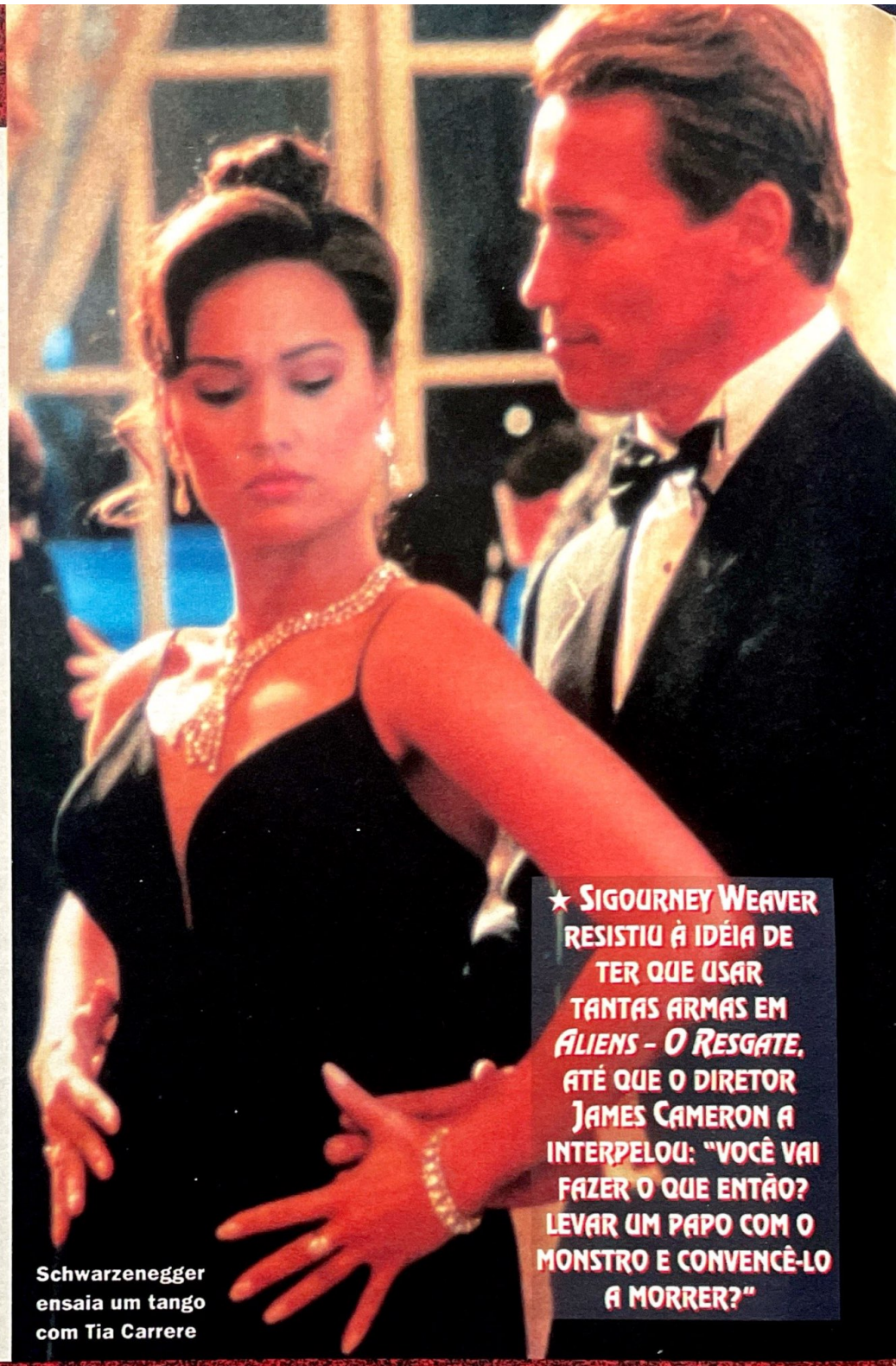
Quem caiu para trás no ano passado ao ver Schwarzenegger, então o maior astro do cinema, cair do cavalo devido às pernas fracas de O Último Grande Herói, *pode voltar a respirar.* True Lies *traz Arnold de volta ao território em que ele funciona melhor, a ação/aventura, fazendo parceria com sua alma gêmea artística, James Cameron – de longe o melhor diretor do setor nos Estados Unidos.*

No papel de um espião secreto que se faz passar por pacato vendedor de computadores, enganando assim até a mulher (Jamie Lee Curtis) e a filha, Arnold se cerca de um roteiro que o favorece e o leva a fazer na tela o que sempre melhor faz: ser o mocinho imbatível que resolve a parada no muque e na macheza.

Ele combate vilões (no caso, terroristas árabes) usando um arsenal de armas sofisticadíssimas e frases curtas e incisivas. Nunca perde uma briga – mesmo que ela seja contra um batalhão de terroristas armados até os dentes – e, sozinho, salva o mundo do holocausto nuclear. Desta vez, entretanto, Arnold exibe uma sofisticação inédita nessa atualização do gênero celebrizado por James Bond: veste smoking, fala línguas estrangeiras e dança tango.

Jamie Lee Curtis supera as limitações de seu papel, acrescentando um humor que não existia no filme original, o francês La Totale!. *E Tom Arnold, aqui como o parceiro de trabalho de Schwarzenegger, surpreende ao trazer um toque humano para um personagem que, no filme francês, era quase que só amargura.*

True Lies, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO FINAL: James Cameron, a partir do roteiro de Claude Zidi, Simon Michael e Didier Kaminka ■ FOTOGRAFIA: Russell Carpenter ■ MÚSICA: Brad Fiedel ■ EFEITOS ESPECIAIS: John Bruno e Thomas L. Fisher ■ Com Arnold Schwarzenegger, Jamie Lee Curtis, Tom Arnold, Bill Paxton, Tia Carrere, Charlton Heston ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 141 min.



Schwarzenegger ensaia um tango com Tia Carrere

★ SIGOURNEY WEAVER RESISTIU À IDÉIA DE TER QUE USAR TANTAS ARMAS EM *ALIENS - O RESGATE*, ATÉ QUE O DIRETOR JAMES CAMERON A INTERPELOU: "VOCÊ VAI FAZER O QUE ENTÃO? LEVAR UM PAPO COM O MONSTRO E CONVENCÊ-LO A MORRER?"

Para Dar uma Espiada

Bem antes de James Cameron dar vida dupla ao espião Schwarzenegger e colocar Jamie Lee Curtis em perigo, Hitchcock já explorava esse filão. Em **CORTINA RASGADA** (*1966, CIC*), Julie Andrews se mistura aos negócios do marido Paul Newman, que finge desertar para a Alemanha Oriental a fim de obter segredos dos comunistas. Já em **ESPIÕES SEM ROSTO** (*1988, direção de Richard Benjamin, LK-Tel/Vídeo*) são os pais de passado misterioso que darão trabalho a River Phoenix. A espionagem invade o dia-a-dia das pessoas comuns também em **PACOTE DE MENTIRAS** (*1987, direção de Anthony Page, L.M.P.*), em que a dona-de-casa Ellen Burstyn arruína sua vida ao ceder sua residência ao Serviço Secreto para que este vigie os vizinhos e amigos. Embora não seja amador, Gene Hackman se envolve além do previsto em **A CONVERSAÇÃO** (*1974, direção de Francis Ford Coppola, CIC*): contratado por um homem misterioso para mapear a vida de um jovem casal, o espião tem uma crise de consciência e conclui que deve evitar a morte de seus espionados. Nada é o que parece também em **A TRAIÇÃO DO FALCÃO** (*1985, direção de John Schlesinger, Globo Vídeo*): baseado em fatos reais, mostra a trajetória de dois jovens californianos de classe média que decidem vender informações à União Soviética. É justamente o que faz (mas por lealdade, não dinheiro) o agente duplo Nicol Williamson em **O FATOR HUMANO** (*1979, direção de Otto Preminger, F.J.Lucas/Concorde*), que tem seu parceiro erroneamente eliminado e é obrigado a desertar para Moscou.

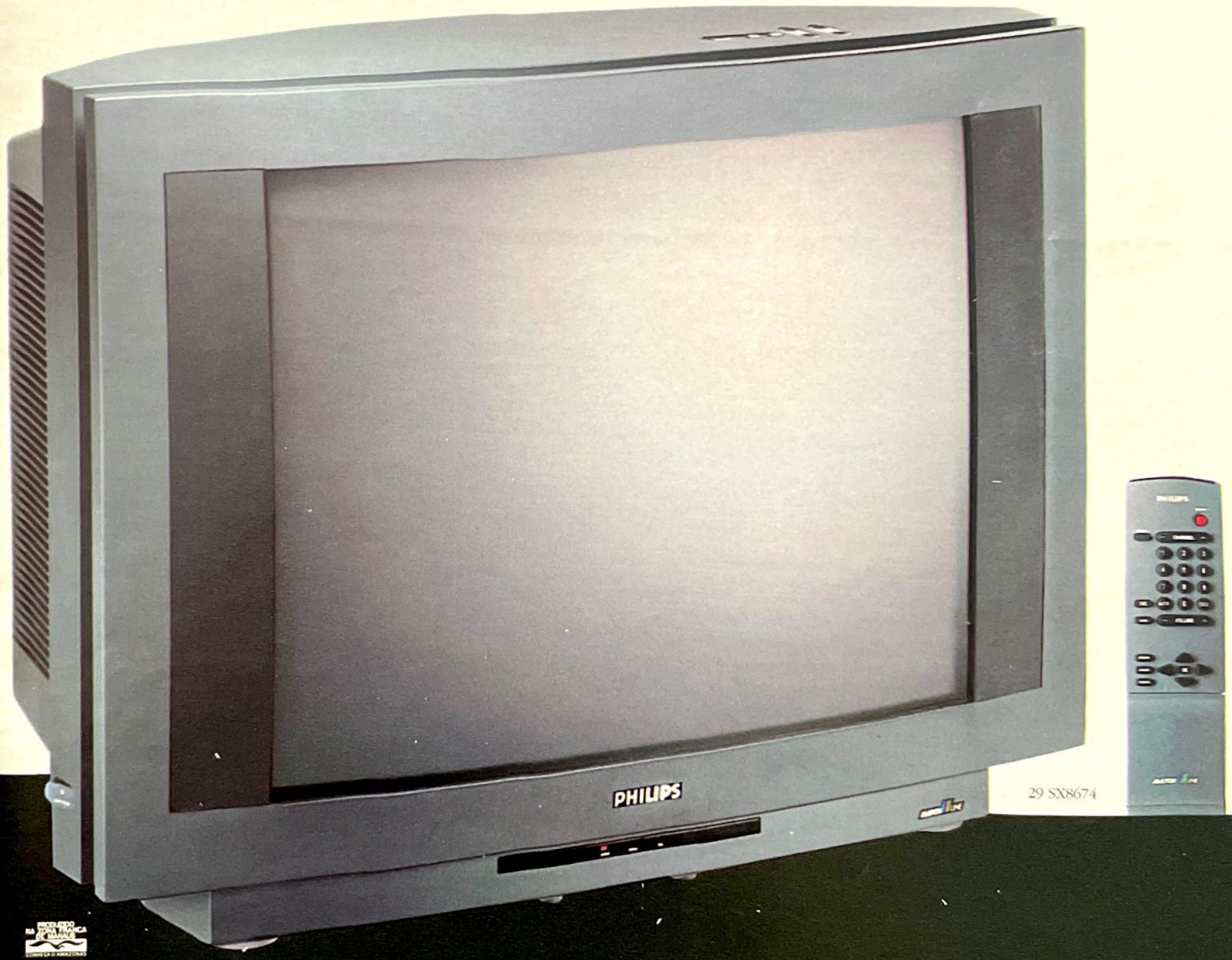
Se você acabou de comprar uma televisão japonesa achando que era a melhor do mundo, sorry.

Calma, relaxa, não fica nervoso. Vai ver você nem comprou a televisão ainda. Ótimo. Então conheça a nova Philips Matchline 29". Ela é considerada melhor que as japonesas nos mercados mais avançados do mundo. Veja por quê:

- Tela superflat com tubo superblack e anti-reflexo.
- 800 linhas de resolução horizontal.

- Symphobass Plus Stereo Sound System com 3 amplificadores, 5 alto-falantes, surround sound (caixas opcionais) e 30W RMS de potência.
- SMART controls de áudio (música, auditório, voz e pessoal) e vídeo (cores intensas, suaves, naturais e pessoal).
- Controle remoto com cursor e menu na tela em português, inglês e espanhol, à sua escolha.
- Conexões laterais.
- PIP - Picture in Picture com congelamento de imagem.
- Três entradas de áudio e vídeo com Super VHS.
- 181 canais, inclusive para TV a cabo.
- Recebe sinais PAL-M, NTSC e PAL-N.

MATCHLINE



Are you ready for Philips Matchline?

PHILIPS

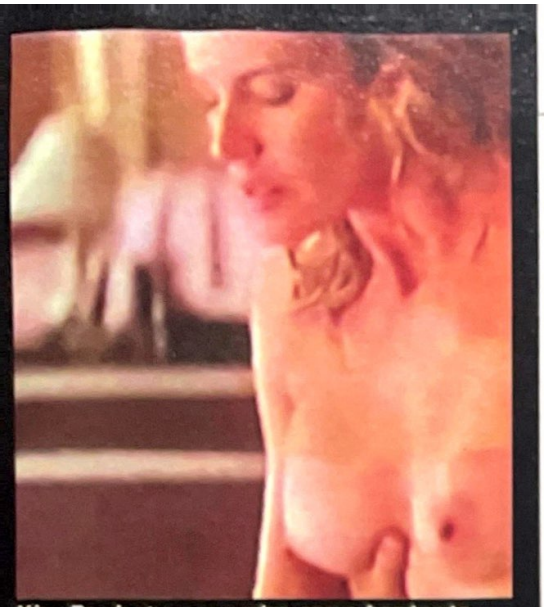
A FUGA

ATÉ ONDE ELES FORAM?

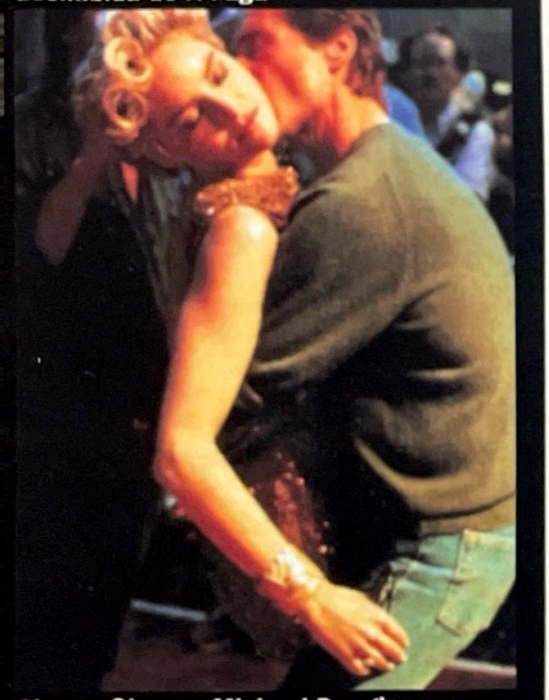
Alec Baldwin e Kim Basinger exploram os limites da sugestão sexual na refilmagem do cult *Os Implacáveis*

O casal em três momentos de sexo quase explícito em *A Fuga*: Alec se delicia entre as coxas da esposa; Kim se "ajeita" em Alec; e, por fim, a cena em que eles chegam às "vias de fato"

A FUGA



Kim Basinger em outra cena bastante desinibida de *A Fuga*



Sharon Stone e Michael Douglas em *Instinto Selvagem*: a transa do século

Marilyn virou "loira gelada" para Tony Curtis em *Quanto Mais Quente Melhor*

No ano passado, Martin Scorsese criou uma cena intensamente erótica em *A Época da Inocência* fazendo apenas com que Michelle Pfeiffer despisse uma de suas luvas diante do olhar de Daniel Day-Lewis. Mas nem todo mundo acredita em sutilezas. Roger Donaldson, por exemplo, diretor de *A Fuga*, é um adepto das explicações gráficas. As cenas de sexo protagonizadas por Alec Baldwin e Kim Basinger (casados na vida real) em seu novo thriller erótico são tão realistas, e por isso mesmo tão "fortes", que geraram uma onda de especulações sobre se o casal não teria ido bem além da representação. Muitas dessas cenas excessivamente convincentes de *A Fuga*, aliás, não serão vistas nos cinemas: elas chocaram tanto a platéia de algumas exibições-teste que foram suprimidas da versão final.

As cenas de sexo acabaram virando minoria na história do casal de assaltantes que foge com US$ 1 milhão roubado a um maquiavélico executivo, mas ainda assim elas estão mais para *Orquídea Selvagem* que para *Os Implacáveis* – do qual o filme de Roger Donaldson é um *remake*. No longa dirigido em 1972 por Sam Peckinpah, os papéis hoje vividos por Kim e Alec couberam a Steve McQueen e Ali MacGraw, também casados e igualmente capazes de revelar na tela uma boa dose de sua química sensual. Mas, no original, Peckinpah se preocupou em fazer o que sabia melhor: cenas de ação eletrizantes.

Em *A Fuga*, por outro lado, o diretor Donaldson (também responsável pelo entrosamento físico entre Sean Young e Kevin Costner no banco traseiro de uma limusine em *Sem Saída*) está mais empenhado em dirigir o foco para o corpo de Kim Basinger – como numa cena de reconciliação do casal, em que a câmera desliza verticalmente pela lateral do corpo de Kim até mostrar Alec deliciando-se entre suas coxas.

Quem não se recorda das entrevistas promocionais de lançamento de *Instinto Selvagem*, em que Michael Douglas declarou que ele e Sharon Stone haviam ido "até onde um homem e uma mulher podem ir"? – o que fez com que toda a imprensa especulasse se eles haviam realmente chegado às vias de fato em pleno set de filmagem. Os repórteres também correram atrás de Kim e Alec com uma pergunta idêntica. Evasiva, Kim explicou que, como o casal central de *A Fuga* passara por uma separação de um ano e meio (o tempo que o marido ficara na prisão), a representação despertou a "emoção" sexual nos dois.

Outra semelhança entre *Instinto Selvagem* e *A Fuga* é que tanto Sharon Stone quanto Kim Basinger provam que são loiras de verdade: Stone numa cruzada de pernas – para mostrar que está sem calcinhas –, e Kim, quando aparece pela primeira vez nua na tela.

"Lembre-se, o assunto aqui é sexo. Tudo é sexo, mesmo se os personagens estiverem um de cada lado da sala se olhando."

Jack Nicholson advertindo Jessica Lange no set de *O Destino Bate à Sua Porta*

UM TOQUE DE SEDUÇÃO

O lançamento de *A Fuga* nos cinemas brasileiros, no final de setembro, nos faz recordar obras clássicas do sexo implícito e que elevaram a temperatura nas salas de cinema. Filmes como *Uma Rua Chamada Pecado* causavam furor uterino. E não era necessário induzir o espectador com sexo quase explícito: bastava Marlon Brando aparecer na tela com sua camiseta justa, delineando os protuberantes bíceps, e dizer uma única palavra sugestivamente lasciva para Kim Hunter ou Vivien Leigh. Em 1951 o Código Hays imperava todo-poderoso, e a Warner curvou-se às objeções católicas, retirando a parte denominada "ofensivamente erótica" de *Uma Rua Chamada Pecado*. Mas nem mesmo os cortes deixaram a obra de Elia Kazan menos sensual.

Se os censores repudiavam um simples beijo – de língua, nem pensar –, os casais liberavam a aura sexual que os envolvia tão logo saíam de cena. Há casos memoráveis, como o *frisson* entre Liz Taylor e Richard Burton durante as filmagens de *Cleópatra*, denominado "o adultério mais público do mundo" (na ocasião, Liz estava casada com um outro qualquer de seus maridos). Diz a lenda que Burton esfregou as mãos quando viu Liz nua filmando a

Baldwin e Basinger dando um tempo no sexo em *A Fuga*

Ação Embalada em Erotismo

A sexploitation chique que Hollywood reinventou no início dos anos 90 como jogada de marketing é aplicada no remake *de Roger Donaldson do cult* Os Implacáveis, *realizado em 1972 pelo mestre da ação Sam Peckinpah, com Steve McQueen e Ali MacGraw nos papéis que agora são de Baldwin e Basinger.*

Embora o ponto de partida dos dois diretores seja o roteiro de Walter Hill, baseado no livro de Jim Thompson, as duas obras têm pouca coisa em comum. Peckinpah se empenhou nas cenas de ação, enquanto Donaldson se preocupou em dar uma embalagem mais erótica a A Fuga – *que perde o ritmo toda vez que vêm à tona os problemas românticos do casal.*

Mas, sem querer dourar a pílula, nem tudo é desprezível em A Fuga. *Em seu ambiente natural, Walter Hill realizou um roteiro redondo e só não foi o responsável pela direção porque estava entretido com* Geronimo. *No elenco, destacam-se James Woods como o "colarinho-branco" Jack Benyon, mandante do assalto ao cofre com os milhões de dólares, e o sempre ótimo vilão Michael Madsen, como o bandido e traidor Rudy Travis – ambos perfeitos e bem à vontade em seus personagens. Donaldson contou ainda com a bela fotografia de Peter Menzies Jr., que logo na abertura já mostra a que veio.*

Sobre o casal central há pouco a dizer, a não ser que, com exceção das cenas de sexo, Kim e Alec são tão expressivos quanto uma porta. Aliás, eles só conseguiram os papéis por serem amigos de Walter Hill.

D.P.

The Getaway, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Roger Donaldson ■ ROTEIRO: Walter Hill e Amy Jones, a partir do romance homônimo de Jim Thompson ■ FOTOGRAFIA: Peter Menzies Jr. ■ MÚSICA: Mark Isham ■ Com Alec Baldwin, Kim Basinger, Michael Madsen, James Woods, Jennifer Tilly ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes ■ DURAÇÃO: 100 min.

cena da banheira – e não foi só o frescor do belo corpo da atriz que o interessou: ela havia assinado um contrato milionário, tornando-se a primeira estrela a ganhar US$ 1 milhão por um filme.

Também há casos contrários: enquanto Burton não resistia à "eterna gata selvagem" Liz, Tony Curtis não se curvava ao furacão sexual Marilyn Monroe. Chegou a declarar que beijá-la em *Quanto Mais Quente Melhor* (1959) "foi como beijar Hitler".

Muito tempo antes, a fervida Hollywood dos anos 20 já se perguntava o que acontecia durante as filmagens das orgias dos filmes de Erich Von Stroheim, chamado de "menestrel sexomaníaco". Mesmo naqueles

"Eu ficava pensando 'oh, meu Deus, não deixe que a natureza se manifeste'."

Patrick Swayze sobre as cenas de sexo com Demi Moore em *Ghost – Do Outro Lado da Vida*

***O Último Tango em Paris*: Brando estupra Schneider usando um tablete de manteiga**

Kathleen Turner – com William Hurt – estréia como um vulcão em *Corpos Ardentes*

Jack e Jessica performatizam o sexo adúltero em *O Destino Bate à Sua Porta*

Antes de *A Fuga*, Kim havia mostrado seus fetiches em *9 1/2 Semanas*...

A FUGA

Ellen Barkin ataca Al Pacino em *Vítimas de Uma Paixão*

Carré e Rourke foram os primeiros a "fazer" no set em *Orquídea Selvagem*

Francesca Neri experimenta de tudo em *As Idades de Lulu*

Jane March em *O Amante*: estréia no sexo e no cinema

Madonna e Willem Dafoe em *Corpo em Evidência*: o sadomasoquismo dos anos 90

loucos anos, Stroheim ousou ao contratar uma prostituta especializada em sadismo para uma seqüência pouco ortodoxa de *A Marcha Nupcial* (1928).

Com a implantação do Código Hays em 1930, o qual obrigava que, nos filmes, marido e mulher dormissem em camas separadas e mantivessem 30 centímetros de distância, terminava a fase mais sensual e libidinosa das produções hollywoodianas.

"Se você está sobre uma mulher numa cena de sexo, é muito difícil para a câmera encontrar bons ângulos. Então você faz acrobacias não por brincadeira, mas para ajudar. Cenas de amor são como um *trabalho* qualquer."

Michael Douglas

ANOS DESPUDORADOS

A onda hippie e o amor livre dos alucinógenos anos 60 trouxeram de volta às telas o desejo sexual. Durante a década de 70, *O Último Tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci e novamente tendo Marlon Brando como protagonista, era o exemplo máximo da sexualidade liberada.

Na década seguinte, o sexo deixou de ser arte para virar sinônimo de bilheteria. A histeria sexual dessa fase teve seus momentos mais quentes com *Corpos Ardentes* e *O Destino Bate à Sua Porta* (ambos de 1981), até alcançar seu ponto máximo com o sexo almofadinha de *9 1/2 Semanas de Amor* (1986) e com a inversão de papéis em *Vítimas de uma Paixão* (1989), em que é Ellen Barkin quem toma a iniciativa e literalmente encoxa Al Pacino.

Mesmo com a entrada na era da Aids, em que o politicamente careta anda de mãos dadas com o sexo seguro, as telas não deixaram de refletir o tesão dos sets. Muito pelo contrário, o ano de 1990 é marcado pela transa verídica (foi o que se comentou) entre Mickey Rourke e Carré Otis no final de *Orquídea Selvagem* e pela busca do limite sexual de Francesca Neri em *As Idades de Lulu*, do espanhol Bigas Luna.

O gosto pela coisa – leia-se sexo e dinheiro – trouxe uma enxurrada de novos filmes embrulhados em fofocas sobre como os atores encararam com naturalidade as cenas de sexo. Até virgindade se perdeu em favor do cinema. Quando *O Amante*, de Jean-Jacques Annaud, foi lançado, dizia-se que a então estreante Jane March havia se entregado de corpo e alma a seu parceiro Tony Leung. Sem falar do estrondoso escândalo de *Instinto Selvagem*...

Também é a vez de entrar em cena a rainha do escândalo, Madonna: como parte de um pacote autopromocional, em 1993 ela estrela *Corpo em Evidência* e leva Willem Dafoe para conhecer seu mundo sadomasoquista. Não contente, no mesmo ano Madonna se deixou ser estuprada no filme-dentro-do-filme *Olhos de Serpente*, de Abel Ferrara.

Às vezes, no entanto, a jogada não funciona. Veja-se *Invasão de Privacidade*, que derrubou todas as expectativas dos produtores. As promessas de um repeteco da performance de Sharon Stone em *Instinto Selvagem* – acrescida de altas doses de voyeurismo – vieram por terra graças à péssima química entre Stone e William Baldwin, tão hostil que transpareceu nas telas. O resultado? A transa mais fria do século com a loira mais quente da atualidade.

Deborah Peleias

SET

"Eu me adiantei e o encostei na parede, dizendo: 'se você não abrir a boca, vou te estuprar'."

Kelly Lynch sobre os beijos de Tom Cruise em *Cocktail*

LIBERADA, SEM CORTES.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

NUMA TERRA SEM LEI

A vida do mais famoso xerife do Oeste Selvagem vira um "épico intimista" na ótica do astro Kevin Costner e do diretor Lawrence Kasdan

Hollywood já investigou repetidas vezes a saga de Wyatt Earp, o homem da lei mais famoso do Velho Oeste. Nascido em 1848 em Illinois, Earp fez sua fama a partir de 1875, como "policial" de cidades como Dodge City, onde se tornou amigo de pistoleiros famosos – entre eles Doc Holliday e Bat Masterson. Mas entrou de fato para a história em Tombstone, Arizona, onde vários membros de sua família haviam se estabelecido (seu irmão Virgil era o xerife local) e onde, em 1881, uma longa rivalidade entre o clã Earp e um bando de foras-da-lei se resolveu no sangrento tiroteio do O.K.Corral. A batalha gerou ainda várias mortes nos anos seguintes, valendo a Earp uma acusação de assassinato – da qual se esquivou vagando pelo Oeste como apostador, especulador, policial e garimpeiro até sua morte, em 1929.

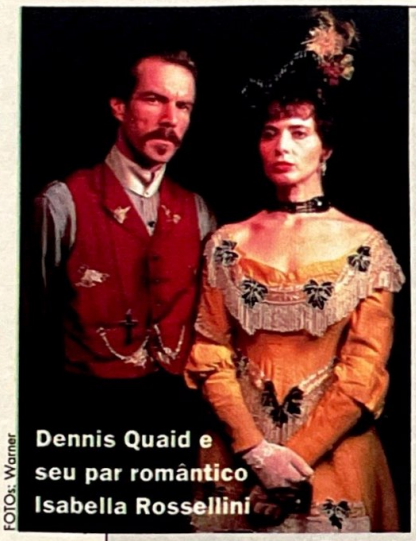
Desta vez, no entanto, o diretor Lawrence Kasdan acredita ter quebrado a tradição que cerca Wyatt Earp com um filme "historicamente correto", repleto de detalhes, que mostra não somente o lado heróico do personagem mas também "seus defeitos, seu lado humano". Com seu companheiro de longa data Kevin Costner no papel-título e atuando também como co-produtor, Kasdan espera que o mundo ainda goste de filmes como ele crê que este é: épico. A seguir, o diretor fala sobre seu *Wyatt Earp*.

Por que você decidiu mostrar Wyatt Earp não como um herói, mas também como um homem com um lado bastante sombrio, quase vilanesco?

Eu queria fazer o primeiro retrato de corpo inteiro desse homem. Não creio que as pessoas sejam só uma coisa – só heróis ou só vilões. Nem acho que as pessoas que fazem o mal achem que estejam praticando o mal. Acho que as pessoas são *complicadas*. Meu interesse era descobrir o passado de Wyatt, saber como sua personalidade se formou, o que teria acontecido com ele em garoto que viria a afetar seu comportamento como adulto. O resultado é um retrato mais próximo de um ser humano que de um super-herói.

Você não vê Earp como herói, portanto?

Acho que no final do filme ele emerge como herói. Aliás, o melhor tipo de herói: aquele com quem você consegue se identificar como ser humano. Ele é alguém capaz de cometer erros, alguém que por acaso se comportou de forma ruim no passado. Isso não significa que ele não tenha sido um herói: ele foi corajoso de modos que seriam difíceis para qualquer um de nós, muitas vezes fez o que era certo fazer. Nada disso impede que



FOTOs: Warner

Dennis Quaid e seu par romântico Isabella Rossellini

DENNIS QUAID ROUBA A CENA

O consenso é de que Doc Holliday sempre ofusca Wyatt Earp, em qualquer filme. E, de fato, o Doc de Dennis Quaid praticamente rouba o filme toda vez que aparece – tanto por seu agudíssimo senso de humor quanto pela atuação exuberante do ator. "É como interpretar Hamlet ou Macbeth", diz Quaid sobre o pistoleiro alcoólatra, jogador e tuberculoso que torna-se o melhor amigo de Earp. "É um personagem maior que a própria vida."

Dennis estudou a fundo o personagem. "Ele era um homem muito delicado, culto, inteligente, nascido numa família aristocrática da Geórgia. Se pudesse, teria se mudado para Nova York ou Paris. O sonho dele era ser dentista – ele adorava odontologia, mas tossia na cara dos clientes e foi forçado a virar jogador. Disseram a ele que, por causa da doença, ele precisava se mudar para a costa oeste. Deram a ele uma sobrevida de dois anos, no máximo, então ele esperava morrer a qualquer momento. Virou jogador e por causa do jogo ele precisou portar sempre uma faca e um revólver. E com isso ganhou sua fama."

Dennis também impressiona por seu visual: macilento e esquálido, ele é um esqueleto ambulante e de olheiras. "Achei necessário perder tanto peso para poder vestir a pele do personagem. Ele era um ser frágil, que não pesava mais de 65 quilos. Larry Kasdan pediu que eu perdesse cinco quilos. Acabei perdendo vinte." Para tanto, Dennis submeteu-se a uma dieta que o forçava a consumir não mais que 1.200 calorias por dia e a correr de oito a quatorze quilômetros diariamente. Já recuperar o peso não foi tão difícil. Bastou a Dennis voltar a seu ritmo normal. "Sou o tipo de homem que adora um rango."

J.E.R.

ENTREVISTA

KEVIN COSTNER

"NÃO FAÇO FILMES SÓ PARA O PÚBLICO AMERICANO"

ele tenha tido medos e ambições naturais de um ser humano.

Por que você quis fazer um filme justo sobre esse personagem?

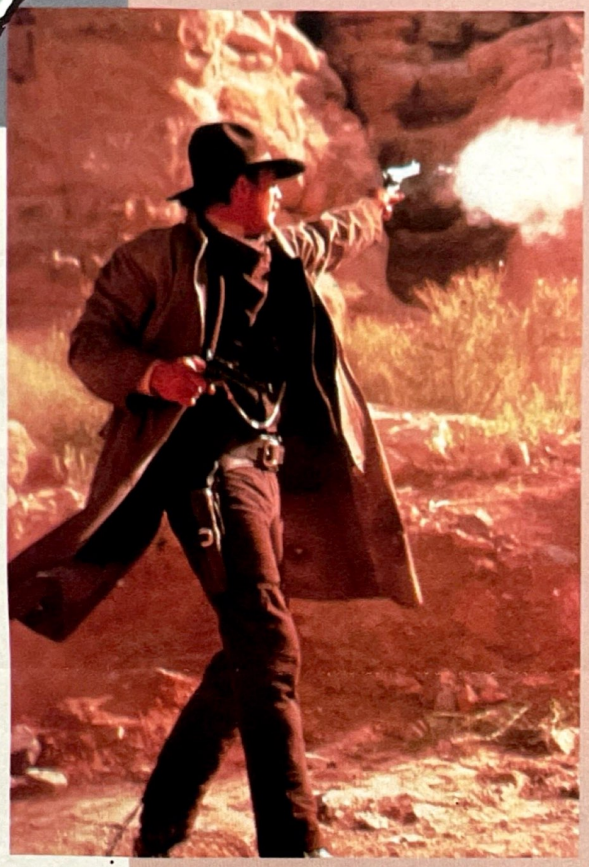
Me fascina esse período da história americana que vai do final da Guerra Civil à virada do século, e que engloba o que chamamos de *Wild West* (Oeste Selvagem). E dentro desse período ninguém se sobressai mais que Wyatt Earp. Por mais que ele tenha sido representado no cinema, não acho que o tenha sido por completo. E se eu queria que as pessoas "passeassem" por esse período, quem melhor para passear com elas que Wyatt Earp, que se destaca tanto em nossa mitologia?

Você e Kevin Costner trabalharam juntos várias vezes. O próprio Kevin costuma dizer que ele, em si, é muito chato, não vende ingressos, que o que interessa às pessoas é mais a história do filme que ele estrela e menos ele. Por que você gosta tanto de trabalhar com ele?

Ele está sendo extremamente modesto. O fato é que existe uma tradição de astros do cinema que inclui Henry Fonda, James Stewart, Gary Cooper, John Wayne, atores sobre os quais, por alguma razão – o jeitão deles, a maneira como andam ou falam, os papéis que escolhem –, as pessoas no mundo inteiro projetam suas fantasias. Seja qual for a história contada no filme, eles partem numa jornada e as pessoas vão junto, eles têm uma faísca, um carisma. Existem muitos bons atores que não têm essa qualidade, essa mágica. Mas outros, sim e acredito que eles já nasçam com isso. E que, por outro lado, às vezes precisam provar que além de astros são também grandes atores. E Kevin é um astro que também é um grande ator.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET



A interpretação que você e Kasdan dão a Wyatt Earp é completamente diferente de qualquer outra já feita.

O que não me supreende. Todo e qualquer filme que Kasdan fizer terá como ponto principal as pessoas e os relacionamentos entre elas. O mesmo se aplica aos filmes que escolho fazer. Por isso nosso filme é, sim, diferente dos demais filmes já feitos sobre Earp, mas também é mais verdadeiro e muito histórico. Não teríamos feito este filme se não tivéssemos a certeza de que realizaríamos um trabalho original.

Neste filme, Wyatt Earp é um homem cheio de problemas, de defeitos. Isso o torna menos heróico do que o havíamos imaginado até agora?

Acho que os defeitos o tornam mais humano e, portanto, mais heróico ainda. Os personagens precisam sempre tomar partido de alguma coisa. Mesmo um personagem como o que fiz em *Um Mundo Perfeito*, ele não é um grande cara, mas toma partido de seus ideais, é um símbolo. O que você vê nos personagens que faço, sejam eles heróis ou não, é que eles têm uma vida. Escolho esses personagens de propósito: você compreende qual é a moral deles a partir do que eles são e do que dizem. O filme não se reduz a um único ato de heroísmo.

Como você equilibra o fato de ser um dos maiores astros do cinema no mundo e a maneira como você escolhe filmes e papéis que fogem à "norma" de um astro, como *Um Mundo Perfeito*, que nem fez tanto sucesso assim?

Não dá para raciocinar dessa maneira. *Wyatt Earp* será um dos filmes mais difíceis de vender neste verão. Vai haver gente reclamando de como ele renderá menos que, digamos, *The Mask*, gente que vai conjecturar se, por causa disso, minha popularidade teria diminuído. Enquanto isso, eu... eu tenho um ego, sou humano, gosto de ser bem-sucedido, mas preciso entender do que exatamente gosto no cinema e preciso continuar fazendo cinema a despeito do resultado de cada filme. Sei que tenho um laço com o público ao redor do mundo, e acho que esse laço existe poque as pessoas gostam dos filmes e das idéias que eles transmitem, gostam das histórias – não necessariamente de mim.

Wyatt Earp nunca será o campeão de bilheteria deste verão. É impossível, por causa da duração do filme. Mas guardo comigo a chave secreta: a certeza de que fiz um filme no qual acredito e que considero bom.

Sinto saudade de filmes épicos como este que fizemos. E em Hollywood há uma tendência de não fazer filmes assim, porque eles não trazem um público novo para dentro dos cinemas a cada duas horas. Sinto saudade de filmes como *Lawrence da Arábia* e *Doutor Jivago*. Todo mundo vem desencorajando esse tipo de filme, inclusive o exibidor. Quando vou ao cinema, gosto de ter uma refeição completa. Talvez eu tenha uma sensibilidade européia, porque não me importa que os filmes sejam longos – se estiverem me transportando a algum lugar junto com eles. Não faço filmes só para o público americano, porque às vezes eles reduzem meu trabalho a "o que é quente" e "o que não é quente". Não tenho a inclinação comercial de quem já realizou seis continuações, então dependo muito desse público internacional. *Muito.*

J.E.R.

TESTE DE PACIÊNCIA

Wyatt Earp é longo e lento – você sente passar va-ga-ro-sa-men-te as três horas e dez minutos do filme. Ele testa a paciência, o interesse e a sensibilidade do público anos 90 com um trabalho de pretensões épicas – uma versão sombria, embora historicamente acurada, da vida de um dos personagens mais famosos do Velho Oeste. Mas o filme põe à prova também a visão do diretor Lawrence Kasdan e a capacidade de Kevin Costner de dar corpo e vida a essa visão.

No campo meramente técnico, Wyatt Earp já é um filme difícil de fazer – cobre acontecimentos ao longo de quinze anos nas vidas de mais de 130 personagens, entre os quais se destaca Wyatt (Kevin Costner), da infância à velhice. Tudo isso é entrecortado pelas entradas e saídas em cena de um monte de gente de peso na vida de Wyatt, do pai (Gene Hackman) ao melhor amigo Doc Holliday (Dennis Quaid, a melhor coisa do filme).

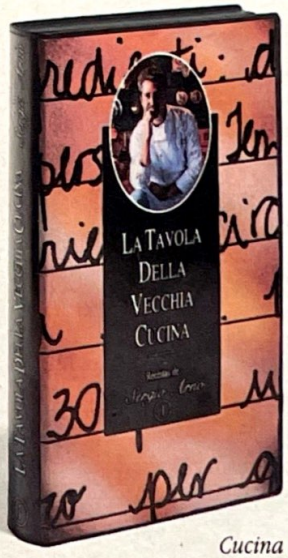
Mas a vontade de reescrever a história e a seriedade auto-congratulatória de Kasdan revestem tudo de uma aura de "importância" que faz do filme uma experiência pouco compensadora. Costner tem a idade e a capacidade dramática para ser Earp em quase todas as suas fases, mas o roteiro maçudo e pesado deixa enxergar pouco mais do que um homem da lei encucado. O homem atormentado e complexo que se pretendia mostrar é apenas sugerido.

J.E.R.

Wyatt Earp, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Lawrence Kasdan ■ ROTEIRO: Dan Gordon e Lawrence Kasdan ■ FOTOGRAFIA: Owen Roizman ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ FIGURINOS: Colleen Atwood ■ Com Kevin Costner, Dennis Quaid, Gene Hackman, Jeff Fahey, Mark Harmon, Michael Madsen, Catherine O'Hara, Isabella Rossellini, Bill Pullman, JoBeth Williams, Tom Sizemore ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 189 min.

Os irmãos Wyatt, Morgan e Virgil, mais um ajudante (à esq.) fazem pose de durões; abaixo, Wyatt e seu irmão James, mortalmente ferido

É um filme.
Só que com
19 finais felizes.



La Tavola della Vecchia Cucina apresenta 19 receitas da coleção particular de Sergio Arno. De entradas a sobremesas, você vai experimentar pratos mais suaves e inventivos que os da tradicional Cozinha Italiana. E o que é melhor, La Tavola della Vecchia Cucina traz um livrinho com todos os ingredientes, tornando prático o preparo das receitas. Com certeza, La Tavola della Vecchia Cucina é um daqueles filmes que você torce para nunca acabar. Mas, quando acaba, você fica satisfeito.

19 Receitas Especiais de Sergio Arno em Vídeo

LA VECCHIA CUCINA
Vendas pelo tel.: (011) 820-5044

SET

SET

SET

SET

SET

Richard Donner

MAVERICK

(Maverick, EUA, 1994)

Ficha técnica: Direção: Richard Donner ■ Roteiro: William Goldman, baseado na série de TV criada por Roy Huggins ■ Fotografia: Vilmos Zsigmond ■ Montagem: Stuart Baird ■ Música: Randy Newman ■ Direção de arte: Daniel Dorrance ■ Cenografia: Lisa Dean ■ Figurinos: April Ferry ■ Co-produção: Jim Van Wyck ■ Produção: Bruce Davey e Richard Donner, para a Icon/Donner/Shuler-Donner ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 2h09.

O elenco: Mel Gibson (Bret Maverick), Jodie Foster (Annabelle Bransford), James Garner (Xerife Zane Cooper), Graham Greene (Joseph), James Coburn (Comodoro Duvall), Alfred Molina (Angel), Paul Smith (Arquiduque), Geoffrey Lewis (Eugene), Max Perlich (Johnny), Dan Hedaya, Doug McClure (jogadores).

A trama: O pistoleiro Bret Maverick precisa de US$ 25 mil para se inscrever num torneio de pôquer que dará US$ 500 mil ao vencedor. Enquanto levanta o dinheiro, encontra no caminho a bela e esperta Annabelle Bransford, o xerife Zane Cooper, índios, assaltantes e adversários que tentam impedi-lo de chegar ao barco onde será realizado o campeonato.

O diretor: Richard Donner nasceu em 1930, em Nova York. Ex-ator de peças off-Broadway, começou a trabalhar como diretor na TV, em episódios de séries como *Além da Imaginação* e *O Fugitivo*. Estreou no cinema em *X-15* (61), drama com Charles Bronson e Mary Tyler Moore, e a partir dos anos 70 se tornou um dos mais bem-sucedidos cineastas norte-americanos, realizando êxitos como *A Profecia* (que custou US$ 2 milhões e arrecadou trinta vezes mais, 76), *Superman* (78), *Os Goonies* (85), *Ladyhawke - O Feitiço de Áquila* (85), *Os Garotos Perdidos* (87) e a série *Máquina Mortífera* (87, 89, 92). Dirigiu também comerciais e documentários.

Notas: *Maverick* é o primeiro faroeste de Mel Gibson; ele é sócio de Bruce Davey na Icon, co-produtora do filme e de *O Homem Sem Face* (93), sua estréia na direção. Foi de Gibson e Davey a idéia de retomar a série de TV *Maverick*, que a ABC levou ao ar de 57 a 62, e cujos direitos pertenciam à Warner ■ Inicialmente, os papéis de Jodie Foster e James Garner (intérprete de Maverick na TV) foram oferecidos a Meg Ryan e Paul Newman ■ O roteirista William Goldman ganhou dois Oscar, por *Butch Cassidy* (69) e *Todos os Homens do Presidente* (76); alguns de seus trabalhos mais recentes, como reescrever *Proposta Indecente* (93) e *O Último Grande Herói* (93), não foram creditados ■ É não-creditada, também, a ponta de Danny Glover — parceiro de Gibson e de Donner na série *Máquina Mortífera* — em *Maverick* ■ No torneio de pôquer, atores veteranos de outras séries de TV fazem pontas: Doug McClure (*O Homem de Virgínia*), William Smith (*Laredo*), Cal Batlett (*Bonanza*) e Bert Remsen (*Dallas*), entre outros ■ Garner já havia retomado seu personagem em *The New Maverick* (78), piloto de série com Charles Frank como o novo herói.

SET

Sergio Rezende

LAMARCA

(Brasil, 1994)

Ficha técnica: Direção: Sergio Rezende ■ Roteiro: Rezende e Alfredo Oróz ■ Fotografia: Antonio Luiz Mendes ■ Montagem: Isabelle Rathery ■ Música: David Tygel ■ Direção de arte: Clóvis Bueno ■ Figurinos: Rita Murtinho ■ Produção: Marisa Leão e José Joffily para a Morena Filmes/Cinema Filmes ■ Distribuição em vídeo: Sagres/Riofilme ■ Duração: 2h10.

O elenco: Paulo Betti (Capitão Carlos Lamarca), Carla Camurati (Clara), José de Abreu (Major), Deborah Evelyn (Marina), Ernani Morais (Delegado Flores), Eliezer de Almeida (Zequinha), Roberto Bomtempo (Fio), Henrique Diaz (motorista da Kombi), Nelson Dantas (pai de Lamarca), Carlos Zara (militar).

A trama: Em janeiro de 1969, o capitão do Exército Carlos Lamarca, até então um militar exemplar, deserta e ingressa na clandestinidade, ligado a grupos da esquerda armada, como a Vanguarda Popular Revolucionária. Perseguido pelos órgãos de repressão do governo militar, envia a família para Cuba e procura organizar focos de guerrilha em São Paulo e na Bahia, mas o cerco ao seu redor se fecha cada vez mais.

O diretor: Sergio Peres de Rezende nasceu no Rio, em 1951. Estudou cinema na UNE e associou-se à produtora Marisa Leão para fundar em 1975 a Morena Filmes. Fez três curtas antes de estrear como diretor de longa-metragem com o documentário *Até a Última Gota* (80), sobre a comercialização de sangue no país. *O Sonho não Acabou* (81), retrato da juventude de Brasília, foi seu primeiro longa de ficção, seguido por *O Homem da Capa Preta* (85), biografia romanceada do político Tenório Cavalcanti, *Doida Demais* (89) e *A Child from the South* , produzido pelo Channel Four britânico e rodado em Moçambique.

Notas: Carlos Lamarca morreu aos 33 anos, em 17/9/1971, metralhado por um destacamento do Exército em Ipupiara (BA); era o líder guerrilheiro mais procurado pelos órgãos de repressão e já estava condenado a 58 anos de prisão. Cerca de 215 homens chegaram a persegui-lo no sertão baiano, na denominada Operação Pajussara ■ O roteiro baseia-se no livro *Lamarca, o Capitão da Guerrilha*, de Emiliano José da Silva Filho e Oldack Miranda, em depoimentos de familiares e em outras fontes; o diretor reconhece, porém, que se vale de "licenças poéticas". A viúva de Lamarca, Maria, aprovou o projeto ■ As filmagens foram realizadas em Ibotirama (BA), a 900 km de Salvador, e em Vitória (ES), onde foram rodadas as cenas que reproduzem ruas do Rio, São Paulo e Salvador; a produção custou US$ 1,3 milhão ■ A personagem de Carla Camurati foi inspirada em Iara Iavelberg (1944-71), biografada por Judith Patarra no livro *Iara*; Clara foi um de seus codinomes ■ O major e o delegado que perseguem Lamarca são, na verdade, a fusão de vários participantes da caçada; o mesmo acontece com outros personagens reais ■ Paulo Betti submeteu-se a um condicionamento físico e emagreceu 14 quilos para reforçar a semelhança com Lamarca.

SET

Roger Allers & Rob Minkoff

O REI LEÃO

(The Lion King, EUA, 1994)

Ficha técnica: Direção: Roger Allers e Rob Minkoff ■ Roteiro: Irene Mecchi, Jonathan Roberts e Linda Woolverton ■ Canções: Tim Rice (letras) e Elton John (música) ■ Música: Hans Zimmer ■ Supervisão de montagem: Tom Finan e John Carnochan ■ Desenho de produção: Chris Sanders ■ Direção de arte: Andy Gaskill ■ Coordenação artística: Randy Fullmer ■ Produção executiva: Thomas Schumacher e Sarah McArthur ■ Produção: Don Hahn para a Walt Disney Pictures ■ Distribuição: Columbia/Buena Vista ■ Duração: 1h27.

As vozes: Matthew Broderick (Simba), Jeremy Irons (Scar), Jonathan Taylor Thomas (Simba criança), James Earl Jones (Mufasa), Nathan Lane (Timon), Ernie Sabella (Pumbaa), Rowan Atkinson (Zazu), Moira Kelly (Nala), Niketa Calame (Nala criança), Whoopi Goldberg (Shenzi), Cheech Marin (Banzai), Jim Cummings (Ed), Madge Sinclair (Sarabi), Robert Guillaume (Rafiki).

A trama: Mufasa, o Rei Leão, e a rainha Sarabi apresentam ao reino o herdeiro do trono, Simba. O recém-nascido recebe a bênção do sábio babuíno Rafiki, mas ao crescer é envolvido pelas artimanhas de seu tio Scar, o invejoso e maquiavélico irmão de Mufasa, que planeja livrar-se do sobrinho e herdar o trono.

Os diretores: Roger Allers e Rob Minkoff fizeram carreira no departamento de animação da Walt Disney Pictures. *O Rei Leão* é o primeiro longa-metragem de ambos como diretores. Minkoff já havia dirigido dois curtas com o personagem Roger Rabbit, *Tummy Trouble* e *Roller Coaster Rabbit*, co-produzidos por Steven Spielberg.

Notas: *O Rei Leão* é o 32º longa de animação dos estúdios Disney e o primeiro a ser desenvolvido a partir de um argumento original, sem inspirar-se em fábulas ou clássicos da literatura ■ Mais de 800 artistas em três continentes trabalharam três anos para realizar *O Rei Leão* ■ A seqüência do estouro da manada de gnus, que dura cerca de três minutos, demorou dois anos para ser concluída, com o uso de imagens geradas por computador ■ O diretor George Scribner (*Oliver & Company*) foi afastado em 91 do projeto, que se chamava *King of the Jungle*, "Rei da Selva"; a Disney descobriu, porém, que leões não vivem na selva, e alterou o título ■ O compositor Tim Rice – colaborador de Andrew Lloyd Weber em espetáculos da Broadway – recebeu o Oscar de melhor canção por *A Whole New World*, de *Aladdin*, em parceria com Alan Menken. Rice e Elton John compuseram cinco canções para *O Rei Leão*, entre elas *Hakuna Matata*, que marca a passagem de Simba da juventude para a maturidade ■ James Earl Jones, que dubla Mufasa, já emprestou sua voz ao personagem Darth Vader, de *Guerra nas Estrelas* ■ Jeremy Irons foi convidado a dublar o vilão do filme após interpretar Claus Von Bullow em *O Reverso da Fortuna* (90), que lhe deu o Oscar de melhor ator; as feições de Scar incorporaram alguns de seus traços.

SET

Mike Newell

QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL

(Four Weddings and a Funeral, Inglaterra, 1994)

Ficha técnica: Direção: Mike Newell ■ Roteiro: Richard Curtis ■ Fotografia: Michael Coulter ■ Montagem: John Gregory ■ Música: Richard Rodney Bennett ■ Cenografia: Anna Pinnock ■ Figurinos: Lindy Hemming ■ Produção executiva: Tim Bevan, Eric Fellner ■ Co-produção executiva: Richard Curtis ■ Produção: Duncan Kenworthy, para a Working Title ■ Distribuição: PlayArte ■ Duração: 1h56.

O elenco: Hugh Grant (Charles), Andie MacDowell (Carrie), Kristin Scott Thomas (Fiona), Simon Callow (Gareth), James Fleet (Tom), John Hannah (Matthew), Charlotte Coleman (Scarlett), David Bower (David), Corin Redgrave (Hamish), Anna Chancellor (Henrietta), Rowan Atkinson (Padre Gerald).

A trama: Durante a cerimônia de casamento de um amigo, o inglês Charles conhece a americana Carrie e passa a noite com ela. Outras cerimônias servem como pano de fundo para o romance entre os dois, acompanhado de perto por um grupo de amigos.

O diretor: Mike Newell nasceu em 1942, na Inglaterra. Era estudante em Cambridge quando começou a dirigir peças teatrais, nos anos 60. Passou por um curso de direção na TV Granada, onde teve suas primeiras chances. Realizou também programas para a BBC antes de estrear no cinema como diretor em *The Man in Iron Mask* (76). Seu terceiro longa, *Dançando com um Estranho* (85), com Miranda Richardson, foi sucesso de crítica no Festival de Cannes e em vários países, o que lhe valeu o convite para rodar nos EUA *A Voz do Silêncio* (87). De volta à Inglaterra, reencontrou-se com Richardson em *Um Sonho de Primavera* (92), produzido originalmente para a TV mas exibido nos cinemas. *Quatro Casamentos e um Funeral* é seu 10º longa como diretor.

Notas: Sucesso em todo o mundo, *Quatro Casamentos e um Funeral* arrecadou mais de US$ 50 milhões só nos EUA; a procura pelo poema do inglês W. H. Auden (1907-74) recitado no filme, "Funeral Blues", originalmente uma canção, provocou reedições de sua obra ■ A produção custou cerca de US$ 4,5 milhões e teve apenas cinco semanas de filmagens ■ O co-produtor e roteirista Richard Curtis, veterano de produções da BBC, diz que escreveu o filme pensando em Cary Grant e Grace Kelly; para ele, os atores mais próximos aos dois hoje são Hugh Grant e Andie MacDowell. Segundo o diretor, o primeiro foi escolhido após uma centena de testes, e a segunda, para abrir o mercado americano ■ Newell cita entre as principais influências do filme a primeira versão de *O Pai da Noiva* (50) e *Levada da Breca* (38) ■ Kristin Scott Thomas, que interpreta a amiga apaixonada por Charles, fez a mulher de Hugh Grant em *Lua de Fel* (92), de Roman Polanski ■ Corin Redgrave, que interpreta o noivo escocês de Carrie, é filho de sir Michael Redgrave e irmão de Vanessa e Lynn.

Forrest Gump

UMA FÁBULA AMERICANA

Tom Hanks protagoniza a história de um rapaz simplório que acaba virando herói, enquanto o diretor Robert Zemeckis põe os efeitos especiais a serviço do lirismo

Robert Zemeckis não se abala. Apesar de ter a certeza de que realizou um filme que lida com temas profundos – como a discussão sobre o poder do destino –, ele sabe também que muitas pessoas só se preocuparão com os efeitos especiais espetaculares e inéditos de *Forrest Gump*, sua fábula protagonizada por um rapaz retardado (Tom Hanks, em seu primeiro filme pós-Oscar). Mas Bob crê no futuro: ele antevê o tempo em que filmes como *Forrest Gump* serão vistos apenas como filmes, e não como laboratórios "ao vivo" da Industrial, Light & Magic (responsáveis, aliás, pelos efeitos especiais deste filme).

"Se você pensar bem", diz Zemeckis, "toda pessoa que faz um filme está criando uma ilusão: a percepção de tempo num filme é uma ilusão; o close-up é uma ilusão. Mas elas viraram convenções do cinema, de tal forma que nem pensamos mais quando estamos diante delas. Acho que, logo mais, olharemos para uma imagem digital sem pensar no que ela é e no que representa".

Não chega a ser um *Jurassic Park*, mas, a seu modo, *Forrest Gump* é um marco visual. Enquanto segue a trajetória de Forrest pela vida – de um garoto ridicularizado pelos colegas a herói e milionário –, o filme põe Tom Hanks para contracenar com três presidentes americanos falecidos, discursar para 200 mil manifestantes em Washington e se emocionar com as pernas amputadas de um ator que é perfeito na vida real.

Entretanto, diz Zemeckis, "o núcleo de *Forrest Gump* é uma história de amor. Não só amor romântico, mas amor entre amigos. É sobre lealdade, amizade, sobre como as pessoas se amam de maneiras diferentes".

Dois dos "efeitos especiais" do filme, por assim dizer, são a linguagem corporal e o dialeto sulista usados por Hanks. "O fato de que Forrest usara aparelhos nas pernas quando garoto já lhe dá um parâmetro", diz Hanks, bem mais cheinho que em *Filadélfia*. "Apesar disso, ele era ultraveloz, o que já nos leva por outro caminho. Sempre tive medo também de que sotaque escolher. Minha intuição dizia que eu precisava pegar leve. Mas Bob Zemeckis não aceitava. Ele dizia (*imitando a voz anasalada do diretor*), 'você tem que botar pra quebrar, não pode ficar no meio do caminho'. E foi o que fiz".

A seguir, Tom Hanks fala sobre *Forrest Gump* e sobre a vida após o Oscar:

Se você conhecesse uma pessoa como Forrest, como reagiria? Com paciência?

Acho que esse seria um grande teste para todos nós, não é mesmo? Gosto de pensar que sim, que teria paciência. Talvez ele não entendesse nenhuma das minhas piadas (*risos*). Talvez ele se enchesse de mim e saísse de perto. Caras como Forrest são capazes de nos assustar, porque são muito simples.

Você não é do tipo de ator que tem uma idéia e corre atrás dela, em busca de financiamento, roteirista. Você jamais faria esse tipo de coisa?

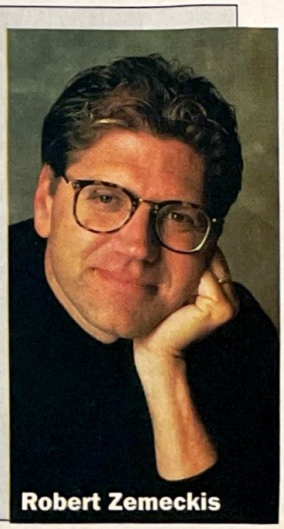
Você precisa ter muita paciência e perseverança, e geralmente as coisas acontecem por caminhos inversos aos que você está trilhando. Veja o caso de *Apollo 13*, o filme que vou fazer agora, com Ron Howard diri-

Personagens São "Espelho" do País

Robert Zemeckis vê em Forrest Gump *"uma metáfora sobre a América", uma coleção de estilhaços de um mesmo espelho dilacerado que refletem, cada, um aspecto da alma do país. "Forrest representa o que há de bom e constante nos EUA", diz Zemeckis. "Ele é puro e inocente, ingênuo como a América. E esse é um dos grandes problemas do país: a ingenuidade. Já o tenente Dan é a América cínica, ferida sociologicamente. É o sonho que se tornou corrupto e vulgar."*

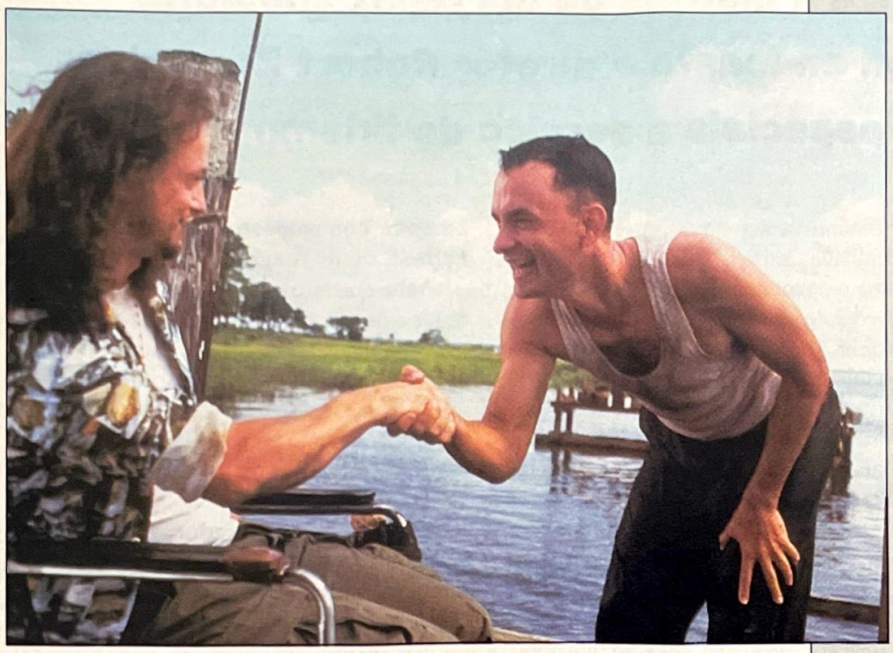
"Bubba Blue (o melhor amigo de Gump) é o exemplo de manipulação de um determinado setor da sociedade. Ele é a bucha de canhão que morre pelo país. A mãe de Forrest já é um personagem mais universal: é ela quem incute no filho os bons valores e as boas virtudes."

J.E.R.



Robert Zemeckis

Fotos Paramount



Forrest recebe louros militares junto a sua mãe (Sally Field); acima, com o tenente Dan (Gary Sinise), ferido no Vietnã

gindo. Durante muito tempo eu quis fazer um filme sobre a Apollo 13, uma missão que ficou em perigo durante dias no espaço, sem que o mundo e os astronautas soubessem se eles voltariam vivos à Terra. O tempo passou e eu desisti do projeto. Até que, quando eu estava em Paris divulgando *Filadélfia*, meu agente me avisou que Ron ia dirigir um filme sobre a Apollo 13. Então liguei para ele e pedi para estar no filme!

O Oscar de melhor ator que você ganhou por *Filadélfia* provocou alguma mudança em sua vida ou em sua carreira?

Talvez algumas pessoas achem que passei para um nível diferente. Mas, a meu ver, ainda estou batalhando, como sempre. Sempre achei que *Uma Equipe Muito Especial* é que abriu mais portas para mim. Foi um filme de sucesso, mas também me deu um papel diferente dos que eu fizera até então: não era galã, não precisava beijar ninguém e havia um quê de tragédia e mágoa que o personagem carregava. Sei que por causa do Oscar e do impacto de *Filadélfia* as pessoas me vêem de forma diferente. Mas o que uma premiação dessas faz é levar você a seu próximo trabalho, não muito mais.

Então você não se sente, digamos, mudado depois do Oscar?

Ganhar o Oscar é um momento muito pessoal – e que se desenrola diante de três bilhões de pessoas (*risos*). É assustador! Quando anunciam seu nome, parece que sua cabeça vai explodir e desgrudar dos ombros. Nos bastidores, todo mundo grita seu nome, tudo aquilo que você espera que aconteça. Mas em termos profissionais... vamos lá, sem pensar muito, quem ganhou o Oscar de melhor ator um ano antes de mim? (*Silêncio*) Vamos lá! (*Tom começa a cantarolar, como se estivesse apresentando um concurso de televisão, e ninguém na sala responde*). Foi Al Pacino! Viu? Pois isso vai acontecer comigo, e faz parte do show! Em termos de negócios, para a carreira do ator não há substituto para o sucesso de um filme. Enquanto seus filmes estiverem fazendo sucesso, você continua trabalhando.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Um Casamento Equilibrado

Forrest Gump é um excelente argumento para o debate sobre o possível antagonismo entre arte e tecnologia. Todos os que temem que os efeitos especiais ofusquem a importância de uma boa história e bons personagens num filme devem ver Forrest Gump *para entender que uma coisa não precisa excluir a outra.*

O diretor Robert Zemeckis (que assinou os megasucessos De Volta para o Futuro *e* Uma Cilada para Roger Rabitt*) realizou uma fábula que pode vir a ser o filme mais poético a ser lançado este ano por Hollywood. E, no entanto, o fez usando efeitos especiais* state-of-the-art. *São recursos que não roubam o show: pelo contrário, os truques visuais servem à história.*

Incorporando elementos de Zelig *(o falso documentário de Woody Allen sobre um personagem que convive com figuras-chave da humanidade) e* Muito Além do Jardim *(a história do jardineiro analfabeto que vira conselheiro de um magnata e por pouco não é candidato à Presidência dos EUA),* Forrest Gump *segue as transformações na vida do personagem-título (Tom Hanks), um garoto surfista ligeiramente retardado que enxerga a vida com simplicidade e pureza. No filme, vemos como ele passa de alvo da crueldade dos colegas de escola a herói nacional e empresário bem-sucedido.*

Forrest sai de sua cidade no meio do nada para virar estrela do futebol americano, salvar quase todo seu pelotão no Vietnã, conhecer três presidentes, tornar-se campeão de pingue-pongue e ganhar fortunas investindo na pesca do camarão e na informática.

No processo, ele melhora a vida dos que cruzam seu caminho – como Jenny (Robin Wright), sua melhor amiga/namoradinha de infância, maltratada pelo pai e por todos os homens com quem convive. Ou Bubba Blue (Mykelty Williamson), a alma gêmea que Gump encontra no Exército. Ou o tenente Dan (Gary Sinise), seu ex-superior no Vietnã que, após ficar paralítico numa emboscada, acusa Gump de, ao salvar-lhe a vida e forçá-lo a uma existência humilhante sem pernas, tê-lo privado do fim heróico que o destino lhe reservara.

É uma meditação sobre a integridade do espírito e as forças do destino. Sim, o filme está coalhado de efeitos especiais fascinantes – Tom Hanks mostrando a bunda a Lyndon Johnson e dizendo a Kennedy que quer mijar; Sinise sem pernas mesmo; uma emboscada espetacular e realista, num Vietnã digital montado sobre as paisagens da Carolina do Norte. O fundamental, contudo – a alma de Forrest Gump *–, não é a maneira como se fez a pena de ave que abre e fecha o filme, mas sim o que ela significa.*

J.E.R.

O PRIMEIRO DESEJO DE SEU FILHO SE REALIZOU.

CHEGOU Aladdin EM VÍDEO

Walt Disney CLÁSSICOS

QG

COMPRE A FITA E DEIXE OS OUTROS DESEJOS POR CONTA DO GÊNIO.

© The Walt Disney Company

• Chegou ALADDIN em vídeo, o supersucesso Disney que agora sua família pode **TER EM CASA PARA SEMPRE.**

• ALADDIN em vídeo **CUSTA MENOS DO QUE VOCÊ IMAGINA** e inclui ainda o videoclip com a música "A Whole New World", ganhadora do Oscar de melhor canção.

DUBLADO E LEGENDADO

• Garanta já sua fita. ALADDIN em vídeo estará **À VENDA POR TEMPO LIMITADO.**

• Ação, humor, efeitos especiais e personagens inesquecíveis que conquistaram jovens, adultos e crianças de todas as idades.

• Realize os desejos de seu filho (e os seus também), leve esta aventura para casa.

• Recuse imitações. Exija a qualidade dos **LEGÍTIMOS VÍDEOS DISNEY.**

JÁ NAS MELHORES LOJAS:

MAGAZINES, LOCADORAS, HIPERMERCADOS, LOJAS DE BRINQUEDOS, CINE-FOTO E DISCOS.

Exija fita legítima. Confira o holograma metalizado no estojo e na própria fita.

Walt Disney HOME VIDEO

Disney VIDEO

abril vídeo

O CLIENTE

Dramas pessoais e suspense se misturam nesta adaptação do best seller homônimo de John Grisham, protagonizada por Susan Sarandon e Tommy Lee Jones

O menino Mark (Brad Renfro) dá uma fugidinha para o mato junto com o irmão menor, Ricky, só para fumar um cigarro roubado da mãe, quando avista o carro dirigido pelo advogado Romey Clifford. Jurado de morte por um ex-cliente – o mafioso Barry Muldanno –, o advogado prefere se matar a ser torturado pelo bandido. Pretende atingir seu objetivo suicida respirando o monóxido de carbono do escapamento do automóvel, misturando uísque com barbitúricos e, se a combinação disso tudo não der certo, metendo um balaço nas idéias.

Mark faz o que pode para mudar os planos do advogado sem ser notado. Mas, ao tentar impedir o suicídio, o menino acaba virando repositário de uma confissão: o advogado conta a ele a localização do cadáver de um senador, vítima de Muldanno – e com isso transforma Mark em objeto de ira e perseguição. O pequeno Ricky, traumatizado pela visão do irmão mais velho sendo maltratado por um homem que acaba estourando os próprios miolos, perde a fala e precisa ser internado num hospital psiquiátrico.

Por acaso e por desespero, Mark contrata os serviços de Reggie Love (Susan Sarandon), advogada em que ele não confia inicialmente pelo simples fato de ela ser mulher (ele só entrou no escritório dela por achar que Reggie fosse nome de homem). Pressionado pela polícia e pela promotoria pública a depor depois que suas impressões digitais são encontradas no interior do carro do advogado morto, Mark precisa ganhar tempo e ser aconselhado com urgência – antes que se feche o cerco montado pelo vaidosíssimo promotor público Roy Foltrigg (Tommy Lee Jones), que não perde uma oportunidade de se pavonear diante das câmeras de televisão.

Alternadamente, Mark, a advogada Reggie e o mafioso Muldanno (Anthony LaPaglia) viram caça e caçador num xadrez de revelações, pistas e erros que, enfim, tem um desencadear pouco climático, mas que conduz o público numa jornada por vezes eletrizante.

Ao contrário dos anteriores *A Firma* e *O Dossiê Pelicano*, esta transposição para a tela de um livro de John Grisham resulta num filme satisfatório. O diretor Joel Schumacher (*Um Dia de Fúria*) soube tirar partido do estilo telenovelesco de Grisham, ao mesmo tempo em que detalha bem os dramas individuais de cada personagem.

Alcoólatra que abandonou a bebida, Reggie perdeu a guarda dos filhos por causa do vício. O pai do menino Mark, por sua vez, largou as crianças e a mulher à própria sorte. Ou seja: Reggie vê no menino o filho que perdeu para o marido, enquanto o garoto encontra na advogada uma figura feminina forte e independente, diferente de sua mãe, sempre aprisionada a subempregos e amargurada com a vida.

Os confrontos entre Reggie e o promotor Roy são fascinantes, carregados de tensão e ameaça, embora Tommy Lee Jones já esteja repetindo seu repertório de sotaques, olhares e trejeitos. Isso se torna mais evidente quando ele contracena com uma atriz riquíssima em nuances como Susan Sarandon. Por sua vez, o estreante Brad Renfro surpreende, firmando-se já como um dos talentos mais promissores de sua geração. Quem perde é Anthony LaPaglia: seu mafioso é cartunesco e unidimensional, além de burro de dar dó. Se fosse uma comédia tipo *Esqueceram de Mim*, ainda vá lá. Mas aqui é ridículo.

José Emilio Rondeau

The Client, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Joel Schumacher ■ ROTEIRO: Akiva Goldsman e Robert Getchell, baseado em romance de John Grisham ■ MÚSICA: Howard Shore ■ FOTOGRAFIA: Tony Pierce-Roberts ■ MONTAGEM: Robert Brown ■ Com Susan Sarandon, Tommy Lee Jones, Mary-Louise Parker, Anthony LaPaglia, Ossie Davis, Brad Renfro, David Speck, J.T. Walsh ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 120 min.

O promotor público Roy Foltrigg (Tommy Lee Jones, à esq.) e seus assistentes correm atrás do testemunho do jovem Mark

Fotos Warner

A advogada Reggie (Sarandon) conforta seu pequeno cliente (Brad Renfro)

A Vingança dos Escritores

Pensa que é preciso ter um rosto bonitinho ou ser executivo de estúdio para ganhar dinheiro em Hollywood? Pois aí vai uma boa notícia: escritores como Stephen King (Louca Obsessão)*, Michael Crichton* (Jurassic Park)*, Tom Clancy* (Jogos Patrióticos) *e John Grisham – em cuja obra homônima se baseia* O Cliente *– provam que não. Saber juntar palavras com alguma coerência e bastante suspense também pode render, e muito. Tanto que todos contam na casa dos vários milhões de dólares os lucros obtidos com a venda dos direitos de filmagem de seus livros. E aí vai a melhor notícia de todas: basta folhear os escritos desses quatro para comprovar que, embora ultracompetentes em seu setor, nenhum deles está exatamente fazendo literatura – pré-roteiros seria a expressão mais adequada.*

Veja-se o caso de Grisham. Advogado em começo de carreira, ele costumava rabiscar suas tramas nos intervalos das sessões da Corte. Começou com uma tiragem de 5.000 exemplares de seu primeiro livro; já no segundo, A Firma, *arrancou um contrato de US$ 600 mil da editora Doubleday. Descontada a renda proporcionada pela venda de 60 milhões de cópias de seus livros em 31 idiomas, só de Hollywood John Grisham já recebeu US$ 8,15 milhões: US$ 600 mil por* A Firma, *US$ 1,3 milhão por* O Dossiê Pelicano, *US$ 2,5 milhões por* O Cliente *e US$ 3,75 milhões por* The Chamber *(ultrapassando em US$ 250 mil a marca de Michael Crichton por* Jurassic Park*), que será levado às telas pelas mãos do diretor Ron Howard. Desta vez a história gira em torno de um advogado favorável à "supremacia branca" que aguarda execução por ter matado dois jovens judeus.*

Até agora, o único livro de Grisham ainda sem destino cinematográfico é seu primeiro, A Time to Kill. *Não que não haja interessados em comprá-lo. Mas o escritor só faz negócio se tiver direito a aprovar roteiro, diretor e parte do elenco.*

I.B.

OS CABEÇAS-DE-VENTO

Comédia sobre metaleiros se revela uma boa surpresa

Não se deixe desmotivar pelo título imbecil de *Os Cabeças-de-Vento* – no original, *Airheads*. O filme de Michael Lehmann – um cara esperto que merecia ser reconhecido por pérolas do humor negro como *Atração Mortal* e infelizmente é lembrado como o capitão do Titanic cinematográfico chamado *Hudson Hawk* – é muito mais inteligente do que o título sugere.

O nome *Airheads* foi imposto pela produtora, que queria vender o filme para a mesma platéia de *Quanto Mais Idiota Melhor*. Burrice: *Airheads*, apesar de tratar de um tema que supostamente atrairia uma platéia bem jovem – uma banda de rock que invade uma estação de rádio e ameaça matar o DJ se este não tocar sua música –, é mais sofisticado que o pastelão de Wayne e Garth.

O filme é uma mistura de *Um Dia de Cão* com *This Is Spinal Tap*. Além da indispensável dose de comédia física – objetos que caem na cabeça dos personagens, escorregões, trapalhadas, as caras, bocas e gestos exagerados dos caricatos metaleiros (taí um pleonasmo) – existe uma boa dose de comédia verbal, madura e inteligente. Qualquer pessoa minimamente inteirada com o mundo da música pop vai se identificar de saída com o filme e rir de algumas das ótimas tiradas (em especial a que sacaneia o mala-ecológico Sting).

O elenco é ótimo, apesar de contar com o sem graça Brendan Fraser. Steve Buscemi (*Cães de Aluguel*) e Adam Sandler (ator do *Saturday Night Live*) completam o trio de metaleiros, enquanto Joe Mantegna (*Homicídio*) interpreta o DJ veterano, que acaba simpatizando com a causa dos alucinados.

Atenção para algumas participações especiais: Michael McKean, autor e ator de *This Is Spinal Tap*, vive o inescrupuloso dono da rádio. Beavis e Butt-Head, os dois marginais mirins da MTV, também aparecem numa cena muito engraçada. Até Lemmy, o velho líder do Motorhead, resolveu participar da brincadeira.

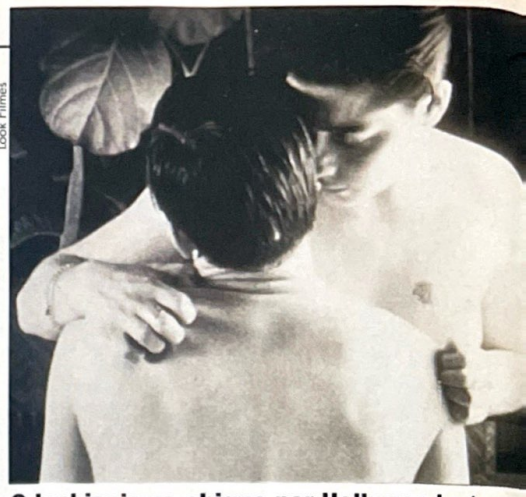
Os Cabeças-de-Vento é prova definitiva de que nesse mundo repleto de pseudogênios do marketing, incapazes de acertar o público-alvo de um filme, o cinéfilo tem que ficar cada vez mais atento para não perder bons filmes por causa de estúpidas estratégias de publicidade. *Os Cabeças-de-Vento* é o típico filme que vai acabar escondido no fundo da prateleira de uma locadora, até que um belo dia, por falta de opção, você acabará dando uma chance ao rebento de Lehmann. Uma agradável surpresa o aguarda.

André Barcinski

Airheads, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Michael Lehmann ■ ROTEIRO: Rich Wilkes ■ FOTOGRAFIA: John Schwartzman ■ MÚSICA: Carter Burwell ■ Com Brendan Fraser, Steve Buscemi, Adam Sandler, Chris Farley, Ernie Hudson, Amy Locane ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox ■ DURAÇÃO: 91 min.

Fox

Brendan Fraser topa tudo por sucesso, inclusive fazer reféns numa estação de rádio



Look Filmes

O lesbianismo chique por Hollywood

GO FISH

O *lesbian chic* chega às telas com bom humor e sem ranço militante

Peça importante de um momento da história americana em que se populariza, ou pelo menos se discute em larga escala, o que já se convencionou chamar *lesbian chic* – o "charme do homossexualismo feminino", digamos assim, foi capa célebre da revista *Newsweek* poucos meses atrás –, *Go Fish* é um marco, por trazer para o cinema o lesbianismo "natural" e simpático.

Ao contrário do uso da sexualidade (seja ela qual for) no cinema como elemento de choque, excitação ou pura exploração, como é tão comum, o filme da estreante Rose Troche opta por uma alternativa e nos mostra uma história de amor entre duas moças bonitas, inteligentes (a também roteirista e produtora Guinevere Turner e V.S. Brodie), atraentes, que levam vidas "normais" – e que, além disso, são inteiramente, convictamente lésbicas.

Para muitos é uma introdução "divertida" ao mundo lésbico, feita por lésbicas (as atrizes, bem como a diretora) que desmistifica o assunto com extremo bom humor e sem ranço militante. O único senão é seu amadorismo: se algo é verdadeiramente ostensivo em *Go Fish*, é o orçamento microscópico e a maneira como somos lembrados disso o tempo todo, pela fotografia primária e pela representação inferior.

J.E.R.

Go Fish, EUA, 1994. DIREÇÃO: Rose Troche ■ ROTEIRO: Guinevere Turner e Rose Troche ■ FOTOGRAFIA: Ann T. Rosseti ■ Montagem: Rose Troche ■ MÚSICA: Brendan Dolan, Jeniffer Sharpe, Scott Aldrich ■ Com Guinevere Turner, V.S. Brodie, T. Wendy McMillan, Migdalia Melendez, Anastasia Sharp ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 85 min.

FRESH

Imagens poderosas revelam talento de roteirista na direção

Lumiere

O garoto Sean Nelson procura uma forma de se livrar do traficante Giancarlo Esposito

A seqüência de abertura de *Fresh* é belíssima: uma paisagem ampla e calma transforma-se gradualmente em uma vizinhança repleta de prédios, até revelar-se o Brooklyn miserável e grafitado que servirá de cenário para uma das mais realistas perdas de inocência do cinema recente.

Fresh (o ótimo estreante Sean Nelson) é o garoto esperto que perambula por Nova York mantendo o melhor equilíbrio possível entre a sobrevivência e o desejo de ter um futuro superior ao de sua comunidade afro-americana. Ele trafica drogas, conhece o código das ruas, vive com numerosos primos num cortiço, insiste em freqüentar regularmente a escola e encontra-se clandestinamente com o pai (Samuel L. Jackson, de *Febre da Selva*), um mendigo alcoólatra e gênio no xadrez, que faz as vezes de seu guru.

Fresh é exigido por todos – traficantes, professores, parentes, amigos –, como se fosse o único contraponto sadio à realidade de cada um. Ao mesmo tempo, assume sua dimensão trágica e dribla os obstáculos da vida tomando contato com o poder, a cultura, a malandragem, a morte, o ódio e a prostituição.

O filme é a estréia na direção do roteirista Boaz Yakin, com o aval da co-produção de Lawrence Bender (*Cães de Aluguel*). Apesar de lhe faltar um ritmo mais conciso, nota-se que ele sabia exatamente o que queria. As imagens são poderosas e detalhistas, e sua concepção do personagem Fresh é impressionante: um catalisador de eventos que mergulha involuntariamente num emaranhado de ameaças e que, como testemunha ocular, quase não fala. O ator Nelson consegue passar sua carga emocional em silêncio, elemento principal, aliás, do final, perturbador. Como se não bastasse, a trilha de Stewart Copeland (ex-Police) é sensível a cada nuance dessa tragédia mundana. Na onda de filmes como *Boyz 'N the Hood* e *Perigo para a Sociedade*, *Fresh* consegue ser único e superior.

Christian Petermann

Fresh, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Boaz Yakin ■ FOTOGRAFIA: Adam Holender ■ MÚSICA: Stewart Copeland ■ MONTAGEM: Dorian Harris ■ Com Sean Nelson, Giancarlo Esposito, Samuel L. Jackson ■ DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ■ DURAÇÃO: 109 min.

Columbia TriStar

Lovitz, Crystal e Palance: seqüência não motiva a platéia

EM BUSCA DO OURO PERDIDO

Seqüência de *Amigos, Sempre Amigos* força a barra e perde a graça

Cá está um exemplo clássico de forçação de barra cinematográfica. Diante do sucesso do filme original, lançado em 1992 – e um dos trampolins para a consagração de Billy Crystal –, os realizadores de *Amigos, Sempre Amigos* acharam por bem fazer uma seqüência.

Só que o frescor e a originalidade do primeiro filme ficam faltando. Esta continuação recria situações vistas dois anos antes – como a mãe de Mitch (Crystal) ligando de madrugada para cumprimentá-lo pelo aniversário arbitrariamente, mais como uma obrigação para fazer ponte com o passado do que por uma necessidade da história. E as novidades e "surpresas" da seqüência são insuficientes para motivar a platéia, submetida a diálogos nem sempre divertidos (um espanto, em se tratando dos excelentes roteiristas Babaloo Mandell e Lowell Ganz) e as gagues repetidas *ad nauseam*.

Agora com quarenta anos, Mitch descobre um mapa de tesouro escondido no chapéu que herdou de Curly (Palance). Sai então em busca de US$ 20 milhões em ouro, auxiliado por seu irmão Glen (Lovitz) e pelo neurótico Phil (Stern). Na trilha, uma revelação – a trinca se defronta com o irmão gêmeo de Curly, Duke (Palance) – e perigos que aceleram o ritmo do filme (como o estouro de uma tropa de cavalos, espelhando o estouro de boiada do filme anterior), antes de um reencontro com alguns dos mesmos caubóis vistos no primeiro filme.

J.E.R.

City Slickers II: the Legend of Curly's Gold, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Paul Weiland ■ ROTEIRO: Billy Crystal, Babaloo Mandell e Lowell Ganz ■ MÚSICA: Marc Shaiman ■ Com Billy Crystal, Daniel Stern, Jon Lovitz, Jack Palance, Patricia Wettig ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 116 min.

VELOCIDADE MÁXIMA

Velocidade Máxima

Fox

Segure bem o saquinho de pipoca, aperte os cintos, joque a credibilidade ao vento e prepare-se para vibrar com "v" maiúsculo. *Velocidade Máxima* é cinema pop para ninguém botar defeito, uma encarnação física da proverbial montanha-russa de emoções. Dirigido pelo holandês Jan De Bont, mestre da fotografia de filmes de ação, *Velocidade Máxima* vem repleto de algumas das cenas de perigo mais eletrizantes da história recente do cinema, e não se propõe a ser mais do que realmente é: uma máquina de entretenimento bem azeitada e eficientíssima. *J.E.R.*

(Speed, EUA, 1994) Direção: Jan De Bont. Com Keanu Reeves, Jeff Daniels, Dennis Hopper, Sandra Bullock. Fox.

Columbia TriStar

O LOBO

Se não fosse por Jack Nicholson, *O Lobo* seria uma daquelas bombas que destroem a carreira de qualquer diretor. O ator consegue pôr charme e humor em um filme mal escrito, confuso e dirigido com amadorismo. *O Lobo* conta a história de um editor de livros (Nicholson) que, após ser mordido por um lobo, adquire algumas características físicas do animal, como um olfato aguçado e uma força de decatleta. O roteirista Jim Harrison quis criar uma mistura de horror e comédia, usando o lobisomem como metáfora das transformações a que o personagem de Nicholson tem que se submeter para sobreviver num ambiente de trabalho hostil. O filme de Mike Nichols promove uns bons sustos e umas gargalhadas, mas Jack merecia um lobisomem mais legal. *A.B.*

(Wolf, EUA, 1994) Direção: Mike Nichols. Com Jack Nicholson, Michelle Pfeiffer, James Spader, Christopher Plummer. Columbia TriStar.

O CORVO

O Corvo é um filme de horror que vale mais pelo visual que pela história. Os personagens são banais e a história é simples, não fugindo ao clichê homem-morto-injustamente-volta-do-além-para-detonar-assassinos. Eric Draven (Lee) e sua namorada são assassinados por bandidos. Eric, liderado pelo espírito de um corvo, volta da sepultura e mata todos os malvados. Esqueça a simplicidade do roteiro e se concentre no visual do filme. Os cenários (todos feitos em maquete) lembram filmes expressionistas alemães dos anos 20 e 30. A fotografia é caprichada e algumas cenas, como as filmagens em câmera lenta do corvo voando pela cidade, são deslumbrantes. *A.B.*

(The Crow, EUA, 1994) Direção: Alex Proyas. Com Brandon Lee, Ernie Hudson, Michael Wincott, David Patrick Kelly. Warner.

A RAINHA MARGOT

O filme de Patrice Chéreau, mestre da ópera e do teatro franceses, é ambicioso (dramatiza a violência político-religiosa durante o século 16 na França utilizando um elenco salpicado de superestrelas européias) e bem longo (são 164 min.). É também o filme mais caro de todos os tempos no cinema francês – teve um orçamento de US$ 21 milhões, uma fábula em termos europeus. Adaptado do romance homônimo de Alexandre Dumas, opera com a estrutura ágil de um thriller político contemporâneo. Os muitos paralelos que podem ser traçados com crises religiosas e étnicas na Europa enfatizam esse caráter atual de *A Rainha Margot*, mostrando como, quanto mais o tempo passa, mais a humanidade permanece a mesma. É um filme fascinante sobre intriga e amor proibido, que deixa o público colado na cadeira, de olho na tela, do começo ao fim. *J.E.R.*

(La Reine Margot, França/Alemanha/Itália, 1994) Direção: Patrice Chéreau. Com Isabelle Adjani, Daniel Auteuil, Jean-Hughes Anglade, Vincent Perez, Virna Lisi. Lumiere.

O SOMBRA

Tinha tudo para dar certo: Hollywood decide utilizar US$ 40 milhões e recursos visuais dos anos 90 para filmar um clássico do rádio e dos livros juvenis que conquistou gerações sucessivas durante quase seis décadas. Mas o que está na tela é uma comédia de erros que só não é 100% cômica porque é trágica. Sem o conceito visionário de *Batman* e mais cartunesco que *Dick Tracy*, *O Sombra* nunca encontra seu tom. Como astro de filmes de ação e fantasia, ainda não foi desta vez que Alec Baldwin encontrou o papel ou o roteiro ideais: ao invés de emoções, ele proporciona gargalhadas. Enquanto é Lamont Cranston, Alec até que é digerível. Mas como Sombra ele tem contra si uma maquiagem que deixa expostos apenas os olhos, tão inexpressivos que poderia ser ali qualquer pessoa no lugar dele. *J.E.R.*

(The Shadow, EUA, 1994) Direção: Russell Mulcahy. Com Alec Baldwin, John Lone, Penelope Ann Miller. UIP.

BOLSA DE CINEMA

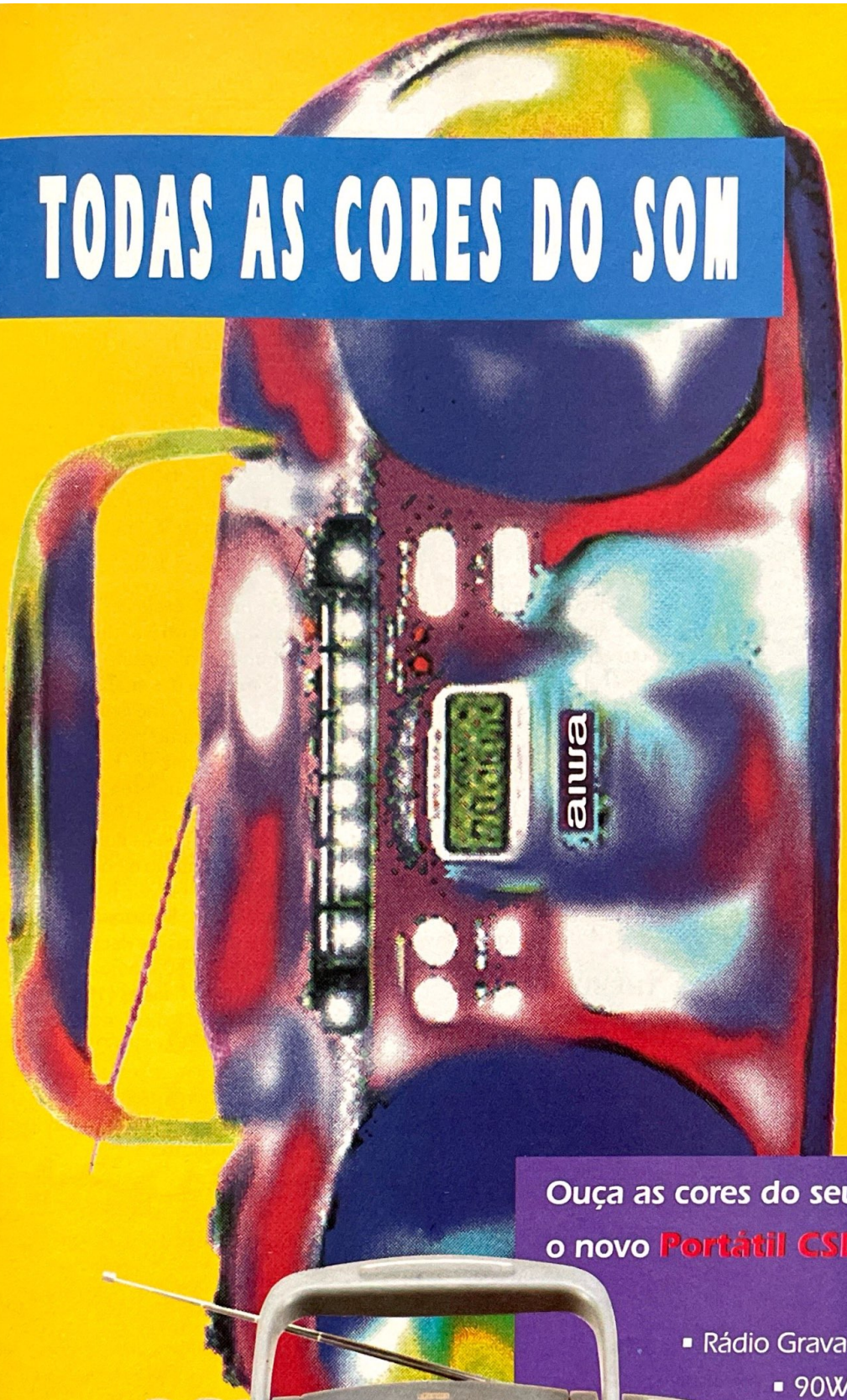
Depois de anos engavetado, o primeiro filme de Walter Rogério chega aos cinemas desbancando as caras produções da indústria americana

	Celso Floravante Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio O Estado de S. Paulo	Luciano Trigo O Globo	Hugo Suckman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Cristiane Couto MTV	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Antonio Querino Neto Isto É	Christian Petermann SET	Média
Beijo 2348/72 (Pandora)	6	7	7	–	–	5	9	5	8	–	6.7
Amor à Queima-Roupa (Lumiere)	7	8	6	5	6	6	9	–	8	7	6.2
Caminho de Pedras (Look)	4	8	–	5	–	7	7	7	5	–	6.1
Maverick (Warner)	5	6	5	6	5	6	8	6	7	7	6.1
O Lobo (Columbia TriStar)	–	9	7	6	5	5	–	5	6	4	5.8
As Viúvas Alegres (Art Filmes)	4	–	–	6	6	7	–	–	–	6	5.8
Dispara (Condor Filmes)	–	–	5	6	7	5	–	6	–	5	5.6
Um Tira da Pesada 3 (UIP)	5	–	3	–	–	2	6	4	–	–	4.0
Com Mérito (Warner)	–	2	–	–	–	4	–	2	7	–	3.7
Minha Vida (Paris)	–	0	4	–	4	5	–	0	7	–	3.3

TODAS AS CORES DO SOM

aiwa

QUALIDADE
QUE MARCA



Ouça as cores do seu som preferido, com o novo Portátil CSD-EX30 da aiwa.

- Rádio Gravador Estéreo com CD
- 90W (PMPO)
- Auto Reverse
- Controle de Tonalidade
- Memória do CD Player para 20 Seleções
- CD Player com Funções Search e Repeat
- Sintonizador de 3 Faixas (FM/SW/AM)
- Bi-voltagem (110-120V/220-240V) Ajustáveis

IMPORTADO

FIORAVANTI

TRILHAS SONORAS

MELODIAS QUE GRUDAM NO OUVIDO

EVEN COWGIRLS GET THE BLUES
de k.d. lang (Sire/Warner, 1993)

k.d. lang prova ser uma das cantoras/compositoras mais interessantes atualmente em atividade na música popular americana. Transitando com a mesma beleza e suavidade do country ao blues, ela empresta sua voz aveludada a melodias sedutoras e insinuantes. Sempre associada ao parceiro Ben Mink (guitarra e arranjos de cordas), ela compôs e produziu uma trilha sonora impressionante para o mais novo filme de Gus Van Sant, *Even Cowgirls Get the Blues*.

A história de descoberta sexual e social nas amplas paisagens do Oeste moderno se traduz em canções de imediata assimilação, formando um conjunto irresistível. k.d. lang atinge alguns de seus melhores momentos com as belíssimas "In Perfect Dreams", "Lifted by Love" e o remix de "Just Keep Me Moving". Move-se com a mesma naturalidade entre a balada ("Hush Sweet Lover"), a valsa ("Kundalini Yoga Waltz") e o country ("Cowgirl Pride"). Entre as faixas instrumentais, surpreende com "Myth", composta com o tecladista Teddy Borowiecki, belíssima faixa com reminiscências de Erik Satie, e com "Ride of Bonanza Jellybean". Em suma, uma trilha para não sair do aparelho de som. O CD vendido no Brasil é importado.

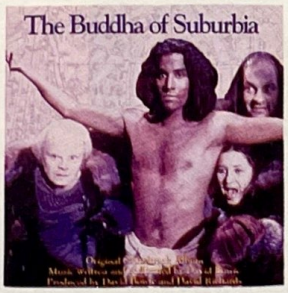
Christian Petermann

O REI LEÃO
de Elton John e Tim Rice (Natasha, 1994)

Peter Gabriel invadiu as terras de Walt Disney ou Elton John tomou jeito de vez em sua carreira? Na verdade, nem uma coisa nem outra. A trilha sonora de *O Rei Leão* mantém todos os elementos que fizeram o compositor inglês ser respeitado – e depois rejeitado: belas melodias, exageradas no açúcar, mas que grudam no ouvido logo de cara. O que muda apenas é o tratamento dado a elas. Foram chamados músicos africanos – Lebo M., Mbongengi Ngema –, que colocaram o famoso "toque nativo" e tiraram a trilha do filme de Walt Disney da mesmice. Um bom exemplo é justamente a faixa de abertura, "Circle of Life". O encontro de duas das escolas vocais mais ricas do mundo, o afro e o gospel, dão um clima pomposo. Entra o belo vocal de Carmen Twilie e "Circle" cresce ainda mais, tendo um final extático. Já a interpretação de Elton não é o que podemos chamar de perfeita.

"I Just Can't Wait to Be the King" tem guitarras típicas da ju ju music, um estilo muito popular em regiões como Nigéria e Zaire. Basta Elton John cantá-la, mais adiante, para transformar "I Just..." num "roquinho". As scores, a cargo de Hans Zimmer, são competentes dentro do filme. Elton John acerta de vez em "Can You Feel the Love Tonight". É nessa balada que ele se sente em casa, interpretando-a com a emoção que fez milhares de namorados comprarem seus discos. De quebra, o cantor inglês teve a seu lado Tim Rice, um dos poucos letristas em condições de bater de frente com seu inseparável parceiro Bernie Taupin.

Sérgio Martins



THE BUDDHA OF SUBURBIA
de David Bowie (BMG-Ariola, 1994)

Se a trilha de Ryuichi Sakamoto traduz com rigor o clima esotérico de *O Pequeno Buda* (de Bertolucci), a de David Bowie para *The Buddha of Suburbia* (de Roger Michell) registra as impressões atualizadas do mito para uma atmosfera urbana, como manda o figurino. Ao contrário de Sakamoto, Bowie compôs dez canções independentes entre si. Como ele teve que pesquisar referências dos anos 70, nos quais se passa a ação do filme, Bowie achou inspiração em seu próprio trabalho, realizado numa época de tremenda inventividade.

Esta trilha não é apenas um sangue novo muito bom que corre pelas veias do filme; é também um dos melhores discos de Bowie nos últimos anos. Ele resgata a atmosfera das peças climáticas de *Low* e a energia de *Pin-Ups*, recicla a house music em "Sex and the Church" e brinca de acid jazz em "South Horizon". Não é qualquer filme que tem uma trilha dessas.

Walter de Silva

LIVRO

POLÊMICA FELLINIANA

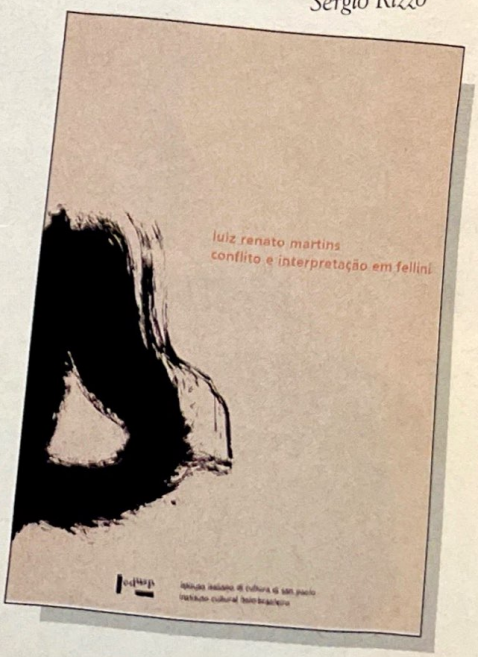
CONFLITO E INTERPRETAÇÃO EM FELLINI
(de Luiz Renato Martins, ed. Edusp/Inst. Italiano di Cultura di San Paolo/Inst. Cultural Ítalo-Brasileiro, 164 págs.)

Para Luiz Renato Martins, professor da Unicamp, o cinema do italiano Federico Fellini (1920-1993) nada tem de "nostálgico", "vivencial" ou "exasperadamente pessoal", como se costuma supor. Ao contrário: é "radicalmente analítico e político" – e, dessa maneira, impessoal.

Conflito e Interpretação em Fellini investe, portanto, contra autênticos dogmas. Caminha em sentido contrário ao da grande maioria das análises já realizadas sobre a obra do cineasta e chega a um resultado no mínimo provocante.

Ainda que a aridez do texto possa afastar leitores pouco habituados ao discurso acadêmico, há material de sobra no livro para fazer com que os admiradores do cineasta considerem ao menos a hipótese de reavaliar sua obra, em boa parte já disponível em vídeo. Martins escora-se sobretudo no exame rico e detalhado de filmes dos anos 70 e 80, como *Amacord* (1973) e *Cidade das Mulheres* (1980). Ao compará-los a clássicos das décadas de 50 e 60, como *A Doce Vida* (1960) e *Oito e Meio* (1963), destaca as semelhanças e diferenças que ilustram sua interpretação. Polêmica e discutível, sem dúvida, mas sempre estimulante.

Sérgio Rizzo



EQUIPAMENTOS

CD-ROM, A VEDETE DA 8ª FENASOFT

Para quem pretende visitar a 9ª Fenasoft em 1995 (que acontecerá de 18 a 21 de julho), um alerta: prepare-se para enfrentar uma das maratonas mais difíceis de sua vida, o que inclui fila para entrar, fila para comprar água, fila para ir ao banheiro; calce um par de sapatos bem confortáveis, porque anda-se sem parar por horas; e, apesar de a feira acontecer no inverno, vista uma roupa bem leve, porque o calor que faz no Anhembi é insuportável.

A maior e mais importante feira de informática do país quebrou todos os recordes na 8ª edição, que aconteceu de 19 a 22 de julho último. Os organizadores, que esperavam cerca de 500 mil visitantes, viram suas expectativas ultrapassarem a casa das 750 mil pessoas, quebrar a barreira dos US$ 3 bilhões em negócios e, ainda, viram seus estoques de equipamentos e periféricos desaparecerem. O segredo desse

sucesso? É simples: o brasileiro parece que finalmente perdeu o medo destas máquinas incríveis e imprescindíveis no nosso dia-a-dia.

Com seus estandes lotados de usuários e iniciantes na informática, a 8ª Fenasoft serviu como um termômetro das tendências do mercado. E uma delas aponta para um programa que já faz a cabeça dos gamemaníacos: o CD-ROM. Qualquer estande que estivesse demonstrando uma dessas maravilhosas engenhocas da multimídia logo ficava lotado, e se tornava quase impossível ultrapassar a massa humana.

Um dos lançamentos mais procurados foi o CD-ROM *Prince Interactive*, no qual o usuário se aventura em um universo que mostra os últimos dez anos do cantor Prince, da Compton's NewMedia – empresa conhecida no Brasil pela *Compton's Interactive Encyclopedia*, e que se associou à Brasoft, Itautec e à CD-ROM Publicações Eletrônicas para distribuir seus produtos.

Dos 200 títulos de programas da Compton's, cinqüenta estarão sendo lançados no mercado brasileiro nos próximos meses, entre eles *MusicROM Jazz* e *MusicROM Blues*. A maior novidade da Compton's NewMedia, no entanto, é o acordo realizado com o estúdio americano Warner Bros. para a produção em CD-ROM de *Babilônia 5*, série no estilo de *Guerra nas Estrelas*.

Deborah Peleias

PROMOÇÃO

VIAJE PELAS TRILHAS SONORAS

ESTES SÃO OS GANHADORES

Vera Lúcia Martins - São Paulo - SP
Marcelo Ris - São Paulo - SP
Eunice Miki Ito - S.Bernardo do Campo - SP
Adriana Vieira Ferro - São Paulo - SP
Érika Cristina C. Neves - São Luís - MA
Jean Carlos Silva - Itapecirica da Serra - SP
Rafael A.Azevedo dos Santos - Niterói - RJ
João Batista Gonçalves - Florianópolis - SC
Mônica Beverari - São Paulo - SP
Fábio Lamas - São Paulo - SP
Adriana Peagno - Osasco - SP
Edmara Oliveira Ferreira - Guaratinguetá - SP
Gustavo D. de Oliveira - Belo Horizonte - MG
Sueli Correa Vieira - Rio de Janeiro - RJ
Marco Paulo T. da Silva Jr. - Macaé - RJ
Carmem Sílvia Casonato - Rio Claro - SP
Márcio Roberto Zanucci - Americana - SP
Sílvia Cristina da Silva - Santa B. d'Oeste - SP
Luís Arnaldo L. Gastão - Resende - RJ
Haroldo Esteves - Rio de Janeiro - RJ

CONFIRA AS RESPOSTAS CORRETAS DO TESTE

1) B - "Claire de Lune", de Debussy
2) C - Michael Stype
3) B - Tim Burton
4) A - O Sonho De Um Arquiteto
5) C - Wendy Carlos

TODOS OS GANHADORES RECEBERÃO SEUS PRÊMIOS PELO CORREIO

PROMOÇÃO

SET CINEMA & VÍDEO Sony Music

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃO E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP
05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP
04510-040
tel / fax (011) 829 7235

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP
14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

JEAN RENOIR

O GÊNIO BONACHÃO

Gaumont

Na vida e atrás das câmeras, o mais cineasta dos franceses – cujo centenário de nascimento se comemora neste 15 de setembro – provou que "Felicidade" é o quarto mote que deveria ser acrescentado ao lema da Revolução Francesa

Se há uma palavra que se aplica mal a Jean Renoir, é "mito". Não que sua obra tenha pouca importância – ao contrário. Nem porque sua personalidade não seja fascinante. É o inverso.

Mas a família Renoir parece, desde Pierre Auguste, o célebre pintor impressionista, pai do cineasta, ter feito de viver a sua principal arte. Nenhuma solenidade, nenhum desses tiques das pessoas que se acham melhores do que o mundo fazem parte da infância de Jean. Nada. Apenas uma vida que flui sem sobressaltos, como um rio tranqüilo.

Ou quase. Aventuras não faltaram à vida de Jean Renoir. Basta lembrar que durante a Primeira Guerra ele foi aviador, terminou ferido e esteve com uma perna para ser amputada, com suspeita de gangrena. Graças a uma mudança na direção do hospital em que se encontrava, os médicos suspenderam a operação na última hora. Renoir ficou com suas duas pernas intactas. Ou quase: daí por diante, uma ficou maior do que a outra.

Renoir e Anna Magnani

Ed. Nova Fronteira

Não, Renoir não sofria com isso. Pelo contrário. A perna mais curta, que o fazia mancar, tornou-se uma boa desculpa para não ter que andar (coisa que detestava) e para comer e engordar tranqüilamente (coisa que adorava). Jean sempre podia dizer que, se não fosse por causa da perna mais curta, andaria mais e, por isso, seria um homem magro.

Pierre era um grande pintor, como todos sabem. Ele, porém, não sabia ou não se importava com isso. Preferia bolar teorias pedagógicas, como aquela segundo a qual crianças não devem ser alfabetizadas antes dos dez anos. Idéia que pretendia levar à prática no caso de Jean, não fosse o nascimento de um irmão – o que provocou tais crises de ciúmes que o acabaram despachando para a escola, de tanto que infernizava em casa com a ciumeira.

Renoir adorava seu pai, seu jeito, suas atitudes. Ele contava com prazer a história da mulher, branquíssima, que antes de ser retratada por Pierre Auguste passou horas com um par de bifes no rosto, para ganhar cor. Ao saber disso, Pierre aconselhou-a vivamente a tomar sol para ficar corada e a comer bife.

Um dos orgulhos de Renoir era constatar que o pai havia inventado a mulher moderna através de seus quadros. A mulher robusta, morena, meiga, de estranhos penteados, que era moda na época, cedia lugar em sua pintura a uma mulher cujos cabelos tinham caimento natural e em quem os traços já sinalizavam a independência e a vida própria que adquiririam depois. Para Renoir,

aliás, Brigitte Bardot, o melhor resumo da mulher francesa em todos os tempos, não era, no fim das contas, mais que uma invenção de seu pai.

Mas, quem foi Renoir, o cineasta? De *Naná*, filme mudo, até o sonoro *A Besta Humana*, ambos baseados em Emile Zola, ou *A Cadela*, Renoir sabia tocar o trágico da existência humana. Em outros momentos, como em *Toni*, foi ao campo conhecer a vida das pessoas. Voltou com o filme que por todos os títulos é considerado o precursor do neo-realismo. Tanto os interiores como os exteriores eram reais, e a maior parte do elenco era composta de amadores do local.

Na época do Front Populaire, união da esquerda francesa nos anos 30, não se envergonhou de fazer cinema engajado, e de primeira, com *A Marselhesa*. Mas ele podia, ao mesmo tempo, dialogar com a natureza, à moda do pai (e reconstituindo alguns de seus quadros) em *Une Partie de Campagne*.

Da análise da carapaça que levam os seres humanos em suas relações sociais (*A Regra do Jogo*) até a constatação de um mundo cavalheiresco que chegava ao fim (a Europa da Primeira Guerra, em *A Grande Ilusão*), é difícil encontrar um registro em que Renoir não se desse bem.

Ora, o mais estranho nisso tudo é que os filmes de Renoir raramente foram sucesso e, com freqüência, eram avacalhados pela crítica. Talvez isso se deva à sua incapacidade para compor vilões. Mesmo quando trata de *femmes fatales* fatalíssimas, como a Séverine de *A Besta Humana* ou a Lulu de *A Cadela*, Renoir parece incapaz de torná-las odiáveis. Ao contrário, os filmes são sempre tentativas de compreender suas atitudes, de tornar compreensível o que em princípio se tem por inaceitável.

O exemplo mais radical talvez ainda seja o de *Boudu Salvo das Águas*, em que Michel Simon faz o simpático Boudu, misto de mendigo e anarquista que tenta se matar jogando-se no rio Sena. Salvo, a sociedade quer domesticá-lo. Mas Boudu é indomesticável, é como uma *femme fatale* que leva a liberdade às últimas conseqüências, recusa a etiqueta e vê nas convenções da sociedade a sombra de uma permanente infelicidade.

Ora, Renoir foi isso: um republicano radical, para quem o lema da Revolução de 1789 – Liberdade, Igualdade, Fraternidade – devia se concretizar em uma quarta palavra: felicidade. Mas a primeira dessas palavras, Liberdade, é a chave de tudo: ser livre para olhar, para filmar, para viver.

Essas idéias, que trouxe de casa, fazem de Renoir o mais francês dos cineastas e o mais cineasta dos franceses. Como um pintor, ele captava o efêmero de um gesto. Mas, ao contrário do pintor, não imobilizava esse gesto, não o imortalizava. O gesto, os rostos, os corpos, os lugares, sucedem-se, substituem-se uns aos outros: são humanos, portanto transitórios.

Mas, por isso mesmo, cada um de seus filmes e, mais do que isso, o conjunto deles, termina ficando na lembrança como expressão acabada da França até 1960.

Jean Renoir é o mais carnal, o mais claro, o mais bonachão dos cineastas. Nesse sentido é um antimito. Mas é também a expressão de uma França em que se vive alegremente, em que a felicidade e a beleza se encontram em cada esquina, em que todos pensam e falam o que querem, vivem como querem. Uma França mítica, claro, e que, em parte, Jean Renoir inventou. É com esse mito que Renoir se confunde. É isso que o torna um mito apesar de tudo. Mito *malgré lui* e cineasta como poucos.

Inácio Araujo

World Pictures

Radio Cinema

Ao alto, cena de *A Grande Ilusão* (37); acima, *As Estranhas Coisas de Paris* (56); abaixo, *French Cancan* (54)

Cinédis

Filmografias

AFP

JEAN RENOIR

Diretor, roteirista, também produtor e ator, nascido a 15 de setembro de 1894 em Paris. Falecido em 1979.

Como ator: 1927: LA P'TITE LILI (curta-metragem de Alberto Cavalcanti) ■ 1930: DIE JAGD NACH DEM GLUCK (de Rochus Gliese) ■ 1956: L'ALBUM DE FAMILLE DE JEAN RENOIR (de Roland Gritti e Pierre Desgraupes) ■ 1968: LA DIRECTION D'ACTEURS PAR JEAN RENOIR (média-metragem de Gisèle Braunberger) ■ 1971: THE CHRISTIAN LICORICE STORE (de James Frawley)

Como roteirista: 1924: UNE VIE SANS JOIE/CATHERINE (de Albert Dieudonné, também como ator) ■ 1929: LE PETIT CHAPERON ROUGE (de Alberto Cavalcanti, também como ator, co-roteirista)

Como diretor: 1924: LA FILLE DE L'EAU (também como diretor de arte e produtor) ■ 1925: NANA (também como produtor, editor e co-roteirista) ■ 1927: CHARLESTON/SUR UN AIR DE CHARLESTON (média-metragem, também como produtor); MARQUITTA (também como co-roteirista) ■ 1928: LA PETITE MARCHANDE D'ALLUMETTES (também como roteirista e co-produtor, co-direção de Jean Tedesco); TIRE AU FLANC (também como co-roteirista) ■ 1929: LE TOURNOI/LE TOURNOI DANS LA CITÉ (também como co-roteirista); LE BLED (também como co-roteirista) ■ 1931: ON PURGE BÉBÉ (também como roteirista); A CADELA (*La Chienne*, também como co-roteirista, co-editor e co-produtor executivo) ■ 1932: LA NUIT DU CARREFOUR (também como co-roteirista); BOUDU SALVO DAS ÁGUAS (*Boudu Sauvé des Eaux*, também como co-roteirista) ■ 1933: CHOTARD ET COMPAGNIE (também como co-roteirista) ■ 1934: MADAME BOVARY (também como roteirista); TONI/LES AMOURS DE TONI (também como co-roteirista) ■ 1935: CRIME ET CHÂTIMENT ■ 1936: O CRIME DE M. LANGE (*Le Crime de Monsieur Lange*, também como co-roteirista); LA VIE EST À NOUS (também como ator e co-roteirista); UNE PARTIE DE CAMPAGNE (também como ator e roteirista); BAS-FOND (*Les Bas-Fonds*, também como co-roteirista) ■ 1937: A GRANDE ILUSÃO (*La Grande Illusion*, também como co-roteirista) ■ 1938: A MARSELHESA (*La Marseillaise*, também como co-roteirista); A BESTA HUMANA (*La Bête Humaine*, também como ator e roteirista) ■ 1939: A REGRA DO JOGO (*La Règle du Jeu*, também como ator e co-roteirista) ■ 1941: O SEGREDO DO PÂNTANO (*Swamp Water*); LA TOSCA (também como co-roteirista, direção de apenas uma seqüência reunindo cinco cenas) ■ 1943: THE AMAZING MRS. HOLLIDAY; ESTA TERRA É MINHA (*This Land Is Mine*, também como co-roteirista e co-produtor) ■ 1944: SALUTE TO THE FRANCE (curta-metragem, também como co-roteirista, co-direção) ■ 1945: AMOR À TERRA (*The Southerner*, também como roteirista) ■ 1946: SEGREDOS DE ALCOVA (*The Diary of a Chambermaid*, também como co-roteirista); A MULHER DESEJADA (*The Woman on the Beach*, também como co-roteirista) ■ 1950: O RIO SAGRADO (*The River*, também como co-roteirista) ■ 1952: LE CARROSSE D'OR/LA CARROZZA D'ORO (também como co-roteirista) ■ 1954: FRENCH CANCAN (também como roteirista e produtor) ■ 1956: AS ESTRANHAS COISAS DE PARIS (*Eléna et les Hommes*, também como roteirista) ■ 1959: O TESTAMENTO DO DR. CORDELIER (*Le Testament du Docteur Cordelier*, também como roteirista e co-produtor executivo, para a TV); LE DÉJEUNER SUR L'HERBE (também como roteirista e produtor executivo) ■ 1962: LE CAPORAL ÉPINGLÉ (também como co-roteirista) ■ 1973: LE PETIT THÉÂTRE PAR JEAN RENOIR (também como narrador, roteirista e produtor)

Fotos Warner

LAWRENCE KASDAN

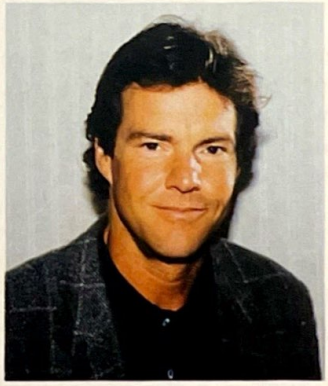
Diretor, roteirista e produtor, nascido a 14 de janeiro de 1949 em Miami, Flórida.

Como roteirista: 1980: O IMPÉRIO CONTRA-ATACA* (*The Empire Strikes Back*, de Irvin Kershner, como co-roteirista) ■ 1981: OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA* (*Raiders of the Lost Ark*, de Steven Spielberg, como co-roteirista); BRINCOU COM FOGO... ACABOU FISGADO* (*Continental Divide*, de Michael Apted) ■ 1983: O RETORNO DE JEDI* (*Return of the Jedi*, de Richard Marquand, como co-roteirista)

Como diretor: 1981: CORPOS ARDENTES* (*Body Heat*, também como roteirista) ■ 1983: O REENCONTRO* (*The Big Chill*, também como co-roteirista e co-produtor executivo) ■ 1985: SILVERADO* (também como co-roteirista e produtor) ■ 1988: O TURISTA ACIDENTAL* (*The Accidental Tourist*, também como co-roteirista e co-produtor) ■ 1990: TE AMAREI ATÉ TE MATAR* (*I Love You to Death*) ■ 1991: GRAND CANYON – ANSIEDADE DE UMA GERAÇÃO* (*Grand Canyon*, também como co-roteirista e co-produtor) ■ 1994: WYATT EARP (também como co-roteirista e co-produtor)

Como produtor: 1987: JURO POR DEUS* (*Cross My Heart*, de Armyan Bernstein) ■ 1989: QUASE UMA FAMÍLIA* (*Immediate Family*, de Jonathan Kaplan, como produtor executivo) ■ 1992: CAMINHOS DA VIDA* (*Jumpin at the Boneyard*, de Jeff Stanzler, como produtor executivo); O GUARDA-COSTAS (*The Bodyguard*, de Mick Jackson, como roteirista e co-produtor)

Como ator: 1985: UM ROMANCE MUITO PERIGOSO* (*Into the Night*, de John Landis)



DENNIS QUAID

Ator, também cantor e compositor, nascido a 9 de abril de 1954 em Houston, Texas.

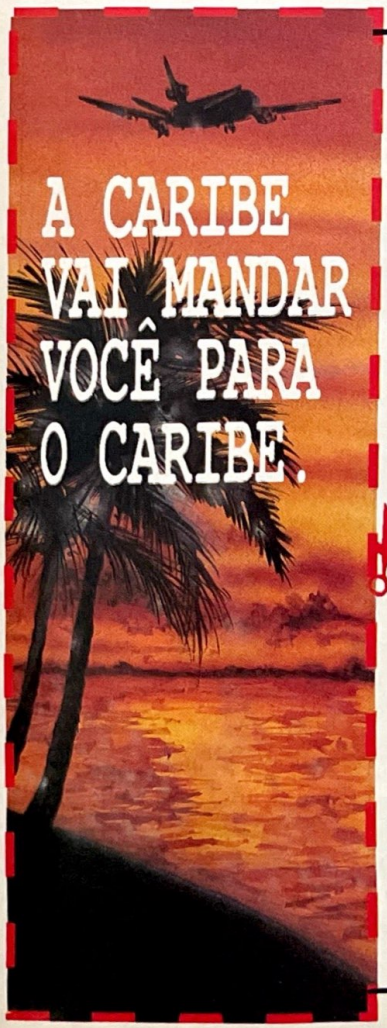
1977: O ESPÍRITO DE JAMES DEAN (*9/30/55/September 30, 1955*, de James Bridges) ■ 1978: VOCÊ ESTÁ SOZINHA? (*Are You in the House Alone?*, de Walter Grauman, para a TV); SENIORS – DEU A LOUCA NO CAMPUS* (*The Seniors*, de Rod Amateau); OUR WINNING SEASON (de Joseph Ruben) ■ 1979: AMATEUR NIGHT AT THE DIXIE BAR AND GRILL (de Joel Schumacher, para a TV); GORP – ZORRA TOTAL* (G.O.R.P., de Joseph Ruben); CORRENDO PELA VITÓRIA* (*Breaking Away*, de Peter Yates) ■ 1980: CAVALGADA DE PROSCRITOS (*The Long Riders*, de Walter Hill) ■ 1981: ALL NIGHT LONG (de Jean-Claude Tramont); O HOMEM DAS CAVERNAS* (*Caveman*, de Carl Gottlieb); THE NIGHT THE LIGHTS WENT OUT IN GEORGIA (de Ronald F. Maxwell, também autor de algumas canções); BILL (de Anthony Page, para a TV) ■ 1982: JOHNNY BELINDA (de Anthony Harvey, para a TV) ■ 1983: SEDE DE TRIUNFO (*Tough Enough*, de Richard Fleischer); TUBARÃO 3* (*Jaws 3-D*, de Joe Alves); OS ELEITOS – ONDE O FUTURO COMEÇA* (*The Right Stuff*, de Philip Kaufman); BILL: ON HIS OWN (de Anthony Page, para a TV) ■ 1984: A MORTE NOS SONHOS* (*Dreams-cape*, de Joseph Ruben) ■ 1985: INIMIGO MEU* (*Enemy Mine*, de Wolfgang Petersen) ■ 1987: O AJUSTE DE CONTAS* (*The Big Easy*, de Jim McBride, também autor de algumas canções); VIAGEM INSÓLITA* (*Innerspace*, de Joe Dante); SOB SUSPEITA* (*Suspect*, de Peter Yates) ■ 1988: MORTO AO CHEGAR* (*D.O.A.*, de Rocky Morton e Annabel Jankel); QUANDO ME APAIXONO* (*Everybody's All-American/When I Fall in Love*, de Taylor Hackford) ■ 1989: A FERA DO ROCK* (*Great Balls of Fire!*, de Jim McBride) ■ 1990: LEMBRANÇAS DE HOLLY-WOOD* (*Postcards From the Edge*, de Mike Nichols); BEM-VINDOS AO PARAÍSO* (*Come See the Paradise*, de Alan Parker) ■ 1993: DOIS ESPIÕES E UM BEBÊ* (*Undercover Blues*, de Herbert Ross); FLESH AND BONE (de Steve Kloves) ■ 1994: WYATT EARP (de Lawrence Kasdan)

**disponível em vídeo*

Viagem, natureza, ecologia.

Nas bancas.

EDITORA AZUL



Caribe Home Video

Caribe te espera!

Participe desta Promoção

ARS 575-5671

Corra, recorte hoje mesmo o cupom ao lado e faça-nos uma visita! Além de conhecer-nos você poderá participar desta incrível promoção. Informe-se pelo telefone abaixo.

Promoção por tempo limitado

*** Abra uma revenda Caribe em sua região**

- *15.000 fitas a sua escolha*
- *Assessoria total para quem está iniciando*
- *Atendemos colecionadores e aficcionados*
- *Enviamos para todo o Brasil (SEDEX)*

MATRIZ - São Paulo - SP
R. Voluntários da Pátria, 1223
Santana - CEP 02011-100
(a 30m. do Metrô Carandiru)
Fones:(011) 267-9200 / 290-9419
Fone/Fax:(011) 290-9419

FILIAL - SP
S.J. dos Campos
Pça. Cônego Lima, 08
1-A - Sala 11 - Centro
CEP 12210-080
Fone:(0123) 23-4096

FILIAL - SC
Florianópolis
R. Arcipreste Paiva, 85 - Sl.303
Ed. Cidade de Florianópolis
ao lado da Catedral
Fone:(0482) 24-2517

Dulce Damasceno de Brito

O PESO DE UM SOBRENOME FAMOSO

Quando Michael Douglas ganhou o Oscar de melhor ator de 1987 por *Wall Street*, ele dedicou-o a seu pai Kirk que, em quase cinqüenta anos de carreira e cerca de setenta filmes, jamais arrebatara a cobiçada estatueta, embora candidato por três vezes. Outro exemplo de filha talentosa foi Tatum O'Neal que, aos dez anos, recebeu o Oscar de coadjuvante por *Lua de Papel* – em que contracenava com seu famoso papai, Ryan. Mas esses casos são raros. Na verdade, é dificílimo para a nova geração fazer jus aos sobrenomes consagrados no passado.

Uma das poucas que vem trabalhando em um filme após o outro e já conquistou público e crítica com seu talento e beleza é Bridget Fonda, filha de Peter, neta de Henry e sobrinha de Jane Fonda. O mais curioso é que, nos anos 60 e 70, os irmãos Peter e Jane fizeram controversas carreiras: ele não conseguiu manter o equilíbrio profissional e, ela, após alguns deslizes políticos e o deslumbramento *Barbarella*-Roger Vadim, acabou consagrada, detentora de dois Oscar. Isso tudo além de, na vida pessoal, Jane ter se casado com o milionaríssimo e charmoso Ted Turner, dono da maior cadeia de notícias e filmes da TV: a CNN.

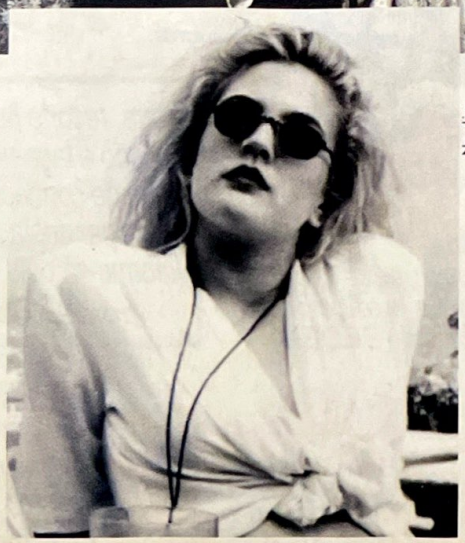
Também não podemos esquecer o relativo sucesso daqueles que pertencem a famílias com nomes conhecidos: Jeff e Beau, filhos de Lloyd Bridges; os irmãos Alec, William, Daniel e Stephen Baldwin; David, Keith e Robert, filhos do tétrico John Carradine; James Belushi, cujo irmão John teve uma brilhante carreira tragicamente interrompida quando morreu de overdose de drogas em 1982, com apenas 33 anos; Kiefer Sutherland (filho de Donald); os irmãos Randy e Dennis Quaid, que continuam ativos; Eric, irmão mais velho de Julia Roberts; e as irmãs Rosanna e Patricia Arquette.

Convém lembrar que existem casos como o de Shirley MacLaine e o irmão caçula Warren Beatty, ambos bem-sucedidos e premiados. Sem esquecer os que optaram – ou foram obrigados a optar – pelo anonimato artístico. Das quatro filhas de Tony Curtis, apenas Jamie Lee seguiu a carreira do pai. Das irmãs Margaux e Mariel Hemingway, a primeira fracassou, enquanto a segunda continua ativa. Os filhos de Robert Mitchum, James e Christopher, jamais conseguiram se destacar, apesar das tentativas. A talentosa e belíssima Ingrid Bergman deixou como herdeiras as gêmeas Isotta e Isabella Rossellini, mas apenas a última está fazendo carreira como modelo e atriz.

Arquivo: Dulce Damasceno de Brito

Embora reconhecendo que terão de lutar duplamente para conquistar o público, os membros da nova safra hollywoodiana tentam um lugar ao sol. Vemos aí Chad McQueen (filho de Steve), Nick Cassavetes (filho de John), Mariska Hargitay (filha de Jayne Mansfield), Chris Lemmon (filho de Jack), Lorenzo Lamas (filho de Fernando), Tahnee Welch (filha de Raquel), Sean Astin (filho de Patty Duke), Ashley Hamilton (filho de George Hamilton), Josh Evans (filho de Ali MacGraw), Natasha e Kate Wagner (filhas de Natalie Wood), Francesco Quinn (filho de Anthony) e Tyrone Power III (filho do antigo astro do mesmo nome). Todos eles querem provar que sua vocação artística é inata, apesar de casos como o de Sofia Coppola, malhada pela imprensa como canastrona, não justificando o esforço do pai-diretor Francis Ford Coppola, que a lançou em *O Poderoso Chefão 3*.

Existem, porém, aqueles que deram a volta por cima e souberam enfrentar os revezes, chegando a pagar o alto preço de um nome famoso. Drew Barrymore tinha apenas sete anos quando Steven Spielberg lhe confiou o papel da amiguinha terrestre do E.T. no vitorioso filme de 1982. A pequena atriz saiu-se muito bem, embora carregasse nos ombros a responsabilidade de ser filha de John Jr., neta de John Barrymore, e sobrinha-neta de Ethel e Lionel Barrymore. Depois de *E.T.*, Drew só fez filmes medíocres, o que a levou a uma depressão profunda e, precocemente, ao uso de drogas. Em 1992, aos dezessete anos, ao sair de uma clínica para viciados, ela escreveu um livro cruel e comovente, *Little Girl Lost*, em que contava sua história: aos dez anos começou a fumar maconha, aos doze já havia passado para a cocaína e, aos quatorze, tentou o suicídio cortando os pulsos com uma faca de cozinha que, felizmente, não estava bem afiada.



New Line

Em 1982, Bridget e Jane Fonda (ao centro) recebem em nome de Henry Fonda o Oscar de melhor ator por *Num Lago Dourado*; ao lado, Drew Barrymore, "herdeira" de uma linhagem de atores que inclui John e Lionel Barrymore

Drew Barrymore agora faz uma promissora volta ao *show business* com o telefilme *Amy Fisher, a Ninfeta Assassina* e o faroeste de cinema *Quatro Mulheres e Um Destino*, com Madeleine Stowe, Mary Stuart Masterson e Andie MacDowell. Será que Drew acha que valeu a pena o preço que pagou para atingir a fama e preservar o ilustre sobrenome?

VÍDEO SET

EDITORA AZUL
SETEMBRO

• A CASA DOS ESPÍRITOS
Realismo fantástico com um superelenco

• UMA BABÁ QUASE PERFEITA
Robin Williams troca de roupa e de personalidade

• EM NOME DO PAI
Daniel Day-Lewis enfrenta a injustiça

• O LEOPARDO
A obra-prima do cineasta Luchino Visconti

JURASSIC PARK
OS DINOSSAUROS DE SPIELBERG INVADEM SUA CASA

•O PEQUENO BUDA • ZONA DE PERIGO • O DOSSIÊ PELICANO
•GILBERT GRAPE • SONATA DE OUTONO
•JAMAICA ABAIXO DE ZERO • UMA NOITE ALUCINANTE 3

O ROMANCE DA DÉCADA BASEADO NA FAMOSA NOVELA DE **ISABEL ALLENDE**

WINONA RYDER

MERYL STREEP

JEREMY IRONS

GLENN CLOSE

ANTONIO BANDERAS

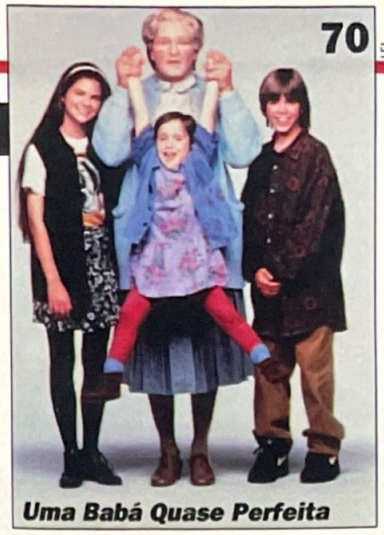
CONSIDERADO PELA CRÍTICA INTERNACIONAL
UMA MISTURA DE "DR. JIVAGO" E "O VENTO LEVOU"

um filme de
BILLE AUGUST

PARIS VIDEO FILMES

A CASA DOS ESPÍRITOS

JÁ NA SUA LOCADORA



Uma Babá Quase Perfeita
LFI

HITS

67 JURASSIC PARK
O sonho tecnológico de Spielberg

70 UMA BABÁ QUASE PERFEITA
A metamorfose de Robin Williams

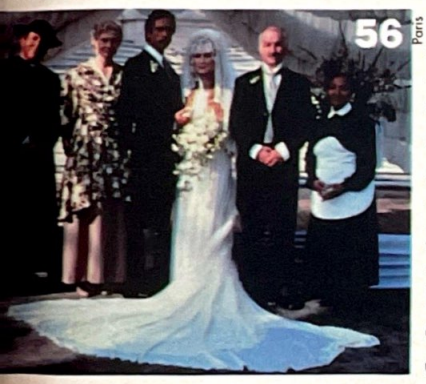
FÁBULAS

57 O JARDIM SECRETO
O universo da imaginação infantil

62 MAX, MEU AMOR
Um chimpanzé como objeto do desejo

63 O PEQUENO BUDA
O budismo segundo Bertolucci

VIDA EM FAMÍLIA



Paris

56 A CASA DOS ESPÍRITOS
Cinqüenta anos de história do Chile através dos Trueba

57 O CLUBE DA FELICIDADE E DA SORTE
Mulheres simbolizam choque cultural e de gerações

59 GILBERT GRAPE
O cotidiano sufocante do interior americano

64 SONATA DE OUTONO
Bergman disseca o conflito entre mãe e filha

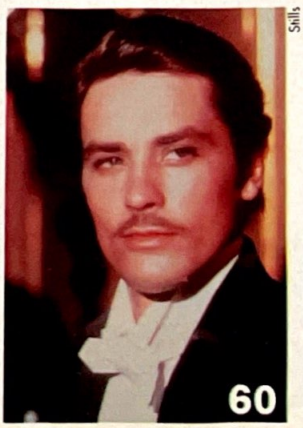
RETRATOS DE ÉPOCA

58 EM NOME DO PAI
Daniel Day-Lewis protagoniza a crônica de uma injustiça

59 MAC
John Turturro revê os não tão dourados anos 50

60 O LEOPARDO
Visconti e a morte da nobreza

62 NOITES FELINAS
O testamento de Cyril Collard



Stills

COMÉDIA

70 JAMAICA ABAIXO DE ZERO
A incrível história da equipe tropical de trenó na neve

71 A LOUCA, LOUCA HISTÓRIA DE ROBIN HOOD
A versão de Mel Brooks para o "bom ladrão"

Warner

CIC

71 QUANTO MAIS IDIOTA MELHOR 2
Wayne e Garth voltam ainda melhores

72 A CRISE
Um pesadelo tragicômico à luz do dia

ROMANCE

68 UM AMOR DE VERDADE
Matt Dillon entre dois amores

68 QUE SABE VOCÊ DO AMOR?
A elegância de Ernst Lubitsch

Angeli

FICÇÃO

66 UMA NOITE ALUCINANTE 3
Sam Raimi usa o horror como pretexto para a comédia

ASTROS

74 ZONA DE PERIGO
Bruce Willis encarna um tira em crise

75 O DOSSIÊ PELICANO
Julia Roberts desvenda uma conspiração

Warner

D R A M A

A CASA DOS ESPÍRITOS ★★★

Em terreno seguro

Caso exemplar de superprodução em que a mistura de nacionalidades na ficha técnica parece obra de um descendente do dr. Frankenstein, *A Casa dos Espíritos* conseguiu reverter em parte a expectativa. Foi mal no mercado norte-americano, mas um relativo sucesso de bilheteria no Brasil e em países da Europa. Ponto outra vez para Bille August, o cineasta dinamarquês que já conquistou duas Palmas de Ouro em Cannes (com *Pelle, o Conquistador*, 1988, e *As Melhores Intenções*, 1992).

De seus filmes exibidos no Brasil, este é o mais fraco, uma ambiciosa adaptação do romance da chilena Isabel Allende (sobrinha do presidente deposto Salvador Allende) contando cinqüenta anos na história de seu país através da saga da família Trueba, a partir da união entre Esteban (Irons), um joão-ninguém que enriquece como fazendeiro e elege-se senador, e Clara (Streep), uma jovem misteriosa dotada de poderes sobrenaturais.

Com a desenvoltura de um viking dançando pagode, August não parece muito à vontade com o realismo mágico do livro. Por outro lado, mantém o filme em terreno seguro, sem ousadias mas também sem escorregões monumentais. E, como o elenco (sobretudo o feminino) colabora, consegue levar sem traumas, até o final da jornada, um filme às vezes glacial e que, embora não comprometa, dificilmente empolga.

(The House of the Spirits, Alemanha/Portugal/Dinamarca/EUA, 1993) Direção: Bille August. Com Jeremy Irons, Meryl Streep, Glenn Close, Winona Ryder, Antonio Banderas, Vanessa Redgrave, Armin Müller-Stahl, Maria Conchita Alonso, Vincent Gallo. 138 min. Paris.

SÉRGIO RIZZO

Esteban (Jeremy Irons) agride sua mulher Clara (Meryl Streep), que reage decidindo nunca mais dirigir a palavra ao marido

Abril Vídeo

O elenco feminino de *O Clube* registra seus laços para a posteridade

O CLUBE DA FELICIDADE E DA SORTE ★★★

O bom melô

Não há nada que assuste mais os críticos do que um bom melodrama. Quanto mais intelectuais eles tentam ser, mais se horrorizam com as boas emoções de um melô. Acham que o gênero só serve como tema de estudo (o livro *O Cinema de Lágrimas da América Latina*, de Sílvia Oróz) ou intelectualizado por um gênio como Alain Resnais (no filme *Melô*). Não é nada disso. *O Clube da Felicidade e da Sorte* é um belo exemplo. Segue a vertente de *Tomates Verdes Fritos* e *Romance de Outono*.

O diretor Wayne Wang se baseou em livro da sino-americana Amy Tan. Um grupo de mulheres chinesas que vive nos EUA se reúne toda semana para praticar um jogo milenar. Quando uma das mulheres morre, a filha é admitida no grupo. Wang fala sobre o choque de gerações e também – ou principalmente – sobre o choque de culturas. Sacrifícios maternos, cobranças familiares: está tudo em *O Clube*. O filme tem belas atrizes e momentos fortes. Numa palavra: é emocionante.

(The Joy Luck Club, EUA, 1993) Direção: Wayne Wang. Com Tsai Chin, Kieu Chinh, Lisa Lu, Tamlin Tomita. 138 min. Abril Vídeo.

LUIZ CARLOS MERTEN

AS NOITES DE ROSE ★★★

(Rambling Rose, EUA, 1991) Direção: Martha Coolidge. Com Laura Dern, Robert Duvall, Diane Ladd, Lukas Haas. 112 min. LK-Tel/Columbia.

É estranho que a careteira Laura Dern (*Veludo Azul*) tenha sido escolhida para protagonizar este drama situado na Geórgia dos anos 30, levando também uma indicação para o Oscar de melhor atriz. Ela é uma empregada doméstica que, à sua maneira, seduz uma família conservadora. Ladd, sua mãe na vida real, faz a patroa, e mostra sutilezas dramáticas. Mas, apesar da simpatia da história, é forçado mostrar Laura como uma sedutora compulsiva. O ponto de vista infantil (Haas, de *A Testemunha*, é o garoto apaixonado por Rose), porém, dá leveza à trama e a envolve em fantasia.

C.G.L.

A RAINHA DO AR ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Amelia Earhart – The Last Flight, EUA, 1994) Direção: Yves Simoneau. Com Diane Keaton, Bruce Dern, Rutger Hauer, Paul Guilfoyle. 94 min. Cannes.

Amelia Earhart foi uma das primeiras mulheres a pilotar aviões de alta tecnologia no período entre-guerras. Feminista, ela se dividia entre arriscados vôos de longo percurso e palestras em universidades, com um olho em empresários que financiassem seus projetos cada vez mais ousados. Pelo menos é assim que a Turner Network apresenta a musa da aviação, em produção bem-cuidada mas sem brilho e lenta, por ser excessivamente descritiva. Diane Keaton se sai bem no papel da aventureira que desapareceu misteriosamente no Pacífico enquanto tentava a volta ao mundo em seu avião. Mas quem rouba a cena é Rutger Hauer, como o único navegador, não por acaso um bêbado, que se arrisca a voar com Earhart.

F.G.

O JARDIM SECRETO ★★★★

Fábula da infância

Refilmagem do clássico de 1939 e baseado no romance de Frances Hodgson Burnett, *O Jardim Secreto* tirou sua magia discreta e encantadora de uma equipe de dar inveja. A produção executiva é de Francis Ford Coppola, a direção de arte é de Stuart Craig (*Ligações Perigosas*), a trilha sonora é de Zbigniew Preisner (*A Liberdade É Azul*) e a direção, de Agnieszka Holland (*Olivier, Olivier*), que acalentava há anos a idéia de adaptar o livro de Burnett.

A história de Mary Lennox (Kate Maberly), desprezada pelos pais e depois pelo tio, que a acolhe num imenso castelo quando ela fica órfã, é o fio condutor do filme. Mas a solidão da garota a leva a cultivar secretamente um jardim, com a ajuda do filho de um empregado e do primo, condenado a uma cadeira de rodas.

Com o colorido das plantas e flores, Mary vence a solidão, a doença, a carranquice da governanta (Maggie Smith, sempre em grande forma) e a insociabilidade do tio. A polonesa Holland dirigiu, com sensibilidade e delicadeza, uma fábula sobre a pureza da infância, corrompida diariamente pelo contato com a mesquinharia e a violência.

(The Secret Garden, EUA, 1993) Direção: Agnieszka Holland. Com Kate Maberly, Heydon Prowse, Andrew Knott, Maggie Smith, John Lynch, Irène Jacob. 101 min. Warner.

FÁTIMA GIGLIOTTI

Warner

Os atores mirins posam em seu jardim particular

Gerry Conlon (Day-Lewis) é submetido a tortura nos porões da Polícia inglesa para confessar um crime que não cometeu

EM NOME DO PAI ★★★★

Ousadia política

Se há um sentimento que não arrefeceu desde 1974, ano em que se inicia a ação de *Em Nome do Pai*, é o rancor mútuo entre governo inglês e IRA. Justamente por essa história de violência não ter se encerrado é que o filme do irlandês Jim Sheridan se mostra corajoso: ao atacar simultaneamente a arbitrariedade da polícia inglesa e o terrorismo do IRA, ele arca com o peso de causar insatisfação a ambos. Mas o faz com o apoio de um elenco irrepreensível, liderado por um devastador Daniel Day-Lewis.

A história é verídica e, por si só, altamente emocional. Em 1974, o jovem irlandês Gerry Conlon (Day-Lewis) é preso injustamente, junto com vários familiares e amigos, sob acusação de ter bombardeado um pub londrino a mando do IRA. Condenado à prisão perpétua após assinar uma confissão sob tortura, vai dividir a cela com seu pai, Giuseppe (Pete Postlethwaite), levado de roldão no processo.

A partir daí, o filme mostra a que veio. Ao centrar o foco no conflito entre o fútil Gerry e o estóico Giuseppe, discute a terrível injustiça a que ambos foram submetidos sem recorrer ao tom panfletário. Preso ao enfoque pessoal, pode enunciar objetivamente as implicações políticas da trama (a polícia arrancou confissões sob tortura; sabe que prendeu inocentes mas se recusa a voltar atrás; o IRA não hesita em fazer alvos civis; a acusação ocultou provas favoráveis aos réus). E, ao caminhar com segurança por esse terreno pantanoso que é a questão do domínio britânico na Irlanda do Norte, Jim Sheridan mostra que, se não é capaz de alçar grandes vôos, ainda assim se aprimorou muito desde *Meu Pé Esquerdo*.

É verdade, porém, que *Em Nome do Pai* não teria metade de seu impacto sem seus atores. Do elenco de apoio a Emma Thompson (como a advogada que prova a inocência dos condenados) e Pete Postlethwaite, é difícil escolher o melhor. Ainda assim, Day-Lewis arruma espaço para mostrar que é o maior ator de sua geração, evoluindo de forma impressionante de um rapaz deslumbrado para um homem capaz de apreender a dimensão de sua tragédia. Ressalvas só ao montador: uns quinze minutos a menos de "gordurinhas" tornariam o filme mais coeso, sem prejuízo à narrativa.

(In the Name of the Father, Irlanda/Inglaterra/EUA, 1993) Direção: Jim Sheridan. Com Daniel Day-Lewis, Pete Postlethwaite, Emma Thompson, John Lynch. 132 min. CIC.

ISABELA BOSCOV

ÁRVORES NUAS ★★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Naked Trees, Dinamarca/Noruega/França/Polônia, 1991) Direção: Morten Henriksen. Com Ole Lemmeke, Lena Nilsson. 100 min. N.C.A.

Árvores Nuas é bem mais que um filme de guerra: é um filme de arte que tem a ocupação alemã na Dinamarca como pano de fundo. Os atores Lemmeke e Nilsson foram premiados por suas atuações na Dinamarca, sendo que ela nos remete à caracterização de Dominique Sanda em *O Jardim dos Finzi-Contini*. O diretor consegue a proeza de ser extremamente sutil, compondo clima e *timing* primorosos. A história: ativista "amador" ambiciona uma ação mais decisiva contra os alemães, passando então a trabalhar com um médico sabotador – até que se apaixona pela oprimida mulher deste.

FRANCISCO COSTA

A FLOR DA PAIXÃO ★★★

(Passion Flower, EUA, 1986) Direção: Joseph Sargent. Com Bruce Boxleitner, Barbara Hershey, Nicol Williamson, J. Waters. 93 min. 20/20 Vision.

Em sua vasta carreira, a premiada Hershey tem atuado em várias histórias de luxúria e fatalismo, interpretando com sensualidade mulheres que provocam situações sufocantes para os que as desejam. Como a deste telefilme ambientado em Cingapura, em que ela é uma milionária que tem relacionamento adúltero com Jansen (Boxleitner), ambicioso corretor de um banco de investimentos. O romance acaba envolvendo-o com o pai da moça (Williamson), um magnata cruel e manipulador. Apesar da trama folhetinesca e convencional, este thriller erótico é fluente e bonito no exotismo que o diretor soube acrescentar à trama.

A.S.

Europa/Carat

Leonardo DiCaprio se entretém com um de seus inúmeros jogos infantis

GILBERT GRAPE – APRENDIZ DE SONHADOR ★★★★

A poesia da insignificância

Gilbert Grape, do sueco Lasse Hallström (*Minha Vida de Cachorro*), consegue ser terno e poético ao falar da insignificância da vida. O roteiro leva às telas com extrema sensibilidade a pequenez de perspectivas de americanos comuns. Gilbert Grape (um ótimo Johnny Depp) vive amarrado a um irmão mais novo mentalmente debilitado (DiCaprio, numa interpretação que põe veteranos como Dustin Hoffman no chinelo) e a uma mãe imensamente gorda (Darlene Cates, boa atriz amadora), todos presos ao cotidiano estático e estéril de uma cidadezinha qualquer, Endora.

Fatos marcantes do dia-a-dia são, por exemplo, a chegada de uma rede de lanchonetes à cidade (Burger Barn) ou a anual passagem de uma caravana de turistas, que traz a cidadã do mundo Becky (Lewis), catalizadora de mudanças na vida de Grape. O ritmo é meio malemolente, o que ambienta melhor a solidão e a mediocridade. Não é um filme astral – pelo contrário, seus momentos finais são de desmoronar –, mas mostra de forma humana que toda a vida, por menor que seja, vale a pena ser vivida.

(What's Eating Gilbert Grape?, EUA, 1993) Direção: Lasse Hallström. Com Johnny Depp, Juliette Lewis, Leonardo DiCaprio, Mary Steenburgen, Darlene Cates, Crispin Glover. 118 min. Europa/Carat.

CHRISTIAN PETERMANN

Mac (no chão) não se cansa de brigar por seus ideais

NOSSO BARCO, NOSSA ALMA ★★★

(In Which We Serve, Inglaterra, 1942) Direção: Noel Coward, David Lean. Com Noel Coward, John Mills, Celia Johnson, Bernard Miles, Richard Attenborough. 115 min. Concorde.

Embora tenha roteiro, co-direção, seleção musical e desempenho central do teatrólogo Coward (péssimo como o capitão Kinross), este filme patriótico feito em p&b durante a Segunda Guerra é o primeiro de Lean, responsável pela parte formal e técnica (ângulos, cortes). Ele, com seu rigor visual aliado a um sentido de montagem inovador para a ocasião, deve ser o responsável pela emoção que às vezes emana desta história centrada em navio da armada inglesa. Não Coward, cuja trajetória cinematográfica, posteriormente, foi bem opaca. Envelhecido no tom discursivo, o filme comove nos seus momentos evocativos, principalmente aqueles com Johnson (sra. Kinross), uma grande atriz fazendo sua estréia, assim como Attenborough (o jovem marinheiro apaixonado).

A.S.

MAC ★★★★

A classe operária não vai ao paraíso

INÉDITO NO CINEMA

John Turturro já provou à exaustão que é um ator superior – por exemplo, em *Barton Fink*, *Homens de Respeito*, *Febre da Selva* etc. Agora comprova também, em sua estréia atrás das câmeras, que é um diretor capaz. Como retrato da classe operária americana nos anos 50, *Mac* marca desde o início um ponto importante: passa ao largo do sociologismo barato, preferindo explorar as contradições do "sonho americano" através das relações familiares, amorosas e profissionais de seu personagem-título.

Mac (Turturro) é um carpinteiro ítalo-americano infeliz com a morte do pai (o pai do ator-diretor, aliás, serviu de inspiração ao filme) e com os métodos de seu patrão avarento. Disposto a fazer com que sua vida dê certo, junta dinheiro como pode e une-se aos irmãos numa empresa de construção. Logo, porém, descobre que seus ideais estão rapidamente saindo de compasso com a América do *ready-made*, e que o lema herdado do pai – "só há dois jeitos de fazer as coisas: o meu jeito e o jeito certo, e os dois são a mesma coisa" – já não encontra eco entre seus pares.

Pontuado por um humor seco, mas eficiente, e pela amargura que parece sempre acompanhar os personagens de Turturro (que levou o prêmio de diretor iniciante em Cannes-92), *Mac* nada tem de pirotécnico. Mas tem muito de bom a oferecer a quem se disponha a assistir um filme simples, bem escrito, muito honesto e repleto de ótimas interpretações – entre elas a de Katherine Borowitz que, embora seja casada com Turturro na vida real (além de ser seu interesse romântico na tela), claramente não está aqui por força de nepotismo.

(EUA, 1992) Direção: John Turturro. Com John Turturro, Michael Badalucco, Carl Capotorto, Katherine Borowitz, Ellen Barkin. 118 min. Odessa.

ISABELA BOSCOV

Concorde/Tocantins

Angélica (Claudia Cardinale) choca a aristocracia com seus modos "vulgares"

O LEOPARDO ★★★★★

Ópera sem canto

Ninguém melhor do que Luchino Visconti, sempre dilacerado entre suas convicções socialistas e a nostalgia de valores perdidos que vinham de sua formação aristocrática, para filmar *O Leopardo*, monumento da literatura italiana moderna, único romance de Giuseppe Tommasi, duque de Palma e Montechiaro, príncipe de Lampedusa. Visconti mais do que ninguém compreendia o conflito da personagem, o príncipe siciliano Fabrizio Salina, que assiste à agonia lenta de seu mundo e tem de se preparar para aceitar a troca inexorável da nobreza pela burguesia ascendente.

A época é a da unificação da Itália, em torno de 1860, e a modificação profunda por que se está passando é simbolizada pelo casamento de Tancredi, sobrinho do príncipe, com a belíssima Angélica, filha do novo-rico Don Calogero. Nas mãos de Visconti, que além de cineasta era um celebrado diretor de teatro, esta crônica de um mundo que morre para renascer converte-se numa verdadeira "ópera sem canto", encenada de forma suntuosa.

A cópia em vídeo restaura mutilações efetuadas pela Fox na versão lançada em 1963. Falado em italiano, com as cores e os 185 minutos originais – em especial sem os cortes na cena culminante, da festa de apresentação de Angélica a seus futuros parentes, que se chocam com seus modos –, *Il Gattopardo* ressurge, trinta anos depois, com uma beleza plástica e uma força dramática renovadas.

(Il Gattopardo, Itália, 1963) Direção: Luchino Visconti. Com Burt Lancaster, Alain Delon e Claudia Cardinale. 185 min. Concorde/Tocantins.

LAURO MACHADO COELHO

MARCELLINO, PÃO E VINHO ★

(Marcellino Pane & Vino, Itália/França/Espanha, 1992) Direção: Luigi Comencini. Com Nicolo Paolucci, Fernando Fernan Gomez. 106 min. Abril/Fox.

Nos anos 50, o cinema espanhol fazia sucesso no Brasil. Não eram filmes intelectuais, pelo contrário. As estrelas eram Sara Montiel, Marisol, Pablito Calvo – que brilhou em *Marcelino, Pão e Vinho*. Mais de trinta anos depois, o cinema italiano refilmou *Marcelino*. O *remake* decepciona, embora seja assinado por Luigi Comencini. É um especialista em filmes com e sobre crianças, mas errou a mão. A história do órfão criado num mosteiro é carregada de lugares-comuns. Quando quer ser sensível, cai na pieguice. Pior: o garoto que substitui Calvo não leva jeito. Com ele, o milagre do final não emociona nem um pouco.

L.C.M

EM NOITE DE LUA CHEIA ★★

INÉDITO NO CINEMA

(In una Notte di Chiaro di Luna, Itália/França, 1990) Direção: Lina Wertmüller. Com Rutger Hauer, Nastassja Kinski, Faye Dunaway, Peter O'Toole. 110 min. Flashstar.

Sem nenhum lampejo do humor ferino que a fez famosa, Lina Wertmüller abordou antes de *Filadélfia* os preconceitos que cercam a Aids. Mas o fez de forma irregular. A trama focaliza um jornalista (Hauer) que se faz passar por portador do vírus para investigar a reação humana (geralmente hostil) diante de alguém que se anuncia nessa condição. Logo após reencontrar antigo amor (Kinski), ele descobre que é realmente soropositivo. Daí em diante, o filme vai ficando dramalhonesco e perde força também como denúncia, apesar de alguns diálogos inteligentes.

A.S.

A ESCOLTA ★★★

(La Scorta, Itália, 1993) Direção: Ricky Tognazzi. Com Enrico Lo Verso, Claudio Amendola, Carlo Cecchi. 92 min. Cannes.

A Escolta, de Ricky Tognazzi (filho do ator Ugo Tognazzi), é baseado em história verídica: a do trabalho do juiz Francesco Taurisano e seu relacionamento com os homens de sua escolta. Se tivesse um final um pouco mais trágico, seria idêntica à de juízes como Paolo Borsellini e Giovanni Falconi, ambos mortos em atentados mafiosos há dois anos. A trajetória dos juízes na Sicília é sempre semelhante. Ou morrem, ou são transferidos, ou ainda se adequam à estrutura e usufruem dela. Taurisano está no segundo grupo. Quando começa a desvendar os meandros do abastecimento de água em Trapani, recebe sua carta de transferência. Mas o diretor, que bebeu na fonte do neo-realismo, está mais interessado na história de sua escolta, seus medos, inseguranças e determinações. Usando uma estética aristotélica, desenvolve sua trama policial. Nela, cada fato caminha verso ao êxtase, ainda que desiluso. Mesmo maniqueísta, poderia ter sido mais contundente. Mas provavelmente quis dizer que – como no Brasil – na Itália tudo acaba em pizza.

CELSO FIORAVANTE

DEPOIS DE SEU GRANDE SUCESSO EM "PASSAGEIRO 57", "O DEMOLIDOR" e "SOL NASCENTE",

WESLEY SNIPES

ELE QUERIA PODER.
ELE QUERIA VINGANÇA.
AGORA, ELE QUER SOMENTE VIVER.

RETORNA AINDA MAIS EXPLOSIVO EM...

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO COM O CINEMA

INFERNO BRANCO

A sangrenta guerra das ruas pode ocasionar muitas mortes.
O conflito, a paixão, o poder da família - uma ameaça de destruição.

WESLEY SNIPES em "SUGAR HILL" estrelando MICHAEL WRIGHT THERESA RANDLE CLARENCE WILLIAMS III com
ABE VIGODA e ERNIE HUDSON diretor de fotografia BOJAN BAZELLI música TERENCE BLANCHARD
produtores executivos ARMYAN BERNSTEIN, TOM ROSENBERG e MARC ABRAHAM escrito por BARRY MICHAEL COOPER
produzido por RUDY LANGLAIS e GREGORY BROWN dirigido por LEON ICHASO

1993 - AVENTURA

PROCURE EM SUA LOCADORA!

Rua Mauá, 836 - casa 18 - Sta. Efigênia - CEP 01028 000 - São Paulo SP - Tel.: (011) 230-0200 - TRONCO CHAVE - Fax: (011) 227-1957

ALPHA FILMES

Romane Bohringer olha embevecida para seu irresponsável amado

NOITES FELINAS ★★★

Amoralidade em tempos de Aids

Noites Felinas é o testemunho existencial e estético de Cyril Collard. Bastante autobiográfico – parte de seu romance homônimo –, é por vezes tocante. Collard, artista da vida e do mundo, era amoral, egoísta e revoltado com qualquer ordem. A atriz Maria Schneider abre o filme como um fantasma, um espírito da consciência futura, que esclarece que Collard usou o sexo para se revoltar e que era hora de despir a máscara. O filme é o doloroso processo de desnudamento do artista e do homem. Ciente de sua doença (Aids), ele transa irresponsavelmente com um amante latino e uma jovem modelo.

É um vigoroso retrato de época, narrado em tom semidocumental, herança dos tempos em que foi assistente de Maurice Pialat. A montagem é ansiosa como o próprio Collard (levou o César na categoria). Justifica o César de diretor estreante, como uma homenagem póstuma (ele morreu três dias antes da entrega dos prêmios). Demagogia, porém, conceder-lhe o César de melhor filme, já que este beira a histeria. Mas a obra ultrapassa sua moldura sufocante de experiência artística para assumir seu valor social. No final, Collard, ciente de sua morte, assume a vida.

(Les Nuits Fauves, França, 1992) Direção: Cyril Collard. Com Collard, Romane Bohringer, Carlos Lopez, Corine Blue, Maria Schneider. 126 min. Abril/Belas Artes.

CHRISTIAN PETERMANN

CAVALO INDOMÁVEL ★★
(Dark Horse, EUA, 1992) Direção: David Hemmings. Com Ed Begley Jr., Mimi Rogers, Ary Meyers. 98 min. América.

INÉDITO NO CINEMA

Em Hollywood, o cão divide o posto de melhor amigo do homem com o cavalo. Desde *A Mocidade é Assim Mesmo*, de 1944, até *Corcel Negro*, muitos cavalos ajudaram crianças e jovens a encontrar um sentido na vida com sua amizade eqüina. O *Cavalo Indomável* do título desempenha esse papel, ao despertar em adolescente revoltada – com a morte da mãe e a mudança para uma cidade pequena – a disciplina do jóquei e o amor pela natureza. O tom dramático fica com os deficientes que visitam a fazenda e com um terrível acidente. Mas a pieguice não chega a comprometer as boas intenções.

F.G.

M. BUTTERFLY ★★
(EUA, 1993) Direção: David Cronenberg. Com Jeremy Irons, John Lone, Barbara Sukowa, Ian Richardson. 100 min. Warner.

A nova associação entre Cronenberg e Irons (*Gêmeos – Mórbida Semelhança*) – levando às telas a história de amor e ambigüidade escrita para os palcos por David Henry Hwang, que a adapta – prometia. O filme, porém, é um *flop* irremediável. Não se sabe o que deu mais errado: a direção (pasmem!) burocrática e sem tesão de Cronenberg, a interpretação piloto automático de Irons ou a inadequação de John Lone (*O Último Imperador*) ao papel de Song Liling, cantora lírica que encanta Gallimard (Irons), funcionário da Embaixada francesa. A composição da personagem tem a sutileza de um hipopótamo numa loja de cristais. Seria engraçado, não fosse constrangedor.

CH.P.

Europa/Carat

O diplomata Peter (Anthony Higgins) tenta entender o fascínio de Max

MAX, MEU AMOR ★★★★

A regra e o desvio

INÉDITO NO CINEMA

Como reagir diante de um comportamento que escape ao que a sociedade considera "normal"? Quando Peter, diplomata britânico em Paris, descobre que Margaret, sua mulher, apaixonou-se por um chimpanzé, leva o animal para casa e tenta entender esse estranho sentimento. Da simples tolerância à adesão plena, atravessando tortuosas etapas de aceitação e recusa, aprende não só a encarar o "diferente" com os olhos do outro, mas também afeiçoa-se genuinamente ao que, de início, lhe parecera absurdo e monstruoso.

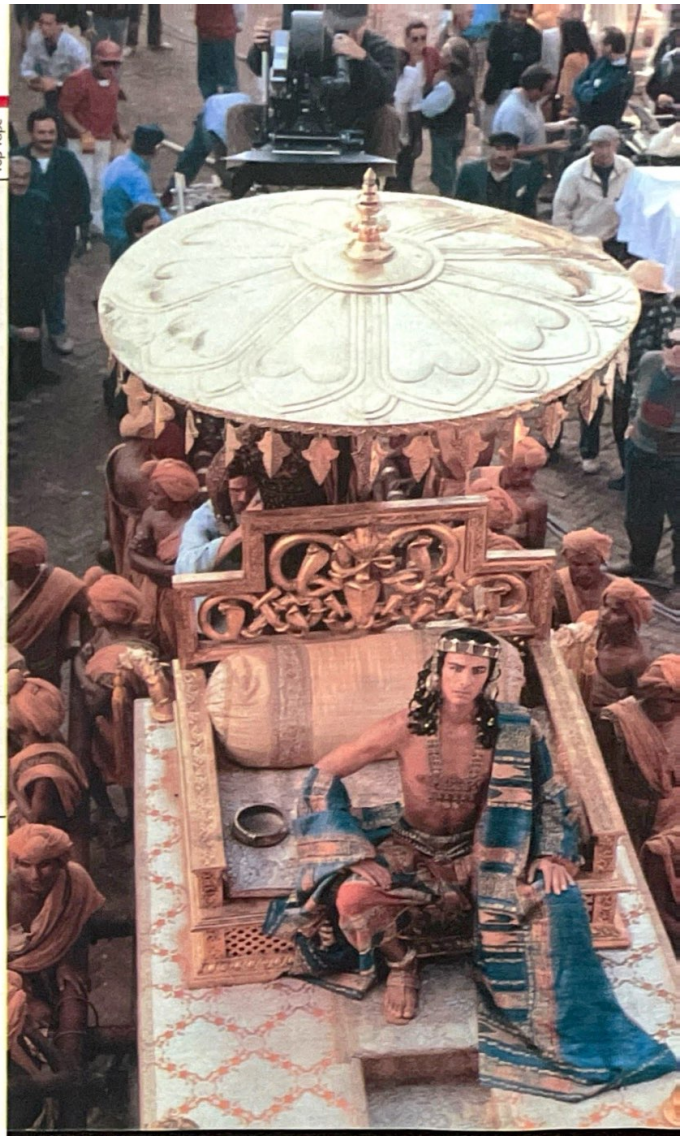
Para Peter – cuja evolução psicológica forma o nó central deste apólogo –, a opção pela afetividade, mesmo anticonvencional, inclui a renúncia às vaidades mundanas, simbolizadas por uma visita oficial da rainha da Inglaterra, que ele abandona em favor do recolhimento na felicidade doméstica.

Mas essa bolha de bem-estar – o sonho final de Margaret o deixa bem claro – sempre será frágil, pois a sociedade nunca desistirá de reprimir quem infringe suas regras. Mesmo quando o faz plenamente convencida de estar agindo para o bem do reprimido.

(Max, Mon Amour/Max, My Love, França, 1986) Direção: Nagisa Oshima. Com Charlotte Rampling, Anthony Higgins, Victoria Abril. 94 min. Europa/Carat.

LAURO MACHADO COELHO

Top Tape



Sidarta (Reeves) prepara-se para conhecer o mundo

O PEQUENO BUDA ★★★

Painel de cores e luzes

Por trás de *O Pequeno Buda* e de outros seis dos últimos nove filmes de Bertolucci há um gigante da fotografia no cinema, o italiano Vittorio Storaro. No documentário *Visions of the Light* (1993), exibido no Brasil em festivais (ninguém se habilita a lançá-lo em vídeo?), Storaro fala da concepção visual de *O Último Imperador*, pelo qual recebeu seu terceiro Oscar (os anteriores foram por *Apocalypse Now* e *Reds*). É um depoimento emocionante de quem opera um casamento perfeito entre paixão e técnica.

A sedução visual dos filmes de Bertolucci deve muito a esse mestre que transformou *O Pequeno Buda* num sutil e irresistível painel de cores e luzes. Como em todos os filmes da parceria Bertolucci-Storaro, nenhuma opção é gratuita ou ostentatória. O tratamento fotográfico contribui discreta mas decisivamente para o resgate, em formato de fábula infanto-juvenil, das origens do budismo, através da lenda do príncipe Sidarta (Keanu Reeves) e da história contemporânea de um garoto americano (Alex Wiesendanger) que seria sua reencarnação.

Em outras mãos, o argumento correria risco maior de sucumbir à pieguice. Nas de Bertolucci e Storaro, mesmo os mais incrédulos e renitentes encontrarão o que admirar.

(Little Buddha, EUA, 1993) Direção: Bernardo Bertolucci. Com Keanu Reeves, Chris Isaak, Bridget Fonda, Alex Wiesendanger, Ying Ruocheng. 140 min. Top Tape.

SÉRGIO RIZZO

A ÚLTIMA BORBOLETA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Last Butterfly, Tcheco-Eslováquia/Inglaterra, 1990) Direção: Karel Kachyna. Com Tom Courtenay, Brigitte Fossey, Freddie Jones. 118 min. New York Filmes.

Bem antes de *A Lista de Schindler*, vários filmes apresentaram judeus sendo auxiliados por pessoas que não pertenciam àquela etnia. Este é um deles. Co-produzido pela TV e falado em inglês, mostra um ator alcoólatra (Courtenay) tomando consciência da questão na França ocupada pelos nazistas. Mas isso só ocorre depois que ele é preso como judeu. O diretor Kachyna, então com 66 anos, mostra vigor incomum. Com requinte visual, ele tira ótimo proveito da relação teatro/política (valorizada pela trilha sonora que inclui, entre outros, Henry Purcell e Alex North) e faz uma bela e comovente narrativa.

A.S.

Olivier Martinez faz o que sabe melhor: grafitar qualquer espaço vazio

Abril/Belas Artes

IP 5 – A ILHA DOS PAQUIDERMES ★★★

A última viagem de Montand

Involuntariamente, a participação de Yves Montand (1921-1991) deu uma patética dimensão a este filme às vezes arrastado; é que ele morreu de ataque cardíaco logo após concluir seu trabalho nesta produção em que interpreta Leon, um velho excêntrico e algo místico que surge na viagem de um jovem grafiteiro (Olivier Martinez) e seu acompanhante, o menino Jockey (Sekkou Sall). O irônico é que Leon sofre do coração, toma remédios, sabe que a morte pode estar próxima e é acometido de um infarto.

Pena que o diretor Jean-Jacques Beineix, embora mais despojado do rebuscamento visual de seus outros filmes, não tenha aproveitado melhor a riqueza interior desse homem cansado física e existencialmente, mas ainda dotado de certo romantismo. A sua influência na conduta dos dois delinqüentes juvenis, expostos sem convicção, fica diluída. Mesmo assim, é difícil permanecer indiferente diante de Montand/Leon em sua última viagem.

(IP 5 – L'Ile aux Pachydermes, França, 1992) Direção: Jean-Jacques Beineix. Com Yves Montand, Olivier Martinez, Sekkou Sall. 130 min. Abril/Belas Artes.

ALFREDO STERNHEIM

AURORA ★★★★★
(Sunrise, EUA, 1927) Direção: F.W. Murnau. Com George O'Brien, Janet Gaynor, Margaret Livingston. 110 min. Continental.

Uma turista vamp incita um jovem do campo a afogar sua doce esposa para viverem juntos na cidade. Esse era o tema. Mas o produtor William Fox pediu a Murnau: "Faça-me um filme grandioso, custe quanto custar!". E o diretor não poupou esforços, mandando construir toda uma cidade para *Aurora*, um filme mudo que quase dispensa as legendas. Perfeitas sobre-impressões, flashes de acontecimentos apenas imaginados, sombras que povoam a alma dos personagens, o pântano simbólico do encontro marcado numa noite de lua cheia, o cão que arrebenta sua corrente e nada até a esposa ameaçada, a tempestade que faz a barca virar e os juncos que se espalham na superfície da água... são imagens-versos de um filme-poema que atinge o sublime por sua aparente, falsa, inteiramente ilusória simplicidade.

Luiz Nazário

BEN-HUR ★★
(EUA, 1926) Direção: Fred Niblo. Com Ramon Novarro, Francis X. Bushman. 118 min. Continental.

Numa época em que o custo médio de um longa era de US$ 160 mil, esta segunda versão de *Ben-Hur* (a primeira é de 1907) sangrou os cofres da MGM em US$ 4 milhões. O chefão Louis B. Mayer assumiu o timão com o barco quase naufragando e transformou em sucesso um filme que parecia condenado ao fracasso. Novarro como Ben-Hur e Bushman no papel de Massala funcionam bem como os amigos que se tornam antagonistas. E a produção suntuosa incluía seqüências em Technicolor ausentes desta cópia, que tem 23 minutos a menos.

S.R.

Concorde

Liv Ullmann e Ingrid Bergman (à direita) buscam a compreensão mútua e encaram ressentimentos

SONATA DE OUTONO ★★★★
Relação dilacerante

Ingmar Bergman pode se repetir, mas jamais deixa de comover com os retratos que fez da incomunicabilidade entre seres que anseiam por maior comunicação com seus próximos. Caso de *Sonata de Outono*, em que esse paroxismo tão freqüente nas relações amorosas e familiares se faz presente na busca de diálogo entre mãe e filha, Charlotte (Ingrid) e Eva (Liv). A primeira é uma pianista famosa que, após sete anos, revê a filha. Como na peça *Longa Jornada Noite Adentro*, de Eugene O'Neill (cuja influência é perceptível), a visita da velha senhora provoca dolorosa busca do afeto perdido em meio a fartos ressentimentos.

Intimista ao extremo e dilacerante em sua carga emotiva, o filme apóia-se no vibrante duelo entre as atrizes centrais. Interpretando em sueco, quase quarenta anos depois de ter partido para Hollywood, Ingrid parece ter feito catarse com Charlotte; como a pianista, ela também foi acusada na vida real de ter abandonado a filha Pia. E Liv mesclou admiração e carência para realçar Eva, vivida na infância por sua filha de verdade, Lena.

(Hotsonaten, Suécia/Alemanha, 1978) Direção: Ingmar Bergman. Com Ingrid Bergman, Liv Ullmann, Lena Nyman. 97 min. Concorde.

Alfredo Sternheim

DOCUMENTÁRIO

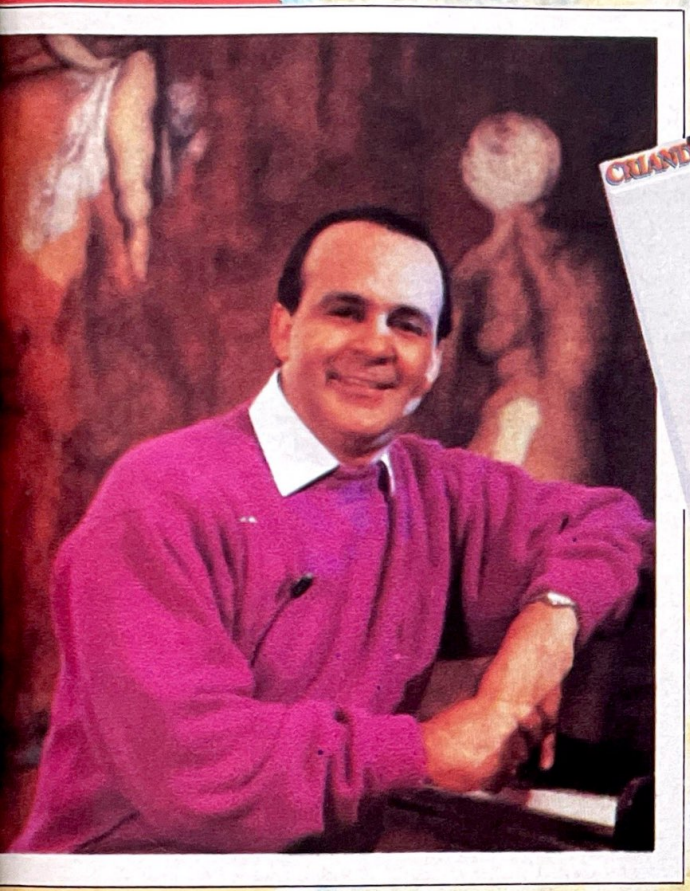
CONTERRÂNEOS VELHOS DE GUERRA ★★
(Brasil, 1992) Direção: Vladimir de Carvalho. 175 min. Sagres/Riofilme.

No final de maio, Vladimir de Carvalho recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, para a qual *Conterrâneos Velhos de Guerra* foi o melhor filme brasileiro do ano. É o caso de perguntar: que críticos fizeram a escolha? Vladimir é veterano documentarista: fez *O País de São Saruê*. Quer sempre denunciar o Brasil das desigualdades sociais.

Conterrâneos reconstitui um episódio que a historiografia oficial com certeza gostaria de apagar. A construção de Brasília se fez com o sacrifício dos operários – muitos morreram nos canteiros de obras. Vladimir entrevista os sobreviventes. Denuncia a ação do arquiteto Oscar Niemeyer, um ícone da esquerda no país. Niemeyer nega que tenha havido um massacre de trabalhadores. As imagens de Vladimir documentam o fato. Como documento, é importante. Mas precisava ter três horas? E ser tão pouco inovador, a ponto de sua estrutura, em vez de clássica, parecer convencional?

L.C.M.

O sucesso já está em suas mãos, aprenda a mantê-lo!



JÁ A VENDA

Dr. Lair Ribeiro

Médico, mestre em Programação Neurolingüística, autor de 6 Best Sellers, membro ativo das Sociedades Americanas de Programação Neurolingüística e Treinamento Pessoal.

101 *Semanas em primeiro lugar na revista Veja.*

Mais de **1.500.000** *Livros vendidos*

CONCORDE VIDEO MARKET COM. E REPRES. LTDA.
R. Marechal Xavier da Câmara, 20 - Casa Verde CEP 02517-190 São Paulo - SP

CONCORDE VÍDEO

Fone:(011) 266-6999•Tel./Fax:(011) 857-4064•Telemarketing(011) 858-6621/858-6654/857-1626

FICÇÃO/TERROR

UMA NOITE ALUCINANTE 3 ★★★★

Autoparódia brilhante

Sam Raimi é um cara admirável. Ele poderia muito bem terminar seus dias fazendo continuações idênticas de *Uma Noite Alucinante* e desfrutar uma aposentadoria polpuda, mas prefere partir para outras direções. Ele fez *Uma Noite Alucinante 2*, é verdade, mas era justificável: o primeiro foi distribuído por uma companhia independente e nunca passou em grande circuito.

Para provar que não vive dos louros do passado, Raimi fez este *Army of Darkness*. Quem achar que vai assistir a uma continuação, pode tirar o cavalinho da chuva: esta é uma comédia que usa elementos de horror, não um filme de horror.

Raimi continua usando os mesmos elementos da série *Uma Noite Alucinante*, ângulos inusitados de câmera, edição alucinada de imagens, câmeras que correm de um lado para o outro etc. Até o personagem é o mesmo: Ash, o imbecil interpretado por Bruce Campbell. Ao contrário dos dois filmes anteriores, porém, este não faz rir pelo seu mau gosto exagerado, e sim pela autoparódia.

Em *Uma Noite Alucinante 3*, Ash é sugado por um espírito maligno e vai parar num vilarejo no século 14. Depois de ler em voz alta um livro sagrado, o idiota acorda o tal "Exército da Escuridão", que ataca o vilarejo. A história boba é só pretexto para um festival de piadas pastelão e truques de efeitos especiais. Atenção para as citações aos Três Patetas, aos irmãos Marx e a clássicos da ficção científica, como *O Homem que Encolheu*.

Alguns fãs *hardcore* de Raimi podem ficar decepcionados. Vão dizer que é comédia demais e que tem sangue de menos. Mas com o cinema de horror dominado por filmes-seqüência cada vez mais banais, com personagens que não conservam as características que os fizeram famosos, não é um alívio saber que existe pelo menos um cineasta que não quer saber de humilhar sua própria criação?

(Army of Darkness, EUA, 1993) Direção: Sam Raimi. Com Bruce Campbell, Embeth Davidtz, Ian Abercrombie, Bridget Fonda. 80 min. Cannes.

ANDRÉ BARCINSKI

Bruce Campbell mostra que é preciso nervos de aço para sobreviver

Cannes

MANTIS – A VINGANÇA QUE NÃO TARDA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(MANTIS, EUA, 1993) Direção: Eric Laneuville. Com Carl Lumbly, Bobby Hosea, Gina Torres. 88 min. CIC.

Sam Hamm e Sam Raimi têm algo em comum além do nome: são tarados por quadrinhos. O primeiro é roteirista de *Batman*; o segundo, criador de *Darkman*. Mas *Mantis*, escrito e produzido por eles, não funciona tão bem quanto deveria. Mantis é um herói negro, espécie de super-Malcolm X, que atua em Ocean City. Em sua identidade civil é pesquisador de plantas medicinais – e deficiente físico. Um uniforme especial faz com que ele ande e, de quebra, lhe dá superforça. Ele também tem um lança-dardos que paralisa a vítima e um "mantismóvel" que vira avião e submarino. O que falta? Acertou: um supervilão. É aí que *Mantis* quebra a cara. Mas é divertido, apesar de tudo. O diretor Laneuville não chega aos pés de Raimi, mas aprendeu direitinho as lições mais fáceis.

E.A.

OPERAÇÃO NERVOS DE AÇO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Full Eclipse, EUA, 1993) Direção: Anthony Hickox. Com Mario Van Peebles, Patsy Kensit, Bruce Payne. 97 min. HVC.

O diretor Anthony Hickox gosta de colocar ingleses no papel de vilões, como já fez com David Warner em *A Passagem* e Julian Sands em *Warlock 2*. Repete agora a dose com Bruce Payne (*Passageiro 57*), um estranho policial de Nova York que comanda uma força-tarefa na qual todos os oficiais, homens e mulheres, tomam uma substância misteriosa e adquirem força descomunal para enfrentar a criminalidade descontrolada – além de, um mero detalhe, se transformarem em lobisomens em noites de lua cheia. O título nacional é absolutamente descabido e a produção é razoável. Só ficou faltando um roteiro menos derivativo e com mais ritmo. Do jeito que está, é uma idéia legal jogada a esmo na tela.

C.H.P.

CIC

Os primeiros visitantes do

Jurassic Park contemplam extasiados a maior – até o momento – criação tecnológica de Steven Spielberg: um dino trazido de volta à vida

JURASSIC PARK ★★★

Sonho *hi-tech*

Um sonho da humanidade realizado: dinossauros vivos em um zoológico *hi-tech*. Tudo vai bem até se tornar um pesadelo, quando visitantes e funcionários têm de descobrir como escapar de feras nunca antes enfrentadas por seres humanos.

A primeira impressão causada por *Jurassic Park* é justamente essa realização de uma fantasia de infância, tema no qual Steven Spielberg é o especialista mais gabaritado de nosso tempo. O suspense montado pela campanha publicitária que antecedeu a estréia mundial em cinemas foi plenamente compensado nesse aspecto. Os monstrengos que aparecem na tela, em sua maioria obra da equipe de computação gráfica liderada por Stan Winston, parecem ter estado sempre por aí, escondidos em alguma floresta descoberta por Spielberg. Sua verossimilhança e a ameaça imaginária que representam explicam por que o filme foi batendo recordes sucessivos de bilheteria por onde passou.

Mas o requinte técnico parece ter esgotado o que os dinos tinham para oferecer. O best-seller de Michael Crichton, autor da história e escritor escolado em cinema (vide *O Enigma de Andrômeda* e *Sol Nascente*, entre outros de seus livros filmados), já trazia a ação mastigada para a tela. Mas Crichton, com habilidade e bastante oportunismo, usa a Teoria do Caos como recheio da desventura científica do superzoo. Spielberg, em busca de espaço para a ação dos bichões, reduziu toda a teorização a um diálogo perdido na selva, enfiou cenas de correção política explícita e achou uns minutos para colocar um pouco de melodrama. Terminado o filme, tem-se a impressão que só se viu os dinossauros: a história some sob o peso dos monstros.

Perto do que o próprio Spielberg já fez no campo da aventura, parece que ele delirou, exagerou na dose. Mas, pelo que o filme representa para o cinema atual, o resultado não é pouco. A tecnologia digital pesquisada para *Jurassic Park* representou uma relação custo-benefício muito mais vantajosa para Hollywood do que boa parte dos efeitos caros e trabalhosos usados em superproduções anteriores. Seres virtuais, como o tiranossauro do parque ou mesmo Dino, o "cachorro" dos Flintstones, vão crescer e se multiplicar nos sonhos e pesadelos que veremos nas telas daqui por diante.

(EUA, 1993) Direção: Steven Spielberg. Com Sam Neill, Laura Dern, Richard Attenborough, Jeff Goldblum, Samuel L. Jackson. 126 min. CIC.

MARCOS SMIRKOFF

ROMANCE

Mundial/Look

Annabella Sciorra e Matt Dillon custam a se render à verdadeira paixão

UM AMOR DE VERDADE ★★★

Matt Dillon vira príncipe encantado

O roteiro de *Mr. Wonderful* (que em inglês é o equivalente ao nosso Príncipe Encantado) busca inspiração nas comédias românticas dos inocentes anos 50/60. Mais ou menos a fórmula usada em *Volta Meu Amor*, de Delbert Mann (1961). Só que agora, no lugar de Rock Hudson, temos Matt Dillon e, no de Doris Day, Annabella Sciorra. A história mostra um casal divorciado, cada um lutando por seus direitos profissionais, pessoais e sexuais.

Embora o "the end" apenas confirme o que todo mundo já sabia, é divertido ver Matt Dillon tentando descolar um marido para a ex-esposa Annabella a fim de se livrar da dispendiosa pensão e montar um salão de boliche com os amigos.

O que vale na fita é a maneira como o diretor-roteirista britânico Anthony Minghella (*Um Romance do Outro Mundo*) desenvolve os encontros/desencontros, acertos/erros do casal – como se a vida fosse mais simples do que ela parece. Como diz o bordão, "para que facilitar se se pode complicar?".

(Mr. Wonderful, EUA, 1993) Direção: Anthony Minghella. Com Matt Dillon, Annabella Sciorra, Mary-Louise Parker, William Hurt, Vincent D'Onofrio. 98 min. Mundial/Look.

DEBORAH PELEIAS

QUE SABE VOCÊ DO AMOR? ★★★★

O charme de Lubitsch

Com um prosaico ponto de partida (uma crise de soluços), mestre Lubitsch (1892-1947) fez mais uma de suas envolventes comédias românticas. Embora menos brilhante que *Ninotchka*, nem por isso *Que Sabe Você do Amor?* deixa de ser interessante. Também comprova a habilidade do cineasta em realçar de forma ainda moderna o desgaste do casamento quando as atitudes se tornam mais frias e repetitivas.

A rica Jill (Merle Oberon) toma consciência a esse respeito após consultar um psicanalista (Alan Mowbray) para resolver suas crises de soluços. Ela passa a desdenhar o marido (Melvyn Douglas) e se deixa atrair por extravagante pianista (Burgess Meredith). Com ótimo roteiro extraído de uma peça do *vaudeville* francês, o filme – que poderia se chamar *Como Salvar Meu Matrimônio* – alia análise de comportamento a bizarras soluções humorísticas, de maneira elegante e peculiar.

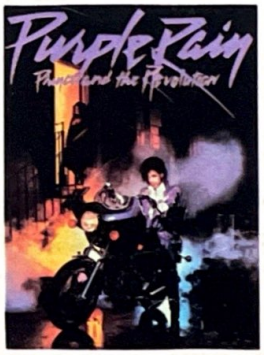
(That Uncertain Feeling, EUA, 1941) Direção: Ernst Lubitsch. Com Merle Oberon, Melvyn Douglas, Burgess Meredith, Alan Mowbray. 84 min. International Classics.

ALFREDO STERNHEIM

International Classics

Melvyn Douglas e Merle Oberon enfrentam soluços e crise conjugal

MUSICAL



PURPLE RAIN★★★★
(EUA, 1984) Direção: Albert Magnoli. Com Prince, Apollonia Kotero, Morris Day. 111 min. Concorde/Tocantins.

Há exatos dez anos, o mundo pop levava um susto: um cantor e guitarrista de Minneapolis – até então cultuado por poucos iniciados – tomava de assalto as telas de cinema com um filme "autobiográfico". *Purple Rain* alçou Prince à condição de *megastar* e mudou o padrão dos musicais feitos na década de 80.

O filme se resume a um videoclip elevado à máxima potência. Prince é Kid, o *rockstar* de sua cidade, um rapaz dividido entre um amor tempestuoso e sua carreira, especialmente a ferrenha competição com a banda do ótimo Morris Day, The Time. Kid tem ainda que conviver com o desequilíbrio do pai, um músico vencido pelo álcool que gasta seu tempo livre espancando a mulher.

A trilha sonora de *Purple Rain* vendeu nada menos que 10 milhões de cópias, puxada por hits como a canção-título e a clássica "When Doves Cry". Prince ainda tentou voltar ao cinema – com *Under the Cherry Moon* (86) e *Graffiti Bridge* (90) –, mas o fiasco foi inevitável. Deveria ter se contentado com *Purple Rain*, o maior momento de sua carreira e um filme memorável.

HÉLIO GOMES

Nunca um filme de horror foi tão divertido.
Nunca uma comédia foi tão apavorante.
BRUCE CAMPBELL
(Darkman, A Morte do Demônio, Uma Noite Alucinante, Waxwork 2: Na Roda da Fortuna)
EMBETH DAVIDTZ
(A Lista de Schindler)
Preso no tempo.
Chegou a hora da vingança de Ash.
ESTE VOCÊ NÃO PODE PERDER.
JÁ ESTÁ NA SUA LOCADORA!
SE VOCÊ GOSTOU DE "DARKMAN" VAI ADORAR
UMA NOITE ALUCINANTE 3
DINO DE LAURENTIIS COMMUNICATIONS APRESENTA UMA PRODUÇÃO RENAISSANCE PICTURES BRUCE CAMPBELL EM "ARMY OF DARKNESS" COM EMBETH DAVIDTZ MARCUS GILBERT RICHARD GROVE MÚSICA TEMA DE DANNY ELFMAN
MONTAGEM BOB MURAWSKI DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA BILL POPE CO-PRODUTOR BRUCE CAMPBELL
ESCRITO POR SAM RAIMI & IVAN RAIMI PRODUZIDO POR ROBERT TAPERT DIRIGIDO POR SAM RAIMI
© 1993
TERROR
DIECI
CANNES
HOME VIDEO

Abril Vídeo

A equipe de *bobsled* da Jamaica intriga seus competidores

COMÉDIA

JAMAICA ABAIXO DE ZERO ★★★

Derretendo o gelo com reggae

A idéia é original: uma equipe jamaicana de *bobsled* (ou trenó) competindo nas Olimpíadas de Inverno. Maluquice? Não, realidade, pois o filme se baseia em fato verídico ocorrido em 1988, quando quatro atletas dessa modalidade foram a Calgary, no Canadá, representar a Jamaica pela primeira vez.

O filme de Jon Turteltaub (*3 Ninjas*) é uma surpresa agradável, tanto que arrastou multidões aos cinemas só na divulgação boca-a-boca. É bem-dirigido e o elenco é coeso, com destaque para o hilário Doug, que interpreta o "melhor piloto de rolemã da Jamaica", Sanka Coffie.

Tudo começa quando Derice e Yul Brenner levam um "trança-pé" de Junior nas eliminatórias dos cem metros rasos para as Olimpíadas. Inconformado com a desclassificação, Derice pede ao ex-campeão de *bobsled* Irv (John Candy, em seu antepenúltimo trabalho) para treiná-los e participar das competições – em apenas alguns meses e sem dinheiro. A partir daí, Turteltaub desenvolve os temas da persuasão, companheirismo e dignidade cívica – o que de certa forma espelha a história da nossa "tetra-seleção", ao menos até o episódio da Alfândega no Rio.

(Cool Runnings, EUA, 1993) Direção: Jon Turteltaub. Com Leon, Doug E. Doug, Rawle D. Lewis, Malik Yoba, John Candy. 100 min. Abril Vídeo.

DEBORAH PELEIAS

DINHEIRO A QUALQUER PREÇO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Missing Pieces, EUA, 1991) Direção: Leonard Stern. Com Eric Idle, Robert Wuhl, Lauren Hutton. 88 min. Europa/Carat.

Após ter sido uma das peças fundamentais do Monty Python, Eric Idle agora enfrenta as agruras da carreira solo. Passou por coisas melhorzinhas, como *O Barão de Munchausen* e *Freiras em Fuga*, e por outras meio caídas, como *Quem Não Herda... Fica na Mesma*. É nesta categoria também que se enquadra este filme. Apesar da abertura promissora – Idle e Wuhl cometendo trapalhadas nas ruas de Nova York ao som da abertura de *A Brigada Ligeira* –, esta comédia não avança além do clichê "mocinhos detêm segredo que interessa aos vilões mas não sabem que segredo é esse". Às vezes chega a ser engraçadinho, mas é bem menor que o talento de Idle – de resto, comprometido pela parceria com o inexpressivo Wuhl.

I.B.

DINHEIRO, PRA QUE DINHEIRO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Money for Nothing, EUA, 1993) Direção: Ramon Menendez. Com John Cusack, Debi Mazar, Michael Madsen. 100 min. Abril Vídeo.

Qualquer um que achasse US$ 1,2 milhão ficaria de bico calado, certo? Menos John Cusack que, como Joey Coyle, sai pela cidadezinha onde vive comprando chiclete com notas de cem dólares, enquanto toda a polícia do Estado anda atrás dele. O filme é baseado em fato real: o estivador desempregado Coyle (falecido no ano passado) achou um saco de dinheiro e o escondeu em casa. O assunto rende muita discussão – achado não é roubado –, e o diretor fez um filme arrastado, que vale mais pelas atuações de Madsen como o investigador e Mazar como a namorada que tenta ajudar Coyle a sair do país com a muamba.

D.P.

Abril /Fox

Equipadas com vestidos floridos, mamãe e babá passeiam com os pirralhos

UMA BABÁ QUASE PERFEITA ★★★

Moralista mas engraçado

O diretor Chris Columbus parece destinado a dar boas surpresas aos executivos da Fox, que passa há anos por uma séria crise mas mantém-se na ativa graças a sucessos como a série *Esqueceram de Mim* e *Uma Babá Quase Perfeita*, a comédia de maior renda nos 60 anos de história do estúdio.

Além da assinatura de Columbus, esses filmes têm em comum o gênero e o fato de se destinarem a públicos de todas as idades. Com produção de Robin Williams e de sua mulher (que queriam alertar os pais sobre o estado emocional dos filhos durante o processo de separação), *Uma Babá...* é o veículo ideal para o talento cômico de Williams.

Ele interpreta um artista fracassado que se metamorfoseia na bondosa sra. Doubtfire para ficar perto dos filhos, quando não consegue evitar a separação pedida pela esposa (Sally Field). A série de gagues envolvendo as trocas de roupas e de personalidade enchem a tela e provocam gargalhadas na platéia. Prova de que, mesmo quando Hollywood quer ser moralista e sensibilizar o público para problemas familiares ou sociais, não esquece seu principal papel: a diversão e o entretenimento.

(Mrs. Doubtfire, EUA, 1993) Direção: Chris Columbus. Com Robin Williams, Sally Field, Pierce Brosnan, Harvey Fierstein. 120 min. Abril /Fox.

FÁTIMA GIGLIOTTI

20/20 Vision

Robin Hood (Cary Elwes) é bom de briga mas não de piada no filme de Mel Brooks

A LOUCA, LOUCA HISTÓRIA DE ROBIN HOOD ★★

Autoplágio

Este crítico tem o doloroso dever de informar a morte do humor de Mel Brooks. O falecimento aconteceu em *A Louca, Louca História de Robin Hood*, filme mais recente do diretor e uma repetição de piadas velhas e sem graça. Brooks cometeu o pior erro que um humorista poderia cometer: o autoplágio. Repete as mesmas e cansativas piadas metalingüísticas que o fizeram famoso em *Banzé no Oeste* (74) e *Alta Ansiedade* (77).

Este filme – que tenta parodiar o sofrível *O Príncipe dos Ladrões* (91), de Kevin Reynolds, e o ótimo *As Aventuras de Robin Hood* (38), de Michael Curtiz – está a anos-luz de obras-primas como *O Jovem Frankenstein* (74) e *Primavera para Hitler* (68). Se ainda assim você quiser arriscar, fique de olho no ótimo jogral rap que abre e fecha o filme e na excelente imitação que Dom De Louise faz do Don Corleone de Marlon Brando. E é só.

(Robin Hood – Men in Tights, EUA, 1993) Direção: Mel Brooks. Com Cary Elwes, Richard Lewis, Roger Rees, Amy Yasbeck, Mel Brooks. 104 min. 20/20 Vision.

EDSON ARANTES

O FAVOR, O RELÓGIO E O PEIXE MUITO GRANDE ★★

(The Favour, the Watch, and the Very Big Fish, França/Inglaterra, 1991) Direção: Ben Lewin. Com Bob Hoskins, Jeff Goldblum, Natasha Richardson, Michel Blanc. 89 min. 20/20 Vision.

Filmada em Paris e com elenco esplêndido, esta é o tipo de comédia farsesca cuja produção multinacional parece perder alguma coisa durante sua realização. A premissa é curiosa, e várias piadas isoladas funcionam a contento, mas o conjunto parece um prato insosso ou uma sopa aguada. Goldblum é um pianista que aceita posar de Cristo para Hoskins, fotógrafo que realiza "reconstituições" bíblicas para a Igreja. O pianista, porém, leva seu novo trabalho muito a sério. O roteiro do diretor – que parte de conto de Marcel Ayme – critica a fé cega, a ganância e as complicadas e solitárias relações humanas dos dias de hoje. Cheio de situações bizarras, o filme quase chega lá.

C.H.P.

DISTRAÇÃO FATAL ★★

(Fatal Instinct, EUA, 1993) Direção: Carl Reiner. Com Armand Assante, Sherilyn Fenn, Kate Nelligan, Sean Young. 89 min. Warner/MGM.

Bom diretor de comédias, Carl Reiner achou que seria divertido parodiar *Atração Fatal*. E fez *Distração Fatal*. Assante é o dublê de detetive e advogado às voltas com três mulheres. O filme parodia as principais cenas de *Atração Fatal*, inclusive a da morte do coelho de estimação, aqui substituído por um gambá. Só isso dá o clima do filme – que é puro besteirol, gênero que parece ter se esgotado. Não falta a loira que ataca com um picador de gelo, lembrando *Instinto Selvagem*. A verdadeira fonte de inspiração, porém, é um filme que Billy Wilder fez nos anos 40: *Pacto de Sangue*. E o problema é que Sean Young não tem o *physique du rôle*: faltam-lhe coxas para fazer o papel.

L.C.M.

Wayne e Garth encaram o espírito de um índio

CIC

QUANTO MAIS IDIOTA MELHOR 2 ★★★★

Menos idiota e melhor

INÉDITO NO CINEMA

São raras as continuações superiores ao original (tipo *A Família Addams 2*). *Quanto Mais Idiota Melhor 2* é a exceção que confirma a regra. O filme é melhor em tudo, desde a qualidade do elenco feminino (Kim Basinger, Drew Barrymore e Heather Locklear aqui, contra Lara Flynn Boyle e Donna Dixon) até a esperteza das piadas. O roteiro de Myers não evita o "nerdismo" geral, mas arma melhor a sua trama e faz referências muito legais a filmes como *The Doors* e *A Primeira Noite de Um Homem*. O *timing* da história também é afiado: em tempos de Woodstock '94, Myers cria algo chamado Waynestock. E quem dá uma cancha musical não é o morto-vivo Alice Cooper, e sim o ressuscitado Aerosmith.

Como não rir com a ótima ponta de Charlton Heston ou com a impagável seqüência que começa com a música de *Missão Impossível* e acaba com um *cover* do Village People interpretando "YMCA"? Christopher Walken desfila seu charme impávido e cria um vilão com muito mais conhecimento de causa que o imberbe Rob Lowe da primeira parte. Seqüência menos idiota, que nem por isso deixa de ser *excellent!*.

(Wayne's World 2, EUA, 1993) Direção: Stephen Surjik. Com Mike Myers, Dana Carvey, Tia Carrere, Christopher Walken, Kim Basinger, James Hong. 95 min. CIC.

CHRISTIAN PETERMANN

CASSINO ROYALE★★
(Casino Royale, Inglaterra, 1967) Direção: John Huston, Ken Hughes, Robert Parrish, Joe McGrath, Val Guest. Com David Niven, Peter Sellers, Woody Allen, Ursula Andress, William Holden. 130 min. 20/20 Vision.

Única história do agente secreto que não parou nas mãos do produtor Albert Broccoli, *Cassino Royale* está mais para comédia que para a receita "tiros, mulheres e bandidões" seguida nas tramas de 007. James Bond é vivido por Niven que, às vésperas da aposentadoria, tem que descobrir o autor de atentados contra sua vida. Para o espectador, o desafio são os atentados ao bom gosto cometidos pela fita. Vários convidados especiais – Deborah Kerr, Orson Welles, Jean-Paul Belmondo – disparam piadinhas sem graça ao longo do filme e parecem se divertir mais que o público. Desapontador.

SÉRGIO MARTINS

A GUERRA DOS BOTÕES ★★★★
(La Guerre des Boutons, França, 1962) Direção: Yves Robert. Com Jacques Dufilho, Yvette Etievant, Michel Galabru, Michèle Meritz. 92 min. Concorde/Orovídeo.

O tempo não arranhou o charme e o impacto desta pequena obra-prima do ator e diretor de *Loiro, Alto, de Sapato Preto* (1972). Foi o primeiro filme e também o maior êxito da produtora que Robert fundou com sua mulher, a atriz Danièle Delorme. Baseado em romance de Louis Pergaud sobre a rivalidade entre garotos de duas pequenas cidades no interior da França, *A Guerra dos Botões* faz um vigoroso e poético inventário da infância, sem descambar para o sentimentalismo ou para o retrato social moralista. Seu maior trunfo é ambientar a "beligerância" do título num espaço e tempo que, em vez de limitar o alcance, tornam o filme absolutamente universal.

S.R.

Os irmãos interpretados por Zabou e Vincent Lindon passeiam pela montanha de suas infâncias

A CRISE ★★

Humor irregular

É preciso consultar o *Guinness*: há quase trinta minutos de diálogos ininterruptos no início de *A Crise*. Talvez a diretora e roteirista Coline Serreau (*Três Homens e um Bebê, Romuald e Juliette*) quisesse mesmo bater algum recorde, mas o falatório histérico tem o claro objetivo de acentuar as tintas tragicômicas do pesadelo vivido à luz do dia pelo protagonista.

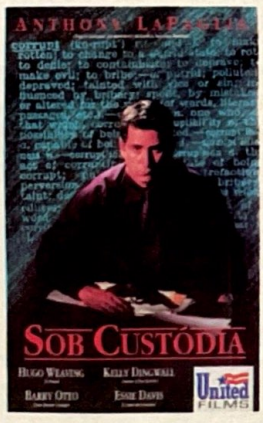
Um bem-sucedido advogado parisiense (Vincent Lindon, de *Betty Blue*) descobre ao acordar que seu mundo caiu: já não tem mulher (que fugiu com outro, deixando-lhe um bilhete e um casal de filhos) nem emprego (foi despedido sem justificativa convincente e traído até pela secretária). Em busca de amparo para sua crise, encontra pela frente a dos outros.

Enquanto o registro é o do humor negro, o filme caminha bem, com situações caricaturais e divertidas. Pena que o trem de Serreau mude subitamente de rumo e, no afã de falar de coisas "sérias", assuma um dispensável tom piegas para sublinhar a "mensagem".

(La Crise, França, 1992) Direção: Coline Serreau. Com Vincent Lindon, Patrick Timsit, Zabou, Maria Pacome, Yves Robert. 91 min. VTI.

SÉRGIO RIZZO

POLICIAL



SOB CUSTÓDIA ★★★
(The Custodian, Austrália, 1993) Direção: John Dingwall. Com Anthony LaPaglia, Hugo Weaving, Barry Otto. 110 min. United.

INÉDITO NO CINEMA

Os australianos não brincam em serviço, mesmo quando se trata de uma produção modesta como esta aqui, apoiada numa trama original e em ótimas interpretações. LaPaglia (*Inocente Mordida*) é Quinlan, membro de uma raça em extinção: a dos policiais absolutamente honestos. Algo parece não se encaixar, então, quando, após denunciar suspeitas de corrupção entre seus colegas, aceita ser "contratado" por um chefe do crime organizado. O motivo, justifica Quinlan a seu parceiro corrupto (Weaving, de *A Prova*), é o arraso financeiro em que o divórcio o colocou. O plano de Quinlan, no entanto, é outro, como o espectador logo pode perceber – só não seria possível imaginar a que extremos chega a obstinação do policial. Tenso e surpreendente, merece uma espiada.

I.B.

ASSASSINO PROFISSIONAL ★★★
(The Hit List, EUA, 1993) Direção: William Webb. Com Jeff Fahey, Yancy Butler, James Coburn, Michael Beach. 93 min. Cannes.

INÉDITO NO CINEMA

Policial acima da média. Traz Fahey (*O Passageiro do Futuro*) como Charlie, um agente especializado em extermínios que trabalha para uma organização. Charlie tem sua vida complicada a partir do momento em que entra em cena Henning (Butler), cujo marido foi assassinado e que também está sendo perseguida. Uma série de acontecimentos tira Charlie do anonimato – sua maior arma – e o empurra para Henning que, claro, corresponde ao amor. Final inteligente, com ótima direção de atores.

F.C

DUBLADO

Walt Disney CLÁSSICOS

Aladdin

APENAS R$ 26,00

OLHA QUE PRESENTE GENIAL PARA SEU FILHO !

A JOINTVIDEO tem muita emoção, aventura e fantasia para você ter em casa para sempre. Fitas de vídeo dos clássicos infantis, super-produções dos estúdios Disney e um variado acervo com desenhos que agradam crianças e adultos. E o genial da história: você faz o pedido por telefone ou envia o cupom e a JOINTVIDEO entrega, de moto (grátis para São Paulo e grande São Paulo) ou via Sedex para todo o País. Rápido e prático. E você ainda pode pagar com seu cartão de crédito.

Ligue já: (011)290.0811

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

TÍTULOS POR R$ 25,00

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE . WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA .

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.

Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana
Próximo à Estação Carandirú do Metrô
CEP 02033-000 - São Paulo - SP
Fone: (011)290.0811 - Fax: (011)267.6120

CUPOM DE PEDIDO

Indique o número de cópias que você quer adquirir:
- ☐ ALADIN (R$ 26,00) ☐ PINÓQUIO (R$25,00)
- ☐ ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (R$ 25,00)
- ☐ BAMBI (R$ 25,00) ☐ PETER PAN (R$ 25,00)
- ☐ A BELA E A FERA (R$ 25,00)
- ☐ A ESPADA ERA A LEI (R$ 25,00)

Total do pedido_____fitas /Custo total R$_____

Forma de pagamento:
- ☐ Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- ☐ Cartão de crédito: ☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS
  Número do Cartão: _____ Validade: ___/___/___

Nome: _____
End: _____ Bairro: _____ CEP: _____
Cidade: _____ Estado: _____
ASSINATURA _____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

AVENTURA

JOSH E S.A.M. – UMA AVENTURA SEM LIMITES ★★★
(Josh and S.A.M., EUA, 1993) Direção: Billy Weber. Com Jacob Tierney, Noah Fleiss, Martha Plimpton, Joan Allen, Chris Penn. 97 min. Capital.

INÉDITO NO CINEMA

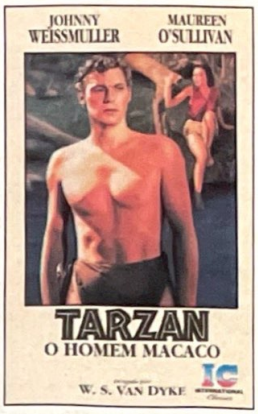
Aventura adolescente *on the road*. Os irmãos Josh (Tierney), de doze anos, e Sam (Fleiss), de sete, enfrentam de formas diferentes a indiferença dos pais separados: Josh se entrega à informática e Sam vive no "mundo da lua". Destituído do amor e da compreensão familiares, Josh conta a Sam que ele é um S.A.M. – "strategical altered mutant" –, robô criado pelo Pentágono. Para que Sam não seja convocado para uma guerra, vão ao Canadá atrás de liberdade. O mérito de Weber está na delicadeza com que mostra os problemas da infância nos anos 90 – como resultado de pais financeiramente estáveis mas instáveis psicologicamente – e nos ótimos diálogos entre as crianças.

D.P.

A MARCA DA FORCA ★★
(Hang'em High, EUA, 1968) Direção: Ted Post. Com Clint Eastwood, Inger Stevens, Ben Johnson, Bruce Dern, Dennis Hopper. 114 min. Concorde/Tocantins.

De volta aos EUA após a bem-sucedida temporada italiana com Sergio Leone, Eastwood co-produziu *A Marca da Forca* com a óbvia intenção de requentar o *spaghetti western* em Hollywood. Fica, no entanto, a impressão de que o cozinheiro exagerou no tempero, recorrendo a clichês do gênero sem acrescentar-lhes quase nada. O tempo fez também a sua parte para envelhecer o prato. O argumento é bom: ex-xerife condenado injustamente (Eastwood) escapa da morte por um triz e retoma o velho cargo para localizar os nove homens que o levaram à forca. Durante a busca, enrabicha-se com uma viúva (Stevens) que o protege. Mais enxuto, o filme talvez não passasse do ponto.

S.R.



TARZAN – O HOMEM MACACO ★★★
(Tarzan – The Ape Man, EUA, 1932) Direção: W.S. Van Dyke. 99 min. International Classics.

A FUGA DE TARZAN ★★★
(Tarzan Escapes, EUA, 1936) Direção: Richard Thorpe. Com Johnny Weissmuller, Maureen O'Sullivan. 95 min. Continental.

Edgar R. Burroughs criou Tarzan sem nunca ter pisado na África. Essa "falha" ganha contornos mais fantásticos quando adaptada ao mundo hollywoodiano. Tarzan, o filho de lorde inglês criado pelos macacos, tem os cabelos cuidadosamente despenteados e, embora viva na Idade da Pedra, possui uma faca de metal. Os dois filmes garantem a diversão devido ao carisma dos protagonistas, mas também deixam os politicamente corretos de cabelos em pé: os africanos são chamados de "ateus ignorantes", e os amigos de Jane atiram à vontade nos animais. Em *O Homem Macaco*, Jane e seu pai tentam descobrir cemitério de elefantes e acabam encontrando Tarzan. Há cenas memoráveis, como os malabarismos de Weissmuller no cipó. Em *A Fuga de Tarzan*, o homem-macaco luta contra coronel inglês que tenta transformá-lo em atração de circo. No final, supõe-se que quem mais trabalhou foi o taxidermista que empalhou os animais que o herói enfrenta.

S.M.

LK-Tel/Columbia

O policial Willis e sua parceira (Sarah Jessica Parker) perseguem pistas de um assassino meticuloso

ZONA DE PERIGO ★★★

Um tira em crise

Filme com Bruce Willis sempre segue a mesma fórmula: 1) Tira entra em depressão. 2) Tira vira alcoólatra e tenta fugir de problemas. 3) Problemas vão ao encontro do tira. *Zona de Perigo* não é diferente. Tom Hardy (Willis) entra em crise (não falei?) depois da morte do pai durante perseguição a um *serial killer* que estrangula mulheres. Afasta-se da divisão de homicídios e vai trabalhar na patrulha fluvial de Pittsburgh. Corpos de mulheres aparecem boiando no rio. Hardy acredita que trata-se do mesmo assassino e resolve investigar, com a ajuda de sua parceira (Sarah Jessica Parker).

A direção e o roteiro de Rowdy Herrington garantem bons momentos. Há uma fantástica perseguição de carros no início e um desfecho totalmente inesperado. Apesar de seguir a receita Bruce Willis, *Zona de Perigo* não é duro de assistir.

(Striking Distance, EUA, 1993) Direção: Rowdy Herrington. Com Bruce Willis, Sarah Jessica Parker, Dennis Farina, Tom Sizemore. 101 min. LK-Tel/Columbia.

EDSON ARANTES

O ZORRO – LONE RANGER ★★★★

(Lone Ranger, EUA, 1949) Direção: George B. Seltz. Com Clayton Moore, Jay Silverheels. 76 min. Concorde.

Este Zorro não é aquele vivido por Guy Williams, que infernizava a vida do sargento Garcia. Nesta série o herói é o Cavaleiro Solitário, único sobrevivente de uma equipe de ajuda a colonos (a ação se passa no tempo da conquista do Oeste) que acredita mais na Justiça do que em mandar chumbo em bandidos. A fita reúne os três episódios que contam a origem do herói – como ele encontra o índio Tonto, o cavalo Silver e, por fim, captura o algoz de seus amigos. Tudo muito certinho, com o mínimo de sangue e um vilão ultramalvado. Outra vantagem é que a distribuidora não emendou os episódios: a história é contada como na série, dando aquele clima de nostalgia.

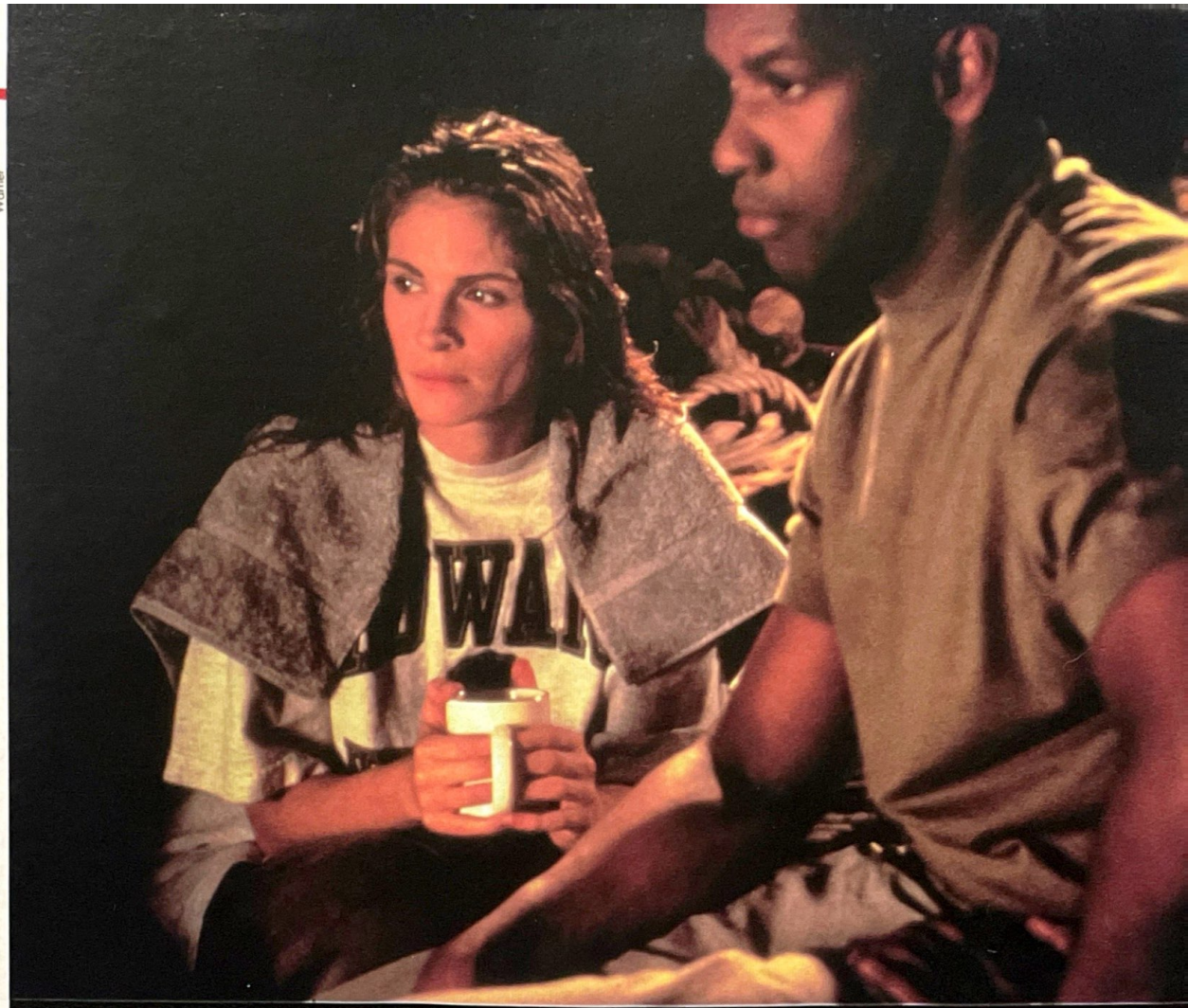
S.M.

CONSPIRAÇÃO NA RÚSSIA ★★★

(Back in the USSR, EUA, 1992) Direção: Deran Sarafian. Com Frank Whaley, Natalya Negoda, Roman Polanski. 89 min. Warner.

Em Cannes '94, a imprensa vendeu *Una Pura Formalitá*, de Giuseppe Tornatore, como o retorno de Polanski à frente das telas pela primeira vez desde *O Inquilino* (76). Está certo que *Back in the USSR* (sim, a música dos Beatles toca, até mesmo em russo!) teve um lançamento irregular, mas antes de protagonizar o filme italiano, Polanski foi o vilão deste thriller que funciona melhor em vídeo. Acompanha as desventuras de um jovem turista americano na URSS pós-glasnost. Ele acaba de posse de uma relíquia religiosa cobiçada por Polanski e é obrigado a pedir ajuda a bela russa (Negoda). Faz-se assistir sem dor nem lógica.

CH.P.

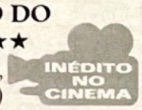


Warner

Sem romance, mas com muito empenho, Julia Roberts e Denzel Washington desvendam um mistério

SUSPENSE

O PREÇO DO DESEJO ★★



(Payback, EUA, 1994) Direção: Anthony Hickox. Com C. Thomas Howell, Joan Severance, Marshall Bell. 93 min. Flashstar.

Os integrantes do *bratpack* – Tom Cruise, Matt Dillon, Demi Moore – foram para a frente, e C. Thomas Howell (*A Morte Pede Carona*) ficou para trás. As evidências estão neste thriller pobrinho, obviamente decalcado de *O Desejo Bate à Sua Porta*, mas cujas diferenças com o original não vale nem ressaltar. Howell é um rapaz que, na prisão, logo angaria a hostilidade de seu cruel carcereiro. Bom, algumas reviravoltas depois, os inimigos se reencontram: o carcereiro, agora cego, é o dono de um café de beira de estrada em que Howell se emprega sob falsa identidade. As atrações do lugar são um tesouro oculto e a mulher do vilão, que gosta de servir os fregueses usando uniformes bem justos. Claro que todos vão enganar a todos, menos ao espectador, que não precisa de quinze minutos para descobrir que está perdendo seu tempo.

I.B.

UMA VIAGEM AO INFERNO ★★

(Voyage, EUA, 1993) Direção: John Mackenzie. Com Rutger Hauer, Karen Allen, Eric Roberts, Connie Nielsen. 86 min. Top Tape.

Casal de meia-idade (Hauer e Allen) dá carona para outro casal (Roberts e Nielsen) em seu veleiro. A relação, a princípio, é um mar de rosas. Aos poucos, porém, os convidados começam um jogo de sedução que evolui rapidamente para a psicopatia. Você já viu isso em *Califórnia* (93), *Terror a Bordo* (88) e, principalmente, em *O Sol por Testemunha* (59), no qual este filme é descaradamente calcado. É... Hollywood virou mesmo uma quitanda barata de doces velhos e mofados. O diretor John Mackenzie, no entanto, garante alguns bons momentos de tensão.

E.A.

O DOSSIÊ PELICANO ★★★

Muita correria

Alan J. Pakula, o cineasta de *Todos os Homens do Presidente*, tenta um novo sucesso de referências políticas, sem muito realismo e acrescentando uma dose de suspense. Julia Roberts é Derby, uma estudante de Direito que decifra um caso envolvendo a Suprema Corte americana. Ao mostrar o dossiê para um professor (Sam Shepard), ela acaba sendo perseguida por "saber demais". Depois, só encontra ajuda no jornalista Gray Grantham (Denzel Washington).

Baseado em best seller de John Grisham, a adaptação cinematográfica empolga mais pelas perseguições do que propriamente pelos ideais que levaram a isso. Se em *A Firma*, também baseado em Grisham, a resolução final era genial, apesar do desenrolar intrincado, *Dossiê* frustra o espectador depois de tanta correria. E, apesar de Julia Roberts ser a mocinha, é Denzel Washington quem sua a camisa com um bom desempenho, sem direito a nenhum romance.

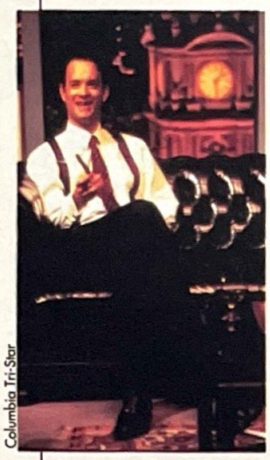
(The Pelican Brief, EUA, 1993) Direção: Alan J. Pakula. Com Julia Roberts, Denzel Washington, Sam Shepard, John Heard. 141 min. Warner.

CESAR GARCIA LIMA

Warner

OS HOMENS DOMINAM O MÊS DE OUTUBRO

As mulheres que nos desculpem, mas o mês de outubro prevê vários lançamentos centrados em atores. O grande sucesso de *Filadélfia* (*à esquerda*) deve-se ao talento de Tom Hanks no papel central. O faroeste *Tombstone – A Justiça Está Chegando* conta com um excelente elenco masculino (Kurt Russell, Val Kilmer, Sam Elliott). O drama romântico *Mr. Jones* tem Lena Olin, mas as atenções se concentram no também produtor Richard Gere. Dois outros filmes têm atrizes importantes na trama, mas apóiam-se principalmente no confronto entre os atores: *Na Roda da Fortuna* (Paul Newman/Tim Robbins, mais Jennifer Jason Leigh) e *Dois Velhos Rabugentos* (Jack Lemmon/Walter Matthau, *acima*, mais Ann-Margret). Também entre os inéditos no cinema há, por exemplo, *Surviving the Game*, filme de ação que reúne atores como Rutger Hauer e Ice T. Em contrapartida, há opções como o simpático *Quatro Casamentos e um Funeral*, cujo sucesso se deve tanto a Hugh Grant quanto a Andie McDowell, e o drama *Caminho de Pedras*, totalmente centrado na atriz Kathy Bates.


Columbia TriStar

BOLSA DE VÍDEO

As obras-primas de Visconti e Bergman mantêm seu impacto e confirmam a preferência dos críticos

	Celso Fioravante – Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten – O Estado de S. Paulo	Ana Claudia Fonseca – Veja São Paulo	José Norberto Flesch – Folha da Tarde	Paulo de Góes – Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires – Zero Hora	Carlos Eli de Almeida – Jornal do Brasil	Miguel Barbieri Jr. – Diário Popular	Christian Petermann – SET	Média
O Leopardo (Concorde/ Tocantins)	10	10	9	–	10	9	–	8	9	9.2
Sonata de Outono (Concorde)	8	8	–	8	8	–	–	9	8	8.1
Em Nome do Pai (CIC)	8	8	9	7	9	7	9	7	8	8.0
Gilbert Grape – Aprendiz de Sonhador (Europa/Carat)	–	7	–	–	9	–	–	7	8	7.7
Jurassic Park (CIC)	7	8	9	9	7	6	8	4	5	7.0
O Jardim Secreto (Warner)	7	5	7	7	7	8	8	–	7	7.0
A Casa dos Espíritos (Paris)	8	7	8	7	6	5	8	7	6	6.8
Uma Babá Quase Perfeita (Abril/Fox)	6	7	7	8	7	6	7	7	6	6.7
O Pequeno Buda (Top Tape)	6	7	6	6	9	6	6	7	–	6.6
Noites Felinas (Abril/Belas Artes)	4	7	–	–	8	4	9	7	6	6.4

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	Look	(011) 536-9366
América/Paris	(011) 533-8300	Mundial	(011) 536-0677
Cannes	(011) 579-6522	N.C.A. Filmes	(011) 966-6135
Capita	(011) 816-0852	New York Filmes	(011) 941-7751
Concorde	(011) 266-6999	Odessa	(011) 825-5766
Continental	(021) 262-0751	Sagres/Riofilme	(021) 253-4782
Europa/Carat	(011) 579-6522	Tocantins	(027) 336-7112
Flashstar	(011) 255-9911	Top Tape	(021) 205-5552
Globo Vídeo	(011) 223-4275	20/20 Vision	(011) 825-5766
HVC	(011) 813-1860	United	(011) 295-4020
International Classics	(011) 288-5588	VTI	(021) 580-3130
LK-Tel/Columbia	(011) 825-5766	Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do *Caderno de Vídeo*, exceto a Poletel e a Transvídeo, que estão desativadas.

PARADA JULHO

BRASIL

1. ***Encaixotando Helena (Boxing Helena)*** (Paris)
2. ***Beethoven 2 (Beethoven's 2nd)*** (CIC)
3. ***O Piano (The Piano)*** (Paris)
4. ***Free Willy (Free Willy)*** (Warner)
5. ***Os Três Mosqueteiros (The Three Musketeers)*** (Abril Vídeo)
6. ***O Último Grande Herói (The Last Action Hero)*** (LK-Tel/Vídeo)
7. ***Na Linha de Fogo (In the Line of Fire)*** (LK-Tel/Vídeo)
8. ***Aladdin (Aladdin)*** (Abril Vídeo)
9. ***Marcas de Baton (Traces of Red)*** (LK-Tel/Vídeo)
10. ***Adeus Minha Concubina (Farewell My Concubine)*** (Look)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG), Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. ***Ace Ventura: Pet Detective (Ace Ventura: um Detetive Diferente)*** (Warner)
2. ***Philadelphia (Filadélfia)*** (Columbia TriStar)
3. ***In the Name of the Father (Em Nome do Pai)*** (MCA/Universal)
4. ***Tombstone (Tombstone – A Justiça está Chegando)*** (Hollywood)
5. ***The Pelican Brief (O Dossiê Pelicano)*** (Warner)
6. ***The Getaway (A Fuga)*** (MCA/Universal)
7. ***Grumpy Old Men (Dois Velhos Rabugentos)*** (Warner)
8. ***Sister Act 2 (Mudança de Hábito 2)*** (Touchstone)
9. ***Mrs. Doubtfire (Uma Babá Quase Perfeita)*** (Fox Vídeo)
10. ***The Air up There*** (Hollywood)

Fonte: *Entertainment Weekly* 29/07/94

O melhor do cinema em sua casa.

A melhor seleção de vídeos, em todos os gêneros, para você consultar o ano inteiro.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

É TUDO HISTÓRIA

Cinema também é cultura, ora. É o que provam estas bem-sucedidas reconstituições de fatos reais

Warner

Os Eleitos

ALEXANDRE NÉVSKI

(Aleksandr Niévski, URSS, 1938) Direção: Sergei Eisenstein. Com Nikolai Tcherkassov. 112 min. Globo Vídeo.

A derrota dos invasores teutônicos, numa batalha sobre o rio Neva gelado, valeu o título de Névski ao príncipe Alexandre, de Novgórod. O filme, de imagens belíssimas, sobre esse episódio histórico do século 13, visava a preparar o povo soviétivo para a guerra. A música de Prokófiev é um exemplo clássico da perfeita integração imagem/trilha sonora.

O ATENTADO

(L'Attentat, França, 1972) Direção: Yves Boisset. Com Gian Maria Volonté, Jean-Louis Trintignant, Michel Piccoli, Philippe Noiret. 116 min. Look.

Remexe numa história que, até hoje, o governo francês prefere varrer para debaixo do tapete: o seqüestro e morte, em Paris (1956), do argelino Ahmed Ben Barka, líder da luta pela independência de seu país. Sóbrio, bem documentado e com ótimo elenco.

Um Grito de Liberdade

CIC

A BATALHA DE ARGEL

(La Battaglia di Algeri, Itália, 1965) Direção: Gillo Pontecorvo. Com Brahim Haggiag, Jean Martin. 135 min. Globo Vídeo.

Clássico da reconstituição, em estilo documentário, de acontecimentos da história recente. A fase inicial da rebelião argelina contra a dominação francesa (1954-1962) é recriada com perfeito equilíbrio entre o rigor da pesquisa e a emoção com que os fatos são narrados.

Todos os Homens do Presidente

Warner

CHOVE SOBRE SANTIAGO

(Il Pleut sur Santiago, França, 1975) Direção: Helvio Soto. Com Bibi Andersson, Annie Girardot, Jean-Louis Trintignant. 110 min. Look.

Produção francesa filmada na Bulgária, passa-se em 11 de setembro de 1973, dia em que foi derrubado o presidente Salvador Allende (o título é a senha que deu sinal verde à quartelada). O golpe de Pinochet visto com exaltação por um chileno que viveu esse dia difícil e, por causa dele, teve de exilar-se de seu país.

DANTON, O PROCESSO DA REVOLUÇÃO

(Danton, França, 1982) Direção: Andrzej Wajda. Com Gérard Depardieu, Wojciech Pszoniak. 136 min. Poletel.

A confrontação, em 1791, entre Robespierre e Danton, que acaba na guilhotina, serve de metáfora para o choque entre as concepções radical e moderada do exercício do poder, vista de ângulo atemporal que a torna de absoluta atualidade. Uma das maiores interpretações de Depardieu e uma brilhante reconstituição de época.

DELITO MATTEOTI

(Il Delitto Matteoti, Itália, 1973) Direção: Florestano Vancini. Com Mario Adorf, Franco Nero. 118 min. Transvídeo.

Os ataques da esquerda a Mussolini após o seqüestro e morte do líder socialista Giacomo Matteoti, por militantes fascistas, serviram de pretexto, em 1924, para o endurecimento contra a oposição. Com grande rigor na evocação dos fatos e cuidado na adequação física dos atores – Adorf faz um "Duce" perfeito –, Vancini traça esse momento crucial na escalada do poder ditatorial na Itália.

OS ELEITOS – ONDE O FUTURO COMEÇA

(The Right Stuff, EUA, 1983) Direção: Philip Kaufman. Com Sam Sheppard, Dennis Quaid. 192 min. Warner.

O livro de Tom Wolfe sobre o início da corrida espacial serviu de ponto de partida para este empolgante painel dos esforços americanos para conquistar o espaço. O filme revelou o nome de Kaufman e recebeu quatro merecidos Oscar.

GIORDANO BRUNO

(Itália, 1973) Direção: Giuliano Montaldo. Com Gian Maria Volonté, Charlotte Rampling. 123 min. Globo Vídeo.

Um dos melhores filmes biográficos já feitos: no matemático queimado pela Inquisição, em 1600, por pregar teorias científicas "heréticas", Montaldo celebra o espírito de rebelião contra o autoritarismo intelectual. Interpretação extraordinária de Volonté.

UM GRITO DE LIBERDADE

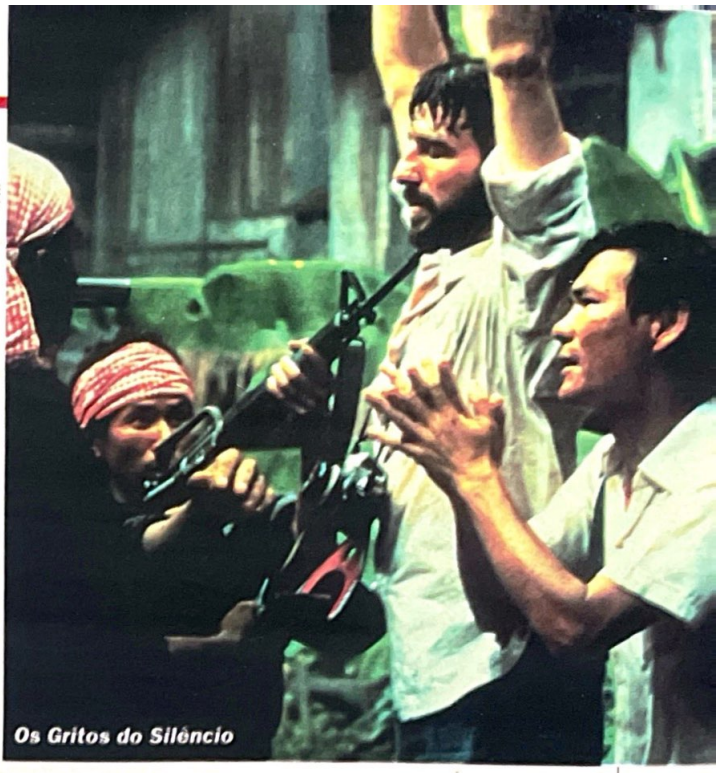
(Cry Freedom, Inglaterra, 1987) Direção: Richard Attenborough. Com Kevin Kline, Denzel Washington. 157 min. CIC.

Baseado no livro do jornalista sul-africano Donald Woods, que se conscientiza da monstruosidade da discriminação racial no contato com o líder negro Steve Biko, morto sob tortura na prisão. Denúncia do racismo e da violência política, em tom épico de apaixonada empostação. Ainda mais atual quando, hoje, assistimos ao fim do *apartheid*. O filme revelou Denzel Washington.

OS GRITOS DO SILÊNCIO

(The Killing Fields, EUA, 1984) Direção: Roland Joffé. Com Sam Waterston, Haing S. Ngor. 141 min. VTI.

Em plena ditadura do Khmer Vermelho, o jornalista Sidney Schanberg, do *New York Times*, consegue voltar ao Camboja para resgatar seu fotógrafo, com quem fizera amizade. São impressionantes as imagens do gigantesco genocídio cometido entre 1975 e 1979 por esses extremistas de esquerda.


Os Gritos do Silêncio

JFK – A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR

(JFK, EUA, 1991) Direção: Oliver Stone. Com Kevin Costner, Sissy Spacek. 189 min. Warner.

Minuciosamente documentado, discute as teorias do promotor Jim Garrison sobre as circunstâncias do assassinato de John Kennedy em Dallas (1963). A polêmica gerada pelo filme desencadeou a reavaliação de vários detalhes desse episódio a respeito do qual, provavelmente, nunca saberemos toda a verdade.

LAWRENCE DA ARÁBIA

(Lawrence of Arabia, Inglaterra, 1962) Direção: David Lean. Com Peter O'Toole, Omar Sharif, Anthony Quinn. 206 min. LK-Tel/Vídeo.

Com mão seguríssima, o mestre Lean traça o épico painel das aventuras, no Oriente Médio, do inglês T.E. Lawrence, dono de uma revolucionária mentalidade não-colonialista. O filme revelou O'Toole e o egípcio Omar Sharif. A cópia em vídeo contém trechos eliminados da versão exibida no cinema.

JFK

Cardápio

CIC

MISSING – O DESAPARECIDO
(Missing, EUA, 1982) Direção: Constantin Costa-Gravas. Com Jack Lemmon, Sissy Spacek. 122 min. CIC.

Procurando, no Chile, seu filho desaparecido após o golpe de Pinochet, americano conservador reavalia suas crenças – inclusive sobre o papel que seu país desempenha no plano internacional. O processo de antagonismo inicial, descoberta progressiva e profunda amizade entre o sogro reacionário e a nora emancipada tem em Lemmon e Spacek intérpretes excepcionais.

OS MUCKER
(Brasil/Alemanha, 1978) Direção: Jorge Bodansky, Wolf Gauer. Com Paulo César Peréio, José Lewgoy. 105 min. Globo Vídeo.

Subvencionado pela TV alemã, este é um filme muito bem feito sobre a Revolta dos Mucker, episódio mal conhecido da história brasileira. Excelente retrato da comunidade fechada dos mucker, imigrantes alemães, fundamentalistas protestantes vítimas da intolerância católica, massacrados em 1872.

REDS
(EUA, 1981) Direção: Warren Beatty. Com Warren Beatty, Diane Keaton, Maureen Stapleton. 200 min. CIC.

Charmosa biografia do jornalista John Reed – por suas idéias de esquerda apelidado de Reds –, que fez a cobertura das revoluções no México e na Rússia (Eisenstein baseou-se em seu livro, *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, para filmar *Outubro*, também disponível em vídeo). A inserção dos depoimentos de personalidades que conheceram Reed e sua mulher, Louise, dão ao filme um caráter semidocumental.

REFÉNS
(Hostages, Inglaterra, 1993) Direção: David Wheatley. Com Kathy Bates, Colin Firth. 100 min. NCA.

Em estilo semidocumental, o dia-a-dia no cativeiro dos americanos seqüestrados no Líbano pelos hezbolá; e os esforços de seus parentes, nos EUA, para obter sua libertação. Surpreendente pela visão sem preconceitos e a condenação do governo Reagan que, oficialmente, recusava-se a negociar com terroristas mas, por baixo do pano, estava envolvido no caso Irã-Contras.

Globo Vídeo

SACCO E VANZETTI
(Itália, 1971) Direção: Giuliano Montaldo. Com Gian Maria Volonté, Riccardo Cucciola. 120 min. Globo Vídeo.

Um erro judiciário – a condenação à morte, em 1927, de dois imigrantes italianos injustamente acusados de assassinato – causado pelo preconceito contra estrangeiros. Um modelo de filme-reportagem, valorizado por seus dois ótimos atores.

TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE
(All the President's Men, EUA, 1976) Direção: Alan Pakula. Com Robert Redford, Dustin Hoffman. 138 min. Warner.

Filmagem do livro de Bob Woodward e Carl Bernstein, os repórteres do *Washington Post* cujo trabalho investigativo desencadeou o escândalo Watergate que, em 1974, levou à renúncia do presidente Richard Nixon. Um dos bons filmes sobre o papel da imprensa na sociedade moderna.

O ÚLTIMO IMPERADOR
(The Last Emperor, EUA/Itália, 1987) Direção: Bernardo Bertolucci. Com John Lone, Peter O'Toole. 165 min. LK-Tel/Vídeo.

A história de Pu Yi, último soberano manchu, destronado ainda menino em 1908 e que depois aceitou chefiar o governo fantoche criado pelos invasores japoneses. A suntuosa produção – premiada com nove Oscar – reconstrói com requinte os ambientes originais, fazendo-nos entrar até mesmo na Cidade Proibida, onde os imperadores chineses viviam enclausurados.

Lauro Machado Coelho

TEM RÁDIO QUE MARCA PELO SUCESSO.

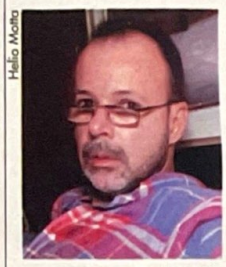
Eu levo sempre a Jovem Pan 2 comigo. É a rádio que me marca. Tudo o que eu gosto de ouvir, a Jovem Pan 2 toca: Reggae, Funk, Rock, Ben Jor e tem até balada que me toca. Quando eu saio da toca entro no meu carro e ligo o som a mil, a Pan me toca mais forte. Por tudo isso eu vou te dar um toque, a Pan 2 é a melhor rádio do Brasil.
Só falta você se tocar.

S E T O C A , É J O V E M P A N 2 .

NortWest

Videoteca

Personalidades falam sobre suas cenas de abertura preferidas


Hélio Motta

GILBERTO BRAGA, autor de novelas:

"Assistir a filmes é, sem dúvida, um dos maiores prazeres da minha vida. Acho que só consigo escrever porque vi e vejo muitos filmes. O vídeo passou a ser uma paixão ainda maior do que o cinema, porque os filmes que mais curto são geralmente de história, personagens, que perdem menos na telinha. Minha média de vídeos é de doido mesmo, varia de um a dois filmes por dia. Estou muito sem saco para ir ao cinema; lá tenho me sentido como se lesse um livro numa biblioteca, quando poderia estar lendo na cama. Gosto de praticamente tudo. É mais fácil dizer do que eu não gosto: western – com as exceções de Howard Hawks (eu adoro *Rio Bravo*!) e Henry Hathaway –, horror e ficção científica. Esses não têm nada a ver com o meu gosto. Também não tenho grandes paixões pelo cinema mais intelectualizado, lento, gênero Michelangelo Antonioni e Eric Rohmer. Vejo, mas meio impaciente. Tenho predileção mesmo é pelo cinema americano: Hitchcock, Billy Wilder, George Cukor, Vincente Minnelli, Woody Allen, Martin Scorsese, Spielberg. Entre os atores e atrizes eu citaria Marlon Brando, Spencer Tracy, Harrison Ford, Katharine Hepburn, Bette Davis, Audrey Hepburn e toda a turma do Woody Allen... Dos europeus, Visconti, Truffaut, Bertolucci – sendo que este último é responsável pela bela apresentação de *O Céu que nos Protege*. Aqueles planos jornalísticos de Nova York da década de 40 e a música do Lionel Hampton são fantásticos!"

Marcio Alves

CARLA CAMURATTI, atriz e diretora:

"Sempre que vou à locadoras corro às prateleiras do passado. Filmes antigos, clássicos e filmes de arte são o meu fraco. Funciona meio como uma biblioteca. Tenho dificuldade para ver videolançamentos. É por isso que uma das cenas de abertura que mais me marcou e de que gosto muito é a de *Mensageiro do Diabo*, filme dos anos 50 com Robert Mitchum fazendo um psicopata e uma bela participação de Lillian Gish. Charles Laughton, pela primeira e única vez como diretor, utiliza uma trucagem antiga do cinema, proporcionando um efeito um tanto quanto primário, mas de uma delicadeza incrível: um céu cheio de estrelinhas e uma senhora falando com crianças. É lindo!"

SET Recomenda

Prateleiras de Sua Videolocadora Escondem Filmes que Retratam o Jovem Americano de Hoje

Abril/Fox

Caminhos da Vida

CAMINHOS DA VIDA
(Jumpin' at the Boneyard, EUA, 1992, 106 min., Abril/Fox)

A trama: Pai de família divorciado e desempregado, morador de vizinhança miserável do Bronx (Nova York) e descendente de irlandeses, reencontra seu irmão mais novo após três anos; o mais jovem é viciado em crack; o conflito familiar é inevitável.

Estilo: A trama se desenrola em 24 horas; a tragédia iminente carrega o filme de tensão constante; estética realista; filme americano de rara sinceridade para com o mundo à margem da sociedade; narrativa deprimente; personagens no limite, que não têm nada a perder.

O diretor: É a estréia do diretor e roteirista Jeff Stanzler, com o aval de Lawrence Kasdan (*Corpos Ardentes*, *Te Amarei até te Matar*) como produtor executivo.

O forte: A razão de ser do filme é o trabalho da dupla central de atores. Tim Roth (*Cães de Aluguel*) interpreta o irmão desempregado, com seu sotaque britânico e um cavanhaque ruivo. Alexis Arquette (*Noites Violentas no Brooklyn*), irmão de Rosanna e Patricia, revela-se um excelente ator como o jovem drogado que usa *dreadlocks*. Roth prova mais uma vez ser um dos grandes atores de sua geração, ficando em pé de igualdade com Daniel Day-Lewis e Gary Oldman – sua interpretação é contida, silenciosa, carregada de dor e amargura. Já Alexis prova que consegue interpretar tipos não-homossexuais (ele foi o jovem travesti de *Noites Violentas*... e, todos os fins de semana, apresenta-se como drag queen em clube noturno de Los Angeles) com uma caracterização impressionante, um dos melhores *junkies* a passar pelas telas. Ele transmite bem o estado de semicatatonia, no limbo da consciência que, mal ou bem, é uma imagem realista do viciado em estado terminal.

Público-alvo: *junkies*, manifestantes antidrogas, irmãos, atores, curiosos sociais e adeptos de uma fita densa.

CB4
(EUA, 1993, 89 min., CIC)

A trama: Trio de cantores de rap tenta vencer na vida; admiradores do gênero gangsta rap (com letras pesadas e violentas), provocam involuntariamente a prisão de um famoso grupo chamado CB4 ("cell block 4", ou "cela de prisão 4"); assumem as identidades dos presos e estouram a boca do balão; um diretor branco realiza um "rapumentary" sobre o grupo quando toda a verdade é revelada.

Estilo: montagem rápida, definida pelo ritmo da música; humor visual tipo *Quanto Mais Idiota Melhor*; contextualização política das letras; rápido estudo sobre a autenticidade da arte e sobre falsificações; *slangs* (gírias) da comunidade afro-americana, com respectivos gurus, códigos morais e éticos.

CIC

CB4

A diretora: Tamra Davis é uma das novas diretoras em atividade no mercado independente americano; antes ela havia dirigido o interessante *Guncrazy – Howard & Anita*, *Jovens Amantes* (92, Paris), uma espécie de Bonnie & Clyde adolescente, com Drew Barrymore; depois de *CB4*, ela foi afastada da direção de *Quatro Mulheres e um Destino* (também com Drew) e por enquanto aguarda um novo projeto; aqui ela trabalha com roteiro e produção de Chris Rock e Nelson George, também protagonistas, egressos do programa *Saturday Night Live*.

O forte: O que vale no filme não é só a discussão sexista e ideológica das letras gangsta; para quem quer dar um rápido mergulho nesse universo, a trilha oferece músicas de Run DMC, P.M. Dawn, The Beastie Boys e LL Cool J, entre outros; há pontas de gente como Ice T, Ice Cube e Flavor Flav (do Public Enemy) dando declarações sobre o grupo CB4; uma curiosidade: Gusto, o líder preso do CB4, é interpretado pelo irmão de Eddie Murphy, Charlie.

Público-alvo: rappers, jovens, modernos, sociólogos, pacifistas, almas dançantes.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com preços baixos

• Jurassic Park • O Pequeno Buda
• Califórnia 2010 • Em Nome Do Pai
• Quanto Mais Idiota Melhor II

• Cheques pré-datados e cartão de crédito
• Inclusive por telefone

• Remetemos para todo o Brasil
• Aceitamos Permuta
FITAS A PARTIR DE R$ 4,00
• *OFERTAS:*
• Catálogos usados 15% de desconto a vista
• A cada 10 fitas ganhe uma grátis
• A cada 3 fitas ganhe um brinde

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

FITAS DE VÍDEO

Novas • Seminovas • Usadas
Grande quantidade de títulos

Atendemos colecionadores, particulares e montamos vídeo locadoras
Aceitamos todos os Cartões de Crédito, inclusive por telefone)

PLANETA NORTE

Fone:
(011) 578-5727
(011) 584-5723
R. Dos Buritis, 257
Metrô Jabaquara

7A. ARTE
VÍDEO SHOP
FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.
• O Pequeno Buda • Califórnia 2010
• Em Nome Do Pai • Jurassic Park
• Quanto Mais Idiota Melhor II
• E Outros

Catálogos a partir de R$ 4,00
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
15% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - **Tel.: (011) 267-5567**

HAWAI
HOME VÍDEO
FITAS NOVAS E USADAS

CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

• Uma Noite Alucinante III
• A Rainha Do Lar
• Parque Dos Dinossauros • E Outros

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)

Tel.: (011) 290-4330

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
• Toda linha de acessórios
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.
10% DE DESCONTO P/ PAGAMENTO A VISTA

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

• Em Nome Do Pai • O Pequeno Buda
• Jurassic Park • Califórnia 2010
• Quanto Mais Idiota Melhor II

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

NOVO ENDEREÇO
Rua Dr. Zuquim, 396 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Transpote Gratuito acima de 10 fitas
Estamos c/ estacionamento na Rua Gabriel Pizza, 445

Cartas

Richard Donner

Na matéria sobre o filme *Maverick* (nº 7, ano 8) havia uma pequena reportagem com o diretor Richard Donner, que disse ter ficado surpreso ao saber que na terceira parte do filme *A Profecia* o personagem Damien quase virou presidente dos EUA, e que achou a idéia um tanto idiota. Mas, na mesma revista, seção *Filmografias*, Richard Donner aparece como produtor-executivo do filme *A Profecia III – O Conflito Final*. Como ele pode ter achado idiota se participou do mesmo?

Carla Fernanda Collucci Vaz
(Ribeirão Preto – SP)

Como Richard Donner é o realizador do filme original, seu nome tem que constar dos créditos das continuações, mesmo que ele não tenha participação direta. E André Barcinski, autor da reportagem, confirma que o diretor se surpreendeu ao tomar conhecimento da informação que você menciona em sua carta.

Edição de Julho

Gostaria de parabenizar toda a equipe de SET pela ótima edição nº 7, ano 8. A revista veio acompanhada de boas matérias e excelentes entrevistas, destacando a que diz respeito a um dos maiores mitos do cinema mundial: Ingrid Bergman. Uma matéria justa e esclarecedora. Alfredo Sternheim conseguiu transpor para seu artigo todas as qualidades dessa magnífica atriz. Espero que a revista mantenha a qualidade que vem apresentando em suas últimas edições. Gostaria de saber se a seção *Mito* já publicou alguma matéria referente a Charles Chaplin, Orson Welles e Barbara Stanwick.

Arnildo Linck Júnior
(Cornélio Procópio – PR)

Somente Chaplin já saiu em Mito, na edição 21. Quanto a Barbara Stanwick, ainda não temos planos. Mas Orson Welles já está em nossa pauta – e não era sem tempo!

Confesso que já estava pensando em deixar de assinar SET quando fui surpreendida pelas mudanças verificadas este ano. A sofisticação visual vem sendo acrescida de textos de qualidade cada vez melhor. Desejo expressar minha satisfação parabenizando SET, nº 7, ano 8, por entrevistas bem elaboradas e interessantes como a dos irmãos Coen, o excelente *Caderno de Vídeo*, e as matérias sobre *Maverick* e *Backbeat*. Só reclamo do pouco espaço dado ao Festival de Cannes.

Joseane Santos Feitosa
(Floriano – PI)

Sem querer puxar o saco, SET não dá pra não ler. Vocês conseguem sempre unir quantidade e qualidade. Prova disso é a edição de julho, que nos brindou com a matéria de capa sobre *Maverick* e, de quebra, a entrevista com a garota-prodígio Jodie Foster, que já vale por uma revista.

Gilson Vieira
(União dos Palmares – AL)

Sendo cinéfilo e assinante da revista SET há um ano, venho parabenizá-los pela excelente edição de SET, nº 7, ano 8. Só a capa com a excelente Jodie Foster e Mel Gibson já valeu mais um dez para vocês. A única exceção são as *Fichas de Cine & Vídeo*. Será que teremos que pintar a cara e sair às ruas fazendo passeata para que as fichas voltem a ser oito?

Valmir Antonio Pala
(Varginha – MG)

Edição de Junho

É impossível negar a metamorfose por que SET vem passando ao longo de suas últimas edições. Finalmente a equipe de SET parece ter encontrado o "caminho do sucesso", ou seja, matérias criativas e originais aliadas a textos consistentes e padrão gráfico excelente. Destaque para as seções *Caderno de Vídeo* e *Takes*, que estão cada vez melhores. Que grande surpresa as matérias de *Kika* e Stephen King! E a colaboração de Dulce Damasceno de Brito só veio enriquecer SET. Muito feliz também a matéria *Perfil* feita por Isabela Boscov na edição 85. Mas, como nem tudo são flores... Talvez a grande crítica que se faça à revista seja o antagonismo de opiniões entre os críticos da SET. Certamente que criticar é um ato bastante pessoal, mas às vezes alguns críticos exageram e se fecham totalmente em sua preferência pessoal. Um exemplo disso ocorreu com o filme *Olhos de Serpente*. Na edição 77, o sr. Luiz Carlos Merten dizia que Madonna tem uma interpretação ruim, enquanto que na edição 85 o sr. Christian Petermann elogia a atuação da atriz. Afinal, Madonna é ou não uma boa atriz?

Leonardo Cunha Dentz
(Três Rios – RJ)

Correio Entre os Leitores

Temos materiais, nacionais e importados sobre os maiores nomes do cinema, e trocamos por materiais sobre grupos musicais.

Collector's Club
Rua Basílio Zecchin, 68, Lavapés
CEP 12900-000
(Bragança Paulista – SP)

Gostaria de trocar correspondências com fãs dos desenhos da Hanna-Barbera e dos filmes baseados nos mesmos. Estou formando um fanzine: *HB Maniacs*.

Inácia
Rua Francisca de Paula, 500,
Vila Carrão
CEP 03436-000
(São Paulo – SP)

Troco correspondência e material de cinema de todos os tempos. Tenho muita coisa e responderei a todas as cartas.

Adimilson Gireroli Vergara
Q. 4, Bloco 416, apto 6,
Cohab Lindóia
CEP 96070-190
(Pelotas – RS)

Quero me corresponder com outros leitores de SET. Gosto de todos os gêneros de filmes. Também procuro os seguintes filmes: *Mississippi Masala*, *Febre da Selva*. Gostaria de receber endereços de fãs-clubes e clubes de cinéfilos do Brasil e do mundo.

Reinaldo Apdo
Caixa Postal 103
CEP 13360-000
(Capivari – SP)

Troco material com fãs e admiradores de Marilyn Monroe e, se alguém possuir o endereço do fã-clube, gostaria de receber.

Paulo Rieg
Caixa Postal 1309
CEP 88010-970
(Florianópolis – SC)

Chamo as fãs de Chris O'Donnell para participarem do fã-clube The Bright Blue Eyes Fan Club. Estou interessada em comprar ou trocar material sobre o gato; possuo grande variedade de material nacional e importado de vários artistas.

The Bright Blue Eyes Fan Club
(A/C Raquel de Souza)
Rua Aldo de Queiroz, 151,
Sto. Antonio de Lisboa
CEP 88050-340
(Florianópolis – SC)

Tenho interesse em contatar pessoas que gostem e tenham material de Live-Action e desenhos japoneses.

Paulo Rogério Mendes Nigro
Rua Belchior de Godoi, 342,
Vila Dalila
CEP 03522-070
(São Paulo – SP)

Troco tudo por material sobre River Phoenix. Tenho fotos e reportagens de Tom Cruise, Van Damme, George Michael, Clint Eastwood, Kiefer Sutherland, Matt Dillon e outros.

Fernanda Sartore
Rua Miguel Barachini, 181,
Parque dos Bandeirantes
CEP 14090
(Ribeirão Preto – SP)

Gostaria de trocar correspondência com leitores de SET.

Marcos Belisário Antunes
I.P.S. Simon Bolivar
Código Postal 20200
(Pinar del Rio – PR – Cuba)

Vendo as edições 02 a 77 de SET em perfeito estado.

Gustavo Vicente F. Valladares
Av. Ariosto Bento de Mello, 35,
apto. 402, Centro
CEP 28610-100
(Nova Friburgo – RJ)

Errata

No tópico *Pedro Almodóvar & Cia.*, pág. 80, ed. nº 7, ano 8, seção *Cardápio*, a parceria Antonio Banderas e Victoria Abril foi só em *Áta-me*, não se repetindo em *De Salto Alto*.

No comentário sobre o filme *Coração Indomável*, pág. 62, edição nº 7, ano 8, no *Caderno de Vídeo*, considerar como direções de Tony Bill os filmes *Cuidado com Meu Guarda-Costas* e *Crazy People*.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editores-Assistentes de Arte: Maria Amélia de Azevedo, Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição: Texto: Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Barcinski (Nova York), Celso Fioravante, Cesar Garcia Lima, Dulce Damasceno de Brito, Edson Arantes, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Hélio Gomes, Inácio Araujo, Lauro Machado Coelho, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Sérgio Martins, Sergio Rizzo, Walter de Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Walter Toscano
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 87, setembro de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 534-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

IVC

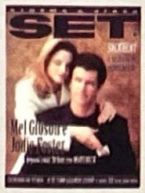
ANER

Fotolito: Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Bureau Azul, Proposta Editorial

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 86/AGOSTO 94
Jack Nicholson fala com exclusividade sobre *O Lobo*; Keanu Reeves e Dennis Hopper em *Velocidade Máxima*; em vídeo, *Sintonia de Amor* e mais 54 lançamentos.



Nº 85/JULHO 94
Mel Gibson e Jodie Foster em *Maverick*; *Backbeat* mostra o início dos Beatles; o novo desenho da Disney, *O Rei Leão*; e mais de 50 lançamentos em vídeo.

Nº 84/JUNHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones;* em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo caderno de vídeo com mais de 60 lançamentos.

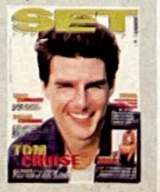
Nº 80/ FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em *O Pagamento Final*; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, *Muito Barulho por Nada* e *A Doce Vida*.

Nº 79/ JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

Nº 78/DEZEMBRO 93
Radiografia do mercado de vídeo; homenagens a Fellini, Vincent Price e River Phoenix; em vídeo, *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Nº 77/NOVEMBRO 93
Van Damme protagoniza *O Alvo*, do chinês John Woo; Martin Scorsese em entrevista exclusiva; em vídeo, *Metrópolis* e *Gigi*.

Nº 76/OUTUBRO 93
Visita ao set de *O Fugitivo*; Clint Eastwood e John Malkovich em *Na Linha de Fogo*; em vídeo, o *Blade Runner* integral e *Alien* ³.



Nº 75/SETEMBRO 93
Tom Cruise em *A Firma*; entrevista com Meg Ryan; em vídeo, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Cidade*.

ATENÇÃO: A DINAP tem apenas os seis últimos

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

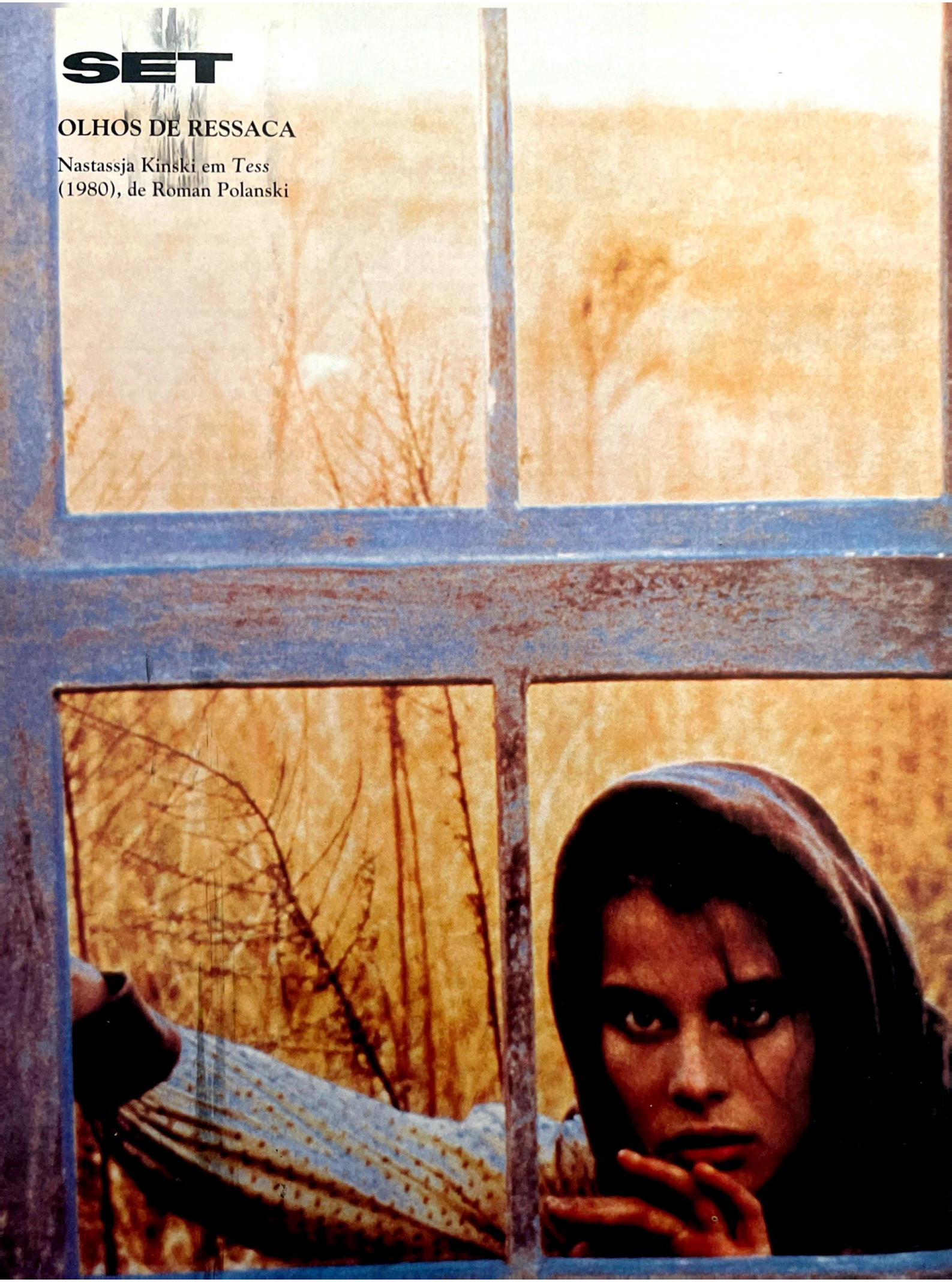
São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II -Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

SET

OLHOS DE RESSACA

Nastassja Kinski em *Tess* (1980), de Roman Polanski



KEVIN COSTNER
(JFK, Robin Hood - O Príncipe dos Ladrões)

CLINT EASTWOOD
(Os Imperdoáveis, Três Homens em Conflito)

LAURA DERN
(Vôo Rasante, Parque dos Dinossauros)

US$ 130,000,000.00

DE BILHETERIA

um Mundo Perfeito

"A Perfect World"

O destino é mesmo capaz de formar estranhas amizades.

DUBLADO E LEGENDADO

JÁ NA SUA LOCADORA

WARNER HOME VIDEO

Sempre o melhor para você

COPYRIGHT © 1993 TRISTAR PICTURES, INC.